

A ESCURIDÃO É A SUA MELHOR AMIGA...
E A SUA RUÍNA.



GUARDIÃ DA NOITE

«Um épico
de tirar o fôlego!»
Kirkus

Para os fãs
de *Shadow*
and *Bone*



ADDIE THORLEY

AUTORA NOMEADA PARA O PRÊMIO YALSA PARA MELHOR ROMANCE YOUNG ADULT



Table of Contents

[Addie Thorley.](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Agradecimientos](#)

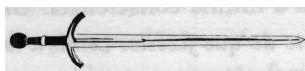
Addie Thorley

Guardiã da Noite

Night Spinner

TopSeller

Capítulo 1



A escuridão aguarda como um demónio do lado de fora da janela, enrodilhando os dedos obscuros por baixo das persianas, traçando as garras negras sobre o trinco e arrepiando todos os pelos do meu corpo à medida que a tentação percorre a minha coluna.

Enebish, sussurra ela. Mas não com palavras audíveis; a súplica espectral vive na minha mente, habita todo o meu ser, correndo nas minhas veias como sangue e enchendo os meus pulmões como o ar que respiro.

Cerro os dentes e afundo-me ainda mais no colchão; uma mão a cingir a boneca de oração, a outra a afagar a pequena pedra circular que está cravada na base da minha garganta. Quanto mais pressiono, mais as suas vibrações tranquilizantes se apossam da minha corrente sanguínea, invadindo-me com o seu calor, firmeza e luz.

O antídoto perfeito para as trevas.

Hoje, não vou ceder. Hoje, sou *eu* que seguro as rédeas.

A noite assola a minha janela em protesto, fustigando o vidro como chuva.

Enebishhhhh, vocifera.

Sinto milhares de pequenas formigas vorazes enterrarem-se na minha pele. Dou voltas e mais voltas e transpiro até não aguentar mais. Por fim, endireito-me de imediato e encaro a janela.

Uma espreitadela, nada mais. Um vislumbre e posso dar-me por satisfeita. Que perigo pode haver em *olhar* simplesmente para a escuridão?

Mentiras!, brada a minha consciência. *Um vislumbre nunca te satisfaz. Lembra-te do que fizeste. Lembra-te daquilo que te fez cativa.*

Cerro os olhos e tento recordar as chamas incandescentes que lavraram os campos ondulantes de Nariin. Cinjo os punhos contra o estômago, tentando evocar a dor lancinante que senti quando o monstro que estava dentro de mim irrompeu pelos meus ossos e assumiu o controlo do meu poder Kalima. É graças à gloriosa e refulgente pedra da lua que trago cravada no centro da clavícula que não há nada. Nenhum monstro. Nenhuma recordação. Apenas uma escuridão rodopiante e amorfa, e um peso dilacerante sobre o meu peito que faz o incidente parecer menos real, menos hediondo.

Nada de muito perigoso, insta a noite.

Com um guincho patético, livro-me dos cobertores como a mosca que escapa da teia da aranha, e atravesso o quarto a coxejar até à janela.

Apesar de saber o que vou encontrar, sustenho a respiração quando abro as persianas. Milhões de pequenos tentáculos negros embatem no vidro. Aos olhos de qualquer um, o céu da meia-noite pareceria vazio e sossegado. Até mesmo pacífico. Aos meus, assemelha-se a um emaranhado de cobras negras como carvão: agitadas, fervilhantes e *vivas*. Cada fio de escuridão tem mais ou menos a extensão do meu antebraço, e juntos formam a tapeçaria ondulante da noite.

Ergo um dedo até tocar no vidro gelado e desenho uma espiral lenta e circular. Os fios replicam os meus gestos, tão próximos que sinto o seu calor através da superfície, numa súplica para que espalme a mão; para que pressione todo o meu corpo contra o vidro; a exigir mais, *mais, MAIS*.

Cambaleio para trás e finco as unhas nas palmas das mãos.

Pronto. Já os viste. Agora, fecha as persianas, enterra a cabeça debaixo da almofada e pede perdão aos céus.

Mas a noite não me liberta assim tão facilmente. Não quando conseguiu atrair-me até aqui.

Vem, insiste.

A minha garganta vibra.

Não vou ceder.

Gotas de suor escorrem-me pelos cabelos.

Não posso. A pedra da lua cerceia a minha capacidade de comandar as trevas.

Precisamente, sussurra. Não há qualquer risco, nenhuma razão para resistires...

A minha determinação quebra-se como a corda de um arco, e eu apanho o meu capote amarrotado do chão e irrompo pelo corredor do dormitório.

O corredor estreito tem o dobro do comprimento da sala do trono no Palácio Celeste, e eu cruzo as portas, uma atrás da outra, com passos cuidadosos e ponderados. Infelizmente, por mais cuidado que tenha, o pesado *arrastar* da minha perna mutilada ecoa nos mosaicos denunciadores e nos tetos altos cobertos de frescos. Reteso todos os músculos e obrigo o corpo a colaborar. Um passo em falso vai pôr todos os monges de Ikh Zuree em alerta. Todos eles me observam como falcões famintos. Ansiosos por conquistar a salvação e, mais importante ainda, as boas graças do rei e um lugar no seu Concílio de Anciãos, garantindo a «redenção» de pecadores como eu. Algo que não procuram alcançar graças ao serviço altruísta e à busca pela harmonia com a família, os inimigos e eles próprios, conforme instruíram os Primeiros Deuses. Não, os discípulos da Nova Ordem procuram a exaltação denunciando os erros de terceiros. Quanto mais grave for a infração, mais se aproximam do êxtase. E eu, a mais famigerada criminosa do império, estou aprisionada no núcleo do seu covil. Fulminada em permanência por centenas de olhares predatórios e bocas salivantes.

Felizmente, a palha que espalhei esta manhã ajuda a abafar a minha passada irregular. Para todos os efeitos, essa não é uma das minhas tarefas, mas como a palha mais antiga tresanda sempre a urina de ratazana, decidi começar a trocá-la com frequência, só porque tenho bom coração, não que estivesse de alguma maneira a *planear* a minha fuga.

Ao fundo do corredor, entreabro a porta e esgueiro-me como fumo para o pátio banhado pelo luar. A noite acolhe-me de forma

estridente, assolando-me como um enxame de abelhas atraído pelas flores que despontam, exultante por ter voltado a vencer a nossa batalha de vontades.

Agora que me submeti, os tentáculos já não rosnam como panteras famintas, roçam-se antes nas minhas mãos como gatos dóceis e ronronantes. Suspiro e volto o rosto para o céu. A sensação é de euforia. Mais libertadora do que aquela que sentia a galopar a toda a brida pelos prados com os cabelos ao vento. Mais satisfatória do que o silvo de uma flecha que rasga o ar na direção do centro de um alvo. Melhor até do que a lembrança do sorriso orgulhoso da Ghoha.

Mas basta-me a lembrança da minha irmã para me causar um aperto no estômago.

A Ghoha não sorriria se me visse agora. Colocou em risco a sua reputação e posição como comandante dos guerreiros Kalima para garantir o meu acolhimento aqui. Estas incursões noturnas podem pôr em causa todos os seus esforços — e possivelmente a sua vida. Se eu for apanhada a interagir com as trevas, o rei pode facilmente mandar executar-nos às duas. E apesar de já ter aceitado a minha própria execução há muito tempo, preferia sofrer mil mortes a ver a Ghoha pendurada por uma corda ao meu lado.

Essa imagem aterradora quase chega para me fazer voltar a correr para o quarto, mas a noite beija-me as faces e zumbe-me nos ouvidos, entoando canções que dissipam os meus receios. Para me punir, o rei teria de se deslocar a Ikh Zuree para testemunhar a minha desobediência, mas como nem ele nem a Ghoha voltaram a pôr os pés no complexo do mosteiro desde o meu exílio, nunca saberão que me permiti esta pequena liberdade.

A brisa gélida de outono silva ao perpassar o meu capote, e eu tapo a cara com o capuz enquanto coxeio pelos carreiros de pedra. O mosteiro de Ikh Zuree é gigantesco, com centenas de templos e dormitórios caiados que rodeiam o grande salão de jade, que se destaca no centro como um olho em vigilância permanente.

Hoje, a Lua brilha cheia e opressiva no céu, banhando os carreiros limpos de neve com pinceladas de luz. É sem dúvida

esplendorosa, mas dificulta sobremaneira qualquer tentativa de passar despercebida. Os meus dedos contorcem-se com a força do hábito. Antes do meu encarceramento, podia ter agarrado nos fios de escuridão que se enrolam nos meus braços e me envolvem em sombras. Podia ter cirandado pelo complexo à minha vontade, invisível como um espectro. A única capaz de descortinar a escuridão opressiva. Mas agora sou obrigada a esgueirar-me por entre os templos como uma ladra, com o meu poder Kalima reduzido a uma lembrança distante que se dissipa mais rapidamente do que a brisa glacial.

Quando alcanço finalmente as cavaliças na extremidade norte do complexo, as minhas águias saúdam-me com crocitos de alegria. Batem as asas e piscam os olhos na minha direção a partir dos seus poleiros. O chão está coberto de penas que formam uma tapeçaria dourada, e os sons familiares da palha dos ninhos a estalar e das penas a serem ajeitadas fazem desaparecer o aperto no meu peito e nos meus ombros. Ao menos as aves acolhem-me sempre com satisfação.

O rei mantém as suas águias de caça em Ikh Zuree, e é minha competência alimentá-las e treiná-las. No reino de Ashkar, até mesmo os prisioneiros têm de fazer pela vida. A maioria escava trincheiras ou transporta artilharia pesada para a frente de batalha, por isso estou grata por ter uma posição que tanto me agrada, junto das aves que nunca se encolhem na minha presença e que nunca me atiram insultos que me fazem chorar no quarto a altas horas da noite.

São as minhas únicas amigas. Além do Serik.

Deambulo por ali, a fazer festas e a coçar algumas das águias, até que a *Orbai* guincha de impaciência, deslocando-se para a frente e para trás no seu poleiro.

— És ainda mais exigente do que a noite — escarneço. Ela incentiva sempre as minhas escapadelas noturnas porque sabe que isso lhe vale mais algumas horas de liberdade; e ganhou o gosto aos morcegos. Ofereço-lhe o meu braço. — Só porque és a minha preferida, isso não significa que mandas em mim.

Mas significa. E ela sabe disso.

Regressamos à escuridão que nos aguarda, e a *Orbai* voa disparada por entre as trevas como um cometa. As suas penas refulgem como âmbar líquido e as suas enormes asas fazem rodopiar os fios de noite. Sorrio ao contemplar aquele caos. Ansiosa por segui-la. Desejosa de estar lá em cima com ela.

Enquanto ela perscruta os céus, escondo-me atrás do mais pequeno dos templos e passo os dedos pela parede de mosaico até encontrar o olho vermelho-rúbeo de uma serpente que, *sem querer*, soltei quando limpei o templo com um esfregão no mês passado. Entalo a minha bota no buraco, sustenho a respiração ao sentir a dor e esforço-me por subir. Entre o meu braço lesionado e a minha perna mutilada, é difícil conseguir empoleirar-me no parapeito, e enquanto ali estou, a gemer e a contorcer-me como uma marmota, a *Orbai* mergulha na minha direção. As pontas das asas roçam ao de leve a minha face.

Porque demoras tanto?, parece dizer-me.

— Águia impaciente. — Abano a cabeça na sua direção. — Nem todos temos asas.

Por fim, passo a perna pelo parapeito e rebolo para o telhado. Sinto as telhas frias e molhadas através do capote, mas nem reparo no frio. A minha atenção está toda concentrada nas gigantescas vagas de escuridão que assolam o meu corpo como ondas.

O céu não quer saber que eu seja perversa e feia. As nuvens não fazem juízos de valor em relação aos meus crimes, e a Lua banha com o seu reflexo imperturbável os meus membros tolhidos e a minha cara cicatrizada. Posso ser desprezada pela maioria da população de Ashkar, mas os Céus haverão sempre de me acolher no seu amplexo gelado e cobrir com o seu manto de estrelas. Aos olhos da Senhora do Céu e do Pai Guzan, sou aceite.

Desejada.

O rei pode emitir todos os decretos que bem entender sobre a morte dos Primeiros Deuses, mas eu recuso-me a acreditar nisso. *Não posso acreditar nisso.* Não quando sinto a Senhora e o Pai a latejar em cada fio de escuridão.

As horas passam céleres como minutos e, em menos de nada, os primeiros raios cor-de-rosa despontam no horizonte, cortando o pardo da noite como uma espada. *Fica. Só mais um pouco*, suplico. Mas à medida que o Sol traiçoeiro sobe cada vez mais, os fios de noite escapam-se-me por entre os dedos como girinos. Abandonam-me mais uma vez. Sinto os pulmões a arquejar contra a caixa torácica constritiva enquanto assisto à fuga da noite para leste, em direção à sombra das montanhas de Ondor, lá ao fundo. O último local onde a luz vai tocar.

Oxalá pudesse eu deixar o mosteiro para trás com a mesma facilidade.

Passaram dois longos anos desde que o rei me baniou para esta prisão sagrada. «Um santuário», disse ele. «Dá-te por agradecida. É mais do que tu mereces.»

Mas o que merece verdadeiramente uma criminosa como eu?

Com um suspiro, deixo-me cair pesadamente sobre as telhas e fixo a paisagem difusa. Vejo tudo daqui de cima: a muralha exterior do complexo do mosteiro, branca e com espigões de ferro entrelaçados; as planícies cobertas de neve a perder de vista onde costumava galopar trajando a minha armadura, com o mar verdejante dos prados a abrir caminho à minha passagem; e, muito ao longe, a capital, Sagaan, onde eu e o Serik travávamos duelos nas ruas com sabres feitos de pau, e onde nos deitávamos à sombra dos pinheiros, a imaginar quais seriam os nossos poderes Kalima, a inventar histórias de cavalgadas para a batalha, lado a lado.

Pelo menos essa parte acabou por se concretizar. Estamos juntos.

Só não sei se isso é melhor ou pior.

Fico ali sentada, com os dedos a tapar as pálpebras, a desejar poder voltar atrás no tempo, até que o arrastar de chinelos me arranca ao meu desespero. Em perfeita harmonia com o nascer do sol, os monges emergem dos dormitórios em filas de dois. As suas vestes vermelhas parecem feridas abertas contra a neve prateada, e

eles afastam-se como uma mancha que se espalha lentamente em direção aos templos.

Na minha direção.

Maldição! Regresso sempre ao meu quarto muito antes de eles me apanharem ali, a cometer um ato de traição. Se for apanhada, o meu castigo será pior do que as 20 vergastadas e 50 orações de serenidade que tenho de cumprir sempre que falto às súplicas do meio-dia.

É possível que alertem a Ghoe.

Ou o rei.

Levanto-me rapidamente e escondo-me atrás da carantonha de uma das gárgulas de pedra empoleiradas num dos cantos do telhado. O propósito das estátuas é afastar os espíritos maléficos — daí o seu semblante assustador — e eu, com as três cicatrizes que marcam a minha face esquerda e me denunciam como uma traidora ao império, enquadro-me na perfeição.

O rei desferiu os golpes com as suas próprias mãos, rasgando com o seu punhal *keris* o meu nariz, pálpebra e maxilar. As feridas sangraram e infetaram durante semanas — aos curandeiros não foi permitido limpar ou enfaixar os ferimentos —, por isso creio que devia estar grata por não ter morrido de septicemia ou ter perdido o olho. É o que acontece a muitos criminosos.

Sustenho a respiração quando vejo o abade a entrar no templo. Um turíbulo de latão pende dos seus dedos manchados,

enquanto entoia o Cântico do Rei Celeste com a sua voz dissonante. Os outros irmãos anciãos seguem-no sem olhar na minha direção. Sendo eles os monges com a posição mais elevada na hierarquia eclesiástica de Ikh Zuree, com assento garantido no Concílio de Anciãos, não têm a menor apetência pelo controlo meticuloso de infrações menores. Já os acólitos mais jovens que seguem na cauda da procissão detetam-me de imediato.

— Só podes sair do teu quarto depois das súplicas matinais, quando o dia já nasceu! — diz um deles, apontando na minha direção.

— E não podes profanar os nossos templos sagrados com as tuas mãos manchadas de sangue! — grita outro.

— Também tencionas matar-nos a todos, Enebish, a *Destruidora*?

Aquele epíteto horrendo faz-me estremecer. Suspiro e perscruto a fila de vestes vermelhas à procura do nariz sardento e do sorriso matreiro do Serik. Ele vai fazê-los calarem-se.

Mas ele está atrasado para as súplicas matinais. Como sempre.

— Claro que ela quer a nossa morte! — atira o primeiro acólito, num tom provocatório. — E o Rei Celeste vai promover-me logo a abade quando souber que travei a fúria assassina dela.

— Mas só se conseguires chegar primeiro do que eu!

Uma dúzia deles acorre ao templo, atropelando-se uns aos outros como chacais esfomeados, enquanto trepam pela parede coberta de mosaicos.

Recuo aos tropeções com um gemido, o que é humilhante. A antiga Enebish — Enebish, a *Guerreira* — podia ter calado aqueles idiotas choramingas em poucos segundos. Mas agora a minha perna mutilada desfaz-se em queixumes sob o peso do capote e caio pesadamente em cima das telhas.

Assobio e a *Orbai* mergulha sobre os monges com as garras em riste. Alguns deles berram e desequilibram-se, mas a maioria irrompe pelo telhado como um enxame de abelhas assassinas. Mal tenho tempo de me enrolar numa bola antes de as suas mãos implacáveis descerem sobre mim, antes de os seus dedos se agarrarem aos meus cabelos.

— Parem! — suplico.

Mas isso só os torna mais entusiásticos, mais vorazes.

— Que vais fazer, Enebish, a *Destruidora*?

O monstro que escondo dentro de mim mostra o semblante e brande a sua cauda bífida, exalando um sopro flamejante para a minha garganta. Aperto as telhas com todas as minhas forças, a ponto de fazer uma delas estalar sob os meus dedos, replicando os estilhaços do meu controlo cada vez mais ténue. Antes de conseguir

dar conta do que estou a fazer, agarro num fragmento com a minha mão boa e desfiro golpes às cegas. Posso não ser capaz de comandar a noite, mas isso não significa que seja indefesa.

A minha faca improvisada embate em algo quente e macio e, no instante seguinte, ouço um uivo. Os acólitos recuam. Mal acerto no antebraço do monge choramingas, mas, a julgar pelas lamúrias dos outros, quase parece que lhe trespasse o coração. Atacam como um só: uma fera com 10 cabeças e 20 braços. Brando o fragmento desvairadamente e esquivo-me para a esquerda — perigosamente perto do parapeito saliente. Mas eles antecipam a minha jogada.

O que não antecipam é a força combinada de tantos indivíduos a atacar em simultâneo. Em vez de me prenderem contra as telhas, acabamos por cair do parapeito.

Esbracejo desenfreadamente e o vento cala o meu grito. Fecho os olhos e preparo-me para o impacto—felizmente, o templo tem a altura de dois homens —, mas, antes de cair no chão, alguém chama por mim. Abro os olhos a tempo de ver o Serik a saltar para a frente. O meu estômago embate no seu ombro ossudo e, enquanto eu fico sem ar, ele solta uma praga. Palavras que um monge não devia conhecer, quanto mais gritar a plenos pulmões.

— Enlouqueceste? — resmunga, enquanto caímos redondos sobre as ervas geladas. — Porque os atacaste? Sabes que vão a correr contar ao abade.

— Eu não os ataquei. Foram *e/es* que me atacaram. Continuam a atacar-me. — Com isto, aponto para os outros acólitos, que caem à nossa volta como a maior e mais ruidosa saraivada de sempre.

— Vais pagar por isto com a vida! — vocifera o monge que ferí.

O Serik levanta-se a custo e coloca-se entre nós.

— Deixa-a em paz.

— Porque haveríamos de dar ouvidos a alguém como tu?

Os outros acólitos lançam um olhar de desdém às centenas de pequenas cicatrizes brancas que cobrem os antebraços do Serik. Após seis anos em Ikh Zuree, quase não há parte alguma do seu

corpo que não tenha sentido o chicote do abade. Tem quase tantas cicatrizes como eu.

— *Já disse* para a deixarem em paz — rosna o Serik.

— O que acontece se não o fizermos?

Conto ver o Serik a arregaçar as mangas vermelhas e a distribuir murros como faz sempre que eles me atacam, mas ele endireita os ombros e profere num tom estranhamente oficial:

— Terão de responder perante a comandante Ghoha. Ela acaba de chegar da frente de batalha e pediu-me que lhe levasse a prisioneira.

Os acólitos recuam com os olhos esbugalhados. Não contavam com aquela.

Nem eu contava com aquela.

Um gorjeio, um misto de soluço e riso, irrompe dos meus lábios, e uma centelha da mais pura alegria perpassa o meu corpo, até que as garras do pavor se voltam a cravar na minha garganta.

Depois de tanto tempo, não há nada que justifique a presença da Ghoha.

A menos que o abade a tenha avisado da minha traição...

A menos que ela saiba que tenho interagido com as trevas...
Sinto o coração a pulsar nas têmporas. O Serik está a mentir;
é apenas uma artimanha. Eu teria dado pela chegada da Ghoha.
Passei a noite no telhado.

E estavas tão consumida pelas trevas que nem terias visto a tua própria mão a mexer-se à frente da cara.

Olho boquiaberta para o Serik, na esperança de que ele me lance um sorriso rápido ou uma piscadela de olho, mas ele continua a fulminar os outros acólitos com o olhar até que estes se afastam na direção do grande salão, com os lábios cingidos em esgares de regozijo.

Fico a sós com o Serik, engolindo o ar gélido da manhã em golfadas. Ele expira e passa a palma da mão pela cabeça, esfregando as madeixas imaginárias do seu cabelo castanho, que

foi totalmente rapado quando entrou para a irmandade, tal como acontece com todos os acólitos de Ikh Zuree — e eu ainda não me habituei a esse facto. Ao que parece, nem ele, mesmo que o corte torne o seu queixo mais expressivo e os contornos do seu rosto mais definidos. Parece menos o rapaz com quem cresci e mais um homem já adulto.

— Obrigada — digo-lhe, ofegante. — Foi uma mentira brilhante. Mas não vão tardar a perceber e vão fazer-te pagar caro.

O Serik faz uma longa pausa silenciosa antes de olhar para mim. Os seus lábios estão comprimidos numa linha fina e as suas faces estão tão pálidas que as sardas castanhas mais parecem flocos de pimenta.

— Não é mentira.

Levanto-me de repente e dou meia-volta, como se a Ghoe pudesse materializar-se atrás de nós, no pátio.

— Quando é que ela chegou? E *porquê*? — questiono, num sussurro ansioso.

— Hoje de manhã. E não sei porquê. *Tu* sabes? — Ele lança-me um olhar intencional, e depois contempla o telhado do templo. — O que estavas a fazer ali em cima, En?

— Precisava de apanhar ar.

A ideia de ter de admitir, até mesmo ao Serik, quão desesperada me sinto e quão imprudente me tornei faz-me ruborizar. Não é um cumpridor rígido das regras, mas até ele seria capaz de me repreender. Ou de ter pena de mim. Ou, pior ainda, de julgar que sou uma ingrata da pior espécie.

O Serik cruza os braços e estreita os olhos cor de avelã. São da cor das ervas que espreitam pela geada, o que até é apropriado, visto que prefiro fixar o chão a responder às suas perguntas. Ele pigarreja ruidosamente, mas mantenho os olhos postos na terra. Por fim, exala um suspiro dramático e afaga o galo do tamanho de uma cereja que desponta na sua testa.

— Achas que o abade vai acreditar que este alto se deve ao facto de passar demasiado tempo prostrado com a cabeça en-

costada ao chão a rezar?

Solto uma gargalhada sonora.

— Nem penses. És o pior monge de Ikh Zuree.

— É o maior elogio que já me fizeste.

— Não foi um elogio.

— Exatamente. — O Serik esboça um sorriso, um sorriso raro e genuíno que outrora partilhava com todos os jardineiros e criadas por quem passava quando éramos os protegidos que corriam desabridos pela propriedade dos pais da Ghoe. Um sorriso que vi poucas vezes ser esboçado em Ikh Zuree.

— Ela está mesmo aqui? — Cruzo as mãos e lanço um olhar na direção do grande salão. Uma parte de mim quer desatar a correr pelo complexo e atirar-se para os seus braços. Sonhei com este momento todos os dias dos dois anos que passei aqui. Senti a sua falta a cada segundo desses dois anos. Mas uma parte de mim transpira, treme e morde compulsivamente os lábios. Sinto o sangue a pulsar nos meus ouvidos, a repetir um refrão frenético: *ela sabe, ela sabe, ela sabe*.

— Ela está mesmo aqui — confirma o Serik.

— E mandou chamar-me? — Ele acena uma vez com a cabeça. O chão parece fugir-me debaixo dos pés. Estendo a mão e apoio-me no ombro do Serik. — Vens comigo? — imploro.

— Acho que prefiro assistir às súplicas matinais.

— Mentira.

— Tens razão. — Atira a cabeça para trás com um grunhido. — As duas hipóteses são pavorosas.

Pondero dar-lhe uma palmada, mas decido que já o magoei que chegue por um dia.

— *Eu* é que devo estar receosa com este encontro. Não tens motivos para...

— Motivos não me faltam — interrompe. — A Ghoe vai ser tão falsa e irritante como sempre, e fingir ser uma mãe extremosa para conseguir levar a sua avante connosco.

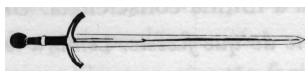
Reviro os olhos.

— A Ghoe sempre quis o nosso bem. E é tua prima. Quase tua irmã.

O Serik murmura algo entre dentes sobre *famílias, obrigações e uma dor de cabeça dilacerante*, mas limpa o capote negro com raios de sol debruados que usa sempre por cima das vestes e indica-me o caminho para o grande salão.

— Como queiras, mas não vou fingir que estou feliz por vê-la.

Capítulo 2



Os portões enormes do grande salão abrem-se para dentro. Prontos a engolir-me.

Cravo as unhas no antebraço do Serik quando entramos na câmara dourada. No nosso encalço, flocos de neve apagam as braseiras e mergulham a estátua em tamanho real do rei na penumbra. Um monge ancião, que tem estado a ler um rol de transgressões, deixa cair o pergaminho com um clamor. Os restantes acólitos erguem-se das suas poses de súplica e sustêm a respiração.

Eu e o Serik estacamos. Não é a primeira vez que interrompemos as orações matinais. O Serik nunca sentiu o apelo da religião, atual ou antiga, e, quanto a mim, prefiro engolir uma mão-cheia de larvas a sussurrar os pequenos crimes de terceiros a ídolos de pedra fria. Mas esta é a primeira vez que interrompemos um serviço religioso em que a Ghoe está presente.

Por norma, os monges limitam-se a grasnar e a ameaçar-nos com vergastadas até unirmos as palmas das mãos, balbuciar-mos a rotineira oração de penitência (*Que o Rei Celeste, em toda a sua bendita glória, perdoe as minhas falhas*) e nos juntarmos ao serviço. Porém, hoje, não abrem a boca. Reina o silêncio.

Consigo ouvir o pingar do degelo das estalactites que pendem das janelas.

Com o coração a bater descompassado, perscruto o amontoado de vestes até descortinar o rabo de cavalo da Ghoe lá à frente. Ela ergue-se com uma lentidão deliberada e eu fixo-a como se fosse uma miragem que ganha vida.

Está tal qual eu me lembrava, mas totalmente diferente.

A Ghoe sempre foi linda, com uma farta cabeleira parda e grandes olhos castanhos, mas agora passou a ter também um

aspeto temível. Como uma rainha guerreira que enverga a sua refulgente armadura de couro e botas meticulosamente trabalhadas. O machado de guerra e o arco estão encostados à parede, mas o sabre curvo ainda pende embainhado à cintura.

Quando ela se vira, a dor e a exultação rasgam em igual medida o meu peito. Sinto os lábios gretados como casca de árvore, a garganta mais seca do que os desertos de Verdenet.

Ela regressou à frente de batalha antes de poder agradecer-lhe por ter convencido o rei a poupar a minha vida. Nunca tive a oportunidade de explicar e pedir perdão pelo que aconteceu em Nariin — mesmo que continue a não ter uma explicação e que nem todos os pedidos de desculpa do mundo fossem suficientes. Será que ela me odeia? Será que me teme como o resto de Ashkar? Presumo que sim. Nunca veio visitar-me e só respondeu à minha primeira carta. E agora é uma pessoa tão importante; subiu muito na hierarquia desde o meu exílio; comandante dos guerreiros Kalima, a força de elite do rei. Bafejada com a aptidão de lutar, não só com sabres e punhais, mas com o controlo da chuva e do vento. Com rajadas de frio gélido e colunas de fogo.

E, por vezes, até mesmo com as trevas.

Também deve ser penoso para ela olhar para mim. Uma vergonha para os Kalima. Privada dos meus poderes.

Os olhos da Ghoe recaem no Serik e depois em mim, percorrendo a extensão da marca da traição no meu rosto e depois o meu braço direito, dividido um pouco acima do cotovelo por uma cicatriz roxa hedionda. Uma cicatriz semelhante risca a minha coxa direita, com a extremidade a espreitar por baixo do manto de penitência como uma larva contorcida.

A Ghoe encolhe-se e eu recuo como se tivesse recebido uma bofetada.

Olha para mim, suplico em silêncio. Continuo a mesma por baixo destas cicatrizes. Continuo a ser uma rapariga por baixo do monstro. Mas o penoso silêncio prolonga-se, picando-me por dentro como piolhos.

Reprimo um soluço e lanço um olhar espavorido ao Serik. Ele coloca-se à minha frente, interpondo-se entre mim e a Ghoha, como um escudo.

— Olá, prima. Sei que vocês, os guerreiros, são indivíduos bárbaros, mas até mesmo tu devias saber que é de mau tom olhar fixamente para as pessoas.

Os monges arrepiam-se com a audácia dele e olham para a Ghoha, que franze o sobrolho e cerra os punhos. Em menos de nada, a temperatura no salão cai a pique. Uma geada cobre as colunas de mármore de cima a baixo e avança pelo chão, pintando tudo à sua volta de branco.

— Vamos. *Já*. — A Ghoha aponta para o opulento salão nobre que fica nas traseiras do templo e avança na nossa direção. Remoinhos de ar gélido seguem-na como fumo, e as extremidades do seu rabo de cavalo tilintam, adquirindo uma tonalidade prateada gélida. Os monges abrem alas apressadamente. Antes de conseguir sequer piscar os olhos, a mão dela cinge o meu braço bom, transformando a seda do meu manto em flocos de neve. Arrasta o Serik pelo colarinho e ele guincha ao escorregar nos mosaicos gelados.

Já me tinha esquecido da força descomunal do poder da Ghoha. As suas aptidões sempre foram notáveis, mesmo entre os Kalima. Ela pertence à categoria dos Arautos do Gelo. Com um estalar de dedos, pode transformar o verão em inverno. Com um franzir do nariz, a água que ferve transforma-se em gelo. O seu dom manifestou-se quase imediatamente — poucos dias depois de completar 11 anos —, e apesar de o meu se ter manifestado mais depressa, isso nunca a impediu de se gabar desbragadamente depois de uma noite bem regada a *vorkhi*.

Tem todos os motivos para se vangloriar. Já a vi derrubar cem guerreiros *zemyanos* com um gesto do pulso. E, por si só, os seus intransponíveis blocos de gelo impediram-nos de atravessar o desfiladeiro de *Usinsk*. As antigas lendas falam de Arautos do Gelo capazes de evocar o Gelo da Morte — uma geada tão fria e súbita que cavalos, gado e até pessoas morriam ainda em pé, congeladas em perpétuo movimento — e, por um instante, pergunto-me se tais histórias teriam um fundo de verdade. O ar está tão frio que *sinto* as

pernas congeladas, quando dobramos uma esquina e somos arrastados pelo corredor.

Para longe do serviço religioso.

A respiração arranha-me a garganta. Ao contrário de mim e do Serik, a Ghoe nunca perde a oportunidade de orar diante do altar do Rei Celeste. Só sairia mais cedo do serviço em caso de extrema necessidade.

Em casos de vida ou morte.

— Sinto muito! — gaguejo. — Foi sem intenção... Os monges provocaram-me...

A Ghoe empurra-nos por uma porta vermelha lacada, que fecha com estrondo atrás de nós. Preparo-me para o embate violento contra os mosaicos, mas ela solta-nos e recosta-se numa cadeira de espaldar. Respira fundo várias vezes. Por fim, quando levanta o olhar, o balbuciar incoerente morre na minha garganta, porque o seu rosto em forma de coração está pálido e angustiado.

— Perdoem-me — atira, ofegante. — Este não é o reencontro que eu imaginava, mas vocês sabem o que é exigido ao cargo que ocupo. — Abana a cabeça várias vezes antes de ajeitar e alisar a armadura. — Já devia ter antecipado um cumprimento tão descarado da tua parte, primo. É bom ver-te.

Ela esboça um sorriso escarninho ao Serik, mas ele encara-a como se visse víboras a saírem-lhe dos lábios.

Após uma pausa constrangedora, a Ghoe vira-se para mim. Tem um sorriso acolhedor estampado no rosto tisonado pelo sol que lhe sobe até aos olhos e os faz enrugar nos cantos, fazendo-a parecer mais velha e mais meiga do que eu me lembrava.

— Já tinha saudades tuas, En — diz, com brandura.

Os meus dedos procuram ansiosamente a pedra da lua.

— Não estás aqui para me castigar?

Ela solta uma gargalhada ruidosa.

— Porque faria tal coisa?

— Porque... — *tenho interagido com as trevas. Porque sou perigosa e imprevisível. Ainda hoje feri um dos acólitos.* — Não te contaram?

A Ghoe acena com a mão.

— Já ouvi coisas de mais. Os monges têm andado a zumbir-me aos ouvidos desde que cheguei, enumerando todas as infrações cometidas por todos os cidadãos de Ashkar. Estou farta de os ouvir. Cá para mim, visto que estão todos vivos, não pode ser assim tão grave. E a nossa encenação no grande salão deve tê-los deixado satisfeitos. Não fiques aí especada a esfregar as mãos e vem festejar. Nós os três estamos finalmente juntos. — Com isto, abre os braços.

O Serik cerra os lábios e permanece imóvel, mas um soluço de alívio irrompe da minha boca e a minha última réstia de apreensão dissolve-se como a neve na primavera. Era *isto* que eu queria. Era com *isto* que eu sonhava. A ideia *deste* momento fez-me suportar todos os 743 dias agonizantes de reclusão.

Cambaleio pela opulenta sala onde, por norma, estou proibida de entrar, passando por um sofá de veludo e por um enorme espelho de parede, e enterro o meu rosto no pescoço da Ghoe. Ela cheira a cavalos, couro e ferro, a neve e erva e céu aberto. Os seus braços estão mais robustos, o seu cabelo mais comprido — já quase lhe chega ao meio das costas —, mas continua a ser a Ghoe. A *minha* Ghoe. Irmã, mãe e amiga, tudo numa só.

— Estás aqui — digo, por entre lágrimas. — *Finalmente.*

— Olha bem para ti. — Ela afasta-se para examinar o meu rosto, e desta vez nem estremece. — Estás tão crescida. Que é feito da minha pequena Enebish?

Tenta afagar-me a face, mas afasto-lhe a mão.

— Tinha 16 anos quando me trouxeste para aqui. Não era assim tão pequena. A velhice começa a afetar-te a vista.

— Velhice? Só sou cinco anos mais velha do que tu! Não é assim tanto.

— É uma vida. Olha para essas rugas novas.

Ela massageia a testa com uma gargalhada.

— Tens a língua afiada! Já te esqueceste de que te salvei a vida? Por *duas* vezes.

— Mas não foi por pura bondade — intervém o Serik.

A Ghoe assume uma postura mais hirta e, por instantes, a dor ensombra-lhe a vista. Pego-lhe na mão e aperto-a suavemente, de modo que ela saiba que não partilho da opinião do Serik.

Além de me garantir um abrigo em Ikh Zuree, a Ghoe salvou-me a vida há dez anos, quando a minha aldeia nos desertos do sul de Verdenet, um dos protetorados, foi pilhada por salteadores zemyanos. Encontrou-me nas cinzas, a tentar arrastar os cadáveres dos meus pais para fora da nossa cabana fumegante, e apesar de haver centenas de sobreviventes de volta dos guerreiros, como escaravelhos num monte de lixo, ela escolheu-me. Levou-me para a propriedade dos pais em Sagaan e convenceu-os a aceitarem-me como protegida, juntamente com o Serik. Ensinou-me a usar o arco e flecha e a montar a cavalo, e apresentou-me ao rei, tecendo-me elogios como uma mãe extremosa, quando os meus poderes Kalima se manifestaram ao bater da meia-noite no meu 11.º aniversário.

— Tens noção de que foi por isto que ela te salvou — sussurrou o Serik nessa noite, quando regressei do Palácio Celeste. A manta cobria-lhe o rosto como se ele estivesse a dormir, mas as acusações amargas ecoaram pelo quarto. — Não foi por gostar de ti, foi porque sabia que podia usar-te.

Que conversa é essa?, apeteceu-me retorquir, mas obriguei-me a usar de gentileza. Ele ainda estava a lamber as feridas depois de ser chamado da frente de batalha.

— A Ghoe não sabia que eu seria abençoada com um poder Kalima.

— Achas que não? Eras a única da tua aldeia com as palmas das mãos cheias de bolhas e o cabelo chamuscado. A única criança que realizou um feito de bravura com nobreza suficiente para ter potencial para se qualificar para o poder celeste.

Na altura, não permiti que o ressentimento que o Serik nutria pela Ghoe me envenenasse, assim como não permitirei que ele

estrague agora o nosso reencontro. Aperto-lhe ainda mais a mão e reforço o meu sorriso.

— Conta-me tudo. Por onde tens andado? O que viste? Dois anos é uma eternidade. Não me digas que o rei precisou dos teus préstimos este tempo todo.

— O *Rei Celeste* — corrige-me, enunciando o seu título oficial, que eu nunca usei. Nem mesmo quando era uma das suas guerreiras mais condecoradas. Um rei mortal não pode *decidir* um dia usurpar a Deusa. Mas a Ghoe olha fixamente para mim até eu soltar um suspiro exasperado. *Como queiras*.

— O Rei Celeste não deve ter precisado de ti este tempo todo.

Com um aceno de satisfação, ela recosta-se na cadeira de espaldar e começa a desapertar as botas.

— A verdade é que precisou. Os Zemyanos continuam a atacar a nossa fronteira a leste com legiões de feiticeiros perversos. Seria expetável que já tivessem percebido que a contenda entre Ashkar e Zemya é arcaica e desnecessária. Ninguém acredita nos Primeiros Deuses, por isso não faz sentido esta animosidade. Sobretudo tendo em conta que foram *eles* que atacaram primeiro. Nem sequer lhes pedimos que sequem a sua nascente de água termal encantada. Podem dedicar-se à sua magia ímpia à vontade, desde que o façam no seu território e que nos deixem em paz. Mas a imperatriz Danashti tem inveja e medo da dimensão que o nosso reino atingiu com os protetorados. Não suporta ver-nos suplantá-los em grandeza.

Aceno ponderadamente, apesar de só concordar com metade das afirmações dela. A imperatriz Danashti é rancorosa e paranoica, mas quem pode censurá-la por não confiar em Ashkar quando anexámos todas as outras nações vizinhas nas últimas duas décadas?

Já para não falar que *alguns de nós* ainda acreditam nos Primeiros Deuses.

— Haviam de ver a frente de batalha. É terrível — prossegue a Ghoe, soturna, enquanto atira as botas para um canto.

— Sempre foi terrível — interrompe o Serik com um gesto impertinente da mão. — Não tentes convencer-nos do contrário com pormenores que não mudam há séculos.

Ele tem razão. Estamos em guerra com Zemya desde o surgimento dos Primeiros Deuses e do início dos tempos, quando a Senhora do Céu e o Pai Guzan deram à luz os primeiros seres humanos, um menino e uma menina — Ashkar e Zemya. Ao passo que Ashkar desenvolveu dons divinos herdados dos pais, Zemya não conseguia comandar as nuvens ou manipular a luz. As pessoas diziam entre dentes que se devia à sua natureza mesquinha. Enquanto Ashkar era afável, generoso e de sorriso fácil, Zemya tinha mau génio e era competitiva. Sem querer ficar atrás do irmão ou ser esquecida pelos pais, arranjou outras formas de se tomar poderosa.

Manipulou metais existentes no centro da Terra para forjar armas de poder incomensurável. Aprendeu feitiços que lhe permitiam comandar cores e padrões presentes na tessitura do próprio mundo, de modo a evocar ilusões. Zemya ficou ansiosa por mostrar os seus progressos aos pais, mas a Senhora do Céu e o Pai Guzan ficaram horrorizados. Baniram-na para as areias escaldantes junto ao mar, na esperança de que os ventos inclementes e o isolamento a vergassem à obediência. Mas Zemya renunciou aos pais e redobrou os esforços, arrancando cada vez mais magia da Terra que desviou para uma nascente de água termal, incentivando os seus filhos a beberem e dotando-os de um poder inimaginável.

A seguir, instou-os a atacarem Ashkar e os seus descendentes.

— Está pior do que nunca — insiste a Ghos. — Os Zemyanos parecem baratas. Pisamo-los e eles não se deixam esborrachar.

Congelamo-los e eles hibernam até o gelo derreter. Uma e outra vez, erguem-se do pó com artimanhas cada vez mais perversas e funestas. Ainda na semana passada, dizimaram metade do 121.º Batalhão, às portas de Chalida.

— Como? — perguntei. — O que aconteceu?

Ela prolonga propositadamente a tensão a ponto de me fazer salivar.

— Recorreram à feitiçaria para se disfarçarem de soldados do nosso Exército. Em seguida, contornaram-nos pela retaguarda e chacinaram grande parte da nossa infantaria antes de percebermos o que se passava.

— Como é que os derrotaram? Como conseguiram distinguir os amigos dos inimigos?

— O que te parece? — A Ghoa esboça um sorriso e a temperatura na sala cai a pique. — Os Zemyanos são fracos devido à sua magia corrupta, por isso eu e os outros Arautos do Gelo congelámos o ar. Os impostores caíram por terra, com os corpos escanzelados a tremer de frio e a tez pálida praticamente azul. Depois disso, foi muito fácil livrarmo-nos deles.

A inveja cinge-me o peito e dificulta-me a respiração. Ainda me lembro do que sentia quando cavalgava para a batalha — o troar do cavalo por baixo de mim, o poder da Senhora do Céu a correr-me nas veias, impulsionando o meu arco e brandindo o meu sabre, todo o meu ser alerta e forte, uma arma por si só. Devia ter combatido contra os Zemyanos ao lado dela. Sou tão corajosa e capaz como a Ghoa. O meu poder é ainda mais forte do que o dela.

Sou uma Fiadeira da Noite, capaz de tingir o céu de negro e fazer desabar o fogo das estrelas como gotas de chuva. É um poder raro e perigoso — que me fez subir tão depressa na hierarquia. Antes de mim, a outra única Fiadeira da Noite no Exército Imperial foi uma mulher chamada Tuva, que sucumbiu na Batalha das Cem Noites, quando o rei a incumbiu de evitar que o Sol brilhasse até que os Chotgors, que habitam as estepes geladas a norte de Ashkar, aceitassem ser um protetorado do império. Pensou que lhes seria mais difícil combater na escuridão. E assim foi. Mas a pressão foi demasiada para Tuva. Assim que o combate terminou, ela soçobrou — com os ossos ocos e a pele reduzida a cinzas. Sei que é traição, mas se o rei fosse verdadeiramente o «governante dos céus», não devia saber que seria esse o desfecho? Não teria sido capaz de o evitar?

Os guerreiros Kalima não são fontes inesgotáveis de poder, mas sim velas que ardem lentamente. Temos de usar as nossas capacidades com conta, peso e medida, e permitir que as nossas

forças recuperem, ou corremos o risco de extinguir a chama. Como tal, devemos ser soldados indómitos por direito próprio e ponderar bem sobre quando invocar a Senhora do Céu. Eu pensava ter alcançado o equilíbrio perfeito. Pensava ser invencível.

Todos pensavam.

Conscientemente, toco na pedra da lua, depois alcanço o sabre da Ghoe que está em cima da mesa. O punho de osso esculpido parece-me familiar sob os meus dedos, mas quando tento erguer a arma, a dor acomete o meu braço mutilado.

Não me deixa esquecer a realidade.

Eu *era* forte. Já não sou.

A espada cai com estrondo em cima da mesa e eu volto a sentar-me na cadeira junto da Ghoe. Sinto os olhos rasos de lágrimas que evito que ela veja, por isso faço perguntas sucessivas, na esperança de conseguir distraí-la.

A ela e a mim.

— Conta-me mais sobre as batalhas. Quem é o teu tenente? Quantos guerreiros Kalima perdeste? Que porção de terreno

conquistaste? — O Serik exala um gemido, mas eu ignoro-o. Se a Ghoe descrever tudo ao pormenor, será como se tivesse estado lá. Como se continuasse *viva*.

A Ghoe lança-me um olhar de empatia e solta o cabelo, que refulge à lareira — fiapos rendilhados de gelo entrelaçados nas madeixas vermelhas ondulantes. Enquanto alisa os nós com os dedos, diz suavemente:

— Há dois anos que só falo de batalhas e morte. Não podemos falar de algo mais animador? Fala-me da tua vida aqui no mosteiro.

Olho para as minhas mãos. Claro que ela não quer falar de guerra. Acabou de a viver de perto. E deve pensar que me está a fazer uma gentileza ao não falar da minha antiga vida. Mas eu *quero* recordar. Quero tanto que os meus olhos voltam a ficar marejados. Finjo tossir e limpo as lágrimas com as costas da mão.

As sobranceiras farras da Ghoe baixam enquanto ela alterna o olhar entre mim e o Serik, mas não vou contar-lhe que me tenho

escapulido para interagir com as trevas. Ou que sonho, dia e noite, em regressar aos Kalima. Que desprezo as muralhas caiadas que ela tanto se esforçou para que se tornassem o meu refúgio.

A Ghoe força a tosse e chama o Serik, que está na outra ponta da sala.

— Como está o monge mais irreverente de Ikh Zuree? — ela ri-se, mas ele não esboça sequer um sorriso, apesar de ter achado graça quando fez a mesma piada há menos de uma hora.

— Continuo irreverente.

— Tem dó, Serik. Estava a brincar contigo.

— Também eu. — Com isto, mostra os dentes no sorriso mais escarninho de sempre.

Para todos os efeitos, eles são primos, mas foram criados como irmãos — e sem dúvida que discutem como tal. A família da Ghoe acolheu o Serik quando ele tinha 5 anos e a Ghoe 9, pouco depois de o pai dele ter sido condenado e enviado para Gazar, a famigerada mina-prisão no subsolo de Sagaan, por vender armas zemyanas ilegais. A sua mãe ficou de tal forma afetada pela dor e pela humilhação que deixou de comer. E de dormir. E de cuidar do próprio filho.

A Ghoe e o Serik davam-se razoavelmente bem, mesmo depois de ele ter feito 11 anos e de ter recebido autorização para se alistar. Mas os anos foram passando e, como ele nunca desenvolveu um poder Kalima, os dois tornaram-se como água e azeite. Quando completou 13 anos, os pais da Ghoe chamaram-no da frente de batalha. Todos sabem que a guerra é mais difícil para aqueles que são desprovidos de magia. Para garantir a sua segurança, o pai da Ghoe, o tesoureiro imperial, garantiu ao Serik uma posição em Ikh Zuree — uma honra reservada aos filhos da nobreza. Mas se for o Serik a contar a história, essa honra vai soar a sentença de morte. Aos seus olhos, a Ghoe é igualmente culpada, por não se ter mostrado contrária à decisão dos pais.

— Por favor, não sejas assim, Serik. — A voz da Ghoe parece tão fragilizada e áspera como as minhas vestes de penitência.

O Serik não se apercebe. Ou, o que é mais certo, não faz caso disso.

— Não queres que seja assim? A menos que tenhas decidido desvincular-me dos meus votos à Nova Ordem de modo a poder voltar a alistar-me, não temos nada a dizer um ao outro.

A Ghoe aperta a cana do nariz.

— Sabes que não posso fazer isso.

— Mas é claro que podes! És a comandante dos Kalima. Podes fazer tudo, mas recusas-te a dar-me a única coisa que eu quero verdadeiramente.

— Pensa na tua mãe, que está acamada. Perder-te seria a morte dela, e o meu pai nunca me perdoaria por causar a morte da sua única irmã.

— Porque têm tanta certeza de que eu morreria? — atira o Serik.
— Sou um bom guerreiro. E o meu poder Kalima ainda se pode manifestar. Por vezes, isso só acontece mais tarde.

A Ghoe lança-lhe um olhar pesaroso.

— Ninguém manifesta o poder aos 19 anos.

— E o Miigrath? Tinha 21 anos e tornou-se o Lançador de Granizo mais forte da história de Ashkar.

— Miigrath era um rei! Uniu os 13 clãs, fundou os Kalima e escoraçou os Zemyanos para a costa. Nunca alcançarás tais feitos. O que significa que o teu poder não seria assim tão significativo mesmo que se manifestasse.

— Não sabes isso. — O Serik olha para mim e eu sinto a vontade genuína de o incentivar, mas desvio os olhos e começo a dedilhar o cordão das minhas vestes. O mais tarde que um membro dos Kalima recebeu o seu dom foi aos 14 anos. E a Ghoe tem razão: esses poderes são em grande medida inúteis. Limitam-se à evocação de nevascas incipientes ou pequenos aguaceiros.

— Não tenho medo de lutar — insiste o Serik. — Incentivas todos os rapazes de 11 anos do império a alistarem-se, mas não a mim, quando estou mais do que apto.

— Todos temos caminhos diferentes. É uma honra ser um acólito da Nova Ordem...

O Serik atira as mãos ao ar.

— Sim, é uma *honra* definir lentamente como um pergaminho de oração nesta maldita prisão.

A Ghoe exala ruidosamente e vira-se para mim.

— E tu, Enebish? Como está a aclamada treinadora das águias? O Rei Celeste elogia muito as tuas aves. Afirma que são as melhores de Ashkar.

Isso faz-me endireitar a postura.

— Deveras?

Ela assente.

— Estás a ganhar nome. Fico contente por teres voltado a encontrar o teu caminho aqui em Ikh Zuree, que provou ser o refúgio perfeito para ti.

— Ganhar nome? — O Serik levanta-se da cadeira com tamanha força que esta cai para trás e escorrega pelo chão de mosaico. — Caramba, Ghoe, não tens a menor noção?

Apesar de estar a defender-me, não consigo evitar um nó no estômago. Porque ele tem razão. Já ganhei um nome. Um nome que não acarreta elogios. Um nome que os habitantes de Ashkar não esquecerão.

Enebish, *a Destruidora*.

— Eu posso dizer isso, *primo*, porque a Enebish aceitou a sua nova vida. Seguiu em frente e o seu futuro é brilhante. Ao contrário do teu.

— Sabes que mais, volta para a frente de batalha e vai atormentar os Zemyanos. Temos passado bem sem ti. — Com isto, ele irrompe pela sala, agitando as tapeçarias à sua passagem. A Ghoe finge não reparar, mas veias de gelo brotam dos seus dedos, fendendo o apoio de braços da cadeira. Aproxima-se de mim e prossegue, num tom de voz excessivamente animado:

— Como te tens sentido? Como estás do braço e da perna?

— Acho que estou bem. — Forço um sorriso ao ver os seus ombros descair, para que ela não pense que a culpo de alguma coisa. Se não tivesse tido a coragem de enterrar o seu sabre no meu braço e na minha perna, de modo a travar a minha fúria em Nariin, o resultado podia ter sido muito pior.

— A pedra tem conseguido evitar mais... *surtos*? — diz a palavra com cuidado, quase num sussurro.

O Serik estava quase a sair porta fora, mas dá meia-volta e bate com as mãos na mesa perto da Ghoa. Uma jarra de globos-de-ouro amarelos estatela-se no chão.

— Basta! — A porcelana estilhaça-se e as pétalas espalham-se por baixo das cadeiras. — Agora que já nos acusaste e ofendeste aos dois, vamos embora.

Ele estende-me a mão e eu olho-a fixamente, incapaz de decidir entre ele e a Ghoa. Preciso dos dois em igual medida — de formas diferentes. A Ghoa pressiona os dedos contra as têmporas.

Desculpem. Eu não queria... Fiquem, por favor. Trouxe presentes.

A sua expressão é comovente, a ponto de eu sentir uma lança cravar-se no meu peito. Levanto os olhos para o Serik, implorando-lhe que seja cortês, mas ele passa a mão pela cabeça e fuzila a Ghoa com o olhar.

— E quanto é que esses presentes nos vão *custar*? Sem dúvida que o preço a pagar será elevado.

A Ghoa pisca os olhos como se tivesse sido esbofeteada. Rigidamente, vasculha a sua sacola e retira o violino mais bonito que alguma vez vi. A caixa de ressonância está revestida a pele de cabra curtida preta e o espelho da longa escala, munida com cordas de crina branca, brilha com o polimento. Retira ainda um arco a condizer e estende-os ao Serik.

— A única coisa que quero é o teu afeto, primo. Sabes disso.

O Serik fica de queixo caído e dá dois passos rápidos na direção do instrumento antes de cair em si.

— Não sei de nada.

— Aceita, por favor, Serik. Trouxe-o de Dayun. Vi o mestre Inalchi a fazê-lo na sua afamada oficina na Praça do Mercado. Garanto-te que produz o som mais nítido e bonito que alguma vez vais ouvir.

— Foi feito pelo mestre Inalchi? — O seu olhar fica fixo no violino.

A Ghoe passa um dedo pelo instrumento.

— Ele disse-me que é o instrumento digno de um prodígio. E tu, segundo sei, para lá caminhas.

O Serik cerra os dentes, resoluto. Mas resmunga, agarra no violino e volta para o canto da sala. Embala o instrumento como eu embalo a noite, com afagos e carícias.

A Ghoe observa-o com um sorriso triste antes de voltar a meter a mão na sacola.

— E tenho um presente para ti, En. — Coloca na minha mão um saquinho púrpura com folhas pretas bordadas. Viro o saquinho e sustenho a respiração quando uma corrente delicada se amontoa na minha mão. É a pulseira mais bonita que já vi: pequenas penas de prata e ónix encadeadas.

A Ghoe está exultante quando se inclina para mim e a coloca no meu pulso.

— Gostas? Pareceu-me apropriado que a treinadora das águias tivesse as suas próprias penas.

— Adoro — respondo, ofegante. E é verdade. Mas as lágrimas correm-me pela cara e, desta vez, estou demasiado emocionada para as conter. O presente é perfeito e, simultaneamente, uma requintada zombaria; nunca conseguirei voar com asas feitas de pedra.

— O que foi? O que fiz agora? — A Ghoe olha para o teto. A sua voz indicia uma fragilidade e um cansaço muito invulgares nela.

— Nada — respondo. — A pulseira é linda. E estou muito contente que tenhas voltado. Quanto tempo vais ficar?

— O tempo que for preciso. O Rei Celeste incumbiu-me de uma missão especial em Sagaan.

Limpo os olhos e aguardo, mas a Ghoe olha para o colo e encolhe os ombros.

Claro que não me pode contar nada sobre a missão. Sou apenas uma tratadora de águias. Passo o dedo pelas penas que adornam o meu pulso e um silêncio pesado toma conta da sala. A água que estava na jarra partida congela lentamente no chão.

A Ghoe toca no meu cotovelo, mas não consigo encará-la. É demasiado doloroso contemplar tudo aquilo que perdi. Abraço o meu próprio ventre, desejando poder espremer a inveja e a amargura do meu ser. Ela é a minha irmã, a minha melhor amiga. Se tivesse alcançado o seu estatuto, ela ficaria contente por mim. Tenho a certeza disso.

— Tenho mais uma surpresa — anuncia a Ghoe. A sua voz é hesitante e os seus dedos pendem da faixa de couro que lhe cinge a cintura. — Sei que estás infeliz e quero ajudar. De certa forma, vejo-me como vossa mãe e...

Exala lentamente.

— O Rei Celeste solicitou que as suas águias fossem levadas para Sagan amanhã, para o Festival Qusbegi. Ele pretende participar nas provas de caça. Ia pedir aos meus guerreiros que transportassem as aves, mas posso incumbir-vos dessa tarefa, se assim o desejarem. — O seu olhar salta entre mim e o Serik, e depois fixa-se no chão. — E isso não vos vai *custar* nada.

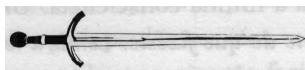
O Serik levanta-se de repente e os seus dedos ficam sem pinga de sangue, agarrados à escala do violino. O meu assombro é em tudo semelhante, e finco de tal maneira os punhos nas pernas que as penas de prata e ónix deixam marcas na minha túnica.

— Vais autorizar-nos a sair de Ikh Zuree? — sussurro.

A Ghoe sorri. O mesmo sorriso benevolente que esboçava quando entrou na minha aldeia em chamas no seu cavalo de batalha, tão bela e temível como a Senhora do Céu.

— Durante um dia, sim — confirma.

Capítulo 3



As minhas águias douradas — ou melhor, as águias douradas do rei — são colocadas em gaiolas e presas a uma carroça puxada por uma mula já muito velha que está ao serviço do mosteiro. Por mim, teria deixado que as aves nos sobrevoassem, rodopiando e planando no céu azul-glacial, mas o rei ficaria furioso se elas chegassem esgotadas e tivesse um fraco desempenho nas provas de caça, por isso optei pelas gaiolas.

A *Orbai* mordisca as grades e anda de um lado para o outro, impaciente.

— Desculpa, minha linda. Hoje, não te posso soltar. — Afago as suas penas e ofereço-lhe o ratinho morto que tinha guardado no bolso, ciente de que necessitaria de consolo. Ela abocanha o pitêu e tritura os ossinhos, feliz da vida.

— Nem sequer vou comentar o facto de teres ratos mortos na tua roupa. — O Serik torce o nariz enquanto pega nas rédeas da mula. — E nem penses que vais viajar aí atrás com as aves. Estás com elas todos os dias. Anda ver *isto*.

Com um gesto, abarca as colinas ondulantes que nos aliciam para lá das muralhas caiadas. Um frémito toma conta de mim, tão intenso e estimulante como o vento que faz a minha trança dançar.

— Ele tem razão, sabes — sussurro para a *Orbai*. — Já venho ver de ti e das outras daqui a nada.

Faço-lhe mais uma festa e coxeio até junto do Serik e da mula. Avançamos com fragor na direção dos portões, os nossos passos cada vez mais acelerados até começarmos praticamente a correr, numa ânsia de liberdade.

— A esse ritmo, não vão conseguir chegar a Sagaan. — A voz da Ghoe faz-nos interromper a marcha. Está encostada ao portão aberto e lança-nos um sorriso rasgado enquanto se soergue. — Trouxe alguns presentes de despedida para o caminho. — Estende

bolo de cevada embrulhado em papel, assim como um capote de pelo grosso, com que cobre os meus ombros. — Não quero que passem fome ou frio.

— E eu, não tenho direito a um capote? — pergunta o Serik. A Ghoha revira os olhos.

— Todos sabemos que só usas esse capote velho e puído da tua mãe. — Vira-se para mim. — Tens o teu bastão, En? Tens a certeza de que consegues ir a pé o caminho todo? Posso chamar os meus guerreiros...

— Eu estou bem. — Agarro o bastão e faço-me mais alta. Hei de percorrer as duas léguas até Sagaan nem que isso me mate. *Hei de chegar lá nem que seja a voar*, penso, enquanto as pequenas penas de prata e ónix chocalham no meu pulso.

— Excelente. — A Ghoha ata o capote à volta do meu pescoço, mas os seus dedos demoram-se sobre a pedra da lua. Engulo em seco e coloco as minhas mãos sobre as dela.

— Prometo que não te desiludo.

Foi ela quem teve a ideia de embutir a pedra na minha pele. O abade tencionava acorrentar-me numa cave debaixo dos seus aposentos — o único sítio de que se lembrou que não me permitiria ter acesso à noite —, mas a Ghoha veio *novamente* em meu socorro.

Lembrava-se vagamente de ter ouvido falar das raras pedras da lua de Namagaan que os habitantes dos pântanos tinham usado na batalha contra Ashkar duas décadas antes — quando o seu território se tornou um protetorado. Tinham arremessado as pedras contra os guerreiros Kalima com recurso a físgas, e isso tinha interrompido momentaneamente a sua ligação ao céu. A Ghoha acreditou que implantar a pedra na minha pele cortaria totalmente essa ligação e manteria o monstro sob controlo.

Até ver, a sua teoria confirmava-se. A eficácia da pedra é tal que nem sequer me lembro do massacre. As carroças destruídas e os corpos calcinados são algo que só ouvi descrever pela boca de terceiros. É uma história sobre outra pessoa. Eu não podia ter feito aquilo.

Mas fiz. Permiti que as trevas me consumissem. Fiz desabar um dilúvio de fogo das estrelas sobre a terra contra uma caravana de mercadores inocentes. E não faço a menor ideia porquê. Nunca tinha perdido o controlo. Nunca totalmente. Nunca *daquela* maneira.

— Vais deixar-nos passar? — pergunta o Serik com brusquidão à Ghoha. — Ou queres que te atropеле?

Ela ri-se como se fosse uma piada, mas não tenho a menor dúvida de que ele a levaria à frente se ela mudasse de ideias sobre o nosso dia de liberdade.

— Tem calma, Serik. Eu saio do vosso caminho. Só gostava de poder ir convosco. — Cobre a minha cabeça com o capuz do capote.

— *Podias* vir connosco se pudéssemos ir pela estrada principal — corta o Serik —, mas alguém podia ver e seria vergonhoso para a comandante dos Kalima ter por companhia um monge caído em desgraça e Enebish, a *Destruidora*.

A Ghoha lança-lhe um olhar gélido.

— Sabes que a questão não é essa. Tenho reuniões importantes com o Rei Celeste e tenho de seguir pelo caminho mais rápido para Sagaan, que é demasiado íngreme para a carroça que leva as águias.

— Como queiras. Não te atrases para as tuas reuniões *importantes*. Nós vamos bem sozinhos.

O Serik passa pela Ghoha de raspão, aperta as alças da minha sacola e encaminha-me, juntamente com a mula, para lá dos portões. A Ghoha despede-se de nós com um aceno entusiasta, mas a outra mão cinge a faixa de couro que traz à cintura.

— Uma das minhas guerreiras estará à vossa espera na encruzilhada — atira. — Entreguem-lhe as águias e voltem diretamente para cá. Sem deambulações ou desvios, e sem paragens em Sagaan.

— Nós sabemos. — O Serik acena por cima do ombro. — Só trabalho, nada de diversão.

Mas só o facto de estarmos em liberdade, num espaço aberto, constitui a maior diversão que algum de nós teve em muito tempo.

Estávamos a caminhar há menos de dez minutos quando o Serik olha para a minha perna. Já a sinto latejar ao ritmo dos cascos da mula e ainda nem descemos a primeira colina. Cerro os punhos e amaldiçoo as minhas feridas em silêncio. Parece que foi noutra vida ou que foi outra pessoa que outrora marchou por estes campos infindáveis envergando uma armadura completa. Agora, nem consigo acompanhar uma besta de carga macilenta que tropeça a cada buraco.

— Vamos muito depressa? — O Serik puxa as rédeas da mula, mas eu bato-lhe no pulso com o bastão.

— Se for preciso abrandar, eu aviso — digo, apesar de ambos sabermos que nunca o faria. Admitir que preciso de ajuda é o mesmo que admitir que há algum problema comigo. E se as minhas mazelas físicas são reais, isso significa que as mazelas internas também o são.

— Então? — O Serik dá-me um pequeno empurrão de lado. — Não foi com essa intenção, En. Só pensei que podias querer poupar as forças.

Sigo em frente, mantendo a passada constante e o queixo erguido. Não permitirei que as minhas feridas me refreiem. Hoje, não. Não enquanto estiver aqui fora.

Livre.

Contemplo a vastidão e beleza das planícies; as ervas ondulantes cobertas pelos primeiros nevões do outono, como se tivessem sido polvilhadas com açúcar; as montanhas de Ondor ao longe, cravando os seus afilados dentes de anil na Senhora do Céu; e as sombras ameaçadoras de Sagaan, com os pináculos delgados do Palácio Celeste sobranceiros às casas e lojas coloridas.

Empoleirada nos telhados dos templos, tudo aquilo me parecia uniforme: uma mancha distante de edifícios pardos, ervas castanhas e neve branca. Mas aqui, com os últimos globos-de-ouro amarelos a ondular com a brisa e o cheiro da erva molhada a invadir o meu

nariz, tudo ganha vida e fervilha com pormenores. Um mar de possibilidades infinitas, um mar no qual me quero afogar.

Respiro fundo e deixo o ar invadir o meu corpo.

— Oxalá pudéssemos ficar aqui para sempre.

O Serik lança-me um sorriso desafiador.

— E podíamos, sabes.

Reviro os olhos.

— Pois, resultou às mil maravilhas da primeira vez...

Os monges de Ikh Zuree saem muitas vezes do complexo para percorrer o continente com o intuito de registar infrações, mas da única vez que permitiram que o Serik cruzasse os portões, ele não voltou. Foram encontrá-lo dois dias depois, disfarçado de pastor, e nunca mais o deixaram sair.

— Desta vez, seria mais inteligente! Ashkar é um território vasto, com inúmeros protetorados. Podíamos «enganar-nos» no caminho e ir parar à nossa antiga aldeia de Verdenet. Desaparecidos, sem que o Rei Celeste e o abade pudessem fazer fosse o que fosse. — Com uma cotovelada, sorri com os olhos semicerrados.

— Só se quiséssemos morrer. Não temos mantimentos, nem abrigo nem comida. Não duraríamos dois dias, quanto mais chegar a Verdenet.

O Serik brande um dedo na minha cara.

— Estás muito enganada! Lembras-te da carta que me mandaste de Guvee? Temos a única provisão de que necessitamos — diz, afagando o pescoço engelhado da mula.

Só de ouvir o nome daquela maldita cidade sinto um nó no estômago. Quando tinha 15 anos, a minha divisão dos Kalima foi apanhada numa avalanche e ficou encurralada no sopé de Guvee. Não tínhamos mantimentos e, pior ainda, não tínhamos Fogueiros do Sol para derreter a neve. Para não morrermos à fome e à sede enquanto aguardávamos pelo degelo, fizemos cortes nos pescoços dos cavalos e bebemos o seu sangue diretamente das veias. O suficiente para prolongar as nossas vidas sem pôr em risco as deles. Suturemos as feridas todas as noites e voltávamos a abri-

las no dia seguinte. Fiquei com os dentes manchados de sangue durante semanas.

Devo estar a ficar verde, porque o Serik tenta conter um sorriso quando me diz:

— Que me dizes, En?

— Digo que perdeste o juízo. Esta pileca não é um cavalo de batalha. Mal tem sangue para ela, quanto mais para nós os dois, e a pradaria é tão plana que eles nunca acreditariam que nos tivéssemos perdido. As muralhas brancas de Ikh Zuree são visíveis num raio de dez léguas, mais brilhantes do que a estrela guia. E imagina como a Ghoe ficaria desiludida.

O Serik solta um suspiro exasperado.

— Eu sei que é impossível, mas escusavas de me fazer a desfeita. Que saudades da velha Enebish.

Cravo o meu bastão no chão.

— A velha Enebish arrasou uma caravana de mercadores inocentes. Tenho a certeza de que és o único que tem saudades dela.

O Serik puxa as rédeas da mula e as minhas águias crocitam e agitam-se nas gaiolas.

— És mais do que isso. Sinto falta da Enebish que chegou de Verdenet queimada e aterrorizada, mas inflamada pelas chamas da vingança, determinada a vencer os zemyanos que mataram os seus pais. Da Enebish que me ajudou a perceber que não tinha de ser definido pelos crimes do meu pai. Da Enebish que roubava as tartes de amora da senhora e que se recusava a entregar aquela boneca de palha maltrapilha. Da Enebish que se sentava comigo à sombra dos pinheiros e que sonhava com algo melhor. Não queres fugir do mosteiro e viver as vidas que imaginámos?

Sim. Mais do que qualquer outra coisa na vida. Mas não posso ter tais anseios. Não me posso dar ao luxo de querer tais coisas. Por isso, abano a cabeça.

— Vamos apenas aproveitar o dia de hoje.

O Serik solta as rédeas, agarra-me pelos ombros e inclina-se para mim.

— Tu és boa pessoa, Enebish.

— É escusado esconder o que fiz...

Sinto a respiração do Serik contra as minhas faces e os seus olhos cor de avelã cravam-se nos meus. Como se conseguisse vislumbrar a minha alma. Sinto um arrepio na coluna e tento afastar-me. Agradeço a sua confiança, mas a dor é ainda maior por saber que não a mereço.

Os seus dedos cingem-se, como se conseguisse ler os meus pensamentos.

— Não me interessa o que aconteceu. Que se dane o passado. Conheço-te desde os 8 anos. Conheço-te melhor do que ninguém e sei...

— Olha, um santuário!

Envio uma prece de agradecimento à Senhora do Céu por me ter proporcionado aquela distração e por me ter livrado do abraço do Serik. Consigo sentir os olhos dele cravados na minha nuca, mas recuso-me a encará-lo. Coxeio pelo carreiro acima até onde o moleado sagrado irrompe da terra. O monte de pedras e galhos ultrapassa a minha cabeça e lenços de seda azuis flutuam ao vento, presos a protuberâncias aleatórias.

É um monumento em honra da Senhora do Céu; se os viajantes fizerem uma oferenda, Ela abençoa a sua viagem com caminhos desimpedidos, bom tempo e cavalos possantes. As antigas escrituras também preconizam que os moledos são portais. Se um dos escolhidos da Deusa pousar a palma da mão na base, a Senhora do Céu permite-lhe entrar no reino do Azul Eterno — o primeiro nível do Paraíso, reservado para os Seus seguidores mais fiéis. A minha mãe dizia que estes monumentos costumavam povoar todo o continente como globos-de-ouro, desde os desertos de Verdenet a sul até às estepes geladas de Chotgor. Mas o rei começou a destruí-los há duas décadas, quando declarou a morte dos Primeiros Deuses e se proclamou o único senhor do Céu e da

Terra. Agora, subsistem apenas alguns à beira de estradas pouco percorridas.

Vasculho a minha sacola até encontrar um velho lenço verde esmaecido. Não é a tradicional flâmula de cobalto da Senhora do Céu, mas é melhor do que nada. Com a cabeça baixa em sinal de reverência, avanço e ato o lenço a um galho que está a meio do moledo.

— A Ghoe matava-te se te apanhasse a prestar culto a essa coisa — diz-me o Serik, enquanto avança ruidosamente com a carroça.

A Ghoe também me mataria se soubesse que tenho uma boneca de oração escondida no fundo do meu saco e que ainda escrevo no Livro de Murmúrios. Mas a verdade é que não vejo motivo para me vergar à Nova Ordem do rei. Ainda antes de ser aprisionada, tinha dificuldades em aceitar as suas proclamações religiosas.

— Porquê? — perguntei amiúde durante os primeiros tempos de camaradagem, quando a Ghoe me treinava para seguir as suas pisadas. — Não te parece muito conveniente que ele tenha denunciado os Primeiros Deuses e se tenha proclamado «Rei do Céu», quando as pessoas puseram em causa o seu reinado por ser o primeiro líder da história de Ashkar sem poderes Kalima?

— Não digas tamanhas heresias! — repreendeu-me. — Vens das regiões fronteiriças do Império Unificado, onde a erradicação dos falsos costumes e crenças demorou mais tempo. Aqui, em Sagaan, testemunhámos a sua graça redentora em primeira mão. Quando os Primeiros Deuses nos viraram as costas e permitiram que a Terra fosse assolada pela seca, o Rei Celeste poupou-nos a todos à morte certa marchando sobre os pântanos de Namaag, convencendo os seus habitantes a integrarem o primeiro protetorado e a construírem aquedutos para Sagaan. E ele trouxe o teu povo, e tantos outros, para dentro do império, proporcionando-lhes proteção contra Zemya. Só um deus corpóreo conseguiria tais feitos, e mesmo assim nenhum poder Kalima foi revelado. É a prova de que os Primeiros Deuses estão mortos.

Aquiesci porque sabia que era o que ela queria, mas nada daquilo me fazia sentido. Quando Zemya deu o poder aos seus filhos, Ashkar viu-se na obrigação de fazer o mesmo, de modo a protegê-los da sua irmã rancorosa. Apesar de ter sido mais prudente. Nomeou um membro de cada um dos clãs, que tinha provado ter o coração puro, para desempenhar o papel de protetor e, todos juntos, formaram o primeiro exército de guerreiros Kalima.

— Então, de onde provêm os nossos poderes Kalima, se não de Ashkar?

— Os nossos dons vivem dentro de nós desde o início, de modo a podermos proteger as pessoas. Nós não somos *abençoados* pelos deuses; nós *somos* os deuses. Tal como todos aqueles que foram convocados para servir o nosso grande império — como o Rei Celeste.

Apesar de conseguir perceber o interesse de autoproclamar a minha divindade, não consigo acreditar nisso. Não quando sinto a Senhora do Céu a pulsar nas minhas veias todas as noites. Ou ouço o fantasma da voz da minha mãe a entoar orações ao Pai Guzan. Ou vejo o brilho dos brincos de ouro nas orelhas do meu pai. Não posso virar costas aos Primeiros Deuses dos meus antepassados. Ou à memória dos meus pais.

Apoio-me nos calcanhares e contemplo o santuário altaneiro. Chega a ser bonito na sua desordem, com as oferendas espalhadas ao acaso: uma cascata de lenços, que descem de cima para baixo; pequenas taças de vorkhi adornadas com sóis, luas e estrelas; e milhares de moedas, algumas antigas e marcadas pela passagem do tempo — listras de bronze de Verdenet e pesadas happas quadradas de Namaag. Assim como moedas kahan de ouro — a moeda franca adotada por todo o Império Unificado. Passo um dedo por cima do perfil em relevo do rei e sorrio. Estas novas moedas são a prova de que subsistem alguns crentes, como eu, que prestam culto à Senhora do Céu.

Só me dou conta de quão perdida estava no encanto do monte de pedras quando o Serik me toca levemente nas costas.

— Já está?

Viro-me e dou com ele a limpar a sujidade que tem debaixo das unhas. Aquele monumento sagrado bem podia ser um monte de estrume de cavalo, tal é o respeito que ele demonstra. Eu e o Serik partilhámos quase tudo desde crianças, mas nunca isto.

— Nunca desejas ter algo em que acreditar?

Ele resfolega, e depois ri-se sem pudor.

— Não. Não faço tenções de desperdiçar a minha vida a registar os pecados dos outros e a bajular um rei vaidoso. Nem tão-pouco tenho vontade de prestar culto aos Primeiros Deuses, que me negligenciaram e abandonaram. Acredito que sou senhor do meu próprio destino.

— Bem, já que não estás interessado em participar, importas-te de me passar o vorkhi? Está guardado no bolso exterior da minha sacola.

Os olhos do Serik iluminam-se e ele apressa-se a vasculhar o meu saco. Abre a garrafa de vidro verde e leva-a aos lábios.

— Era capaz de prestar culto *assim* todos os dias.

— Nem penses. — Arranco-lhe a garrafa das mãos. — Isto é para o santuário.

Derramo um pouco da bebida na palma da minha mão e atiro-a para norte, em memória do Pai Guzan. O cheiro intenso e acre da bebida fermentada enche o ar, trazendo consigo mais uma série de recordações; os acampamentos militares atulhados na frente de batalha; as vezes que caí redonda na minha tenda após um dia intenso de batalha, exausta; os festejos regados a vorkhi com os meus camaradas até o mundo se tornar mais confuso e começar a clarear.

— Pronto, pronto. A Senhora do Céu e o Pai Guzan já beberam o suficiente. — O Serik arranca-me a garrafa das mãos.

• Aposto que não se importam de partilhar.

Bebe um longo trago e oferece-me a garrafa, que afasto com as mãos.

— Temos uma missão a cumprir. Não podemos entrar em Sagaan aos tropeções.

— Já pouco resta que nos faça andar aos tropeções e, caso te tenhas esquecido, não podemos entrar na cidade. Mais vale divertirmo-nos um pouco. — Agita o vorkhi na minha direção.

- Lembras-te de como se faz isso, certo? Ou será que já foi há demasiado tempo?

— És uma má influência, Serik.

— Nunca fingi ser uma boa influência. Agora, bebe, caso contrário bebo a garrafa sozinho e aí sim vou começar a cambalear e terás de me levar às cavalitas o resto do caminho.

— Está bem. — Pego na garrafa e lanço-lhe um olhar muito sério e zangado. — Só uns goles.

Mas sinto o álcool a faiscar na língua e depressa alguns goles se transformam em longos tragos. Quando dou por mim, bebemos tudo até à última gota. O Serik equilibra a garrafa vazia no topo do monte de pedras como uma coroa.

— Esta é a *minha* oferenda! — grita para o céu limpo. — Não precisa de agradecer.

Uma gargalhada irrompe nos meus lábios, mesmo que a sua irreverência não tenha piada. Estamos mesmo a pedir uma punição. Tento repreender o Serik, mas não consigo parar de rir e, como não quero que ele veja, tapo a boca com a mão e coxeio para junto da carroça.

O resto da viagem passa num instante. O Serik entoava velhas canções populares sobre cavalos, batalhas e a beleza de Ashkar, enquanto eu brando o bastão como um sabre. Aqui, o mosteiro não existe, tal como não existe o passado e o futuro. Existe apenas o agora, este momento. Eu e o Serik, rodeados pela imensidão da pradaria. Rodopio sem parar, tentando abarcar tudo, ansiosa por tocar em tudo.

Só quando o Serik pragueja entre dentes é que reparo na figura montada a cavalo que está na encruzilhada. Deixo os braços tombarem junto ao corpo e a minha perna volta a latejar. Nem todo o vorkhi do mundo atenuaria a dor que sinto ao vislumbrar esta imagem da minha vida passada.

— Há uma hora que vos espero — saúda-nos a guerreira. Não é suposto conseguirmos ouvi-la àquela distância, mas ela projeta a voz ao vento, o que significa que é uma Encantadora da Brisa, abençoada com a capacidade de controlar as brisas e ventanias. O Serik lança-me um olhar malicioso e puxa as rédeas da mula, atrasando ainda mais a nossa chegada. A guerreira franze o sobrolho.

— Viemos o mais depressa que conseguimos — diz ele, sem o menor indício de desculpa, quando já estamos suficientemente perto.

— Suponho que já seria de esperar.

A rapariga olha intencionalmente para a minha perna e os seus lábios contorcem-se, enojados. É vários anos mais nova do que eu, por isso não podia ter servido com ela, mas, mais uma vez, a minha reputação precede-me.

O Serik firma o queixo e devolve-lhe o olhar. Tento imitá-lo, mas a rapariga sorri com desdém. Atira a longa trança loura por cima do ombro, agarra nas rédeas do Serik e, sem dirigir palavra a qualquer um dos dois, crava as esporas no cavalo em direção a Sagaan. A carroça levanta nuvens de poeira que me fazem tossir.

A capital já não é só uma mancha no horizonte. Centenas de casas e lojas preenchem as margens do rio Amereti como um rendilhado, acompanhando as suas curvas à medida que este serpenteia pela cidade. Na margem norte, para lá dos bonitos jardins e ruas residenciais, fica o grande pátio do Palácio Celeste. Pulula de festivaleiros adornados com os seus melhores cetins e sedas: vistos daqui, parecem escaravelhos azuis, carmim e rubros. Para lá do complexo real, há uma arena de luta e um recinto fechado para corridas de cavalos, assim como dezenas de alvos dispostos para as competições de arco e flecha.

A jovem guerreira torna-se cada vez mais diminuta e o ruído da carroça desvanece-se. A nossa missão está cumprida. Está na hora de regressar a Ikh Zuree. Mas não consigo desviar o olhar da beleza de Sagaan. Costumava deitar-me por baixo daqueles bordos, fazer pesca no gelo naquele troço do Amereti e galopar pelas ruas com a

Ghoa e os outros guerreiros, numa grande algazarra, suja da batalha e ébria de vitória.

O Serik aponta para o outro lado do vale, para o aglomerado de propriedades coloridas.

— Consegues ver a nossa antiga casa?

Faço uma pala com a minha mão boa e franzo os olhos até descortinar a casa senhorial lavanda com os seus torreões quadrados e telhado de estanho, rodeada de oliveiras. A visão enche o meu coração de saudade. Dava tudo para regressar àqueles salões reluzentes e campos espraçados. Onde eu e o Serik corríamos livres e soltos como raposas antes de o recrutamento, os poderes Kalima e a Nova Ordem desfazerem o nosso futuro ilimitado em pó.

— Monge! — Uma rajada de ar gélido atira o meu cabelo para trás. A jovem guerreira chegou ao sopé da colina, ergueu-se nos estribos e virou-se por cima das gaiolas para gritar na nossa direção. — Sabes quais são as tuas ordens. Leva o teu monstro de volta para a jaula antes que ela perca o controlo e massacre os foliões inocentes.

O Serik coloca-se à minha frente como se conseguisse proteger-me das palavras dela, mas elas rodeiam-me como um remoinho de punhais. Enfio a cabeça nos ombros, afundo-me nas minhas botas e dissolvo-me numa poça no meio do caminho. A antiga Enebish — Enebish, *a Guerreira* — teria corrido colina abaixo com o sabre desembainhado. Mas eu já não sou uma guerreira.

— Ela tem razão — sussurro. — É melhor voltarmos para Ikh Zuree. Temos de cumprir as ordens da Ghoa à risca se quisermos voltar a ter uma oportunidade destas. E seria uma insensatez abusar da sorte — murmuro entre dentes.

A rapariga ergue o punho numa saudação trocista. O Serik cospe e brinda-a com um gesto obsceno enquanto ela prossegue a descida. É mesmo o pior dos monges.

Pouso uma mão no seu ombro arquejante.

— Esquece. Não interessa.

— Interessa, sim. — Afasta-me com um encolher de ombros. — Ela não pode falar contigo assim.

— Não sei se reparaste, mas todos falam comigo assim. Já estou habituada.

— Não devias estar. — Pega numa pedra e atira-a pelo carreiro, apesar de a rapariga e a carroça já irem longe. — Fizemos todo este caminho, devíamos poder desfrutar do Festival Qusbegi.

— Não. — Recuo um passo num coxeio. — É uma má ideia.

— Também achaste que o vorkhi era má ideia e vê como nos divertimos.

— Isso foi diferente.

— Como?

— Estávamos sozinhos numa estrada deserta. Mas não deixou de ser uma má ideia — acrescento, nada agradada com o olhar determinado no rosto do Serik. Com um sorriso escarninho, ele cobre a cabeça com o capuz bordado do seu capote.

— Vamos resguardar-nos nas sombras, longe das multidões e da algazarra. Só quero ver *vida* a sério para variar. Tu não?

Sim. O anseio revolve o meu estômago como as dores da fome. Os meus membros vibram como aconteceu no telhado do templo. A pulseira de penas agita-se no meu pulso.

Voa, voa, voa, Enebish.

Não. O risco é demasiado grande. A Ghoe e centenas de guerreiros estão lá em baixo. Já para não falar na multidão de monges de Ikh Zuree, em busca de infrações. Assim como o próprio rei. Cinjo o braço ao peito e abano a cabeça.

— A nossa vida está em Ikh Zuree. Aquilo ali em baixo é um sonho.

— Então, deixa-te adormecer por instantes. Sonha comigo, Enebish.

— Será preciso mais do que um sonho para *isto* desaparecer — digo, apontando para a marca da minha traição. — As pessoas vão reconhecer-me. Será um pandemónio.

Os olhos do Serik tornam-se mais brandos e ele leva a mão à sacola, de onde retira um lenço esbatido como aquele que prendi ao monte sagrado. Ergo o sobrolho enquanto ele me envolve os cabelos e a cara no lenço como se fosse um véu.

— Aquilo é um mar de gente. Ninguém vai reparar em ti, quanto mais reconhecer-te. E só vamos ficar alguns minutos. Apenas o tempo suficiente para provar as tartes de amora, assistir à corrida de cavalos e ver as nossas águias a voar. Não queres ver a *Orbai* a competir?

Sim. Quero muito. Cerro os olhos, travando um combate com a tentação que invade os meus membros como veneno. Passo o dedo pela pulseira da Ghoa e imagino o pior dos cenários, as mil e uma maneiras que aquilo tem de correr mal, mas só consigo visualizar as penas castanhas brilhantes da *Orbai* a cruzar o céu cerúleo.

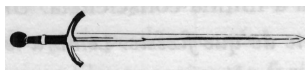
— Está bem — sussurro, ajustando o lenço para esconder as minhas cicatrizes.

O Serik inclina a cabeça para trás e exulta.

— Não te vais arrepender, En. Mesmo que sejamos encarcerados até ao fim dos nossos dias, já ninguém nos tira o dia de hoje.

Estreita os olhos, pega na minha mão e desatamos a correr pela estrada em direção a Sagaan.

Capítulo 4



Já me tinha esquecido do que é estar entre tantas pessoas.

O grande pátio — composto pelo Palácio Celeste em mármore branco e dourado de um lado e pelo edifício do Tesouro em basalto de outro, e por centenas de bancas coloridas que se contorcem como a cauda de uma serpente até fechar os restantes lados — é quase tão grande como todo o complexo de Ikh Zuree. Mas mesmo nas extremidades, estamos amontoados ombro com ombro com festivaleiros. Debatem-nos como peixes numa rede de pesca. Sentimo-nos entalados e espremidos como uvas num lagar.

Cravo as unhas no pulso do Serik, pressionando cada vez com mais força, até que ele solta um gemido e olha para trás.

— *Vamos resguardar-nos nas sombras, longe das multidões e da algazarra* — sibilo as suas próprias palavras.

Ele encolhe os ombros e diz a palavra «lamento» em surdina, apesar de ser evidente que não lamenta nada. A sua cara está mais iluminada do que as lanternas de calêndula que se agitam sobre nós, e os seus movimentos são tão frenéticos como os dos estandartes imperiais azuis e dourados que ondulam na brisa.

Deslocamo-nos pela orla da praça calcetada. Ao centro, a multidão concentra-se em torno de guerreiros Kalima que exibem diversos poderes. Domadores da Chuva criam uma neblina tão fina e reluzente que o público mais parece coberto por cristais em pó. Forjadores de Saraiva trazem pedras com as cores do arco-íris a flutuar até ao chão como bolhas, e Fogueiros do Sol equilibram esferas de luz incandescentes capazes de derreter ferro. Ao seu lado, os dois mais ilustres guerreiros sem poderes mágicos, Toko, o *Implacável*, e Gupta, o *Feroz*, autografam panfletos e fazem demonstrações de armas, enquanto encaminham hordas de crianças ansiosas na direção das mesas de recrutamento.

Quase todas as crianças de Ashkar se alistam com 11 anos. Não porque são obrigadas a tal, mas porque sonham em comandar os céus. E se um poder Kalima não se manifestar, não há problema. Não se importam nada de gozar da mesma fama e adoração conquistadas por guerreiros temíveis como Toko e Gupta. Não há dúvida de que o rei é inteligente. A guerra com Zemya dura há tanto tempo e a conquista de protetorados requer um esforço tal, que ele podia facilmente ter tornado o recrutamento obrigatório. Em vez disso, mandou pintar estandartes com os rostos dos seus guerreiros e decretou feriados em sua homenagem. Fez com que as gerações vindouras ansiassem por se alistar e dar a vida por Ashkar.

Sinto um amargo de boca e volto as costas aos guerreiros, mas o resto do festival não tem grande interesse. Homens de coletes de couro polido erguem-se à minha frente, em preparativos para o concurso das águias — evento para o qual passo um ano inteiro a treinar, mas no qual nunca participarei. Belas mulheres fazem rodopiar sombrinhas com renda e espalham o aroma adocicado de rosas e citrinos. Engasgo-me e tusso com o perfume, desprezando os olhos esbugalhados que seguem todos os seus movimentos. Desprezando o facto de nunca poder ser tão bela como elas. Desprezando a vontade de ser como elas.

As pessoas vêm de encontro aos meus ombros e roçam-se nas minhas costas. Mãos de terceiros roçam nas minhas e eu recuo sustentando a respiração. Não me lembro da última vez que alguém me tocou, além do Serik e da Ghoe, e tudo aquilo me parece demasiado estranho, escorregadio, quente e *errado*. Enfio as mãos dentro do capote e mordo os dois lábios para me impedir de gritar um alerta:

Afastem-se. É perigoso. Eu sou perigosa.

— Quem te vir há de pensar que engoliste um punhado de pedras. — O Serik ri-se e pousa o braço nos meus ombros. Cheira a incenso, tinta de resina e pergaminhos antigos. Cheiros que pensei que detestava, mas que agora me parecem tão familiares. Tão seguros. Aninho-me debaixo do seu braço e cerro os olhos.

— Tem calma, En. O caos é uma coisa boa. Somos grãos de pó na multidão.

Não é apenas uma multidão. É uma debandada, um enxame. Somos formigas num formigueiro, rodeados por milhares de outras formigas que correm todas atrás da mesma migalha. Tento furiosamente alargar o colarinho. Como é que alguma vez me senti confortável aqui? Ainda há poucos anos, irrompia por estas multidões como um touro em fúria. Agora, não passo de um ratinho. Se não fosse o Serik a amparar-me e a puxar-me para a frente, seria espezinhada.

— Talvez uma coisa quente acalme os teus nervos. — O Serik encaminha-me para uma banca e, tal como prometido, compramos tartes de amora. Não faço ideia onde ele arranjou o dinheiro, mas até tenho medo de perguntar, porque o mais certo é tê-lo roubado da caixa de esmolas de Ikh Zuree. Posso não apoiar a religião do Rei Celeste, mas nunca assaltaria um templo. O Serik compra mais uma fatia, devora-a em duas dentadas e lambe os sucos arroxeados e viscosos dos dedos.

Eu saboreio a tarte calmamente, desfrutando da crosta crocante e amanteigada e da explosão de bagas quentes e ácidas na minha boca. Quando expiro, algumas das minhas preocupações desaparecem com a respiração. Um esboço de sorriso assoma aos meus lábios.

— Vês? Isto não é assim tão mau — diz-me o Serik com um ligeiro encontrão.

Aceno à medida que o meu coração desce lentamente para o peito. Ele tem razão. Estão todos concentrados no festival e não na rapariga franzina e marcada que se esconde atrás de um lenço esbatido. Cavalos reluzentes pavoneiam-se em direção ao recinto antecipando a corrida, e artistas executam danças com fitas ou tocam alaúde. Uma velha treinou cabras-anãs para fazerem truques, com guizos nos seus cascos pequeninos. Não é um festival tão grandioso como o de Verdenet, que se prolonga dia e noite durante quase uma semana, com artistas de fogo e desfiles com estátuas gigantes da Senhora e do Pai. Mas não é mau de todo.

A única coisa que mancha a fantasia etérea e onírica são os magotes de indivíduos que se debatem com uma fileira de guer-

reiros a cavalo que bloqueiam a entrada norte da praça. Puxo o capote do Serik e aponto na direção deles.

— Porque não os deixam entrar?

— Talvez não haja espaço. Foi uma sorte termos chegado mais cedo.

— Nunca barram a entrada a ninguém no Festival Qusbegi...

Semicerro os olhos na direção da confusão, mas vislumbro apenas uma mancha de túnicas grosseiras.

O Serik puxa-me para o centro da praça, onde decorre um jogo de puxar a corda animado, com uma das equipas a aproximar-se perigosamente de uma poça de lama funda. É sempre uma das atividades mais aguardadas do Qusbegi, e os espetadores ruidosos balançam para trás e para a frente com o decorrer do jogo, incentivando e fazendo apostas. O Serik está em bicos de pés e olha ansiosamente para os homens e mulheres que puxam a corda, mas, fiel à sua palavra, mantemo-nos afastados e encaminhamo-nos para as orlas, onde a multidão está ligeiramente mais dispersa.

— Estás contente por termos vindo? — pergunta ele, mesmo que a resposta seja óbvia. Há anos que não sorria tanto. Não apreciei devidamente a beleza de Sagaan enquanto vivia aqui. Estou tão habituada aos olhares de desdém e aos comentários cáusticos dos monges que me esqueci de que as pessoas são capazes de rir e folgar. Toda a cidade rejubila com este dia e eu faço parte dos festejos. Sou um pequeno ponto a um canto, mas, seja como for, um fio nesta tapeçaria.

O Serik aponta na direção de um pequeno palco onde marionetas presas por fios se deslocam por campos de veludo verde, mas antes de nos encaminharmos para lá, a multidão vira-se de lado. Há gritaria à nossa volta e eu quase caio de joelhos quando um grupo de homens em trajes grosseiros e sujos avança à cotovelada pela multidão. Derrubam uma banca de frutas e frutos secos cristalizados, enfiam os doces nas túnicas e passam a correr por nós, com os guerreiros a cavalo por perto. O último ladrão, um rapaz mais ou menos da minha idade, olha para cima quando os

nossos cotovelos se tocam. Esbugalha os olhos e sustém a respiração enquanto foge para longe.

Levo de imediato as mãos ao lenço, que, felizmente, continua no sítio. Mas um pavor ameaçador de gelar os ossos ainda me faz largar a última porção da minha tarte. O rapaz foi um aviso da Senhora do Céu. Agarro no pulso do Serik com a força esmagadora das garras da *Orbai*.

— Temos de sair daqui.

— Não podemos ir agora. Foram apenas alguns larápios. Os guerreiros vão apanhá-los. Além disso, o desfile está a começar. — Aponta para os degraus reluzentes do Palácio Celeste, onde as águias se exibem para trás e para a frente, como pavões. A primeira fase do concurso é um desfile de trajes para determinar que caçador é o mais elegante, apesar de não ser grande concurso. Todos os homens estão muito elegantes nos seus coletes de cerimónia e botas engraxadas, mas não se comparam com o nosso ilustre *líder*, na sua capa de asas de águia douradas e coroa cravejada de pedraria forrada a pelo de raposa.

— O rei ganha todos os anos — digo —, e prometeste que não nos demoraríamos.

— Mas as provas estão prestes a começar — lamuria-se o Serik. Os seus lábios parecem ainda mais cheios quando faz birra. Não que preste grande atenção aos seus lábios. Estão apenas mais rosados do que o normal por causa do frio. — E olha! — Agarra no meu braço, entusiasmado. — O Rei Celeste escolheu a *Orbai*. Não queres vê-la competir?

O meu coração começa a bater descompassado assim que ouço o nome da minha águia.

— Claro que a escolheu. — Ponho-me em bicos de pés para espreitar por cima das mulheres que conversam à nossa frente. A *Orbai* está orgulhosamente empoleirada ao lado do rei, com as suas penas castanhas a refulgir ao sol. — Não é impressionante? Repara como tem a cabeça. Vês como bate as asas para intimidar as outras? Sabe que é a melhor ave na competição.

O Serik resfolega, mas eu prossigo como uma mãe que gaba um filho. É mais forte do que eu. A *Orbai* é a mais inteligente e a mais rápida, a maior e a mais temível das aves à minha guarda. É uma águia digna de um rei.

Respiro fundo e alterno o olhar entre a *Orbai* e a estrada de saída de Sagaan. O meu coração debate-se com a minha mente. *Vai-te embora*, insiste o aviso ameaçador. *Já a viste caçar milhares de vezes. Esta não será diferente.*

Mas é diferente. Quero ver o rei a admirá-la. Quero ouvir a multidão a exclamar com a sua rapidez e graciosidade. Quero vê-la ganhar a competição e partilhar da sua vitória. Porque a vitória também será minha. A única pequena vitória que consigo ter nos dias que correm.

— Está bem. Ficamos mais um pouco; uma prova, ou talvez duas.

O Serik solta um grito de exultação e dá-me uma palmada nas costas. Volto a olhar por cima do ombro, mas, por uma vez, sou como todas as outras pessoas. Uma única erva no meio da vastidão da pradaria.

— Vai começar o teste de velocidade! — grita o bobo da corte. O homem de barriga protuberante sempre supervisionou o entretenimento no Qusbegi e, a cada ano que passa, o seu número toma-se mais ridículo. Com um sorriso matreiro, estende os braços e abana-os para cima e para baixo, libertando painéis roxos e verdes de tecido que estão cosidos à sua túnica. Parece uma ave muito feia, e a multidão desata à gargalhada quando ele «voa» pelo palco para encaminhar os concorrentes para as suas posições ao lado das águias.

Assim que se posicionam, faz-lhes sinal para tirarem as correntes às aves. No campo, um coelho sai da gaiola. O seu pequeno corpo castanho saltita pelas ervas cobertas de geada

e as águias crocitam em antecipação. O bobo baixa os braços e os caçadores assobiam ordens.

Sustenho a respiração e inclino-me para a frente, à medida que as aves levantam voo. Sinto-me tentada a bater os braços como o

bobo ridículo, para incentivar a *Orbai* a voar mais depressa, mas ela não precisa da minha ajuda. Rasga os céus como os foguetes que são lançados todos os anos dos telhados em homenagem ao aniversário do rei, mas, em vez de azul e vermelho, é uma faixa de ouro sólido. Recorrendo ao seu tamanho, ela ultrapassa todas as outras águias e apanha o coelho com as garras, crocitando de vitória.

Também eu festejo, gritando por ela mais do que todas as pessoas à minha volta. As senhoras que estão à nossa frente viram-se para trás e fitam-me, e o homem ao meu lado murmura qualquer coisa, mas eu ergo o punho e salto para cima e para baixo à medida que a *Orbai* regressa ao seu poleiro, porque ela ganhou! A *minha* águia ganhou.

— Ela foi incrível! — O Serik levanta-me e faz-me rodopiar. Rio-me.

— É uma águia fantástica.

— Porque tem uma treinadora fantástica.

Ruborizo e cubro ainda mais as faces com o lenço azul. O Serik pouisa-me e os seus olhos cor de avelã demoram-se no meu rosto. Será que tenho suco de amora na cara? A minha marca da traição está à mostra? Ergo uma sobancelha, mas ele continua a sorrir como quem esconde um segredo. Sinto alguma comichão, por isso fito as botas até que o bobo volta a levantar a voz.

— Sua Majestade, Tyberion III, o Rei Celeste de Ashkar, ganhou a primeira prova!

A praça irrompe em aplausos, ainda mais ruidosa do que anteriormente. O rei acena com a sua grande mão e sorri.

Tem as faces rosadas do frio, e os seus olhos azuis brilham como lápis-lazúli. Posso não concordar com as suas inclinações religiosas, mas não há dúvida de que é impressionante e poderoso. Um bom contraponto para a minha *Orbai*.

— A seguir, teremos a prova de agilidade — proclama o bobo quando os aplausos esmorecem. Mais uma vez, olho para o caminho de terra batida que nos levará de volta a Ikh Zuree. Quanto mais tempo ficarmos, mais probabilidades teremos de ser

detetados. Mas as manobras de agilidade são o verdadeiro talento da *Orbai*; nunca vi nenhuma ave que estivesse à sua altura; ela corta como um sabre e mergulha como um cometa. Mordo o lábio e viro-me para os degraus do Palácio Celeste, jurando que arrasto o Serik dali para fora após aquela prova, por mais que ele proteste.

Uma a uma, as águias executam uma série de manobras: mergulhos, subidas, círculos e espirais. O rei é o último concorrente e, tal como eu previ, a *Orbai* executa a sequência de forma mais rápida e fluida do que qualquer outra ave, com a exuberância e arrojo que fizeram dela a minha preferida assim que chegou a Ikh Zuree. Parece um raio de luz que se contorce e gira pelos céus. O público sustém a respiração e aplaude, e até as mulheres tagarelas ficam em silêncio. Um velhote curvado, que deve ter sido caçador na mocidade, limpa uma lágrima que lhe corre pelo rosto.

Também me apetece chorar — lágrimas grossas de alegria. Nunca assisti a nada tão glorioso. Tão perfeito. Este é, sem dúvida, o melhor dia da minha vida. Ainda melhor do que ir para o campo de batalha ou controlar os tentáculos da noite.

— Tinhas razão. — Agarro e aperto o antebraço do Serik. — Ainda bem que viemos.

Ele curva-se e sussurra-me ao ouvido:

— Eu tenho sempre razão, e aceito um beijo como agradecimento. — Pisca-me o olho e faz beicinho.

Enxoto-o.

— Fizeste votos!

— Mas não hoje. Hoje, sou apenas o Serik, e tu és apenas a Enebish. — Volta a fixar-me com aquele sorriso insistente que dança nos seus olhos em forma de quarto crescente. Porque insiste em olhar assim para mim? E porque é que sinto o estômago aos saltos?

— Tenho a certeza de que qualquer uma delas gostaria de te beijar — digo, tossindo, enquanto aponto para um grupo de raparigas que soltam risinhos atrás dos seus leques enquanto olham para nós.

O Serik olha para elas por instantes e o meu coração cai até às botas, porque nunca serei bela. Nunca ninguém olhará com desejo para mim.

— Elas que olhem — diz-me. — Só aceito um beijo da grande vencedora.

— Nesse caso, tenho a certeza de que a *Orbai* terá todo o gosto em te beijar mais tarde.

— Mais depressa me arrancava o nariz!

— Já somos duas. — Aperto-lhe o nariz, e ele geme e esfrega a cara. Ainda estamos os dois a rir quando o ar por cima de nós restolha. Os meus ouvidos enchem-se com o bater familiar de asas.

Um nó gelado de pânico forma-se na minha garganta quando as mulheres à nossa frente se afastam.

— Por favor, não — sussurro, na esperança de que, se não olhar para cima, a *Orbai* não esteja lá. Estará do outro lado da praça, empoleirada no braço do rei, pronta para o teste de precisão: aquele em que as águias têm de capturar uma raposa ou coelho específico, assinalado com uma marca que corresponde a uma ficha tirada de um saco.

Mas é evidente que a *Orbai* escolheu a sua própria marca.

— O que está ela a *fazer*? — pergunta o Serik.

— Não sei, não sei — respondo, com um suspiro ruidoso. Mas *sei*. Posso não ter a minha luva, e não estar a usar a imitação de coroa que uso quando treino as aves do rei — de modo a que elas o reconheçam —, mas a verdade é que não tratei a *Orbai* como as outras águias, fazendo apenas treinos e exercícios de rotina com ela. Tratei-a como se fosse *minha*.

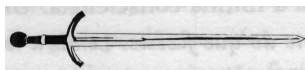
Fecho os olhos e rezo com mais intensidade do que nunca, implorando à Senhora do Céu que a leve para o meio das nuvens, mas a minha águia solta um grito de felicidade e pousa no meu ombro. Agita as penas e dá estalidos com o bico. O som é ensurdecedor contra o silêncio sepulcral que se instalou no pátio.

Levanto os olhos lentamente e vejo que todos estão a olhar para mim e não para o rei, que permanece nos degraus do Palácio

Celeste, esquecido e humilhado.

Mesmo à distância, percebo que o seu belo rosto já não sorri.
Está raivoso.

Capítulo 5



As pessoas demoram menos de cinco segundos a perceber quem sou: uma rapariga coberta de cicatrizes e a coxear, treinadora de águias.

Sou acometida por gritos horrorizados que mais parecem lanças. Alguém atira uma perna de peru trincada à minha cara. A gordura quente escorre-me pelas faces e pedaços da pele colam-se às sobrancelhas. Limpo a sujidade e tapo a cara com as mãos, mas os seus insultos continuam a fustigar-me como o chicote de arame farpado do abade.

Claramente, eu não ganhei um novo nome, como me disse a Ghoe. Os habitantes de Ashkar nunca esquecerão aquilo que sou realmente: uma assassina, um monstro.

Enebish, a *Destruidora*.

Que insensata fui ao pensar que podia esquecer-me disso, mesmo que só por um dia.

A multidão recua, abrindo uma clareira em meu redor e em redor do Serik. Bandeiras e estandartes estatelam-se no chão. Taças de vorkhi e malgas de guisado picante espalham-se pelo chão calcetado. As mulheres cingem os filhos contra as pernas e os homens desembainham os sabres. Enquanto isso, as lágrimas começam a rasar-me os olhos. Levanto a mão para afagar a *Orbai*. Não sei o que mais fazer. Nunca seria capaz de romper pela muralha de espetadores — e não tenho onde me esconder. Estou encurralada como o coelho que a *Orbai* esmagou nas suas garras. E o pior é que ela vai sofrer a mesma sorte que eu.

Tal como o Serik.

Ele permanece ao meu lado, com a mão firmemente agarrada ao meu braço.

— Não entres em pânico. Vai correr tudo bem — sussurra. Um soluço histérico ganha vida nos meus lábios.

— *Vai*. Salva-te.

— Não posso deixar-te aqui. A culpa é minha.

— A culpa é tanto tua como minha. Eu aceitei entrar em Sagaan.

— Porque *eu* te pressionei. — Ele esfrega a mão na cabeça.

A luz do Sol refulge nas armaduras de couro dos guerreiros à medida que eles abrem caminho por entre a multidão. Estremeço e encolho-me ainda mais. Sem dúvida que a Ghoe virá com eles.

Não suportaria vê-la agora. Ela acreditou em mim, confiou em mim, e eu desiludi-a.

Mais uma vez.

Sinto a pulseira que me ofereceu pesada como chumbo no meu pulso. As penas minúsculas são um grilhão que me prende à terra, logo agora que preciso de asas mais do que nunca.

Junto-me ao Serik enquanto os guerreiros se aproximam. As garras da *Orbai* cravam-se no meu ombro, cortantes e afiadas.

— O que fazemos? — sussurro.

O Serik encosta a sua testa à minha e fecha os olhos.

— Rezamos.

É então que perco toda a compostura. Se o Serik está a recorrer à oração, estamos mortos. Ou pior.

— Tenham piedade! — suplico à multidão. — Não vos quero mal. Só queria assistir ao festival.

Coxeio para a frente, com os braços estendidos em submissão, mas as pessoas bradam e recuam.

A guarda do rei irrompe pela multidão e cerca-nos, seguida pelos Kalima. O Serik puxa-me para trás de si, mas isso só nos vale mais um segundo. O Varren, tenente da Ghoe, que é largo como um boi e tem o corpo coberto de tatuagens ondulantes negras, dá um passo em frente e ergue a mão. Um dilúvio desaba do céu limpo. Mas em vez de nos atingir, o que seria uma violação do juramento que proíbe os guerreiros Kalima de desencadearem a fúria dos céus contra os cidadãos de Ashkar, a chuva cai entre nós os dois, como a lâmina de um carrasco, separando-me do Serik.

Através da reluzente parede de água, vejo o Serik a atacar o Varren, que desvia facilmente o ataque, desferindo dois golpes contra o estômago dele e mais um contra o queixo. O estilhaçar de ossos causa-me um arrepio nos braços e grito quando o Serik cai sobre a poça cada vez maior que se está a formar, cuspidando e gemendo como um animal ferido.

Por mais que o Serik não queira admitir, a Ghoea tem razão: ele é um monge — um homem de paz, orações e hinos. Não tem a menor hipótese contra guerreiros convencionais, quanto mais contra o poder do céu.

O Varren passa por cima do vulto encharcado do Serik, atravessa a parede de água, que se abre à sua passagem como uma cortina, e agarra na minha túnica com uma enorme mão ensopada. A *Orbai* voa espavorida, levando consigo o meu lenço azul.

Quando fico com a cara a descoberto, um novo suspiro de horror perpassa a multidão.

Até o Varren faz um esgar e desvia o olhar, o que me esmaga mais do que o seu punho de ferro. Servimos juntos durante *anos*, mas nem ele consegue suportar a visão da minha cara.

Mais dos meus antigos camaradas juntam-se ao Varren, desembainhando os seus sabres como se tivessem pela frente um batalhão de zemyanos em vez de uma rapariga estropiada. A antiga Enebish teria esboçado um sorriso malicioso e encarado isto como um elogio. Mas agora é mais uma estalada na cara. Um lembrete da dimensão da minha queda. Não consigo enfrentar um guerreiro, quanto mais uma dúzia.

A Ghoea surge logo a seguir. Em reverência silenciosa, a multidão afasta-se, abrindo alas para a comandante dos Kalima. As pedras transformam-se em gelo sob as suas botas e a multidão estremece de frio à sua passagem.

Assim que me vê, os seus passos vacilam e os seus olhos abrem-se de espanto.

— Ghoea, perdoa-me — digo, caindo de joelhos. — Foi sem intenção, eu posso explicar...

Tento alcançar a sua perna, mas ela afasta-se, olhando através de mim como se eu não existisse. Como se não me conhecesse.

Agarro os cabelos e balbucio desculpas, desejando que as suas sobrelanceiras se unissem em sinal de raiva ou que a sua boca se contorcesse de forma desdenhosa. A fúria seria preferível àquele menosprezo gélido. A fúria seria uma prova de interesse — por menor que fosse.

Tento convencer-me de que está apenas a proteger a sua reputação. Se demonstrasse clemência, pareceria fraca aos olhos do rei. Mas o seu desdém é de tal forma convincente que receio que, desta feita, ela me tenha abandonado de vez.

O rei é o último a chegar, com a sua voz grave a cortar pelo caos como um canhão de batalha.

— *Tu!* — Aponta-me o dedo onde brilha um anel.

O Varren pisa as minhas costas com a sua bota, rebaixando-me ainda mais, até a minha testa ficar encostada ao chão em sinal de total submissão.

— P-perdoai-me, Majestade. Não quis causar nenhum mal ou ofensa.

O rei resfolega e cospe para a minha nuca — um escarro grosso e molhado que se emaranha no meu cabelo. Em seguida, levanta as mãos e dirige-se à multidão.

— Nada temam! Vou proteger-vos desta perigosa traidora. Levem-na para a escadaria do Palácio Celeste.

A multidão vocifera a sua aprovação e eu solto um grito horriporizado. Apenas duas coisas têm lugar naquela famigerada escadaria. É composta por degraus de mármore branco por dois motivos: primeiro, para fazer lembrar nuvens — uma escadaria celeste que desemboca no resplandecente palácio dourado. Segundo, porque o sangue dos traidores se destaca contra as pedras pálidas e reluzentes.

O medo aperta o meu pescoço como um garrote, à medida que a turba avança para a escadaria, na ânsia de obter a melhor vista para a minha execução.

Não devia ter vindo aqui. Não devia ter saído de Ikh Zuree.

O Serik chama por mim, mas a sua voz é abafada pela turba em tumulto.

Assim que os olhos da multidão já não estão sobre nós, o rei vira-se lentamente. Sustenho a respiração e preparo-me para sentir uma bota nas costelas, mas os seus olhos plúmbeos recaem sobre a Ghoe. Aproxima-se de tal forma que gotículas de saliva pulverizam a cara dela.

— Juraste que a rapariga seria controlada, que não seria um problema ou um perigo. Mas aqui está ela, na minha cidade, a estragar os meus festejos, a escarnecer de mim numa altura em que não me posso dar ao luxo de parecer fraco!

Tyberion nunca esqueceu os tumultos que foram desencadeados assim que o seu pai morreu. Como as pessoas o rejeitaram e quase o depuseram, por não ter um poder Kalima.

O seu manto emplumado estremece e ele pressiona um dedo contra o peito da Ghoe.

— Desiludiste-me.

A cara dela brilha com gotículas de suor e a sua garganta move-se descompassadamente. Parece estar prestes a vomitar, enquanto balbucia um pedido de desculpas. Cada palavra sufocada corta a minha carne como uma lâmina, porque sou *eu* a culpada. Devia estar prostrada. A Ghoe não fez nada de mal; só estava a tentar ajudar-me, a mim e ao Serik. Está *sempre* a tentar ajudar-nos. Somos o seu único ponto fraco. A fenda na sua armadura. E o rei sabe disso.

Faço uma prece silenciosa à Senhora do Céu, implorando-Lhe que volte os raios incandescentes do Sol contra mim. Que me desfaça em pó e espalhe as minhas cinzas. O que for preciso para melhorar a situação da Ghoe. Mas até a Deusa deve estar envergonhada, pois permaneço onde estou. Inútil e desgraçada.

Levanto a cabeça e murmuro a palavra *perdoa-me*, mas a Ghoe mantém o olhar fixo no rei.

— Perdoai-me, Majestade. Garanto que tal não volta a acontecer — diz, tentando endurecer as suas palavras com a força do aço.

— Sem dúvida que não. Porque vamos abater este monstro, como devíamos ter feito há dois anos. E serás tu o carrasco, comandante, visto que foste tu que não conseguiste mantê-la sob controlo.

— *Não!* — Assim que a palavra passa os seus lábios, a Ghoea leva a mão à boca. — Quer dizer...

— *Sim* — sibila o rei. Faz sinal ao Varren e aos outros guerreiros Kalima que me rodeiam. — Tragam a rapariga.

— Por favor, isso não! — suplico. — Tende piedade.

Não peço por mim, é uma causa perdida. Mas não posso pôr a Ghoea nesta situação horrível.

Os Kalima arrastam-me para a frente e dores lancinantes acometem o meu braço mutilado. Grito e debato-me, mas isso só aflige ainda mais a multidão. O que faz com que os meus captores reforcem o seu aperto. Um círculo vicioso de tortura e humilhação.

O Serik soergue-se nos cotovelos e procura alcançar a minha bota quando eles me arrastam, mas um Encantador da Brisa envia uma rajada de terra e neve contra a sua cara e ele volta a soçobrar, inerte no seu capote sujo e puído.

É preferível que ele não veja. Não precisa de arcar com a culpa.

Os Kalima arrastam-me pelos degraus da escadaria do palácio, lanço após doloroso lanço, até chegarmos ao último patamar. As portas pesadas abrem-se e detrás delas surge um guarda empurrando um cadafalso de madeira alto — quatro traves pregadas como a moldura de um quadro. O instrumento de tortura chama-se zurig, e só de o ver sinto um ardor nas articulações, visto que serei eu a obra de arte mutilada que vai adorná-lo. Esticada como uma tela até ser dilacerada.

Com mãos rudes, estendem os meus braços por cima da cabeça e fixam-nos nos cantos superiores. Fazem o mesmo com as minhas pernas, prendendo-as à parte inferior dos postes.

Lá em baixo, o povo urra em aprovação, com olhares febris de excitação macabra. Não se parecem minimamente com os compatriotas sorridentes com quem eu festejava há poucos minutos. Quase tão vorazes como os monges de Ikh Zuree. Os Evocadores da Neve dos Kalima têm de erguer um muro para os impedir de avançar para a escadaria.

O rei sobe os degraus com passadas lentas e intencionais. Quero odiá-lo, mas seria como odiar um urso por defender as crias. Ele vive, respira e luta pelo bem-estar do seu povo. E não são apenas os Ashkarianos. Ele defende e acalenta Verdenet e os outros protetorados. Sempre o admirei, mesmo quando discordava das suas inclinações religiosas, e é por isso que me custa ver os seus lábios enrugados e olhar apreensivo. Ainda há pouco tempo olhava para mim com confiança e orgulho, e quando ele se aproxima, imploro-lhe que me *veja*, que reconheça a guerreira que fui, apenas uma vez que seja antes de eu morrer.

Mas ele ignora-me como se fosse uma rocha ou uma árvore — um objeto inanimado que passa despercebido.

Soçobro com um gemido.

A Ghoe assume o seu lugar ao lado do rei nos degraus por baixo de mim. O seu cabelo castanho soltou-se da trança e pende-lhe sobre a cara, mas mesmo assim consigo descortinar a sua expressão. Novamente diferente. Em vez de ter os olhos esbugalhados como um cavalo assustado, o seu queixo está firme e a sua postura, rígida. Pronuncia-se numa voz baixa e persuasiva.

— Peço-vos que reconsideréis, Majestade. Vós próprios dissestes que a Enebish é a melhor treinadora de águias que alguma vez vos serviu. E ela serviu durante muitos anos no Exército Imperial. Peço-vos que atenuéis a sua pena.

O rei abana a cabeça e flocos de neve soltam-se do seu chapéu de pelo carmesim.

— De que me serve uma serva que perturba a competição para a qual as minhas aves são treinadas? Ela é um transtorno. Um perigo. Tanto no campo de batalha como fora dele.

— Ela é uma pobre rapariga mutilada. — A voz da Ghoe falha, fazendo com que o rei a encare. Um assomo de ternura inesperada atenua o seu semblante carregado. — Puni-a, claro está — prossegue a Ghoe num sussurro —, mas permiti que a leve de volta para Ikh Zuree. Ainda não anunciastes a sua pena, por isso ninguém vos tomará por fraco. Peço-vos este favor como comandante dos guerreiros Kalima. Como a vossa mais devota serva.

O rei estuda o belo rosto dela durante tanto tempo que a multidão começa a murmurar. Mas a Ghoe está hirta e resoluta, com os olhos fixos nos do rei.

— Pois bem — cede por fim. — Presumo que não haja necessidade de desperdiçar uma boa serva. Porém, ela tem de aprender qual é o seu lugar. Ninguém vai interferir com o seu castigo, nem mesmo tu. — Aponta para a Ghoe, depois vira-se e o seu dedo em riste abrange toda a multidão. — Ficaré suspensa durante duas horas e ninguém se aproximará dela. Ninguém terá compaixão por ela. E serás tu a apertar as cordas — ordena à Ghoe.

Com um ligeiro aceno, ela galga os últimos degraus até chegar junto do zurig. Os seus dedos tremem enquanto agarram na corda presa ao meu braço estropeado.

— Perdoa-me, Enebish — murmura.

— A culpa não é tua — digo-lhe, ansiando por poder pegar na sua mão e dar-lhe força. Consigo inclusivamente comprimir os lábios num ligeiro sorriso. Não vou tornar toda esta situação ainda pior para ela.

— A culpa é minha, sim.

— Não, foste muito amável em dar-nos esta oportunidade. Desiludi-te.

— Sinto muito — diz, baixando a cabeça. Em seguida, estica a corda.

Uma dor agonizante percorre o meu ombro. Por instantes, tudo escurece à minha volta e os degraus de mármore parecem esboroar-se debaixo dos meus pés. Quando recupero a visão, todo o pátio real está de pernas para o ar e inclinado. Os archotes estão

desfocados como estrelas-cadentes. Os rostos horrorizados da multidão amalgamam-se como manteiga numa batedeira, até conseguir ver apenas um rosto hediondo. Um esgar coletivo. A tarte de amora que comi ameaça vir cá para fora quando a Ghoe dá um nó e avança para o seguinte.

Os seus dedos hesitam ligeiramente e o rei franze o sobrolho.

— Devo pedir a outro que termine a tarefa?

Vários elementos dos Kalima dão um passo em frente, como se aguardassem as suas ordens.

A Ghoe fulmina-os com o olhar e puxa a corda com todas as suas forças. Grito e contorço-me. Escorrem-me lágrimas dos olhos. Mas, no meu íntimo, agradeço à minha irmã; o seu puxão mais violento é certamente mais meigo do que o mais fraco de qualquer um dos outros guerreiros. Ainda assim, uma dor lancinante penetra os meus ossos. Ao esticar um braço, o outro fica também tenso, desencaixando da articulação. Um grito forma-se na minha garganta e brado até não me restar ar nos pulmões. O som é monstruoso, até mesmo para os meus ouvidos, e a multidão berra e brame como um rebanho de ovelhas cercadas por lobos.

— *Animal!* — invetivam. — *Destruidora!*

O rei ergue as mãos, incentivando-os a aumentarem os apupos e insultos.

Um a um, os meus membros são retesados até eu deixar de estar apoiada no chão, mas suspensa no zurig como uma estrela de cinco pontas. O peso do meu corpo faz-me balançar para a frente e para trás. O suor escorre-me pela fronte, causando um ardor nos olhos, e o meu fôlego é exalado em grandes golfadas. Debato-me e rujo como um animal apanhado numa armadilha.

Como um monstro.

Essa pequena admissão é o suficiente; o mal que fervilha dentro de mim ganha vida, estendendo as suas garras e espraiando as suas asas curtidas.

Não, não, não! Inclino a cabeça para trás, implorando à Senhora do Céu que me dê forças. Hoje, o Seu reino é da cor dos pequenos

pingentes de gelo que se agarram às árvores — um azul pálido e translúcido. Tão belo e perfeito. Porém, dolorosamente longínquo. O céu esteve sempre tão distante? Ou será que, por fim, também Ela me abandonou?

Frenética e ofegante, a minha prece silencia-se, e eu percebo que estou sozinha na escadaria do palácio. A Ghoe e os guerreiros Kalima seguiram o rei até ao pátio, onde assistirão ao meu suplício durante duas longas horas.

Os minutos passam lentamente. Emprego esforços para os contar, na esperança de que isso me distraia da dor e me ajude a acalmar o monstro, e isso resulta durante algum tempo. Mas à medida que o Sol vai subindo no céu, queimando-me a pele e encandeando-me — intensificado pelos Fogueiros do Sol dos Kalima —, perco o fio à meada. Sinto a mente a distorcer-se. O nó no meu estômago intensifica-se, assim como o aperto insidioso que sinto no fundo da garganta. A minha língua está tão áspera e inchada que mal consigo engolir.

A cada nova onda de dor, o monstro ganha algum terreno, galgando as minhas costelas como se trepasse por um escadote.

Em breve, libertar-se-á do meu corpo, apoderar-se-á da minha capacidade adormecida de urdir a noite, e aí sim os cidadãos que enchem a praça terão motivos para urrar.

— Por favor! — soluço. — Ajuda-me.

A Ghoe encara-me com o olhar vítreo, mas permanece junto do rei.

A minha respiração torna-se mais acelerada. O monstro rasteja mais para cima. Quanto mais me debato e contorço para o manter enjaulado, mais altos são os gritos da turba no pátio. O número de vozes aumenta e as pessoas começam a apontar. Mas não para mim.

Para cima de mim.

Pum. Pum. Pum.

Telhas lacadas caem do telhado e estilhaçam-se à minha volta como uma chuva de ouro. Afinal de contas, talvez a Senhora do Céu

tenha ouvido a minha prece. Não era isto que eu tinha em mente quando pedi para ser libertada, mas talvez ser esmagada seja uma benesse. É sem dúvida melhor do que arrasar uma cidade cheia de almas inocentes.

Só quando ouço os grunhidos e os gritos é que percebo que há *gente* a cair do telhado juntamente com as telhas. Três figuras que envergam túnicas cinzentas dão mortais pelo ar e aterram junto ao zurig, desembainhando sabres longos e curvos. Tento gritar, mas a minha garganta está demasiado áspera e seca. Só podem ser guerreiros zemyanos. Não podia haver melhor altura para atacarem — durante o Qusbegi, quando a cidade está distraída e desprevenida.

Só que estes três não têm o porte altaneiro ou a figura esguia dos Zemyanos. São compactos e robustos, e os seus cabelos são negros e castanhos, não têm o tom dourado da areia ou branco-prateado das ondas. Porém, e segundo os relatos da Ghoe, tal pode dever-se à sua magia. Podem estar a esconder o seu verdadeiro aspeto com recurso à magia negra.

Com o ribombar de um trovão e o brilho ofuscante de um relâmpago, os guerreiros Kalima galgam os degraus e desencadeiam uma tempestade defensiva contra os intrusos. Protegem o palácio com vento, chuva e neve, com calor, frio e nevoeiro — mas as figuras cinzentas são céleres. Uma delas lança uma esfera de estanho pelas escadas, e espirais densas de fumo cor de safira sobem pelo ar, abrandando o avanço dos Kalima e obstruindo os seus golpes.

O fumo azul cheira a cravinho e corda queimada, e incha até se tornar mais denso do que uma muralha de pedra. Não consigo ver os intrusos, mas ouço as suas botas em passos acelerados à minha volta.

Fecho os olhos e grito. Já estarei morta quando os Kalima chegarem junto de mim.

As cordas presas aos meus braços estremecem e um zumbido estridente enche os meus ouvidos.

Não, não é um zumbido. É o barulho de um *serrote*.

O meu coração palpita e os meus gritos esvanecem-se. Não seria mais simples cravarem-me um sabre no coração enquanto estou pendurada e indefesa?

Com um estalido, o meu braço direito fica livre. A outra corda parte-se um segundo depois. Fecho os olhos e protejo a cara com a mão boa enquanto caio para o chão, mas sou amparada por braços sólidos.

— Calma.

A voz é grave, mas as palavras não são melífluas e polidas nem têm a cadência suave dos Zemyanos. São ásperas e contundentes. Inequivocamente ashkarianas. Olho para cima e a minha visão só pode estar distorcida pela dor ou talvez o fumo me faça alucinar, pois estou nos braços do rapaz mais belo que alguma vez vi. Uma crista de cabelo negro escarpado pende sobre os seus olhos dourados, e a sua pele reluz como cobre polido. Devo estar inconsciente. Ou morta. A viajar pelos sete níveis do Paraíso ao encontro da Senhora do Céu.

— Tu. — Olha fixamente para mim durante um segundo, mas recupera rapidamente. — Parecias estar desconfortável ali em cima. — Aponta para o instrumento de tortura e esboça um sorriso mais branco do que os cumes das montanhas.

— Estou morta? — balbucio. — És um espírito enviado pelos antepassados?

Ele ri-se.

— Estás viva, e eu de espírito não tenho nada. — As cordas que me prendem as pernas caem e um dos seus camaradas grita.

Sem o menor aviso, o rapaz atira-me para cima dos ombros como um cordeiro e desata a correr na direção do Palácio Celeste. As suas mãos calejadas apertam-me os tornozelos e pulsos numa tentativa de me impedir de sacolejar, mas, não obstante, gemo a cada passo. As lágrimas humedecem a minha marca da traição e mechas do seu cabelo desalinhado agarram-se à humidade.

À medida que a névoa azul se dissipa, as rajadas de chuva e neve dos Kalima tornam-se mais violentas e precisas. Os companheiros do rapaz gritam qualquer coisa e, de seguida, escalam o

palácio com a destreza de leopardos, evitando punhais de gelo. A nossa subida não é tão rápida, comigo pendurada como uma mó ao pescoço do rapaz. Ele solta um impropério e baixa-se, evitando por pouco um relâmpago que estilhaça a coluna de mármore à nossa direita.

— Maldição, vais ter de me ajudar um pouco. — Ele reposiciona os meus braços e eu cerro os dentes e tento erguer-me, mas o zurig transformou os meus músculos em papa. Uma lâmina de gelo roça a orelha do rapaz, arrancando dois brincos de ouro e uma quantidade considerável de carne. O sangue escorre-lhe para a túnica. Ele arfa e olha para os seus camaradas, mas eles já vão longe.

— Vai — digo-lhe. — Não há motivo para sermos os dois apanhados.

Ele hesita por instantes antes de saltar para o chão e de me soltar.

— Precisamos de ti. Procura-nos — diz, com fogo no seu olhar felino. Em seguida, aperta-me o antebraço uma vez e desaparece pelo Palácio Celeste acima ainda mais depressa do que os outros.

— Apanhem-nos! — vocifera o rei.

A Ghoe e os Kalima passam por mim e quase me atropelam. O Varren apanha a parte de baixo da túnica do rapaz, mas o tecido rasga-se e ele galga a parede. O rei grita até ficar azul e a Ghoe berra ordens, enquanto os restantes guerreiros dão a volta ao palácio como ratos em fuga.

Fico sentada no meio do pandemónio, esquecida. Esfregando o antebraço compulsivamente.

Quando o meu salvador de cinzento alcança o telhado mais elevado, os seus camaradas passam correntes por um cabo negro preso ao cimo do Palácio Celeste e deslizam para longe, sobrevoando os estandartes do Festival Qusbegi e saltando para as ruas sinuosas de Sagaan. O rapaz do cabelo espetado vai atrás deles. Quando se afasta, grita algo que não consigo ouvir. Qualquer coisa sobre a Terra e as estrelas.

Olho para o telhado vazio, quase certa de que tudo aquilo foi apenas um sonho. Quem são eles? E que motivos teriam para me salvarem da humilhação pública?

A turba que está no pátio está em polvorosa. As suas vozes são um misto de assombro e medo, enquanto entoam um único nome vezes sem conta.

Temujin. Temujin. Temujin.

É óbvio que o rapaz é alguém famoso — ou infame, a julgar pelas pragas que voam dos lábios do rei —, mas eu aclamo-o em silêncio por me ter livrado do zurig. E as suas mãos eram tão suaves, as suas palavras, tão meigas. Não sei porque é que ele e os seus amigos arriscaram as vidas para me salvar, mas a verdade é que o fizeram, e isso deve ter algum significado.

Preciso que tenha algum significado.

Ainda estou a sorrir, estonteada, na direção do telhado quando o Varren agarra o meu braço estropeado — de propósito — e me põe de pé. Todo ele irradia desprezo, como se de alguma forma aquilo fosse culpa minha.

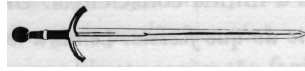
Como se pensasse que eu estava de conluio com os atacantes.

Uma pedra de gelo forma-se nas minhas entranhas. O meu fôlego sai numa pieira.

— Não é o que estás a pensar! — Mas ele prende-me os braços atrás das costas e arrasta-me pelo patamar.

Em direção à Ghoha e ao rei.

Capítulo 6



— Por favor! — gaguejo. — Não os conheço. Não pedi...

— Engole as tuas mentiras. Eu vi o teu sorriso traiçoeiro. — O Varren tenta obrigar-me a prostrar-me diante do rei, mas este agarra-me pelos bíceps e atira-me para trás.

— Sai da minha frente!

Com um grito, caio até meio da escadaria e aterro virada para os céus.

— Levem-na de volta para Ikh Zuree e interroguem-na! — vocifera o rei. Empurra um Varren boquiaberto para o lado e atravessa o patamar. A Ghoe vai atrás dele como um cachorro obediente.

Engasgada em lágrimas de gratidão, deixo a cabeça tombar para trás e agradeço à Senhora do Céu por este segundo milagre, mesmo enquanto o Varren e vários outros elementos dos Kalima me atam os pulsos e tornozelos e me empurram para a carroça das águias.

Somos um grupo soturno e silencioso a atravessar a pradaria sob um céu crepuscular tingido de violeta. A nossa comitiva mais do que duplicou de tamanho desde a viagem Sagaan. Em vez de ser apenas eu, o Serik, as águias e a estrada aberta, a Ghoe escolta-nos juntamente com o Varren e três elementos da guarda pessoal do rei, que a observam com olhos afilados. Claro que ela finge não se incomodar com a presença deles, mas pequenos pingentes de gelo escorrem das rédeas do seu cavalo. A guarda do rei nunca acompanha os Kalima — nunca tal foi necessário. A Ghoe sempre esteve acima de qualquer suspeita.

Sinto o estômago às voltas. A minha irmã valoriza o seu estatuto e honra acima de tudo, e eu pus em risco essas duas coisas.

Olho para a belíssima pulseira de penas e sou acometida pelas recordações: o rosto encorajador da Ghoe debruçado sobre o

corrimão do poço de luta livre, incentivando-me a baixar-me e a desferir golpes mais contundentes; a forma magnânima como ela permitiu que eu ficasse com os louros quando atacámos uma caravana de abastecimento zemyana e regressámos com um carregamento de carne seca; e a velocidade furiosa com que ela atravessou o campo de batalha e me colocou em segurança quando uma flecha perfurou a minha coxa na Batalha das Areias Ondulantes.

Quantas vezes é que ela me deu alento e me protegeu?

Quantas vezes é que eu a desiludi?

— Desculpa — digo, num sussurro engolido pelo chocalho da carroça. Pigarreio e tento novamente, mas uma corrente de ar gelado queima-me os pulmões.

É evidente que a Ghoe ainda não está pronta para falar. O seu cabelo é alvo como a neve fresca e os seus lábios brilham azuis ao luar nascente. Mas o pior de tudo são os seus olhos vazios e cabisbaixos.

A dor que sinto no peito agudiza-se. Não voltarei a desobedecer-lhe. Não voltarei a sair do mosteiro — ou sequer a pedir tal favor.

Não há nada à minha espera cá fora. Agora, estou ciente disso. Sou temida e odiada pelos habitantes de Ashkar. Ainda sinto os seus terríveis insultos a picarem e a morderem-me a pele:

Monstro. Animal. Assassina.

É o que pensam de mim.

Exceto os meus salvadores de cinzento.

Quem *seriam*? É evidente que os guerreiros sabem. Sussurram e trocam olhares furtivos. Colo o ouvido às paredes da carroça, mas as suas vozes são abafadas pelos cascos dos cavalos. Seja como for, nada disso importa. Vou exilar-me no mosteiro, tratar das águias e desaparecer até os habitantes de Ashkar e, mais importante ainda, o rei terem esquecido a rapariga perigosa que estragou o Festival Qusbegi.

O que significa que nunca saberei a verdade sobre os meus heróis misteriosos.

À medida que avançamos pelo caminho, o céu vai ficando mais escuro — uma mancha negra de meia-noite toma o lugar das nuvens fúcsia. Mesmo a tempo, os tentáculos da noite caem dos ramos pendentes das árvores. Deslizam pelas ervas altas e enroscam-se à volta dos meus tornozelos, que balançam, mas desta vez desfaço-me deles sem problemas, consumida por preocupações maiores e dores mais agudas.

O Serik segue a coxear ao lado da carroça, em silêncio pela primeira vez na vida. Quando as imponentes muralhas brancas de Ikh Zuree surgem através da neblina, ambos estremecemos. A ansiedade agita-se no meu peito como um pássaro selvagem. Mais do que nunca, o mosteiro assemelha-se a uma prisão.

Mereces ficar encarcerada, recordo-me à medida que passamos pelos portões.

Com um aceno, a Ghoe dispensa os Kalima e a guarda do rei para que cuidem das montadas e depois vira-se para mim.

O seu olhar penetra o meu âmago com a força de um aríete, e eu encolho-me ainda mais, na esperança de poder afundar-me no piso da carroça.

O Serik pragueja ao meu lado — também os seus medos vêm ao de cima. A Ghoe enviou um mensageiro com antecedência para avisar o abade do sucedido, e o velho aproxima-se a coxear pelo pátio com uma rapidez assustadora, com as sobancelhas sumidas franzidas e brandindo a bengala como um cacete. Puxa a orelha do Serik arrastando-o pelo complexo, sem complacência pelas suas lesões.

A última vez que vi o abade tão furioso — depois de o Serik ter rasgado todas as páginas do livro de transgressões de cujas iluminuras ficara encarregado e de as ter espalhado como palha nas baías das mulas —, trancou o Serik num templo e recusou-se a libertá-lo antes de este recitar dez mil atos de contrição. Mas o Serik arrombou a fechadura e deitou fogo ao templo. Quando o abade o encontrou na manhã seguinte a dançar sobre as cinzas, não tive a menor dúvida de que o Serik seria expulso do mosteiro. E ele também não. Mas o abade não estava disposto a perder esta guerra

santa. Como a libertação era aquilo que o Serik mais desejava, o abade escavou-lhe um «templo» subterrâneo especial, e desde então é lá que ele cumpre os seus castigos. Por esta altura, creio que já passou mais tempo de vida no subsolo do que a céu aberto.

Para mérito do Serik, ele não se debate nem clama. Olha para mim, numa expressão de grande infelicidade, mas com a promessa no olhar: virá ter comigo assim que sair em liberdade.

Consigo esboçar um leve aceno, na esperança de que ele saiba quão grata estou pelo seu sacrifício. O rapaz com o cabelo negro espetado pode ter-me salvado, mas o Serik foi o primeiro — protegendo-me do Varren e da multidão. O seu pobre rosto está coberto de hematomas, e nada me daria mais prazer do que aplicar hamamélis e folhas de eucalipto nas suas mazelas.

— Vai para o teu quarto, Enebish — ordena a Ghoe. Ela desmonta e solta a cilha do cavalo. — Depois de dar água ao cavalo, irei falar contigo.

— E as águias? — digo, num tom de voz tão sumido que nem tenho a certeza de que ela me tenha ouvido. Nem eu própria me ouço com o batuque ensurdecido da minha pulsação. Não quero que pense que estou a afrontá-la, mas alguém tem de guardar as aves.

— *Alguém* há de cuidar das águias. — As suas palavras são proferidas de forma contundente e incontestável. Mas não está a dizer que é para sempre, pois não? — *Vai*, Enebish.

A Ghoe faz pender sobre mim todo o peso da sua desilusão: olhos fulminantes e lábios comprimidos. É uma lança cravada no meu coração enquanto me esforço por descer da carroça.

Já no quarto, dispo a túnica, que está suja e irremediavelmente rasgada, e volto a vestir o meu traje de penitência. É velho e de um castanho esbatido, as extremidades puídas como pergaminho. Faz-me sentir humilde e penitente. Espero que também transmita essa imagem. Enquanto esvazio a sacola e arrumo a roupa que deixara num desalinho de manhã, encontro a minha boneca de oração e cinjo o seu corpo suave junto ao peito. Sussurro ao seu ouvido e

peço força e clemência, desejando poder voltar atrás no tempo e nunca ter saído de Ikh Zuree.

— Foi um erro tremendo — murmuro enquanto arrumo a boneca na minha arca, por baixo de um monte de vestes e lenços. Em seguida, fecho a tampa com um grunhido e engulo em seco ao sentir o sabor a falsidade das palavras nos meus lábios. Nem tudo foi mau. A paisagem era maravilhosa — o céu de cristal e as ervas cobertas de geada. E o santuário da Senhora do Céu permanecerá para sempre como um monumento na minha memória. O riso do Serik era tão audível, a sua companhia um deleite. E a *Orbai* foi um regalo: ouro puro, músculo e vento, deambulando por entre as nuvens.

E, claro, Temujin.

Sinto a pulsação acelerada quando penso nele a tocar no meu braço sem se encolher, enojado. Ainda ouço a determinação indômita na sua voz e vejo a forma como os seus músculos se contorciam debaixo da túnica à medida que ele escalava o Palácio Celeste.

Solto um gemido e encosto-me à arca. Estou mortificada pelos problemas que causei à Ghoea, mas não lamento tudo o resto. Pelo menos, não tanto como devia. E ela vai saber.

Com dedos trémulos, desfaço a trança e a densa cortina preta dos meus cabelos cobre-me o rosto. No momento seguinte, uma pancada seca na porta do quarto. Conto ver a Ghoea a entrar como uma rajada de ar ártico, mas ela limpa cuidadosamente o gelo das suas botas e despe o capote. A sua expressão é difícil de ler: a boca é um corte vermelho fino e os olhos estão semicerrados em rasgos de desilusão. Mas longe do olhar perscrutador dos guerreiros, noto mais qualquer coisa. Os seus dedos tateiam a faixa de couro que traz à cintura, e ela não para de olhar para a janela. E depois para a porta. Abre o colarinho como se não conseguisse respirar.

A culpa cai sobre mim como uma avalanche. A Ghoea nunca tem medo. Nunca revela fraqueza ou dúvida. O meu coração desfaz-se em mil pedaços quando a vejo cambalear pelo quarto.

— Desculpa — choramingo, atirando-me para o chão. — Por favor, perdoa-me. Pede o que quiseres, faço o que for preciso. — Enumero uma série de castigos que posso infligir a mim própria, mas a Ghoe insta-me a levantar. Deixa-se cair sobre a minha arca e inclina-se para a frente, enfiando a cabeça entre as mãos.

Em silêncio, sento-me ao seu lado.

— Fazes ideia do estrago que causaste? — atira, após uma longa pausa. — O Rei Celeste está a pôr em causa não só a minha competência como comandante mas também a minha lealdade, porque pensa que estás envolvida com o Temujin.

— Desculpa, não queria...

— De onde é que o conheces? — interrompe.

— Não conheço. Não faço ideia porque é que ele me ajudou. A Ghoe vira-se e olha para mim com os olhos vermelhos.

— Depois de tudo o que fiz por ti... por favor, diz-me que não serias capaz de me mentir.

Abano a cabeça de imediato.

— Claro que não. Juro. Nunca tinha ouvido falar do Temujin.

— Como é isso possível? *Todos* sabem quem ele é.

Encolho os ombros e faço um gesto que abarca o meu quarto. É do tamanho de uma baia de cavalo, mal chega para um colchão, uma arca e um tapete esfarrapado.

— Passa-nos muita coisa ao lado quando o nosso mundo se resume a isto. Não que me esteja a queixar — acrescento rapidamente quando o ar se torna marginalmente mais frio. — Estou grata pelo meu lugar aqui, mas *nunca* saio de Ikh Zuree. Sou como um peixe que não imagina que existe todo um oceano para lá do seu lago.

A Ghoe olha fixamente para mim, com o seu olhar cético a perscrutar a minha cara, mas não vacilo porque *não* sei mesmo quem é Temujin. Por fim, o ar torna-se mais ameno e ela exala um longo suspiro de cansaço. Leva a mão à bota e retira algo pequeno e cinzento — o pedaço de tecido que o Varren rasgou da túnica de Temujin.

— O Temujin não só é um traidor — diz-me a Ghoha, esfregando o tecido entre os dedos —, como é um ladrão hostil, um impostor perigoso e uma ameaça para Ashkar. Há meses que o Rei Celeste lhe dá caça, a ele e ao seu bando de rebeldes.

As asas de esperança que batiam no meu peito despenham-se no fundo do meu estômago, onde apodrecem como carne estragada. Todas aquelas ilusões que tive de heróis e salvadores, mas claro que o Temujin tinha de ser um criminoso. Quem mais ajudaria Enebish, a *Destruidora*?

— O que fez ele? — pergunto em surdina, receosa de ouvir a resposta. Nem sequer conheço o rapaz, mas a ideia de que possa ser um assassino causa-me um aperto no coração de desapontamento. Preciso que ele seja bom porque preciso que alguém acredite que eu sou boa, e ser salva por um criminoso, basicamente, prova o contrário.

— É o líder dos Shoniin. — A Ghoha aguarda, estudando o meu rosto. De alguma forma, consigo manter a expressão neutra, apesar de os meus pensamentos estarem a galopar mais depressa do que os cavalos das corridas de Qusbegi. Segundo a lenda proscrita, os Shoniin eram um grupo místico de xamãs — os mais antigos e mais devotos seguidores dos Primeiros Deuses. Estará ela a insinuar o meu culto secreto? Estará a tentar apanhar-me em mais do que uma transgressão?

— São os traidores que rejeitam as reformas do Rei Celeste e continuam a prestar culto àquela deusa do céu, sabes? — insiste. — Já debes ter ouvido falar deles. — Aceno cautelosamente e ela prossegue com grande zelo. — Sussurram blasfémias às suas bonecas de oração perversas e dedicam-se às artes divinatórias e às curas contranatura e, pior de tudo, recusam-se a cumprir o serviço militar. São *desertores*, Enebish.

Por mais contente que tenha ficado por saber que há outros que ainda acreditam como eu, esta última afirmação é como uma faca nas minhas costelas.

Não há maior honra e galardão do que ser um guerreiro ashkariano. A sede de batalha está entretecida na tessitura do

nosso ser, e a conquista é a linha vital da nossa economia. Ao impor continuamente os padrões azuis e dourados de Ashkar e acolhendo mais protetorados no império, expandimos os nossos terrenos de pasto, renovamos as nossas manadas e obtemos mais recursos. Há poucos homens ricos no Império Unificado, mas também há poucos homens pobres.

O nosso estilo de vida conquistador também nos proporciona a união necessária. Enquanto nação, somos uma manta de retalhos com fronteiras em constante mutação e povos variados — dos habitantes de olhos escuros dos desertos de Verdenet, onde tenho as minhas origens, até ao povo do rio com cabelos louros dos pântanos de Namaag e aos robustos pescadores no gelo de Chotgor —, e é a causa da guerra que nos une. Ao lutarmos lado a lado, formamos uma irmandade. Criamos laços inabaláveis. Eles fazem parte de nós e nós fazemos parte deles, e juntos elevamos Ashkar a novos patamares.

Furtar-se ao chamamento é a maior vergonha que se pode imaginar. Uma abominação aos olhos do Rei Celeste e da Senhora do Céu. A única coisa em que todos estão de acordo, em todas as línguas e culturas.

— Desertores — repete a Ghoha, com o desdém a escorrer de cada sílaba. — E o Temujin é o pior deles todos, o instigador. Desertou do seu posto em Novesti há pouco mais de um ano, abandonando 300 homens à morte às mãos dos Zemyanos, e incentivou outros guerreiros a fazerem o mesmo. E eles seguem-no porque ele afirma ter sido escolhido pela Deusa.

Já imaginaste? Mas não há nada de divino em roubar canhões, atacar caravanas de abastecimento, atrair guerreiros para a traição e resgatar criminosos condenados. Inúmeros atos vergonhosos que têm de ser travados.

Passo o dedo pela bainha esburacada das minhas vestes, incapaz de levantar os olhos. Porque *eu* faço parte desses criminosos condenados. Mais um ato vergonhoso. A Ghoha nem sequer reconhece a sua ofensa. Continua a resmungar e a torcer o tecido cinzento nas mãos.

— Eles cospem no dever que têm para com o nosso país e o nosso rei, e eu não permitirei tal coisa.

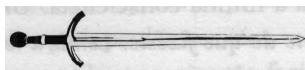
— Decerto tu e os Kalima conseguem capturar o Temujin e pôr cobro a isto. Deve ser fácil para guerreiros altamente treinados encontrar um rapaz e um punhado de Shoniin.

— Seria de esperar que sim... — diz a Ghoa, apertando ansiosamente o seu rabo de cavalo. E, de repente, tudo faz sentido. Foi por *isto* que ela voltou a Sagaan. *Ele*, o Temujin, é o motivo para ter regressado. *Tenho uma missão especial*, não foi isso que ela disse?

— Foste incumbida da missão de o capturar — concluo. Uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim. — Olha para a porta do meu quarto durante tanto tempo que tenho a certeza de que o assunto ficou por ali. Afinal de contas, é um assunto oficial, e eu já não estou na esfera dessas matérias. É por isso que quase caio ao chão quando ela espalma o tecido contra a arca e se vira para mim. O seu fôlego gelado queima-me as faces. — E tu, Enebish, vais ajudar-me.

Capítulo 7



Fico à espera da gargalhada da Ghoha.

Só pode estar a brincar comigo. A impor o castigo mais cruel de todos. Mas os segundos vão passando e o seu olhar continua fixo — expetante.

Sinto um assomo de esperança no peito. Um anseio queima-me a garganta, e levanto-me de repente.

— Estás a falar a sério?

Antes que ela responda, a minha perna estropiada dá de si e eu caio contra a arca. Devido ao zurig, estou ainda mais frágil e cambaleante do que o normal — como as árvores retorcidas e batidas pelo vento que pontilham a pradaria. Olho fixamente para os meus pés.

— Olha para mim. É ridículo pensar que sou *capaz* de caçar o Temujin. Viste-o a escalar o Palácio Celeste e a voar por cima dos estandartes. Nunca seria capaz de o acompanhar. Sou uma sombra da guerreira que fui outrora.

— A força pode ser recuperada. — A Ghoha desembainha e empunha o seu sabre. O aço gravado brilha à média luz, e os meus dedos formigam na ânsia de pegar no punho. Sentir o peso perfeitamente equilibrado do cabo e da lâmina na minha mão.

Sentir os meus calos antigos, esquecidos há tanto tempo, ressurgirem na pele.

Mas é impossível.

Coloco o braço sobre o peito.

— Porque sugeres sequer tal coisa? Não posso sair sozinha; sabes disso melhor do que ninguém. — Os insultos maldosos da multidão ainda soam nos meus ouvidos. Consigo sentir os seus rostos raivosos e as garras do monstro a rasgar-me a pele. — Mal consegui conter-me — confesso.

A Ghoa afasta suavemente o meu braço ferido e toca na pedra que está embutida na minha clavícula.

— Tens de ter confiança, na pedra da lua e em ti.

— Deixei de ter confiança em mim quando massacrei mercados inocentes. Porque não vais tu? Ou envia o Varren ou qualquer outro elemento dos Kalima.

— Porque o Temujin e os seus Shoniin estão sempre alerta. Evitam qualquer um que se assemelhe minimamente a um guerreiro. Mas alguém como tu...

Alguém hediondo, maculado e desprezado. A Ghoa não profere as palavras, claro, mas é como se o tivesse feito. Ressoam nos meus ouvidos como tambores de guerra.

— Ele salvou-te — insiste, como se isso tivesse algum significado. — Seria natural que te recrutasse. Escusavas de o caçar.

Precisamos de ti. Procura-nos.

Olho para a Ghoa pelo canto do olho. Ela estava no fundo da escadaria do palácio. Não pode ter ouvido. E tenho a certeza de que o Temujin não tenciona cumprir a sua palavra. O seu grupo não precisaria de uma guerreira fraca e caída em desgraça.

— Ele só estava a tentar irritar o rei. Não teve nada que ver comigo especificamente.

— Não me interessa o *porquê* de o Temujin te ter salvado.

— A Ghoa embainha a espada e depois afasta uma madeixa de cabelo encaracolado da minha testa. — Só me interessa que o fez. Já resgatou dois outros criminosos da mesma maneira, um da paliçada e outro de uma carroça da prisão, mas ambos desapareceram antes que pudéssemos convertê-los à nossa causa. Desta vez, estaremos preparados. Só tens de agir como uma recruta grata e ansiosa. E quando o Temujin te acolher no seu grupo, vais indicar-nos o seu esconderijo.

— Mas...

— Tens de aceitar — corta. — É imperativo, agora mais do que nunca, que eu capture o rapaz rapidamente, e a melhor forma de o fazer é enviar alguém que se infiltre nas suas hostes. *Por favor*, En.

— A voz da Ghoe vacila e essa fraqueza, esse titubear, rasga-me o peito. Ela agarra-se ao meu manto de penitência como se fosse a única corda de salvação e ela estivesse sobre o abismo. — Tu és capaz. Preciso que sejas capaz. Por mim e por Ashkar.

Encaro a sua cara pálida e olhos suplicantes. Nunca vi a Ghoe tão agitada. Nunca, em dez anos. E sinto um assomo de medo a serpentear pelos meus ossos.

— O que é que não me estás a contar?

— Estamos a *perder* — sussurra.

— Como assim, *estamos a perder*? A perder o quê?

— A guerra! Ashkar! O Império Unificado! Tudo! Isto não tem apenas que ver com a minha posição. Os Zemyanos atravessaram a fronteira. Já conquistaram oito cidades. E com o Temujin a enfraquecer as nossas hostes e a dividir os nossos esforços, vamos perder ainda mais terreno. Sou uma *desilusão* — admite, a custo. — Para o meu rei, o meu país, a minha família. É por isso que preciso da tua ajuda. Preciso que *tu* me salves tal como *eu* te salvei. E também será para teu bem — acrescenta. — Se tiveres êxito, vou convencer o Rei Celeste a perdoar a tua indiscrição de hoje. Vou convencê-lo a perdoar *todas* as tuas indiscrições. Serás libertada de Ikh Zuree e retomarás o teu posto nos Kalima.

A minha respiração fica presa, o meu coração para.

— Eras capaz de fazer isso?

A Ghoe prostra-se de joelhos diante de mim, invertendo os nossos papéis tão fielmente que só consigo reagir esbugalhando os olhos.

— Juro pela minha vida que serás reintegrada. Não viste como convenci o Rei Celeste a poupar-te a vida há dois anos? E mais uma vez hoje?

— Sim...

— *Por favor*, En. Não queres voltar a juntar-te a mim para lutarmos lado a lado?

Quero. Pelos céus, nunca quis tanto uma coisa na minha vida. Todo o meu corpo estremece ao pensar na possibilidade de me

juntar aos Kalima... com exceção de uma lasca minúscula que pica a sola do meu pé.

O Temujin salvou-me. Não teve medo de mim.

A expressão da Ghoha denota hesitação.

— A menos que haja um motivo para não queres voltar para os Kalima. A menos que apoies a causa do Temujin. Ou sintas alguma lealdade para com ele agora.

— Claro que não — digo rapidamente. — A minha lealdade será sempre para contigo.

A Ghoha pega na minha mão e aperta-a três vezes, tal como fazia quando atacávamos no campo de batalha.

— Então, faz isto por mim. Estarei sempre contigo, a ajudar-te à distância. *Por favor*, En. Se gostas de mim...

Ela nunca pediu ajuda a ninguém, e se acredita que consigo fazer isto, se precisa que faça isto, tenho de aceitar.

Quero aceitar.

Quero voltar a viver. Quero ser Enebish, *a Guerreira*, não esta fera patética e cobarde condenada a passar o resto dos seus dias atrás das grades.

— Está bem — sussurro.

A Ghoha respira fundo e pousa a cabeça no meu colo.

— Obrigada. Sabia que podia contar contigo. — Depois de alguns minutos de silêncio, ela levanta-se e limpa os olhos. — Descansa e recupera do zurig. Voltarei para te informar da tua missão daqui a três dias. Até lá, não podes sair do quarto.

— Porquê? — começo a protestar. — Nunca tive de...

— Os monges têm de acreditar que estás em isolamento como castigo.

— E o Serik? Preciso de saber como está. O abade parecia estar furioso...

A Ghoha faz um gesto casual na direção do grande salão.

— O Serik está bem. Não é pior do que as centenas de vezes que já foi punido. O abade está demasiado velho para causar grande dano. Mas prometo que vou saber dele. Agora, descansa. — Beija-me ternamente a fronte. — Preciso que estejas na tua melhor forma.

Assim que a Ghoe sai e o seu gelo derrete das paredes do meu quarto, caio em mim no que diz respeito à realidade da missão que aceitei. Apetece-me rir e vomitar; gritar de alegria e pavor. A minha cabeça é acometida por tonturas, e as minhas entranhas revolvem-se enquanto ando de um lado para o outro do quarto. Ainda não sei se é o nervosismo positivo que me faz entrar destemida na batalha, ou se é o monstro a erguer a cabeça e a esticar as asas, pronto para assumir o controlo assim que eu deixar os confins do mosteiro.

Acelero o passo, mordendo o lábio inferior sem parar. O meu olhar dirige-se para a arca, onde estão escondidos a boneca de oração e o Livro de Murmúrios.

Só há uma forma de ter a certeza.

Exalo, verifico a porta e, em seguida, corro para a arca e levanto a tampa. Se souber que tenho a bênção da Senhora do Céu, posso avançar para a missão da Ghoe com toda a confiança.

Agarro a boneca de oração junto ao peito, ajoelho-me virada para sul e rezo até ficar com a voz rouca. Imploro força. Peço orientação. Depois, abro cuidadosamente o Livro de Murmúrios. As páginas estão tão gastas e quebradiças como folhas de outono — meio queimadas do incêndio que matou os meus pais. A Ghoe não me obrigou a destruí-lo quando me acolheu, visto que era a única coisa que me restava da minha família, mas obrigou-me a jurar nunca mais escrever nele. Tal como me fez prometer nunca tentar ler os ossos e jurar, pela campa dos meus pais, usar sempre perneiras para esconder as tatuagens tribais de Verdenet que serpenteiam pelos meus gémeos acima.

— Essas tradições sulistas são muito estranhas — disse-me enquanto abanava a cabeça. — Verdenet tornou-se um protetorado

há mais de 20 anos; vocês agora são dos nossos e devem agir em conformidade. Somos todos ashkarianos.

Não quis ser um incômodo, e estava muito grata pela nova vida que ela me proporcionara, por isso usei as calças — até mesmo no pico do verão, quando o suor se acumulava atrás do joelhos — e mantive-me afastada deste livro, exceto nas alturas em que tive de tomar decisões de vida fulcrais.

Como esta.

Com um toque ligeiro, escrevo a pergunta na minha melhor caligrafia, conforme a minha mãe me ensinou. As palavras dissolvem-se na página, como gotas de chuva que se perdem nas profundezas de um lago, e fecho os olhos, na expectativa de que a minha pergunta suba até às nuvens. Até ao coração da Senhora do Céu.

Deixo que o quarto desapareça, caindo cada vez mais para dentro de mim, até haver apenas escuridão. Silêncio. E é ali que aguardo que a Deusa grave a Sua resposta na minha mente. Não sei quanto tempo passa — por vezes, a Sua resposta é imediata, outras vezes, Ela requer paciência e fé no tempo de resposta perfeito.

Por fim, vislumbro um clarão nas trevas — como a centelha que consome o pavio da vela. Descargas de luz amarela e laranja escrevem uma única palavra na minha mente: *Vai*.

Assim que vejo a palavra, ela dissolve-se em fumaça. Suspiro quando me deito sobre as cobertas e fixo o olhar na minúscula janela sobranceira à minha cama. Lá fora, o céu está negro como pez, de uma profundidade e limites insondáveis. Os fios de escuridão pressionam a janela como nevoeiro, apelando ao monstro que se esconde dentro de mim, mas viro-me de lado e puxo o cobertor mais para cima.

Recuso-me a dar-lhe ouvidos. Eu sou capaz. A Senhora do Céu acabou de o confirmar.

Nos dois dias que se seguem, trato das minhas feridas e recupero as forças, tal como a Ghoe me instruiu. Por diversas vezes, tento escapulir-me para saber do Serik, mas os acólitos

montaram guarda ao dormitório , sem arredar pé noite e dia. Gritam insultos do outro lado da porta e obrigam-me a professar penitências adicionais sempre que me veem a abrir uma nesga que seja.

Na alvorada do terceiro dia, sinto-me como os leopardos-das-neves da coleção do Palácio Celeste: a rondar de um lado para o outro, enquanto rosno e arranho as grades. Por mais ansiosa que esteja por ficar entregue a mim mesma, estou desejosa de sentir a liberdade e as possibilidades que ela proporciona.

Destapo-me, atirando as cobertas para trás, e levanto-me da cama. As nódoas negras nos meus ombros e ancas ainda gritam em protesto, mas estou mais que habituada à dor. Será o meu lembrete, a âncora na qual assentarei o meu controlo. Respiro fundo e avanço devagar até conseguir alcançar o meu fogão sem coxear.

Um sorriso minúsculo assoma aos meus lábios. Talvez a Ghoha tenha razão. Talvez consiga recuperar as minhas forças — até certo ponto. Se não tiver medo de me esforçar. Se me permitir tentar verdadeiramente.

Preparo um chá de raiz de gengibre, e vou a meio da segunda chávena quando a Ghoha desliza pela porta. Em vez da armadura, enverga um impressionante vestido laranja-torrado bordado com globos-de-ouro e rematado com colchetes de ametista no pescoço. O seu cabelo é uma onda de cobre reluzente que lhe desce pelas costas, e o seu perfume inebriante de água de lírio segue-a como uma nuvem.

— Bom dia — diz-me, jovial, erguendo o antebraço e fechando os dedos num punho, a tradicional saudação dos Kalima.

O gesto é tão inesperado, tão pleno de significado, que sinto um calor na barriga que nada tem que ver com o chá.

A Ghoha pousa a sacola que traz ao ombro e vasculha-a, cantolando enquanto retira várias penas, uma bússola de bronze e um pergaminho que abre em cima do meu saco-cama. É um mapa pormenorizado de Sagaan que inclui todos os templos,

estradas e cursos de água. É tão minucioso que aposto que contém todas as árvores da região.

— Assinalei a vermelho os locais onde o Temujin foi avistado, e os pontos verdes representam locais que nós atacámos, em busca da entrada para o esconderijo dos Shoniin.

Inspiro e o chá espalha-se pelos lados da chávena, quase molhando o vestido da Ghoe. Tento pedir desculpa, mas pareço ter emudecido. Todo o mapa é uma amálgama de cor. Os pontos giram num turbilhão estonteante e eu deixo-me cair sobre as cobertas.

— Sei que é um pouco desanimador — começa ela.

— Que mais queres que faça? — Abarco todo o mapa com um gesto. — Já reviraste a cidade.

— Quero que fiques calma e uses as técnicas de rastreio que aprendeste com os Kalima, combinadas com as vantagens que adquiriste na tua reclusão.

— *Vantagens?* — repito, trocista. — Mas quais vantagens?

— És muito mais tímida do que eras... o que é ótimo! — assevera-me quando contorço a cara num esgar. — Torna-te mais acessível. E a forma como te deslocas é quase espectral; sempre escondida pelos cantos e fundida com as sombras. Os habitantes de Sagaan não vão reparar em ti, mas o Temujin sim. É como eu te disse, ele procura os proscritos e os párias. Foi por isso que tentou salvar-te daquela vez.

— O que devo *fazer* ao certo?

— Vais procurá-lo, aproximar-te dele e conquistar a sua confiança; fá-lo pensar que és uma admiradora grata depois da sua tentativa de resgate. E quando descobrires a localização do seu esconderijo, eu avanço com os Kalima e lançamos o ataque.

Dito assim, parece tudo tão simples. Tão infalível.

E seria, para Enebish, a *Guerreira*.

— Não fiques tão nervosa! — diz-me a Ghoe. — Tu vais ser capaz. E preparei uma surpresa, para aumentar a tua confiança. — Com isto, bate na janela e, alguns minutos depois, o Varren entra no quarto com a *Orbai* pousada no seu braço. A minha águia bica-lhe o nariz e agita-se para a frente e para trás até que me vê. A seguir,

solta um crocito de felicidade. — Pensei que gostasses de levar uma amiga contigo.

Lágrimas de felicidade enchem os meus olhos, enquanto alterno o olhar entre a Ghoea e a minha águia.

— De verdade?

— De verdade — confirma.

É um pequeno gesto, mas diz muito. A Ghoea *conhece-me*. Quer que seja bem-sucedida e percebe que sou mais corajosa e capaz quando não estou sozinha.

— Usa-a para enviases mensagens com os teus progressos. Conto com um relatório todas as noites.

Aceno com a cabeça.

— A *Orbai* é uma excelente mensageira.

— Claro que sim. Foste tu que a treinaste. — O orgulho genuíno é visível nos olhos da Ghoea enquanto ela me ajuda a calçar a luva.

— Obrigada — engasgo-me quando o Varren coloca a *Orbai* no meu antebraço. Cada uma das suas garras curvas injeta confiança no meu corpo; os meus músculos lesionados fortalecem-se sob o seu peso familiar. Pela primeira vez, permito-me acreditar que posso ser capaz de fazer isto.

— Quando parto? — pergunto. — Posso despedir-me do Serik? Quero ter a certeza...

— Ninguém pode saber do nosso acordo até a missão estar concluída — corta a Ghoea com um olhar furtivo para a janela, como se alguém pudesse estar à escuta. E tendo em conta que

estamos num complexo cheio de monges demasiado zelosos, é muito possível que isso pudesse acontecer. — O Varren vai montar guarda à tua porta na tua ausência, de modo a manter a aparência do teu castigo, e é por isso que não podes falar com o Serik.

— Os monges não sabem que vou fazer isto? — A pergunta denota mais ceticismo do que era minha intenção. Claro que não quero que estejam sempre a meter o bedelho, mas mantê-los totalmente na ignorância quanto à missão faz com que tudo isto quase pareça errado.

A Ghoa passa a mão pelo meu corpo num gesto apaziguante, afastando as minhas preocupações.

— Aqueles velhos abelhudos não precisam de meter o nariz em tudo. Sou a comandante dos guerreiros Kalima, e isto é um assunto oficial sigiloso.

Solto um grunhido de concordância, mas o meu olhar não deixa de fugir para a janela. Parece-me estranho esconder um assunto tão importante do abade. E parece-me errado partir sem saber se o Serik está bem.

— Posso ver o Serik rapidamente, por favor? Ele prometeu vir ver-me, mas eu não...

— O abade mantém-no com rédea curta, mas ele está bem

— garante-me a Ghoa. — Vi-o nas súplicas matinais. Tem os braços enfaixados, mas voltou a ser tão irritante e desagradável como sempre.

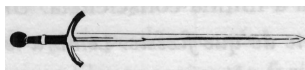
— Provavelmente, porque teve de te aturar — troço.

Enquanto a Ghoa se ri, respiro fundo, permitindo que o ar me invada os pulmões, me encha de confiança e intenção, mas, acima de tudo, de gratidão.

— Obrigada. — Ajoelho-me e pressiono a fronte contra as costas da mão da Ghoa. — *Por* confiares em mim, por acreditares em mim. Fui eu que te rebaixei, por isso serei eu a elevar-te novamente. É esse o propósito divino da família: cair e erguer-se como um só.

— É verdade — concorda a Ghoa. Segura-me pelo queixo e ergue o meu rosto, passando ternamente a mão pela minha marca da traição. — Vai. Encontra o Temujin. E volta a erguermos às duas.

Capítulo 8



Parto de Ikh Zuree nessa tarde com a *Orbai* no meu braço e uma sacola demasiado cheia às costas. Perscruto o complexo em busca do Serik, à medida que a Ghoa me insta a sair pelo portão que fica atrás dos balneários, mas a maioria dos monges está fechada nos seus templos entretida com as súplicas vespertinas, e os poucos que se afadigam pelos caminhos são demasiado novos ou demasiado velhos. Demasiado baixos ou demasiado gordos. Nenhum deles é o Serik.

— Lembra-te, com quanto menos pessoas interagires, melhor — avisa-me a Ghoa, enquanto ajusta o capote de pelo à volta do meu pescoço. — Deves ouvir e espiar. Funde-te com as sombras. E quando localizares o Temujin, mantém a história que inventámos: colocaste um soporífero no vorkhi sagrado dos monges, escapuliste-te do teu quarto e escalaste a muralha. Estás a ser perseguida, claro, mas não às claras, visto que os cidadãos de Ashkar entrariam em pânico se soubessem que uma criminosa tão perigosa estava a monte. Mas, acima de tudo, tens de os fazer acreditar que me odeias. Que seria impossível, nesta vida ou em qualquer outra, regressares para junto de mim ou do Rei Celeste.

Ela esfrega as minhas mãos vigorosamente, mesmo que isso só faça com que fiquem ainda mais frias. Se fosse outra pessoa, irritar-me-ia ser tratada como uma criança, mas é tão bom sentir a confiança arduamente conquistada da Ghoa, que saboreio cada toque seu.

Por fim, poderei redimir-me.

Por fim, serei motivo de orgulho para ela.

— Lamento não poder tratar dos preparativos para que fiques alojada numa estalagem — prossegue —, mas serias facilmente reconhecida num espaço tão fechado. E uma guerreira Kalima deve ser capaz de arranjar algo tão simples como um abrigo.

— Claro. Não precisas de te preocupar. Estarei de volta num esfregar de olhos.

— Para reclamar a posição que é tua por direito nos Kalima.

— A Ghoe dá-me uma palmada no ombro.

Todo o meu corpo para — sobretudo o coração — sempre que ela profere aquela palavra. O sorriso no meu rosto é tão rasgado que toca nas cicatrizes na minha face.

— A posição que é minha por direito — sussurro.

A Ghoe entrega-me o meu bastão e eu dou o primeiro passo no carreiro dominado pela vegetação. As ervas altas e geladas fazem-me cócegas nas palmas das mãos e cedem ao peso das minhas botas.

— Dá notícias assim que chegares — pede. — E todas as noites seguintes. E mal tenhas notícias do Temujin.

Sinto um ligeiro aperto no estômago quando ela refere o nome dele. Foi a única pessoa que me mostrou piedade no Qusbegi. Mas a Senhora do Céu confirmou este caminho. A Ghoe precisa de mim. E ela salvou-me mais vezes do que o Temujin.

Arrepio caminho com passadas longas e resolutas. Reforço a minha determinação. Ressuscito a guerreira que tenho dentro de mim. Se quiser reclamar a minha vida, não posso hesitar. Não posso vacilar.

A *Orbai* solta um guincho de aprovação e levanta voo, indicando o caminho para Sagan — e para a redenção.

Duas horas depois, subo tropeadamente ao santuário onde eu e o Serik parámos para prestar culto. A *Orbai* empoleira-se num galho que foi colocado no cimo do monte, junto à nossa garrafa de vorkhi vazia, e eu sou acometida por uma dor súbita de anseio — seguida de um golpe agudo de culpa. O Serik está trancado num templo escuro e sem janelas a receber incontáveis vergastadas e a murmurar milhares de atos de contrição, enquanto eu estou aqui, numa missão secreta, com a hipótese de reconquistar a minha posição.

— Hei de arranjar maneira de te ajudar — juro, ajoelhando-me diante do altar para sussurrar uma prece em nome dos dois. O Serik não gostaria que o fizesse, mas, mais do que nunca, precisamos de bênçãos e orientação. — Ajuda-me — imploro à Senhora do Céu, enquanto passo o dedo pelas taças de porcelana e pelas pétalas secas. — És a janela para o Universo; vês tudo das alturas, e eu sei que sou mais insignificante do que um grão de pó, mas peço-Te que me vejas; que guies os meus passos; que me ajudes a cumprir esta missão e a restaurar a minha honra e a da Ghoha.

Após um amém murmurado, olho por cima dos dois ombros para garantir que não sou observada e estendo os dedos na direção de uma pedra na base do monte. Sustenho a respiração — mesmo ciente de que não verei surgir um portal para o reino *do Azul Eterno*. Posso ser abençoada com um dom da Senhora do Céu, mas não é o mesmo que ser escolhida pela Deusa. Apenas três pessoas na história de Ashkar tiveram essa honra, e todas elas foram marcadas pelo céu de alguma maneira: Jamukha, *o Invencível*, que foi atingido por sete raios e sobreviveu; Zen, *o Devoto*, cujas orações eram tão fervorosas que a Senhora do Céu abriu as nuvens e o elevou à Sua presença; e Cimar, *a Audaz*, que ergueu uma torre tão alta que arranhou o céu. Quando subiu ao topo da torre, a sua fé era tão inabalável que a Senhora do Céu a apanhou num carro de luz e a levou para longe.

Não fiz nada tão grandioso para provar a minha devoção, mas ainda assim posiciono os dedos trementes contra a pedra. A rocha permanece fria e áspera sob o meu toque, como seria de esperar.

Abanando a cabeça, volto a erguer-me e dou a volta ao monte três vezes, satisfeita por receber a bênção reservada aos comuns mortais. Em seguida, coloco a mão sobre os olhos e contemplo o topo do moledo. É tão alto que a *Orbai* parece estar empoleirada por entre as nuvens, a dançar ao som do vento outonal.

Ouçó um restolhar atrás de mim e fico estática como um veado diante da flecha do caçador. Não posso ser apanhada a prestar culto à Senhora do Céu.

Não posso ser apanhada, ponto final.

Em menos tempo do que se demora a respirar, a minha mão boa passa para o centro do bastão e eu giro sobre mim mesma para atacar o estranho. Uma dor lancinante percorre a minha perna estropiada, mas ranjo os dentes e movo-me mais depressa, agarro com mais força. Um grito de guerra ergue-se da minha garganta à medida que o bastão rasga o ar. Desfiro três golpes frenéticos antes de perceber que o caminho está vazio, com exceção do traseiro castanho de uma marmota que corre a esconder-se nos arbustos.

O bastão cai por terra e eu vergo-me ofegante. Primeiro, devido às dores, mas o meu resfolegar transforma-se lentamente em risos, e pouco depois o riso já é tal que as lágrimas começam a correr pelo rosto. A *Orbai* levanta voo com um guincho. Devo parecer uma louca, desferindo golpes contra roedores inofensivos e rindo de forma histérica, mas pela primeira vez em dois anos sinto o pulsar de Enebish, a *Guerreira*, a bater ligeiramente nas minhas veias — como os primeiros rebentos de primavera a abrir caminho por entre o solo gelado.

O meu corpo sabia o que fazer. Estava pronta a defender-me.

— Não percebes? Foi um sinal! — digo à *Orbai*. — Enviado pela Deusa. Prova que vou conseguir fazer isto.

Recolho o bastão, empunho-o como um sabre e brando-o pelo ar desenhando padrões tantas vezes treinados que seria capaz de os reproduzir de olhos fechados. Os meus movimentos são mais lentos do que dantes, e o trabalho de pés não se compara, mas tudo aquilo me parece tão certo que a minha euforia supera em grande medida a dor.

— Ainda sou uma guerreira. — A minha voz é pouco mais do que um sussurro, e a afirmação mais parece uma pergunta, mas repito-a vezes sem conta, na esperança de que, se a disser vezes suficientes, ela acabará por ser verdade.

O sol aquece-me o rosto, eriçando os pelos dos meus braços, e o meu coração insensato e esperançoso não consegue evitar ver nisso um sinal: a Senhora do Céu concorda comigo.

Agarrada a essa réstia de confiança, avanço pelo carreiro na direção da silhueta recortada de Sagaan. Os telhados coloridos

refletem tons prateados, rosa e cobalto sob a luz do Sol, qual caixa de joias aberta junto às margens do rio. Um oásis cintilante rodeado por uma vasta extensão de pradaria. Ashkar sempre foi uma nação de pastores nômadas que dispensou as cidades.

Sagaan foi o primeiro colonato, fundado por Miigrath para servir de reduto contra os Zemyanos, e tem sido o cerne do império há quase 200 anos. Mesmo nos cantos mais recônditos dos protetorados, todas as ordens, costumes e instruções emanam de Sagaan, o que faz da cidade o sítio ideal para criminosos como o Temujin gerarem o caos.

— Onde te escondes? — sussurro para a distante mancha de fumo.

Quando chego aos limites da cidade, estou ainda mais exausta do que quando os Kalima marcharam 30 quilômetros através de neves altas para conquistar a fortaleza de Golyn. Os meus músculos gritam como se estivesse a puxar uma carroça de bois carregada, e como tive de parar amiúde para descansar as pernas, os últimos vestígios de luz do dia começam a desaparecer rapidamente numa névoa crepuscular.

Os tentáculos da noite mergulham sobre mim como morcegos. Sinto-os a pulsar contra a minha pele com a pressão constante dos batimentos do coração.

Precisas de nós. Desejas-nos. Acolhe-nos.

Semicerro os olhos, cinjo o braço mutilado ao peito e desço as ruas cobertas de lama. A maioria das pessoas já está recolhida a tomar a refeição da noite, e apenas algumas almas percorrem as ruas, com os capuzes sobre a cabeça para se protegerem do frio. As hospedarias e tabernas que ladeiam a artéria principal projetam fumo de chaminé e gargalhadas aliciantes, mas a Ghoha tem razão: não posso mostrar o meu rosto marcado em público. E, seja como for, os braseiros que alumiam as entradas e assinalam a existência de vagas estão apagados. Após uma rápida vista de olhos, sigo em direção a Salkhi, um bairro residencial pobre composto por casebres térreos.

Os minúsculos edifícios castanhos estão amontoados como uma fileira de dentes podres, e rebanhos de ovelhas enchem as ruas lamacentas. Há cabras e bois presos a quase todos os postes de vedação, arrancando o que resta das ervas secas. Uma grande percentagem de ashkarianos continua a ganhar a vida com a pastorícia de ovelhas e gado bovino nas pradarias, sempre em busca dos terrenos mais férteis. O que significa que dependem muito da hospitalidade dos habitantes das cidades para sobreviver nos agrestes meses de inverno. O trato também é benéfico para os citadinos, visto que precisam da lã e da carne dos animais. Como tal, foi tacitamente acordado que todas as casas acolhessem os viandantes de braços abertos, alimentando-os com as suas melhores carnes e partilhando um copo de vorkhi.

— Não sou muito diferente dos mercadores ou dos pastores — digo à *Orbai*. — Uma simples serva do império. — A *Orbai* agita-se nervosamente no meu ombro. Tem razão. Sou muito mais ameaçadora do que o viajante normal. Se a noite conseguisse entrar por uma fresta da janela, eu podia pôr em risco a vida dos meus anfitriões. Ou poderiam facilmente reparar na minha marca de traição. Infelizmente, o frio é tanto que blocos de gelo flutuam no Amereti e a geada queima-me o nariz. Não é noite para ser passada ao relento.

A noite vai longa e a maioria das casas está às escuras, mas respiro fundo para ganhar coragem, ajusto o capuz e o lenço por cima das cicatrizes e bato à primeira porta a que chego.

Uma vela ganha vida para lá das janelas de papel encerado e sussurros discutem entre si atrás das paredes finas. Por fim, ouvem-se passos a chegar à porta e eu endireito o corpo quando esta se abre. A luz da vela cobre as minhas botas e o doce aroma do guisado de cabra invade as minhas narinas, fazendo-me augurar. Uma jovem semicerra os olhos na minha direção, com a cara retorcida num esgar.

Dá azar e é uma enorme falta de educação falar à porta da rua, por isso espero para ser convidada e entrar, mas os olhos escuros da rapariga limitam-se a alternar entre mim e a *Orbai*. Estremeço e tento sorrir debaixo do meu capuz, mas mesmo assim ela não me

acolhe. Não posso esperar mais. A escolha é entre ofendê-la ou morrer gelada.

— Lamento incomodar a estas horas, mas...

A rapariga apressa-se a sair, gesticulando com as mãos.

— Queres amaldiçoar-nos às duas? — Ela espera até ouvir o trinco da porta antes de prosseguir. — O que queres? — Cruza os braços fortes e olha-me de cima a baixo.

— Não venho por mal — atiro, com uma vénia. — Sou uma viajante cansada que procura abrigo para passar a noite.

— Já estamos a dar guarida a uma família de cinco. E, na porta ao lado, acolheram duas famílias com filhos pequenos. É o mesmo em toda a rua. Decerto compreenderás. — Afasta-se em direção à porta.

— Mas *não* compreendo. — Apresso-me a segui-la. — Porque é que Salkhi está tão apinhada?

— Os pastores não têm para onde ir. As pastagens de inverno estão geladas. — Ela bate o pé com impaciência.

— *O quê?*

— Tens vivido debaixo de uma pedra? Os Fogueiros do Sol foram chamados para a frente de batalha e não puderam aquecer os campos. A cada ano que passa, o Rei Celeste envia menos, o que torna os invernos longos e penosos, mas este ano não enviou um sequer.

A minha mente mais parece a cauda de um papagaio ao vento. Todos os anos, milhares de pastores migram para as pastagens de inverno às portas de Sagaan. É a única forma que os rebanhos têm de sobreviver aos nevões.

— O Rei Celeste nunca permitiria tal coisa. Ele cultivou as pastagens com o propósito de...

— Nunca permitiria tal coisa? — ri-se. — Foram ordens dele. As caravanas que chegaram em primeiro lugar encontraram abrigo para os animais, mas os restantes estão acampados nos campos de gelo, a lutar por abrigos miseráveis sob as árvores. Vai ver por ti

mesma se não acredita. Há uma cidade inteira de sem-abrigo a morrer ao frio.

Tento falar, mas os meus pulmões estalam como se sufocassem com uma rajada de vento impetuosa. A voz vacilante da Ghoha ecoa nos meus pensamentos: *Estamos a perder*.

A expressão da rapariga torna-se mais branda. Leva a mão ao avental e deposita um pequeno embrulho nas minhas mãos. Abro o tecido e vejo três fatias de carne de cabra curada.

— É tudo o que podemos oferecer. — Encolhe os ombros, compungida, e volta para dentro de casa.

A *Orbai* mergulha do meu braço e arrebanha uma fatia de carne, enquanto eu olho fixamente para o punhado de archotes acesos ao longo do rio, até onde começam as pastagens de inverno. A rapariga estava a mentir. Ou a exagerar. As condições não podem ser tão más como ela refere. A Ghoha nunca o permitiria. Enviaria os Fogueiros do Sol imediatamente se soubesse que milhares de pastores estavam a sofrer.

Uma imagem do seu olhar desesperado invade os meus pensamentos. A sua voz cede quando confessa: *Sou uma desilusão*.

Um fio de inquietação percorre a minha coluna, e em vez de prosseguir para a casa seguinte, guardo o resto da carne de cabra no bolso e coxeio pelas margens do rio em direção às pastagens. Quando me aproximo dos campos, as ruas normalmente compactas tornam-se lamacentas e sulcadas, granidas por dejetos de animais. Barracas de madeira recuperada do rio e de pele de ovelha estendem-se debaixo de cada árvore.

O rei nunca teria mantido o seu faustoso Festival Qusbegi se houvesse gente sem comida ou abrigo. Mas depois penso na guarda montada a bloquear a entrada para a praça; nos mendigos maltrapilhos. Nas barracas de comida revolvidas e no rapaz de olhos esbugalhados que chocou contra mim. Acelero o passo, os punhos cerrados como rochas.

Quando chego aos campos que costumam estar verdejantes, seja qual for a estação, encontro ervas secas cobertas por neve antiga e suja. Em vez de globos-de-ouro perfumados, encontro

pedregulhos de gelo. Ovelhas e cavalos balem e relincham, lamentando-se do frio inclemente. Até as réstias de noite estão à mercê das temperaturas gélidas, deslizando lentamente pelo céu como se nadassem em seiva.

Os pastores afadigam-se à volta das tendas, colocando cobertas e peles por cima das paredes de feltro para reforçar o isolamento. As suas moradas são pensadas para serem facilmente transportadas, compostas por postes leves e tecido que providenciam abrigo adequado durante a maior parte do ano, mas que não servem para proteger os nómadas nos grandes nevões. Muitos terão sorte se conseguirem sobreviver à noite, quanto mais à totalidade do inverno. E os seus animais não têm nenhuma hipótese de sobrevivência.

Um mal-estar sobe-me à garganta enquanto descrevo um círculo lentamente. Famílias inteiras amontoam-se à volta de fogueiras patéticas alimentadas por excrementos, com os rostos azuis e trémulos. Alguns homens correm os vários acampamentos implorando por mais cobertores, mais comida, tudo o que lhes possa valer. Outros usam de menos humildade.

Duas mulheres embrulham-se numa clareira, numa luta por um pedaço de carne de borrego seco. Sob o meu olhar horrorizado, um velho aproxima-se de mim a cambalear, agarrado a uma muleta feita de madeira flutuante podre. Aponta para a multidão e, quando eu olho, pontapeia-me nos tornozelos e rouba-me o bastão, fugindo às gargalhadas.

Aterro numa poça de lama gelada e praguejo quando sinto a túnica encharcada. Antes de me conseguir levantar daquela sujeira, as nuvens abrem-se e libertam uma torrente de granizo dilacerante.

O frio assume proporções totalmente inéditas.

Pisco os olhos, fustigada pelos projéteis de gelo, e agasalho-me ainda mais no meu capote. O fedor de pele molhada e corpos é tão intenso que quase vomito.

A *Orbai* abandona-me pela guarida do velho Templo de Gesper — um santuário de mármore negro que foi outrora o centro da corte de Miigrath. Na altura, era uma construção prodigiosa, com a sua

capela abaulada e belas colunas negras, marmoreadas com veios de ouro. Mas caiu em ruína há muito tempo, quando o Palácio Celeste foi construído. Agora, as colunas estão rachadas e paredes inteiras caíram por terra. No entanto, refugiados trémulos continuam a ocupar cada centímetro. Não há lugar para mais um que seja, e eu nunca seria capaz de subir ao campanário quente e seco onde está a *Orbai*. Passo o dedo pela pulseira gravada da Ghoha, amaldiçoando cada pena. Asas de pedra inúteis.

— E amiga inútil que me abandonas! — grito à minha ave.

Depois de me colocar à mercê de uma dúzia de tendas e de ser escoraçada de todas elas, encontro algumas tábuas deformadas encostadas a uma árvore, mais a montante, onde o rio se perde na floresta. A maioria das pessoas mantém-se ao largo das matas — são conhecidos territórios de caça de ursos-das-neves e lobos —, mas não me restam alternativas. E talvez seja mais seguro se me mantiver longe das outras pessoas.

O solo está demasiado húmido para fazer uma fogueira, mas abrigo-me debaixo das tábuas e faço um ninho de folhas para cobrir as minhas pernas e pés.

— Isto não é mau de todo — digo, enquanto o vento glacial desliza pelo rio e réstias de noite zumbem à minha volta como mosquitos.

Só me apetece chorar. E até choraria se os meus olhos não estivessem demasiado gelados para formar lágrimas.

Porque não recebi o dom dos Fogueiros do Sol? É muito mais prático do que a capacidade de fiar a noite. Com um gesto do meu braço podia aquecer as multidões trémulas. Ou, se não um Fogueiro do Sol, antes um Arauto do Gelo, como a Ghoha. As temperaturas abaixo de zero não são um problema para ela. É capaz de se deitar no chão gelado e usar a neve como coberta.

A Ghoha.

Só de pensar nela sinto um aperto no estômago. Ela é a comandante dos Kalima, o que significa que ela e o rei são os responsáveis pelo afastamento dos Fogueiros do Sol. Era impossível não saberem que o resultado seria este. Mas talvez des-

conheçam a dimensão do sofrimento dos pastores. Ou talvez a situação não seja tão desesperante como parece. Sem dúvida que estou em choque — desabituada que estou da vida fora do mosteiro. E a escuridão e o frio podem fazer com que as condições pareçam piores do que são na realidade. Ou talvez o número de refugiados tenha aumentado desde a última vez que a Ghoe se inteirou da situação.

Ou talvez estejas a arranjar desculpas para ela, ouço uma voz estranhamente parecida com a do Serik na minha cabeça.

Afasto-a como se fosse uma mosca.

Há uma explicação lógica. Tenho de ter confiança. Dar o benefício da dúvida à Ghoe, como ela sempre fez comigo.

Observo os pedaços de gelo a flutuar pelo rio de ferro até sentir um ardor nos olhos. Em seguida, cerro-os e evoco imagens de uma fogueira. Ou de avançar com a armadura completa no pico do verão. Ou das areias escaldantes de Verdenet a queimarem-me através das solas das sandálias. E do abraço do Serik. Senti o seu calor e solidez quando ele me levantou e andou comigo às voltas no Festival Qusbegi.

As minhas faces ficam rubras e eu abano a cabeça. O frio está mesmo a perturbar-me. *Mas* como ele não está aqui para trocar de mim, mantenho a linha de pensamento. Imagino-me a entrelaçar os dedos no seu capote e a passar a palma da mão pela sua cabeça rapada.

Ouço um galho a estalar no exterior do meu abrigo improvisado e sou trazida de volta à realidade. Soergo-me nos joelhos e escuto o som de passos na neve.

O mais certo era serem ratazanas do rio, a escarafunchar nos espinheiros, ou outro refugiado em busca de abrigo, mas há algo dentro de mim — talvez o meu instinto de guerreira renascido — que me impele a confirmar. Cuidadosamente, apanho o maior ramo que consigo encontrar, que em largura não é maior do que o meu dedo, mas melhor do que nada, e agarro nele como se fosse um sabre enquanto me aventuro para o céu aberto.

Estou tão ocupada a examinar as árvores que tropeço num pequeno embrulho cinzento que está à porta do meu abrigo. Levo o braço à cintura. Aproximo-me do embrulho e toco-lhe com o ramo. Para grande alívio meu, não se mexe. Parece ser um cobertor — um quadrado de lã cinzenta cuidadosamente dobrado com um carneiro bordado no canto, a cabeça baixa como se fosse atacar.

Quem deixaria isto aqui na neve?

Ninguém. É uma armadilha.

Olho fixamente para o cobertor durante cinco minutos. Quando não vejo ninguém surgir, pego-lhe com cautela, à espera de que alguém salte de trás de uma árvore e me lance uma armadilha. Quando isso não acontece, passo a lã por cima dos ombros e volto para dentro do meu abrigo, contendo as lágrimas de gratidão. Talvez a Senhora do Céu tenha ouvido a minha prece no santuário e me tenha enviado esta dádiva. Ou, o mais certo, um dos pastores tenha tido piedade de mim. Estes refugiados esquecidos, eles próprios a morrer de frio, ainda estão dispostos a ajudar uma estranha em dificuldades.

Sinto a sua generosidade de forma avassaladora, como uma bota sobre a minha traqueia.

Tenho de fazer alguma coisa. Tenho de os ajudar. E, seja como for, tenho de enviar uma mensagem à Ghoe.

Vasculho a minha sacola até encontrar uma pena e pergaminho e, em seguida, escrevo uma carta: curta, sucinta e, mais importante ainda, ilibando a Ghoe e o rei de qualquer culpa.

Minha querida irmã,

cheguei a Sagan e consegui arranjar um abrigo onde passar a noite. Apesar de ter sido muito mais difícil do que o esperado, visto que a cidade está a abarrotar. As pastagens de inverno são terrenos devastados pelo gelo, e há hordas de pastores sem-abrigo por todo o lado. Dizem-me que os Fogueiros do Sol foram enviados para a frente de batalha, contudo, sei que nunca aprovarias tal ordem se conhecesses a dimensão do sofrimento das pessoas. Peço-te que venhas de imediato testemunhar a devastação.

Desta que te é sempre fiel,

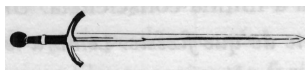
En

P.S.: Como está o Serik? A fúria do abade já se aplacou?

Necessito de uma hora e dos dois outros pedaços de carne de cabra para convencer a *Orbai* a entregar a minha mensagem durante a tempestade, mas ela lá se aventura pelo céu nevoso, com um crocito de insatisfação.

Enterro-me no ninho de folhas e puxo o cobertor por cima da cabeça. O frio e a noite continuam a fustigar-me como as flechas dos Zemyanos, mas abraço o meu corpo e esfrego compulsivamente a pedra da lua até os meus músculos ficarem mais soltos, os meus olhos ficarem mais pesados e as trevas abençoadas do sono descenderem sobre mim.

Capítulo 9



A manhã rompe fresca e luminosa e demasiado cedo. Feixes de luz solar ferem-me os olhos, e o chilrear dos pássaros arranha os meus ouvidos como o tilintar de espadas. Sento-me, agarrada à contratura do meu pescoço e amaldiçoando o ribombar que sinto no crânio. Estou molhada e trémula, mas viva — graças ao cobertor.

A *Orbai* está de volta. Ouço-a na árvore, a dar estalidos com o bico e a eriçar as penas. É óbvio que não me perdoou. Desembrulho dois dos bolos de cevada duros e insípidos que os monges consideram uma iguaria e engulo um. O outro será a minha oferta de paz.

Rastejo para fora do abrigo, calco a neve que se tinha acumulado à frente das tábuas durante a noite e semicerro os olhos diante da ofuscante luz do Sol refletida no pó de neve recente. Parecem montinhos de açúcar e eu levo uma mão-cheia à boca, fingindo que sabe a açúcar. Infelizmente, é pouco eficaz a apagar o sabor a serradura do bolo de cevada.

A *Orbai* lança-me um guincho lá do alto.

— Vou ter de me rebaixar durante dias, verdade? — digo, segurando no outro bolo.

Ela aterra no meu ombro, devora o torrão horroroso como se fosse mais doce do que tarte de amora e debica à procura de mais. É quando reparo no pergaminho que traz na pata, com as extremidades gravadas a ouro.

Desato e abro a carta apressadamente, lendo de uma assentada a letra miudinha e precisa da Ghóa:

*Querida Enebish,
é com prazer que leio que chegaste a Sagaan em segurança.
Compreendo a tua preocupação no que diz respeito aos pastores,
sobretudo tendo em conta que estás afastada das questões de*

Ashkar há muito tempo, mas garanto-te que estou ciente das suas condições e que estou a fazer os possíveis para ajudar. Já sabes alguma coisa sobre o Temujin?

*Da tua irmã que te adora,
Ghoa*

Solto um suspiro de alívio e guardo a missiva na minha túnica. É claro que a Ghoa já pôs em marcha medidas de ajuda humanitária. Só não consegui ver os progressos ontem à noite por causa da tempestade. Tudo vai parecer melhor à luz do dia.

Arrumo os meus parcos pertences e faço o caminho até ao centro do acampamento, tentando decidir que setor da cidade devo examinar primeiro em busca do Temujin e dos seus Shoniin. Estariam escondidos entre os pastores, na esperança de passar despercebidos no caos? Ou seria capaz de trocar do rei montando o seu esconderijo junto do Palácio Celeste? Ou talvez...

Um magote de crianças passa à minha frente. Franzo o sobrolho à medida que deslizam pela estrada coberta de neve, descalças e lastimosas. Todo o acampamento parece estar a acordar.

À minha volta, mulheres emergem de tendas manchadas de lama, com bebés num pranto à cintura. Homens velhos de pele tisonada e olhos encovados mexem caçoilos de guisado agulado. E os homens mais novos discutem em círculos sobre o rumo a seguir e o que fazer.

A pressão cresce no meu peito, impossibilitando-me de engolir. As condições são tão lúgubres como eram ontem à noite. Talvez ainda mais. Reajusto a minha sacola, cambaleando subitamente sob o peso da cobertura de lã cinzenta. Tinha partido do princípio de que um refugiado tinha tido piedade de mim, mas é óbvio que não têm nada para dispensar. A maioria não tem sequer o suficiente para sobreviver. Os seus capotes e cobertas estão tão esfarrapados e gastos que mais de uma dúzia de almas não conseguiu sobreviver à noite. Um grupo de homens puxa uma pequena carroça ao longo das tendas, recolhendo os cadáveres gelados.

Nesse caso, quem é que me ajudou? E onde raio está a ajuda humanitária que a Ghoe mencionou? Sei que a situação na frente de batalha é difícil, mas não pode ser pior do que isto, pois não?

Espalho punhados de lama na cara para esconder a marca da traição. Em seguida, desfaço a trança para que o cabelo me tape a cara. À luz quente do dia, ninguémalaria comigo com o capuz posto e a cara escondida pelo cachecol. Quando o meu aspeto é tão desleixado e sujo como o dos outros pastores, arrasto-me até à tenda mais próxima, onde um grupo de mulheres recolhe excrementos para alimentar a fogueira.

— Perdão — digo, com uma vénia. — Acabei de chegar a Sagan e gostaria de saber há quanto tempo estão aqui. Alguém está a tratar dos preparativos para melhorar as condições?

As três mulheres trocam olhares e soltam gargalhadas amargas. Ao princípio, penso que se riem de mim, mas depois a mais velha das três encara-me com os seus olhos leitosos — angustiada e abatida. Não há troça nas suas palavras.

— Chegámos durante o último ciclo lunar. Mais cedo do que o habitual, mas mesmo assim tarde demais. As hospedarias e estábulos já estavam a abarrotar. A única esperança que temos de melhorar as nossas condições é se alguém com um quarto ficar sem dinheiro e for mandado para a rua.

— Então, tencionam passar aqui o inverno? — pergunto.

— E temos alternativa? — retruca uma das mulheres mais novas. — Ninguém nos avisou de que os Fogueiros do Sol ficariam retidos na frente de batalha. Mesmo que tivessem avisado, para onde teríamos ido? As pastagens de inverno são os únicos campos que sustentam relva durante os grandes nevões.

Mordo o lábio.

— Então, e os desertos sulistas de Verdenet? Pelo menos, ficariam mais confortáveis.

— A estação vai demasiado adiantada para sobrevivermos a tal viagem: as borrascas de neve já começaram; e além disso seria debalde. Podíamos ficar mais confortáveis, mas no deserto não há

comida para os nossos animais. Morreriam à fome. E a seguir morreríamos nós.

Sem saber como responder, agradeço-lhes e sigo caminho, parando para falar com um homem que está a vociferar ordens aos recém-chegados. Parti do princípio de que ele tinha alguma autoridade, mas ao que parece é apenas mau feitio. Mais ao fundo da estrada, falo com um rapaz de 8 anos que funga enquanto esfola o seu cabrito de estimação.

— Um último recurso — diz-me, soturno. — E a carne vai só nos vai sustentar no máximo por duas semanas. E depois?

Encolho os ombros sem saber o que dizer. É evidente que os planos de ajuda humanitária da Ghoha não estão a ser implementados, e estou prestes a voltar para o meu abrigo para escrever uma carta urgente a explicar precisamente isso, quando ouço o som de um gongo no Templo de Gesper.

Um silêncio varre todo o acampamento, e eu viro-me lentamente na direção da antiga estrutura de obsidiana. Foi abandonada há quase 50 anos; os gongos deviam ter sido retirados há décadas. Não obstante, ribombam com grande fervor — vibrando através do fundo do meu estômago.

A mulher que está mais próxima de mim deixa cair o balde de água e corre na direção do templo. Cobertas esfarrapadas são postas de lado e torrentes de pessoas emergem das tendas como coelhos a sair da toca aos primeiros sinais de primavera. Em menos de nada, sou apanhada numa aluvião de corpos e levada na corrente na direção do Templo de Gesper, com os gongos ainda a soar.

— Mais uma entrega! — grita alguém enquanto avança aos empurrões.

— O dobro da outra vez — diz outra voz.

O murmúrio excitado cresce até ganhar a forma de um rugido quando nos aproximamos do Templo de Gesper.

— O que se passa? — Olho para o homem que está ao meu lado, mas ele enfia o cotovelo nas minhas costelas para abrir caminho. Puxo a túnica de uma mulher à minha direita, mas ela não dá

conta. Há demasiadas pessoas, outadas como farinha numa peneira. Avançam sofregamente na direção do templo com as mãos estendidas, e eu não tenho alternativa senão avançar com elas — uma pequena bola de neve apanhada na avalanche.

Quando chego ao início da fila, encontro uma pilha cada vez menor de pequenas sacas de serapilheira. Não faço ideia do que contêm, mas agarro numa, guardo-a na minha túnica e afasto-me da multidão. Assim que saio da zona de maior confusão, dobro-me, ofegante. Isto é dez vezes pior do que o Festival Qusbegi. Talvez até cem vezes pior.

Depois de me sentar numa pedra, retiro o embrulho da túnica e viro-o nas minhas mãos. Tem mais ou menos o tamanho do meu punho, com costuras grosseiras e um cordão malfeito. Os meus dedos reconhecem o tecido áspero e o pouco peso imediatamente.

Rações de combate.

Enquanto membros dos Kalima, comíamos melhor do que os guerreiros sem magia que eram enviados para a frente de batalha, mas sobrevivi com uma saca de comida como esta durante a recruta, quando tinha 11 anos.

Um suspiro de satisfação corre-me pelas narinas e fica a pairar junto à minha cara como vapor. Até que enfim um vislumbre da ajuda humanitária.

Abro a saca com os dentes, e um punhado de frutos secos e algumas tiras de carne de vaca seca caem-me na palma da mão — tal como eu me lembrava. Mas quando viro a saca, o selo do rei — um sol dourado a nascer no meio de duas montanhas — quase não se vê por baixo de outra imagem. Um carneiro, preto e chamuscado, foi marcado por cima. Um carneiro que é *exatamente* igual àquele que está bordado no canto da minha coberta.

Sinto um arrepio a descer-me o pescoço.

A Ghoe não disse que o Temujin e os seus Shoniin atacavam as caravanas de abastecimento imperiais?

Mas porque é que um criminoso alimentaria refugiados famintos? Ou me daria um cobertor?

Precisamos de ti. Procura-nos.

Alguns frutos secos caem ao chão e a *Orbai* apanha-os sem demora. Rio-me enquanto esvazio o resto da saca para ela.

— És a ave mais faminta do império. Graças a ti, hei de morrer à fome. O que achas disto? — pergunto-lhe, enquanto ela debica as migalhas.

Se as rações são do Temujin, devia informar a Ghoha de imediato. Mas quando olho para a outra ponta da praça, vejo um grupo de crianças a devorar magras porções como chacais a roer ossos, e uma dor entope-me a garganta. A Ghoha e o rei podem castigar os pastores por aceitarem bens imperiais roubados. Poriam fim a entregas futuras e enviariam as rações de volta para a frente de batalha.

Que é o lugar delas, recordo-me. Mas uma pequena e irritante parte de mim pergunta-se se a comida *pertence* verdadeiramente ao Exército. Claro que é importante manter os guerreiros bem alimentados, mas e o povo?

Quase pego na pena e no pergaminho para perguntar à Ghoha, mas decido investigar primeiro. A comida é uma necessidade demasiado premente para ser denunciada com base num mero palpite. Preciso de provas em como o carneiro está relacionado com o Temujin.

Colocando a sacola ao ombro, percorro os vários acampamentos, observando e ouvindo, intrometendo-me em conversas. Sigo um grupo de velhos de Verdenet enquanto perambulam entre redis de ovelhas com baldes de comida.

— Cinco apelos ao Rei Celeste ignorados por completo — resmunga um deles. — Até parece que ele pensa que vamos simplesmente desaparecer.

— E *vamos* desaparecer — emenda outro de forma lúgubre. — Tal como o rei Minoak. Segundo os recém-chegados, há meses que não é visto. É um governador imperial que está sentado no trono de Verdenet.

— *O quê?* — Só me dou conta de que falei em voz alta quando os homens olham para mim com um ar carrancudo. Tento abrir os

olhos e fazer um ar inocente, mas os homens franzem o sobrolho e afastam-se.

Mais tarde, enquanto descasco nabos encarquilhados e ressequidos com as outras raparigas da minha idade, arranjo coragem para perguntar:

— Alguma de vocês viu quem entregou as rações? Ouvi dizer que é um rapaz bonito de olhos dourados.

— Se for verdade, gostava que ele não entregasse apenas rações — atira uma das raparigas. Todas se desatam a rir, exceto duas que trocam um olhar rápido. As mesmas duas que por acaso têm o mesmo carneiro bordado na parte interior do seu xaile.

Quando uma se oferece para lavar a louça depois da refeição, engulo o resto do meu guisado aguado e sigo-a. Arrastamo-nos até ao rio em silêncio, com os tachos a bater entre as duas. Sei que devia ganhar a confiança dela antes de tentar sacar qualquer informação, mas ainda antes de a louça tocar na água, digo de chofre:

— As rações são do Temujin, não são?

— Não sei bem — diz a rapariga, mantendo os olhos no rio.

— De tempos a tempos, ouvimos o gongo e as sacas aparecem simplesmente. Como se tivessem caído do céu.

Como se tivessem caído do céu.

Tal como o Temujin e os seus camaradas quando me resgataram no Qusbegi.

Com o coração aos saltos, aproximo-me dela. Cheira a suor e a estrume de cavalo, mas eu não torço o nariz. Sei que não cheiro melhor.

— Ele disse-me para o encontrar. Onde devo procurar?

— Se procuras alguém, devias consultar a Leitora de Ossos. Ouvi dizer que ela tem jeito para juntar as pessoas. A loja dela fica na esquina sudeste da Diylar Square.

Levanto-me de repente e semicerro os olhos na direção do mercado. A leitura dos ossos é uma antiga prática proibida de Verdenet. Um método ancestral de conversar com os Primeiros

Deuses que não vejo desde que a minha avó morreu quando eu tinha 6 anos. Sinto um frémito nos membros. A mesma sensação de certeza que sinto quando rezo à Senhora do Céu ou entoo as antigas canções tribais da minha mãe.

— Vai — insiste a rapariga. — Eu trato da louça.

O mercado da Diylar Square fica localizado entre os cortiços de Sagaan e as pastagens de inverno. Dizer que é um bairro problemático seria o mesmo que dizer que os grandes nevões são uma mera brisa, e esta zona é ainda mais perigosa do que o resto do bairro. Assim que entro no labirinto de tendas esfarrapadas, o cheiro pungente a haxixe queima-me o nariz e ouço gritos oriundos de uma casa de jogo. Enfio o capuz na cabeça e passo a correr por uma loja de especiarias que se dedica claramente ao comércio de venenos e por um armeiro que oferece uma vasta gama de espadas e lanças zemyanas, todas ilegais em Ashkar devido às suas propriedades mágicas nefastas.

Há um punhado de histórias de guerreiros ashkarianos que tentaram manusear espadas zemyanas em combate, descrentes de que o aço estivesse maculado pela magia. Na história mais horripilante, um guerreiro brandiu a espada contra um zemyano, mas a lâmina retraiu-se e irrompeu pelo cabo, empalando o insensato guerreiro através do coração.

Lanço um olhar de reprovação ao armeiro, contente por o Serik não estar ali para ver aquela evocação do seu pai, e apresso-me até à banca da Leitora de Ossos. É uma cabana torta coberta por uma amálgama de peles exóticas — leopardo-das-neves, urso-pardo e raposa. Vagas de incenso de salva e pinhão passam pela fresta da porta e vêm fazer cócegas no meu nariz.

A *Orbai* pousa numa tenda do outro lado da rua — nunca gostou de sítios fechados e escuros —, e sinto os seus olhos nas minhas costas quando me agacho para entrar. Há velas de sebo gotejantes que se equilibram em cima de mesas e caixotes, e uma fogueira crepita no centro do espaço. Atrás das chamas está uma mulher diminuta e encarquilhada de cabelos negros. Tem as pernas

cruzadas sob o corpo e as mãos afadigam-se a espicaçar as brasas com um atizador. O calor é denso e opressivo.

— É a Leitora de Ossos? — por algum motivo, sinto-me forçada a sussurrar.

— Depende de quem quer saber.

— Chamo-me En... — Junto rapidamente os lábios no último instante. Não posso revelar a minha identidade, para o caso de a Leitora de Ossos não estar conluiada com o Temujin e os Shoniin. — En-Eniira — gaguejo. — Chamo-me Eniira.

Pode ser da luz bruxuleante, mas os lábios da Leitora de Ossos parecem contrair-se quando olha para o lenço que cobre a minha cara.

— Senta-te, *Eniira*. — Com um gesto, indica o tapete entrelaçado que está diante da fogueira.

Acalmo-me e olho para as labaredas vermelhas e douradas. Contorcem-se e estalam no escuro da tenda. A Leitora de Ossos espicaça os pedaços brancos que se aninham no carvão, e uma massa de fumo laranja ergue-se no ar. As gavinhas de escuridão que pairam sobre nós recuam para os cantos da tenda, como se fugissem do calor. Após vários minutos de silêncio, a Leitora de Ossos encontra o meu olhar através do fumo. O tempo parece curvar-se sobre si mesmo, e a minha visão fica turva até que vejo não uma estranha, mas a minha avó a entoar cânticos diante da fogueira.

A Leitora de Ossos bate no meu pé com o atizador.

— O que pretendes saber? Com quem vais casar? Onde arranjar fortuna?

— Procuro uma pessoa. E acho que *e/e* está à minha procura. — Coloco a ênfase no *e/e*, na esperança de que perceba de quem falo, mas ela limita-se a acenar.

— Um parente perdido no caos da multidão?

— Não. Não conheço a pessoa, mas ele ajudou-me e quero agradecer-lhe.

Ela olha para mim, sem pestanejar.

— Uma nobre demanda.

— Sim — concordo, mas o nó que tenho na garganta parece duvidar. O Temujin pode ter desertado em Novesti, mas tenho a certeza de que alimenta metade da cidade.

— Pareces perturbada — aventa a Leitora de Ossos.

— Não. Estou apenas ansiosa por poder agradecer-lhe. — Forço um sorriso contrito. — Vejo o mesmo símbolo por toda a parte. — Mostro-lhe uma saca de ração e aponto para o carneiro. — É o símbolo do Temujin, verdade?

Os lábios da velha voltam a contorcer-se.

— Não precisas da Leitora de Ossos para te dizer isso.

— Quer dizer que é ele quem distribui as rações e não o Rei Celeste?

— Quando é que o Rei Celeste fez algo que não fosse em benefício próprio?

— O rei construiu os aquedutos de Namaag e pôs fim à seca — digo, incapaz de me conter. — Pode não ser um governante perfeito, mas salvou Ashkar.

— O que também pôs fim aos motins e fortaleceu as suas pretensões ao trono — responde a Leitora de Ossos sem hesitar.

— Oferece prosperidade e segurança aos protetorados — tento novamente.

— De modo a poder controlá-los e explorá-los.

— Do que está a falar? — Olho fixamente para a Leitora de Ossos e ela devolve-me o olhar, a queixada cerrada e os olhos minúsculos cintilantes. É óbvio que nunca vamos estar de acordo neste ponto. Não quando a sua perspetiva é tão negativa e enviesada. — Onde posso encontrar o Temujin?

Ela arrasta um osso do pernil flamejante da fogueira e bate-lhe com o atizador. Ele silva e lascas escarpadas soltam-se no branco quebradiço. Estuda-as, murmurando para si própria e afastando fiapos de cabelo da cara.

— Usa a cabeça, rapariga. É esse o caminho.

— Tenho de usar a *minha* cabeça, é isso?

— A cabeça — sussurra três vezes consecutivas.

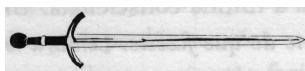
Solto um suspiro de frustração e levanto-me.

— O que significa isso?

A Leitora de Ossos lança as mãos ao ar.

— É tão simples que uma *criança* seria capaz de te levar lá. — Coloca uma ênfase estranha na palavra *criança* e lança-me um olhar cheio de intenção. — Agora, vai-te embora, *Enebish*. Tenho clientes pagantes à espera.

Capítulo 10



O meu abrigo é um tornado de pergaminhos amarrotados.

Tenho os dedos sujos de tinta de resina e tenho quase a certeza de que também sujei as faces de tanto passar as mãos na cara. Há mais de uma hora que tento escrever o meu relatório à Ghoe, mas não faço ideia do que dizer.

Conta-lhe tudo o que descobriste, insiste Enebish, a Guerreira. É o teu dever, a única coisa que te separa dos Kalima. A Ghoe conta contigo.

Mas sempre que molho a pena no tinteiro, lembro-me das tendas enlameadas dos refugiados. Vejo uma criança a chuchar numa saca de ração vazia e a suspirar como se fosse um bolo de mel. Ouço os animais a balir em desespero ao frio.

O Temujin está a ajudá-los. Ele ajudou-me — duas vezes, com o zurig e o cobertor. E a verdade é que ainda não o encontrei, a ele ou ao esconderijo. Apenas um símbolo e algumas pistas que não fazem sentido. Seria preferível seguir estas pistas, obter a localização do esconderijo dos Shoniin, e *depois* contar à Ghoe do carneiro e das rações militares. Não vale a pena interromper a distribuição de comida aos refugiados até isso se tornar inevitável. Assim, terei tempo para ficar a par dos planos do império para ajudar os pastores — e porque é que nada parece estar a ser feito.

Tomada a decisão, escrevo finalmente o relatório:

Minha querida irmã,

tenho-me afadigado em seguir potenciais pistas por todas as pastagens de inverno, assim como pelo mercado da Diylar Square. Ainda não consegui localizar os rebeldes, mas acredito ser este o rumo certo. Informo-te assim que descobrir algo útil. Entretanto, estou muito preocupada com os pastores. Não duvido que tenhas coordenado ajuda humanitária, mas receio que as tuas ordens não

tenham sido bem acatadas. Falta-lhes o essencial. Queres que tente perceber qual foi a falha? Que medidas tomaste e quem ficou de as implementar?

Ademais, por favor, envia-me notícias do Serik. Sinto-me culpada por saber que ele está preso num templo de oração, enquanto eu estou em liberdade.

*Desta que te é sempre fiel,
Enebish*

Tento adormecer, mas a escuridão tem outros planos para mim. Os tentáculos contorcem-se como minhocas por entre as tábuas podres e deslizam como víboras ao *longo das folhas molhadas*. Mais determinados do que nunca em acordar o monstro. Desafiando-me a agarrá-los com o punho e a atirá-los contra o chão, lançando assim as trevas sobre este local desolado.

Dou voltas e voltas, agarrada à pedra da lua com uma força tal que começo a sangrar dos dedos.

Quando adormeço finalmente, o céu já assumiu tons cinzentos cor de fumo e sinto que alguém puxa o meu cobertor alguns minutos depois. A *Orbai* guincha e quase já fez um buraco na lã quando me sento.

Treinei-te demasiado bem — grunho enquanto retiro o pergaminho que ela traz na pata.

*Minha querida Enebish,
folgo em saber que estás cada vez mais próxima do Temujin. Nunca duvidei do teu sucesso. No entanto, receio que a tua preocupação com os pastores esteja a prejudicar os teus progressos. Magoa-me também que duvides da minha dedicação ao povo. Não sou merecedora do mesmo nível de confiança e crença que sempre depus em ti? Volto a garantir-te: os refugiados não estão esquecidos. Vou enviar um elemento dos Kalima para lidar com a falha na comunicação. Por favor, concentra-te na tua missão. Tudo depende disso.*

*Da irmã que te adora,
Ghoa*

A vergonha atinge-me como uma saraivada e atiro a missiva para o meio das folhas e para longe da vista. Nunca poria em causa a devoção da Ghoha ao povo. Não foi essa a minha intenção. Só queria ajudar. Pensei...

Pensaste que podias fazer melhor do que a Ghoha, repreende-me a minha consciência. Tal como pensaste nas semanas que antecederam Nariin.

Não. As situações são muito diferentes.

As cicatrizes no meu braço e perna mutilados parecem latejar em discordância, e eu esfrego-as incessantemente.

Insuflada por um novo vigor, visto o capote, calço as botas e arranjo o cabelo numa trança. Hei de encontrar o Temujin. Hoje. Para provar que a Ghoha tinha razão quando me deu esta oportunidade. Para provar que nunca duvidei dela.

Volto a percorrer as pastagens, tendo em mente a pista da Leitora de Ossos: *usa a cabeça, rapariga. É esse o caminho.* Capuzes, chapéus e lenços para o cabelo parecem ser a ligação mais natural, por isso estudo a indumentária de todos os transeuntes, na esperança de ter um vislumbre do carneiro. Mas nada. Até a rapariga com quem lavei a louça desapareceu misteriosamente. E estou tão ocupada a examinar a roupa estendida em vez de olhar para o caminho, que tropeço em vários bandos de crianças lamacentas e descalças, com um aperto cada vez maior no coração. É difícil olhar para elas e saber que não lhes posso valer. Saber que ofendi a Ghoha.

Ansiosa por sair daqueles campos desoladores, prendo a *Orbai* à nossa árvore, para ela não me seguir até ao centro da cidade, e decido procurar no grande pátio e nos bairros que circundam os edifícios reais. A Leitora de Ossos podia estar a referir-se ao chefe de Estado de Ashkar, afinal de contas, é ele a cabeça do império. Mas o austero complexo governamental nem sequer tem cortinas nas janelas ou estandartes desfraldados nos telhados onde o carneiro pudesse estar escondido. E as paredes estão isentas de sujidade ou escritos.

Sinto dores na perna e a cabeça a latejar, mas mesmo assim arrasto-me para o bairro industrial para espreitar as fábricas. É a sede para as refinarias de minério de Ashkar, e os silos têm certamente dimensão suficiente para esconder um grupo grande. Mas estão todos vazios, ocupados apenas pelo eco, e após algumas horas a respirar fuligem, os meus pulmões imploram pelo ar puro das pastagens.

Regresso rapidamente à Diylar Square, determinada a ter algo de positivo para relatar à Ghoha. Entro de supetão na cabana da Leitora de Ossos, aos gritos:

— Procurei em todas as cabeças de que me lembrei, mas não consigo encontrá-lo!

A velha está curvada diante da fogueira de pernas cruzadas, e uma rapariga com o cabelo apanhado está sentada à sua frente. A rapariga deixa cair qualquer coisa no colo e olha fixamente para mim, mas os olhos da Leitora de Ossos não descolam da fogueira.

— Essa não foi a única pista que te dei.

— Foi, sim! Repetiu-a três vezes e não disse mais nada.

— Ou talvez não tenhas ouvido. Vai. E abre os olhos. — Aponta para a porta.

— Mas...

— *Vai!* — A velha bate com as mãos no chão e fagulhas erguem-se da fogueira, criando uma rajada de calor profano que me empurra como duas mãos vigorosas.

Cambaleio para a rua e para o crepúsculo frio, tão espantada, furiosa e aterrorizada com o que vou dizer à Ghoha, que tropeço em mais crianças famintas que correm pela rua. Estão por toda a parte. A zombar de mim. Um lembrete constante do meu fracasso e incompetência.

O último rapazinho encara-me com os olhos esbugalhados, e eu puxo o capote para cima para esconder a minha marca da traição.

Mas ele não desvia o olhar.

— O que queres? — atiro, ríspida. — A tua mãe nunca te ensinou a não olhar fixamente para as pessoas?

— A cabeça, é esse o caminho — sussurra, antes de correr para apanhar os amigos.

É tão simples que uma criança seria capaz de te levar lá.

Tenho de reconhecer que aquela Leitora de Ossos foi muito inteligente.

Olho para cima para os fios de noite a emergir das suas tocas e a deslizar pelos telhados. Vêm à minha procura. Devia voltar para o meu abrigo e preparar-me para mais um ataque noturno. Não é seguro estar a céu aberto.

Mas não posso perder esta oportunidade.

Com uma mão pousada sobre a pedra da lua, sigo as crianças até uma fileira de lojas abandonadas onde elas se afunilam como térmitas entre os edifícios. A meio caminho da viela, viram para um jardim iluminado por lanternas atrás de uma das lojas. Fico para trás e espreito pelo portão de ferro.

Trinta e tal crianças, todas demasiado novas para serem recrutadas, alinham-se em filas enquanto uma rapariga, que parece ter a minha idade, distribui sabres de madeira. É alta e esguia, com os olhos muito juntos e o cabelo castanho-claro apanhado num rabo de cavalo. Traz vestida uma túnica de serapilheira desgastada, à semelhança de muitos dos refugiados, mas as suas botas são claramente de combate — solas negras e grossas com fivelas afiadas que me fazem pensar que está mais habituada ao cinzento dos Shoniin do que àqueles andrajos.

Desloca-se por entre as fileiras cumprimentando as crianças e despenteando-lhes o cabelo. Em seguida, assume o seu lugar à frente e chama-os à atenção.

— Toca a trabalhar! O Rei Celeste não vai proteger-vos. Tem de aprender a defender-se.

Os meus dedos apertam as barras. Ela está a envenenar aquelas crianças contra o império. Incentivar a rebelião é muito diferente de roubar rações para as manter vivas.

Vai. Avisa a Ghoe. É mais um crime ajuntar à lista de crimes dos Shoniin. E é o suficiente para ganhar o seu perdão.

Mas os meus pés recusam mexer-se. A minha visão tolda-se e vagueia enquanto vejo as crianças a formarem pares e a executarem as posições de combate formais. A rapariga corrige-as e grita palavras de incentivo. E eu sinto-me a cair para trás no tempo. Até à altura em que aprendi a colocar a corda no arco e a segurar num sabre — com os dedos calejados da Ghoe por cima dos meus no punho. A sua voz sussurra nos meus ouvidos, firme e paciente, sempre a alimentar a minha confiança. Vejo o seu sorriso orgulhoso e sinto todo o peso da sua mão fria no meu ombro.

Apesar dos meus esforços, os meus lábios esboçam um sorriso muito ligeiro.

— Vais ficar aí especada ou vais juntar-te a nós? — atira-me a rapariga.

Regresso violentamente ao presente. A rapariga insta-me a avançar, mas abano a cabeça.

— Não seria capaz de...

— Claro que sim. Estávamos à tua espera. Ajuda-me a ensinar umas coisas a estes catraios.

A oferta é tão inesperada que nem sei o que responder.

— Queres a minha *ajuda*? — digo-lhe finalmente.

Ela volta-se para as crianças.

— Quem quer aprender a combater com uma guerreira imperial a sério?

Algumas crianças erguem as mãos. As restantes examinam-me, curiosas, enquanto me encolho atrás do capote, com a cara escondida pelo lenço.

— Ela não parece uma guerreira — atira um rapaz que está ao fundo.

— As aparências iludem — lança a jovem Shoniin, em desafio.
— Garanto-vos que ela é uma guerreira. E é o tipo de *ajuda* de que precisamos. Tenho estado à espera de que ela nos *encontre*. — Os seus olhos cruzam-se com os meus, eliminando quaisquer dúvidas que tivesse sobre a sua identidade.

As crianças batem palmas e trocam palavras efusivas entre si, mas eu não me mexo. Porque saber que aquela rapariga é Shoniin só prova que estão a conspirar contra o império.

Só que, *para todos os efeitos*, ela não disse nada sobre uma revolução, apenas que as crianças devem proteger-se. O que é verdade. As pastagens são uma zona perigosa e ninguém parece estar a protegê-las. Não é muito diferente dos campos de recrutamento do Exército Imperial. Podemos dizer que estas crianças estão a ter um bom avanço, o que acaba por beneficiar o próprio Exército. Ademais, preciso de ganhar a confiança dos Shoniin. E este é, claramente, o meu convite.

A minha porta de acesso ao Temujin.

A rapariga pega num sabre de madeira da pilha e atira-mo. A espada gira em círculos, com as fitas carmesim a flutuar como dois golpes gémeos de vermelho. No último segundo, lanço-me através do portão e agarro o cabo mal esculpido na palma da mão.

As crianças exultam e o sobrolho da rapariga levanta-se, como que a dizer, *nada mal*. Avanço lentamente até chegar junto dela, erguendo o queixo e fortalecendo o joelho para coxear o menos possível. Não quero que as crianças me considerem fraca.

Ou que percebam quem sou.

Elas podem saber que sou uma guerreira, mas nunca poderão saber *qual* guerreira.

— Primeiro, vamos treinar técnicas de desembainhar a espada — anuncia a rapariga. — *Batto!*

Com um movimento fluido, ela retira a espada de madeira de uma bainha imaginária e eleva-a acima do ombro direito. As crianças imitam-na. Sei que esperam que eu faça o movimento, mas a espada escorrega na minha palma suada. Nunca serei capaz de executar o movimento com o braço estropeado. Não serei capaz de executar a *maioria* dos movimentos — pelo menos não na perfeição.

Algo em que devias ter pensado antes de vires a coxear para aqui e fazeres figuras tristes.

Ao ver o meu pânico, a rapariga anuncia:

— A nossa prezada convidada vai percorrer as fileiras para corrigir a vossa postura. Prestem atenção.

Lançando-lhe um olhar de gratidão, avanço por entre o grupo. De início, as crianças revelam algum ceticismo em relação às minhas sugestões, mas à medida que vão fazendo perguntas e eu partilho com elas relatos dos meus dias de batalhas, começo lentamente a conquistar a sua confiança, até elas passarem a absorver os meus ensinamentos como uma esponja.

Na hora seguinte, a minha confiança aumenta a ponto de estar a bater palmas e a gritar tanto como a rapariga Shoniin — decorando os nomes das crianças e dando-lhes palmadinhas nas costas. Sinto dores nos músculos do rosto de tanto sorrir, e apesar da noite fria e da hora tardia, sinto-me quente. E revigorada. Nem mesmo os irritantes filamentos da noite que se enrolam à volta da minha garganta são capazes de estragar este momento.

Pela primeira vez em dois anos, não me sinto apenas novamente como uma guerreira. Sinto-me como eu própria.

— Voltas a juntar-te a nós amanhã? — pergunta a jovem Shoniin à medida que as crianças saem em fila do jardim.

Aceito sem hesitar. Diria que sim mesmo que não servisse os propósitos da missão.

— Ótimo. A propósito, chamo-me Inkar. E, se queres saber, eles estão muito enganados em te considerar um monstro. Uma pessoa monstruosa nunca teria tanto jeito para lidar com crianças. Tens um dom.

As suas palavras acompanham-me enquanto perambulo para o meu abrigo e mordisco um bolo de cevada. Ouço-as enquanto me curvo e peço perdão à *Orbai* por tê-la atado à árvore. E o elogio torna-se ainda mais sonante quando pego no pergaminho para escrever à Ghoa.

A minha pena salta pela página. Quero que ela se orgulhe de mim. Quero voltar a integrar os Kalima. Mas não à custa de sacrificar estas crianças. À semelhança das rações, o treino faz maravilhas por elas. E a Inkar nunca disse nada que fosse contra o

império. Nem sequer fez referência ao Temujin ou ao seu esconderijo. Ele pode não ter nada que ver com aquele treino.

Estás a arranjar desculpas, admoesta Enebish, a Guerreira. Sabes que está tudo ligado.

É por isso que vou contar tudo à Ghoha. Em breve. Informá-la-ia imediatamente se soubesse que isso me ajudaria a aproximar-me do Temujin. Mas uma carta apressada da minha parte só prejudicaria crianças inocentes, que já estão a sofrer bastante. Posso levar a cabo a minha missão e ajudar as pessoas. Uma coisa não impede a outra.

Pego numa folha de pergaminho limpa e começo por fim a escrever o meu relatório.

*Minha querida irmã,
travei amizade com uma das seguidoras do Temujin. Não me falou dele ou dos Shoniin — ainda —, mas acredito que o fará, assim que eu ganhar a sua confiança. Pediu que me juntasse a ela amanhã à noite.*

Por favor, dá-me novidades do Serik. Sei que tenho de me concentrar na minha missão, mas isso será mais fácil se souber que ele está bem.

*Desta que te é sempre fiel,
Enebish*

Releio a carta enquanto sopro para secar a tinta. Não menti. Só não incluí todos os pormenores. Mas claro que o farei — assim que encontrar o Temujin.

Satisfeita, envio a carta pela *Orbai* e aconchego-me no cobertor, tentando ignorar o pequeno carneiro bordado que refulge em tons brancos na escuridão.

Ajudo a Inkar a treinar as crianças nas três noites seguintes. As respostas da Ghoha aos meus relatórios imutáveis são cada vez mais curtas e sucintas, mas ela sabe tão bem como eu que não podemos apressar a construção dos alicerces da confiança.

— Como conseguiste fugir de Ikh Zuree depois do Qusbegi? Os Kalima estão atrás de ti? Odeias a comandante por te torturar?

A Inkar metralha-me com perguntas todas as noites assim que as crianças se retiram, e graças aos preparativos que acautelei com a Ghoa, sou capaz de responder sem levantar suspeitas. Consigo criar uma história de ódio à minha irmã e ao Exército Imperial. Como fui injustiçada. E, acima de tudo, como tenciono exercer a minha vingança quando chegar a altura.

— Também estou aqui para vingar a minha família — diz-me a Inkar de chofre, certa noite, enquanto caminhamos pelas pastagens. — Eu e os meus irmãos passámos cinco anos em Gazar, porque os nossos pais não deram dinheiro suficiente para a construção do mais recente templo do Rei Celeste. Éramos nobres, da Casa de Darkhan, e o rei alegou que o nosso parco contributo provava a nossa afinidade aos Primeiros Deuses. A verdade é que o nosso pai acumulou uma enorme dívida em apostas e era rara a noite em que tínhamos comida ao jantar.

— O rei aprisionou crianças pelo crime do teu pai? — Não consigo esconder o tom horrorizado na minha voz. Os poços negros e purulentos de Gazar não são próprios para vermes, quanto mais para crianças.

— «Se queremos acabar com as térmitas de uma casa, temos de a deixar arder até à última tábuia, não vá ela contaminar outras casas na mesma rua» — diz a Inkar numa voz grave e condescendente. — Foram as palavras do Rei Celeste ao decretar o nosso castigo.

Engulo em seco. Quero dizer que não acredito. Que *não posso* acreditar. Mas também não acreditava que ele afastasse os Fogueiros do Sol das pastagens.

— Como conseguiram escapar?

— Não escapámos. Eu e o meu irmão gémeo cumprimos os nossos cinco anos de castigo. E a nossa irmã mais nova, a Taimar, não sobreviveu.

— Sinto muito — sussurro. — Quantos anos tinha?

— Mal tinha feito os 8, e era calma e meiga como uma pomba. Adorava ler, desenhar e cantar. Não é o tipo de criança que se atire para o poço de uma mina. Tudo naqueles poços a assustava, por isso caminhava e trabalhava lentamente. Um dia, o capataz fartou-se de esperar. Mandou-a trabalhar num poço especialmente traiçoeiro com um arnês defeituoso e ela morreu numa queda. Ele fingiu que se tratou de um acidente, e o Rei Celeste proclamou novas «medidas de segurança» após o facto consumado. Mas nenhum deles perdeu o sono por isso. Ninguém quer saber dos prisioneiros de Gazar.

Pestanejo disfarçadamente para afastar o calor que pulsa atrás dos meus olhos.

— Isso é horrível. Para todos vocês.

— A Taimar nunca teve hipótese. — A voz normalmente alegre da Inkar parece forjada em aço. — É por isso que treino as crianças. Não permitirei que sejam descartadas da mesma maneira. O Rei Celeste ou os seus esbirros acéfalos não as condenarão à chacina por motivos de fraqueza ou incómodo.

O rei não envia ninguém para ser chacinado, mas decido que não é a melhor altura para corrigir a Inkar.

— Estás a fazer uma coisa extraordinária — digo-lhe, após um pesado silêncio. Surpreende-me descobrir que o disse com convicção.

Os olhos da Inkar transformam-se numa pederneira e o seu sorriso em punhais.

— Farei tudo o que puder e que tiver de ser feito para vingar a minha irmã.

Por fim, após uma semana de treino, a Inkar passa um braço pelos meus ombros e dirige-se às crianças:

— Convidamos a nossa nova amiga para jantar?

A proposta é acolhida com exaltação, e o Jepith e a Mima, dois dos meus discípulos preferidos, avançam e pegam nas minhas mãos. Levam-me através das pastagens e para o interior de

Sagaan, passando por casas e lojas cada vez mais altas e elegantes. Aqui, na caixa de joias da cidade, nunca imaginaríamos que havia pastores a passar fome e a sublevarem-se no exterior das muralhas. As ruas pavimentadas estão impecavelmente limpas, e lanternas de papel ziguezagueiam sobranceiras a nós, unindo as cervejarias finas umas às outras.

Descemos por mais duas ruas, até que as crianças desatam numa correria. Sobem por uma passagem até uma taberna igual às restantes em volta. A tinta é recente. Os degraus estão varridos. As luzes estão acesas e a porta está aberta, fazendo circular um bom fluxo de clientes. Não teria conseguido distingui-la dos outros estabelecimentos idênticos, não fosse pelo letreiro que baloiça em aros de latão por cima da porta com um chiado:

CABEÇA DE CARNEIRO.

Sustenho a respiração e a Inkar pisca-me o olho.

— O vosso esconderijo é uma taberna? — sussurro, tentando não revelar a minha decepção. Para todos os efeitos, não há nada de errado com isto. As tabernas são caóticas e apinhadas; com tanta coisa a acontecer que é fácil os rostos passarem despercebidos. E há tantas em Sagaan que é difícil distinguidas entre si. Mas esperava algo mais sumptuoso de um bando que tem conseguido ludibriar a Ghoe e os Kalima durante tanto tempo.

Volto a olhar para o letreiro, que balança ligeiramente ao sabor da brisa. Como é que isto me escapou? Como é que isto escapou à Ghoe?

— Por vezes, estamos tão concentrados num objetivo maior que não vemos a verdade escondida à vista de todos — diz-me a Inkar, adivinhando os meus pensamentos.

Quando entramos na sala comum atulhada, as crianças já estão sentadas num labirinto de mesas compridas deglutindo malgas de sopa. Parece rala e aguada, mas cheira a cebolas grelhadas e o meu estômago começa a dar horas. Comparada com os bolos de cevada e as rações militares roubadas, parece um verdadeiro banquete.

Levo a mão a uma cadeira, mas a Inkar pega-me pelo braço e encaminha-me por duas portas duplas e por um longo corredor até uma porta antiga com uma maçaneta de vidro baço.

— Temos outra *oferta* para ti, Enebish.

A forma como ela diz *oferta* causa-me pele de galinha nos braços. Com o ranger da porta a abrir, os meus pés estão em pulgas para a atravessar.

A divisão é escura, sem uma única janela. Se tivesse acesso ao meu poder Kalima, seria capaz de controlar os fiapos de escuridão e ver tudo perfeitamente, mas avanço titubeante, semicerrando os olhos às sombras opressivas como uma guerreira desprovida de magia.

A minha incerteza cresce a cada segundo que passa.

— O que se passa? — pergunto.

No meio da divisão há uma pequena cama de corda, uma cómoda encimada por uma pia e um candeeiro a óleo apagado, assim como um simples gaveteiro. As minhas botas roçam numa camada espessa de pó e caganitas de rato, e torço o nariz ao sentir o cheiro a bafio.

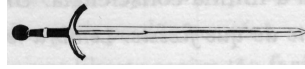
Parece ser um truque.

Ou uma armadilha.

— Isto não pode ser o vosso centro de operações — viro-me para dizer à Inkar.

Mas não é ela quem está atrás de mim na ombreira da porta. É o Temujin.

Capítulo 11



Ele fecha a porta, envolvendo-nos em trevas.

—Pensei que isto fosse mais confortável para ti — diz, num tom jocoso. Como se aquilo fosse uma espécie de jogo macabro.

Sinto o suor a escorrer pela cara e a acumular-se nas minhas axilas, mas estou gelada. Recuo o máximo que o espaço minúsculo permite.

— O que se passa? Disseste para eu te procurar...

Quando o Temujin não responde, espalmo o corpo à parede e agarro a pedra da lua, como se ela pudesse proteger-me.

Ele deve saber o que estou aqui a fazer. Que vim a mando da Ghoa.

Ouçó um rápido raspar e, um segundo depois, uma chama ganha vida. A cara do Temujin está a um palmo da minha. A sua respiração quente invade a minha cara, e o seu sorriso parece feroz e retorcido à luz tremeluzente do fósforo. A sua mão aproxima-se e eu encolho-me, mas ele passa por mim e acende o candeeiro que está em cima da cómoda.

— *Tem calma* — diz com uma risada. Apaga o fósforo com os dedos e atira-o para o chão poeirento. A seguir, recosta-se contra o pé da cama, inspecionando-me à medida que uma ténue luz amarela enche a divisão. — És sempre assim tão assustada e nervosa?

— És sempre assim tão críptico e perturbador? — retruco. Isso fá-lo rir-se.

— Gosto de fazer entradas em grande, se é que não tinhas percebido no Festival Qusbegi.

Abano a cabeça e respiro fundo pela primeira vez desde que ele me encurralou naquele quarto.

— Sem dúvida que conseguiste. — Ocupo as mãos a sacudir o capote enquanto o espreito pelo canto do olho. Traz uma túnica cinzenta, igual à que tinha vestida no Festival Qusbegi, e os cinco brincos de ouro que lhe sobem pela orelha esquerda refulgem à luz do candeeiro.

— És de Verdenet — atiro, sem me conter.

— E tu também. — O Temujin aponta para as minhas pernas, que estão amarfanhadas por ter andado às arrecuas pela divisão, revelando os contornos das tatuagens da minha família. Ele levanta as calças para revelar os desenhos azuis que cobrem os seus gémeos. O seu padrão tem riscos e pontos, como arame farpado, enquanto o meu alterna entre espirais e diamantes.

— Não que isso seja relevante — digo, baixando as pernas com um sacão.

— Claro que não. Somos todos «Um Exército, Uma Nação». — repete o lema do Exército Imperial com um sorriso amarelo. — Uma grande família feliz.

— Não foi isso que ouvi dizer...

— O que é que ouviste dizer? — Ele afasta-se do pé da cama e avança na minha direção. — O que fazes aqui, Enebish?

A sua franqueza apanha-me desprevenida, e eu tenho dificuldade em responder. Sabia que ele me faria aquelas perguntas.

E sei o que tenho de dizer. Mas nada me podia preparar para a forma como os seus olhos dourados me deixam inerte, como a *Orbai* a caçar uma presa.

— S-salvaste-me do Rei Celeste e da minha irmã — balbucio por fim. — Disseste-me para te procurar, que precisavas de mim. Pensei...

— Pensaste que teria pena de qualquer cão vadio que me entrasse pela porta adentro?

— Sim? Não. Não sei... — Passo a mão pela cara.

Maldição, a Ghoe tinha razão. Nem sequer tenho de *fingir* que sou fraca e patética. Ao que parece, quaisquer vestígios de Enebish, a *Guerreira*, desapareceram.

— Tem *calma* — repete o Temujin. — Estou só a brincar contigo. — Despenteia-me o cabelo de uma forma que seria amigável se fôssemos amigos. Mas como acabámos de nos conhecer, quase parece um gesto condescendente. Como se eu fosse um cachorro tonto a correr atrás da cauda. — Os Shoniin não são como o Rei Celeste. Acolhemos toda a gente, independentemente da sua força. Ou passado.

Repudio a sua mão.

— Podias ter começado por aí.

— Tenho uma reputação a manter. É cansativo ser o líder de um bando de rebeldes. Tantas expetativas...

— É óbvio que estás a ceder à pressão — troço, enquanto me afasto da parede. — Com que então, é *este* o famigerado esconderijo dos Shoniin? — Torço o nariz enquanto percorro a divisão decrépita.

— O que foi? Não gostas da minha decoração?

Passo o dedo pelo gaveteiro e levanto-o, revelando uma densa camada de pó.

— Pensei que tinhas uma reputação a manter.

— Só para aqueles a quem minto. Aquelles que me são mais próximos têm direito à imagem real, a toda a verdade. Quando as pessoas pensam que somos descarados e insolentes, não contam que a nossa base seja um quarto decrépito nas traseiras de uma taberna. O que interessa é mostrar uma coisa e depois fazer outra totalmente diferente. Acho que isso não é estranho para ti. — Ele passa três dedos pela cara, imitando o padrão da minha marca da traição.—Aterrador por fora, mas suave como lã acabada de cardar por baixo. A Inkar disse-me que tens muito jeito para as crianças.

Encolho os ombros.

— Estão demasiado ocupadas a brandir as espadas de madeira para prestarem atenção às minhas cicatrizes.

— As tuas cicatrizes também não foram a primeira coisa em que reparei.

— Mentiroso. — Olho fixamente para o Temujin, mas ele devolve-me o olhar.

— Juro pelos Primeiros Deuses. Só percebi que eras *tu* que estavas no zurig quando cortámos as cordas. Primeiro observei-te durante algum tempo, do telhado do Palácio Celeste, para ver se eras o tipo de pessoa que queríamos recrutar. Foste tão estoica, ali pendurada a aguentar a dor em silêncio. A suportar a ridiculização. Foi incrível. E quando rezaste à Senhora do Céu, tive a certeza de que era o destino. Ela tinha-me guiado até ti.

— Como é que sabes que eu rezei?

— Reconheço uma crente igual a mim a léguas. — Ele senta-se na cama e bate no espaço ao seu lado. Baixo-me com cuidado, tentando sentar-me suficientemente perto para parecer uma recruta ansiosa, mas não *demasiado* ansiosa. O Temujin cheira a óleo de couro e sabão de chá. E, a esta distância, é tão bonito que até custa olhar para ele — como o coração azul vívido de uma chama. Nem sequer tenho de tentar corar e parecer afogueada.

— Vou ser franco e ir direto ao assunto — continua. — Precisamos de alguém com as tuas competências...

Claro. Quer usar as minhas capacidades de Fiadeira — como todos os outros.

Permito que a expressão de encantamento feneça do meu rosto e levo lentamente a mão à pedra da lua.

— Se te referes ao meu poder Kalima, é impossível. Mesmo que não fosse, é demasiado perigoso.

— E se eu te dissesse que há uma forma de garantir que manténs o controlo total?

— Diria que és louco.

— Estarias disposta a tentar?

Mantenho o silêncio durante alguns instantes, de modo que ele pense que estou mesmo a ponderar no assunto. Mas nunca fiaria a noite para um desertor. Nem mesmo para um que alimenta refugiados famintos e treina crianças indefesas. Algumas boas ações não apagam as más. Ele virou as costas a Ashkar. *Pior* —

está ativamente a lutar contra ele. Estamos a *perder* a guerra contra Zemya pela primeira vez em séculos.

— Não tens muito jeito para esconder as emoções; estão escarrapachadas na tua cara.

Desvio o olhar rapidamente, o que o faz rir.

— E devias saber que não sou um desertor, como alega o Rei Celeste. Nunca abandonei o meu posto em Novesti. Um grupo de zemyanos atacou o nosso acampamento durante a noite e eu fui retalhado no combate. O meu batalhão deixou-me a esvair em sangue nas ervas geladas.

Cerro o queixo diante daquela mentira descarada.

— Os guerreiros imperiais nunca são abandonados, por mais feridos que estejam.

— Diz isso aos meus irmãos e irmãs — explode o Temujin. — As tropas desprovidas de magia não respeitam as mesmas regras de camaradagem que os Kalima. Somos dispensáveis. Sobretudo aqueles de nós que são provenientes dos protetorados. — Sem aviso, ele levanta a bainha da túnica até ao queixo. Digo a mim mesma para desviar o olhar. É o mais correto. Mas os meus olhos já estão a perscrutar o seu peito seco e musculado e a percorrer o tronco dourado. O corpo é marcado pelos músculos, mas por cima desses músculos há cicatrizes densas e desfiguradoras. Como se alguém tivesse passado um atizador em brasa pela sua pele, gravando um padrão aleatório de dor.

— Não és a única que tem cicatrizes — diz-me, quando me vê a suster a respiração. — Fiquei ali deitado durante dois dias, a sangrar e a tremer na neve. Tentei aguentar como um verdadeiro guerreiro e aceitar o meu destino, mas não fui capaz. Estava fraco e assustado, e tudo dentro de mim gritava para *viver*. Por isso invoquei o espírito do Rei Celeste — tal como somos instruídos a fazer —, mas passaram-se horas sem que o nosso ilustre monarca respondesse ao meu apelo. Eu sei, quem diria?

Sem querer, solto uma risada e os olhos do Temujin brilham de aprovação.

— Continua — incito, numa voz mais sumida e profunda do que o desejado.

O Temujin aproxima-se de mim e os pelos nos meus braços eriçam-se.

— Enquanto estava ali, a flutuar entre esta vida e a próxima, percebi que o céu era de um azul muito vivo, como uma safira polida, a brilhar por cima de mim. Sabia que era proibido, mas visto que estava a morrer, estendi as minhas súplicas aos Primeiros Deuses, à Senhora do Céu e ao Pai Guzan.

— E Eles atenderam-te — digo, sem me conseguir conter. Não uma pergunta, mas uma verdade. Uma sensação no fundo do meu estômago. Claro que atenderam. Ao contrário do rei, a Senhora e o Pai nunca abandonariam um filho que clamasse por Eles.

O Temujin acena.

— Prometi dedicar-Lhes a minha vida. Jurei proteger outros que tivessem sido abandonados e maltratados pelo rei usurpador e reavivar a sua fé, se estancassem o sangue e fechassem as minhas feridas.

Mordo o lábio inferior e os meus olhos rebeldes voltam a concentrar-se no peito dele. Os curandeiros de Ashkar são renomados, mas nem eles teriam conseguido reconstituir este abdómen sem ajuda divina. E ele não teria conseguido passar do campo de batalha para a enfermaria sem a intervenção da Senhora do Céu.

Escolhido da Deusa soa na minha mente como uma trombeta.

Por fim, o Temujin baixa a túnica e continua num tom de voz sério:

— Depois de recuperar as forças, tentei alcançar o meu batalhão, mas os zemyanos tinham voltado a atacar na manhã seguinte e chacinado os 300 que restavam. Encontrei os seus cadáveres, dilacerados e espalhados pela neve, uma légua a sul de onde me tinham abandonado à morte. Por isso caminhei, sozinho, 20 léguas através dos prados gelados até Sagaan, para ser acusado de deserção à chegada. O Rei Celeste e a tua irmã alegaram que só assim teria conseguido sobreviver ao ataque.

Queriam executar-me, mas eu fugi e escondi-me. Desde então que ando a monte, ajudando outros que tenham sido enganados pelo Rei Celeste e o seu império. Deserção é vergonhoso, eu sei, mas por vezes é a única solução.

Pisco os olhos, demasiado impressionada para falar. Na minha mente, nunca houve um meio-termo relativamente à deserção. Apenas o certo e o errado. Branco e preto. Leal e desertor. Mas parece-me injusto condenar o Temujin quando ele *tentou* regressar ao Exército — até depois de o terem abandonado à morte.

Se ele estiver a dizer a verdade, sibila a voz da Ghoha na minha cabeça. *Sê racional.*

— E tu és como eu. Como *nós*. — O Temujin volta a olhar para a maldita marca da traição. — Todos os Shoniin têm cicatrizes semelhantes.

Por instantes, quero acreditar nele. Quero sentir-me incluída e compreendida. Em seguida, baixo o queixo, de modo que o meu cabelo cobre a cara.

— A diferença é que eu sou culpada e tu és inocente. Eu mereço esta marca de traição e a fúria das pessoas.

Tento afastar-me, mas o Temujin agarra-me pelo cotovelo. Os seus olhos cor de âmbar fixam-se nos meus, cantando para mim, hipnotizando-me, intensos como a lua cheia.

— As nossas circunstâncias podem ser diferentes, mas estamos todos unidos pela perda. Somos todos rejeitados, indesejados. A escória do Império de Ashkar. Indignos aos olhos do Rei Celeste. Mas será criminoso acreditar que merecemos ser tratados como seres humanos? Desejar um rei que coloca as necessidades do povo acima da sua sede de poder e riqueza? Usa as tuas capacidades como Fiadeira da Noite e ajuda-me a mudar a realidade para melhor.

Engulo em seco e obrigo-me a desviar o olhar. *Maldição*, ele sabe ser convincente. Se eu não soubesse que não podia baixar a guarda, o mais certo seria cair na tentação de acreditar nele.

Mas ele está a mentir.

Ele está a mentir. Tenho de meter isso na cabeça.

E tenho uma missão. Sei que tenho de me aproximar dele, mas recuso-me a prometer-lhe o meu poder Kalima. Tem demasiado significado para mim. Se voltar a ter a oportunidade de fiar a noite, será em nome do império que jurei proteger. Em nome da minha irmã, que nunca perdeu a fé em mim.

— Eu quero ajudar — digo, medindo bem as palavras —, mas não posso controlar a noite. O trauma de Nariin é demasiado profundo. Compreendo que, nesse caso, não queiras que me junte a vocês...

Por breves instantes, as narinas do Temujin dilatam-se e ele cerra os punhos. Mas, logo a seguir, descontraí a cara, exala um longo suspiro e abana a cabeça.

— É claro que continuas a ser bem-vinda. Fiar a noite não é a tua única competência. Foste uma guerreira Kalima; podes ensinar-nos as suas táticas, ajudar-nos a evitá-los, partindo do princípio de que estás verdadeiramente disposta a traí-los — diz, erguendo uma sobancelha escura.

O meu coração para por instantes antes que o meu treino entre em ação. Os culpados reagem sempre com raiva ou indignação, por isso relaxo a postura e olho fixamente para as palmas das mãos, tornando-me o mais pequena e patética possível.

— Fui torturada pela minha própria irmã. Em seguida, ela encerrou-me novamente em Ikh Zuree como se fosse um monte de lixo e cavalgou dali para fora sem nem sequer olhar para trás. Ela vai sempre preferir o império e a sua posição a mim. Um império que me *despreza*. Não há ninguém para trair neste caso. — As palavras arranham a pele cor-de-rosa da minha boca. Provavelmente porque há uma parcela de verdade na mentira. Sou desprezada pelo Rei Celeste e pelas pessoas.

Mas não será por muito tempo.

— A Ghoe e o rei perderam o norte. — Reforço a minha voz com mais convicção. — Estão a condenar os nossos cidadãos a morrerem congelados naqueles campos inóspitos, e eu não vou compactuar com isso.

Os olhos do Temujin cruzam-se com os meus durante um, dois segundos. Por fim, estende-me a mão.

— Bem-vinda aos Shoniin, Enebish. A Inkar vai manter-te informada sobre onde e quando nos encontramos. Mantém-te sempre alerta; a nossa operação é muito imprevisível.

Ele levanta-se, passa os dedos pelo cabelo revoltado e encaminha-se para a porta.

— Obrigada — digo-lhe, esboçando um sorriso genuíno. — Estou ansiosa por começar.

Mais uma vez, não é totalmente mentira. Estou mais do que pronta para começar a minha nova vida — a minha *antiga* vida —, e ele acabou de me dar as munições para tal. Na próxima vez que os Shoniin se encontrarem, será com prazer que me juntarei às fileiras. Mas não irei sozinha.

— Só mais uma coisa. — O Temujin vira-se quando chega à porta, com a mão já na maçaneta. — Caso tenhas dúvidas quanto à tua lealdade, achei que gostarias de saber que um certo monge chamado Serik vai partir de Ikh Zuree numa carroça-cela para Gazar daqui a três dias. É uma história trágica; tem qualquer coisa que ver com desobediência persistente e um desrespeito pela autoridade. Parece que houve um *incidente* relacionado com o abade e com a comandante. Foi ela quem assinou o decreto de prisão. Um verdadeiro escândalo familiar. Não seria pessoa a quem escolheria aliar-me; trair a família desta forma.

— *O quê?* — Levanto-me de repente, disposta a voar pela pradaria para salvar o Serik. Quando é que isso aconteceu?

O que se passou ao certo? Foi por isso que a Ghoe ignorou os meus pedidos de informações?

Não sejas tola, repreende-me Enebish, a Guerreira. Ele está a mentir-te, a lançar o isco.

— Porque dirias tal coisa? — Tomo a minha voz sumida, magoada e uno as mãos à minha frente. — Estou do teu lado. Não precisas de inventar mentiras para garantir a minha lealdade.

— E que motivo teria eu para mentir? — O Temujin faz um sorriso malicioso. Em seguida, sai do quarto e bate com a porta atrás de si.

Fico a olhar para as grandes partículas de pó que voam como neve da ombreira da porta. Tenho as mãos trémulas. E as pernas também. Agarro no poste da cama e deixo-me cair lentamente no colchão, cravando os dedos na colcha esbatida.

O Temujin está a mentir. Só pode estar. A Ghoa nunca condenaria o Serik ao mesmo destino que o pai.

E o Temujin tem todos os motivos para mentir. Claro que tentaria envenenar-me contra a Ghoa e o império. É isso que ele sabe fazer. Devia estar mais preparada, mas caí na armadilha que ele montou cuidadosamente. Se eu odiasse de verdade a Ghoa e o império, não me espantaria saber que eles cometeram mais uma atrocidade. E ele sabe que não posso interrogá-la sobre o Serik. Ela ficaria furiosa e profundamente magoada com a minha falta de confiança. Saberá que eu tinha falado com o Temujin ou com um dos seus Shoniin e que acredito neles e não nela... Pelo menos, a ponto de isso suscitar dúvida.

E é por isso que tenho de ignorar a mentira do Temujin.

Como poderia ser verdade? Ele não tem motivos para vigiar o Serik ou Ikh Zuree. Está a lançar o isco, mas eu recuso-me a morder o anzol.

Levanto-me e avanço resoluta para o rebuliço da sala comum. Continua a abarrotar de clientes, mas as crianças desapareceram — deixando para trás um cemitério de malgas vazias viradas de lado. Só a Inkar é que continua sentada à mesa, sozinha numa das extremidades. Acena para me aproximar assim que me vê.

— Como correu? — pergunta, indicando-me uma cadeira.

— Excelente — digo entre dentes, na esperança de que a minha expressão se assemelhe mais a um sorriso do que a um esgar. Deixo-me cair na cadeira e devoro a malga de sopa que ela me guardou, em parte para não ter de falar e em parte porque estou esfomeada.

A Inkar vira-se de lado, de modo a ficar de frente para mim, claramente à espera de que eu desembuche e comece a tecer louvores e elogios rasgados ao Temujin.

Engulo o caldo salgado até à última gota e pouso a malga na mesa com estrondo.

— Ele é ainda mais *arguto* do que eu pensava — digo por fim.

— É, não é? Ele vai transformar todo o continente. E nós vamos fazer parte dessa transformação.

Aceno com a cabeça. Uma vez. O meu estômago não aguenta mais do que isso. Em seguida, limpo a boca à manga da túnica e levanto-me.

— Obrigada pela sopa. Ele disse que me dirias quando e onde me apresentar para missões.

— Vais-te embora? — A Inkar franze o sobrolho como se estivesse genuinamente triste por me ver partir. Pisco-lhe o olho. Ela é muito simpática. Afetuosa e afável. *Sabes quem é a pessoa que estás a apoiar?*, é o que me apetece perguntar. *Nunca devias ter-te envolvido com um tipo da laia do Temujin.* Em vez disso, ajeito o lenço para esconder as cicatrizes — e o meu sorriso, que se esvanece a cada segundo que passa.

— Estou exausta — digo, indicando o meu braço e perna. — Treinar as crianças é muito exigente.

Os seus olhos perscrutam as minhas cicatrizes e ela desvia o olhar, envergonhada.

— Desculpa, claro. Não quis pressionar-te. Pensei que gostarias de conhecer alguns dos outros, agora que tu...

— Fica para a próxima — prometo, sentindo-me um pouco culpada, tendo em conta que a próxima vez envolverá provavelmente um ataque que acabará com ela maniatada e com a cara encostada a este piso pegajoso. Mas foi ela quem fez essa escolha quando se juntou a um desertor.

E consegues censurá-la?, sussurra algo dentro de mim. *Não terias feito o mesmo se o Serik tivesse perecido em Gazar?*

Como é muito provável que aconteça, atormenta-me a voz do Temujin, dentro de três dias.

A minha garganta fecha-se. Preciso de sair daqui. Para longe desta taberna ensurdecadora e dos seguidores do Temujin, para poder *pensar* naquilo em que devo acreditar. E no que devo fazer.

— Até breve — despeço-me da Inkar. Depois, saio para a noite, coxeando apressada por Sagaan. As trevas espreitam por todas as vielas escusas e assolam-me quando passo, agarrando-se a mim como sanguessugas. Cada vez mais, até parecer que arrasto atrás de mim um enorme manto de noite.

— Agora, não. Deixem-me! — Agito os braços atrás de mim, mas isso só me vale um olhar de estranheza de um engraxador, empoleirado num alpendre.

Quando chego ao meu abrigo, deixo-me cair sobre as folhas, fecho os olhos e coloco as mãos sobre a pedra da lua. Inspiro e expiro profundamente. As mentiras do Temujin afetaram-me bastante e deixaram-me agitada, o que instiga o monstro e evoca a noite.

Se estiver calma e racional, consigo interromper o ciclo.

Vai correr tudo bem. *Está* tudo bem — *está* tudo ótimo. Fiz o que a Ghoe pediu; encontrei o Temujin e o seu esconderijo. Agora, só tenho de a avisar e os meus crimes serão perdoados. Voltarei para os Kalima.

Mas a cacofonia na minha cabeça recusa-se a sossegar. A escuridão solitária do meu abrigo é ainda pior do que o rebuliço da taberna, porque aqui não há distrações. Não posso ignorar a possibilidade de o Temujin estar a dizer a verdade.

Não está.

Conseguirias viver contigo mesma se estiveres errada? Se o Serik estiver a caminho de Gazar e tu não fizeres nada para impedir que isso aconteça?

Tapo os ouvidos com as mãos e grito.

A Orbai mergulha para dentro do abrigo e pisca-me os seus olhos amarelo-claros. Espero que ela me bique a mão, à procura

dos restos que me esqueci de trazer. Mas ela saltita para a minha sacola e mete a cabeça lá dentro.

— Não tens nada aí dentro senão bolos de cevada — digo-lhe, num grunhido.

Mas ela continua a escavar, e quando atira o meu Livro de Murmúrios para cima das folhas que cobrem o chão, desato imediatamente a chorar.

— Avezinha linda e inteligente.

Afago-lhe o pescoço enquanto coloco o livro frágil no meu colo. A pena agita-se nos meus dedos trémulos, mas consigo escrevinhar a pergunta: *Em quem devo confiar?* Em seguida, elimino todos os pensamentos do Temujin, do Serik, da Ghoa e dos refugiados e permito-me mergulhar de cabeça no vazio pacífico do abraço da Senhora do Céu.

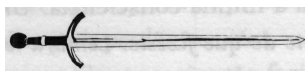
A madrugada começa a romper no horizonte quando a resposta flamejante surge finalmente: *É muito doloroso viver com o arrependimento.* À medida que as palavras se desintegram, as letras formam uma imagem, visível apenas por um segundo, do Serik no subsolo, atrás das grades.

Fecho o livro de repente, pego numa pena e em pergaminho, e redijo uma mensagem para a Ghoa. Duas palavras. Sem bajulação ou cumprimentos:

Vem imediatamente.

Depois, fixo apressadamente o bilhete na pata da *Orbai* e envio-a antes de ter tempo de mudar de ideias.

Capítulo 12



A Goa chega rapidamente.

Com uma rapidez alarmante.

Juro que não terão passado mais do que alguns minutos — não seria tempo suficiente para a *Orbai* entregar a carta e regressar — quando ouvi o som distinto de botas na neve.

Porque é que as coisas que mais quero demoram uma eternidade a acontecer — os meus anos em Ikh Zuree foram tão longos e intermináveis como os grandes nevões —, enquanto os momentos que mais temo acabam por me surgir com a velocidade e a ferocidade de um leopardo-das-neves? Como se me rondassem há anos, à espera da melhor altura para atacar.

Nunca revelei a localização do meu abrigo à Goa, mas também não me estou a esconder, e sem dúvida que ela me encontraria. Espreito por entre as tábuas e vejo-a a aproximar-se, com o céu em pano de fundo, rosado como a barriga de uma truta. À primeira vista, quase a tomo por mais um pastor, envergando um manto esfarrapado com um lenço castanho a cobrir-lhe o cabelo. Mas a sua passada longa e resoluta é inconfundível. Assim como a forma como os ramos tilintam tal qual sinos à sua passagem.

Benditos céus.

Sinto um frémito nos dedos dos pés, que anseiam por correr, mas limpo as palmas das mãos suadas no meu capote e permaneço sentada. Eu consigo fazer isto. Consigo arranjar maneira de confirmar que o Serik está em segurança sem levantar suspeitas ou parecer desleal.

Mostro a cara à manhã fria e aceno, o que me parece logo absurdo. Como se me esforçasse em demasia, por isso recolho logo a mão e escondo-me atrás das tábuas. Mas isso parece ser ainda pior.

Age normalmente, ordeno a mim própria. Mas o que é *normal*? Sou uma rapariga dividida. Antes e depois. Forte e fraca. Tudo e nada.

A Ghoe para à entrada do abrigo e acocora-se para espreitar para dentro.

— Enebish?

— Vieste — digo, o que é uma idiotice tal que só me apetece estrangular-me.

— Tal como pediste. — A Ghoe franze o sobrolho às tábuas encharcadas que me abrigam. — É aqui que dormes? Não foi *isto* que imaginei quando disseste que tinhas um sítio.

— Não há muitas alternativas — respondo, acrescentando rapidamente —, para alguém como eu. Obrigada por teres vindo tão depressa.

— Claro. A tua mensagem parecia urgente. — Aproxima-se com os olhos brilhantes de expectativa.

Como não respondo imediatamente, ela assume a expressão séria e desagradada que costuma ter nos Conselhos de Guerra. Tal como era minha intenção.

Sei que não devo mentir abertamente — ela perceberia logo —, mas escolho as palavras como quem apanha amoras, com cuidado para apanhar apenas os frutos mais maduros.

— Foi uma semana terrível — digo, cruzando os braços no peito.

— Porquê? Estás ferida? — Examina rapidamente o meu corpo, e o meu coração rejubila ao ver o interesse genuíno no seu olhar. — O que aconteceu? A atração das trevas é demasiado intensa?

— Eu estou bem. Apenas as queixas do costume. Só me tinha esquecido de como isto é esgotante, e da força que tenho de ter. Como consegues fazer isto todos os dias?

A Ghoe assenta os cotovelos nos joelhos e enfia as mãos nos cabelos.

— Por favor, diz-me que não me chamaste para te queixares de estares cansada e sozinha.

— Não. Há outro motivo, claro. Nunca te faria perder tempo. Só pensei... Não sei. Sinto-me muito perdida e não quero desiludir-te...

— Chega-te para lá — ordena a Ghoe, mas há ternura na sua voz quando ela se senta ao meu lado nas folhas. — Sei que há muito tempo que não tinhas uma missão oficial, por isso vou *tentar* ser paciente. — Pisca-me o olho, porque ambas sabemos que ela é a pessoa menos paciente de todo o Império Unificado. — Agora diz-me, qual é a urgência para eu ter de vir passear para este pardião ao romper da alvorada?

Puxo o cobertor de lã cinzento para o meu colo e mostro-lhe o canto onde está bordado o carneiro.

— Tenho visto este símbolo amiúde pelas pastagens, em cobertores, lenços e sacolas.

A Ghoe passa os dedos pelo bordado e olha para mim.

— E então?

— Não achas isso estranho? Pode ser uma espécie de ícone secreto. Talvez um código entre membros de um determinado grupo. — Ergo as sobrancelhas com intencionalidade.

A Ghoe observa o carneiro e franze o sobrolho.

—Talvez... Mas parece-me um adorno normal. Como é que os pastores haveriam de decorar os seus pertences senão com os seus animais? Perguntaste sobre isto à rapariga Shoniin com quem te encontras?

— Disfarçadamente, sim, mas não quero parecer insistente.

— *Ela* usa este carneiro na roupa?

— Bem, não, mas...

— Como é que sabes que ela é um deles? — pergunta a Ghoe, num tom de voz cada vez mais agastado.

Na árvore por cima de nós, a *Orbai* eriça as penas. Ela não gosta de conflitos.

— A rapariga queixa-se abertamente do Rei Celeste — digo-lhe. — E fala muitas vezes dos *amigos* que pensam como ela.

A Ghoe afaga a cana do nariz e exala um suspiro.

— Já pensaste que os *amigos* podem ser outros pastores que estão descontentes com as suas condições de vida?

Sei que não devia ir por esta via agora, mas foi *ela* quem referiu os pastores. Pode ser a minha única oportunidade de perceber como é que o império tenciona agir.

— Por falar nas pastagens...

Se a rapariga é uma Shoniin, porque não te acolheu no grupo? Que diabo, são um bando de rebeldes desorganizados. Recrutam desertores e criminosos. Não são assim tão seletivos.

— Ainda só passou uma semana.

— Uma semana é tempo que não tenho. — A Ghoe atira o carneiro bordado de volta para o meu colo. — Pensei que tinha deixado bem claro que isto é urgente. Não te preocupa colocares-me nesta posição? Queres voltar para os Kalima? Que mais posso oferecer-te?

— Podias responder às minhas perguntas sobre o Serik — atiro, surpreendendo-me comigo mesma. — É difícil concentrar-me na minha missão quando estou constantemente a pensar no bem-estar dele.

Uma gargalhada incrédula irrompe dos lábios dela.

— Estamos a perder terreno para Zemya a cada hora, a cada dia que passa, mas tu só queres saber do Serik! Devia ter percebido que estavas demasiado debilitada para cumprir esta missão.

— *Demasiado debilitada?* — As palavras rasgam-me a pele como uma lâmina romba, de forma lenta e agonizante. Mas em vez de sucumbir à dor como faria normalmente, atiro os ombros para trás e imagino um atizador de ferro enfiado a toda a extensão da minha coluna. — É isso que pensas mesmo de mim? As tuas palavras de incentivo e promessas bonitas em Ikh Zuree eram apenas mentiras para me convencer a fazer a tua vontade?

— Não, Enebish. Desculpa. — A Ghoe leva a mão aos olhos.

— Estou apenas sob muita pressão. Preciso que tu...

— Não. *Eu* preciso que me digas se o Serik está bem.

A Ghoa deixa cair os braços ao longo do corpo e as suas narinas dilatam-se.

— De onde é que saiu isso agora?

— Porque não respondes às minhas perguntas?

— Porque não devias estar a fazê-las! — A voz dela estala como gelo e, subitamente, a minha respiração torna-se visível.

— É verdade — sibilo. — Sou apenas a tratadora de águias. Um laçaio acéfalo que podes usar como bem entendes.

— Não podes acreditar nisso! Estou a arriscar tudo para te ajudar.

— Mas só porque isso *te* ajuda.

A Ghoa recua como se eu tivesse acabado de a esbofetear. Os olhos castanhos brilham à luz ténue da madrugada e a sua mão pousa lentamente sobre o coração, como se eu o tivesse partido. Mas recuso-me a bajulá-la e a rebaixar-me, como sempre fiz. Não quando a vida do Serik está em risco.

— Alegas ter coordenado ajuda humanitária para os pastores

- prossigo, deixando que as palavras de afronta sejam projetadas dos meus lábios como um machado de guerra —, mas ainda não vi um único grão de arroz a ser providenciado pelo império. E dizes que o Temujin é a fonte de todos os problemas de Ashkar, mas, na minha perspetiva, ele parece ser o único a ajudar.

O gelo cristaliza nas pestanas da Ghoa. Veios de gelo grossos enfiam-se no solo onde os seus dedos se agarram ao chão.

— Ele conseguiu dar-te a volta. O que viste? Não sei que mentiras é que o Temujin te contou, mas garanto-te que nada do que ele está a fazer é para *ajudar*.

— Vais enviar o Serik para Gazar dentro de dois dias? — exijo saber.

O que a Ghoa ia dizer morre nos seus lábios e ela olha fixamente para mim. O gelo do seu corpo fustiga a minha pele como chamas.

— Foi o Temujin quem te disse isso?

— É verdade?

Ela humedece os lábios, e o meu coração bate mais descompassado a cada segundo que passa, porque ela não teria de pensar na resposta.

— Isto não tem nada que ver com o Serik — diz, por fim. — O que sabes sobre o Temujin? A tua obrigação é relatar tudo o que descobriste.

Recuo para fora do abrigo. Para longe da Ghoe. Porque o Temujin tinha razão.

Benditos céus, ele tinha razão.

— Como pudeste permitir tal coisa? — grito. — O Serik é *família*!

A *Orbai* mergulha do cimo da árvore com um grito audível e vem aterrar no meu braço, com as garras tensas e as asas abertas.

Levanto a mão e afago-lhe o peito, enquanto a Ghoe emerge do abrigo. Move-se sem pressa, ajustando a faca na bota e limpando as folhas e a neve das calças.

— Estás a exagerar — diz, num tom grave e firme. — Se parasses com a gritaria e me permitisses explicar...

— Como explicas teres decretado a prisão do teu primo em Gazar?

— É apenas por um curto período. O abade está pelos cabelos. O Serik recusa-se a fazer o ato de contrição, profere blasfémias durante os serviços religiosos e foi apanhado a esconder comida nas vestes, como se planeasse nova fuga. O abade acredita que umas semanas em Gazar vão meter-lhe algum juízo na cabeça e, muito sinceramente, estou de acordo com ele.

— Sabes bem que ninguém passa apenas «umas semanas» em Gazar.

A Ghoe dá um passo em frente.

— Fazemos assim: se me contares tudo o que sabes sobre o Temujin, atenuo a pena do Serik. Sugere uma forma de castigo alternativa.

Abano a cabeça.

— Nem sequer ias contar-me que ele estava detido. Porque acreditaria que cumpriras a promessa?

— Porque sou tua irmã! — explode a Ghoha. — Como podes preferir um desertor a mim, depois de tudo o que fiz por ti? *Nunca* duvidei de ti. Não te virei as costas quando o resto do mundo te desprezou. Isso não significa nada para ti? *Eu* não significo nada para ti?

A minha língua ferve com todas as palavras que podia dizer para provar o amor e gratidão que sinto, mas as alegações da Ghoha não correspondem à sua expressão. Tem o queixo cerrado e os ombros rígidos. Os seus dedos tamborilam na cintura — onde estaria a aba de couro desgastado se ela estivesse a usar a armadura. Mas é o brilho no seu olhar que mais me assusta — uma determinação estranha e alheia que me recorda os dias sombrios que se seguiram à morte de Chinua, o antigo comandante dos guerreiros Kalima. A Ghoha tinha feito sulcos no chão da tenda de tanto andar de um lado para o outro a murmurar entre dentes. Não por se sentir perseguida pela dor causada pela perda do nosso líder, mas obcecada com quem seria o escolhido para lhe suceder. Estava disposta a tudo para ser a escolhida, e quando chegou a altura de provar o seu mérito, ordenou missões mais longas e perigosas em território zemyano. Redobrou as vigias e acelerou todas as marchas. Esforçou-se ao máximo para provar a sua competência.

Apesar destes esforços hercúleos, o rei dirigiu-me a sua missiva seguinte.

«Só porque estás preocupado que estejas a esgotar-te», garanti à Ghoha. Mesmo que, secretamente, tenha ficado encantada por ver o meu nome gravado a ouro na missiva. Em segredo, tinha começado a treinar a minha urdidura da noite como nunca, na esperança de que ele considerasse a minha promoção. Nunca foi minha intenção passar a perna à Ghoha, claro, mas a verdade é que o cargo ainda não era dela. E ela já estava a deixar que o poder lhe subisse à cabeça.

— O desespero nunca é bom conselheiro — admoesto-a agora, tal como fiz na altura.

Os olhos dela incendeiam-se ao reconhecer as minhas palavras, e depois enchem-se de fúria. Isto não são palavras da submissa e obediente Enebish. São palavras de Enebish, a *Guerreira*.

As minhas palavras ressoam no espaço que nos separa como os sinos do Templo de Gesper.

Ela dá um passo em frente, com o seu cabelo branco como a neve. Uma rajada de gelo espalha-se pelo chão congelando a neve por baixo dos meus pés.

— Volto a perguntar, Enebish — pronuncia cuidadosamente cada palavra. — O que sabes sobre o Temujin?

— E se eu optar por não dizer?

— Farei o que for preciso para proteger o meu rei e o meu país.

— E eu farei o que for preciso para proteger a minha família.

— Eu não faço parte da tua família? — A voz dela falha na última palavra, mas é demasiado tarde para fingir que se preocupa.

— Porque não perguntas ao Serik? — berro.

A Ghoe agarra-se à cabeça e grita:

— Basta! — Uma rajada de ar gelado atira-me ao chão e os pingentes suspensos das árvores desprendem-se como gotas de chuva impiedosas e tilintantes. Mas em vez de caírem ao chão, os fragmentos avançam na minha direção como punhais.

Estou de tal forma aturdida que não consigo mexer-me.

Tento desviar-me para o lado, mas as minhas pernas parecem separadas do corpo.

No último segundo, a *Orbai* levanta voo e coloca-se à minha frente.

As lâminas pequenas embatem no seu peito e rasgam-lhe as asas. Ela para abruptamente, como se tivesse embatido na muralha de Ikh Zuree, e fica parada no ar durante um segundo desolador antes de cair no chão.

O seu grito corta o silêncio — um terrível e doloroso brado de fenecimento.

Cai sobre a neve, debatendo-se num lamento. Gelo brilhante irrompe do seu peito, juntamente com um fio de sangue — tão escuro e denso que é quase preto.

Não consigo desviar o olhar.

Isto não é real. Não pode ser real.

Caio de joelhos e grito a plenos pulmões:

— O que fizeste?

Sinto as costelas a encolher. A quebrar. Não consigo respirar.

A Ghoa cambaleia para a frente, com um lamento preso atrás das mãos.

— S-sinto muito — grita. — Não tive intenção...

— O que fizeste? — volto a gritar. Os meus dedos cobrem-se de sangue à medida que arranco os estilhaços brilhantes. As lágrimas sufocam-me o nariz e a boca. Sinto-me a asfixiar, a soluçar, a afogar. Afundo-me, rompo, quebro. Até não restar nada de mim.

Apenas o monstro.

Estremece de vida na minha barriga e, desta vez, não tento domá-lo. Deixo que a sua fúria me queime como um incêndio descontrolado. Desafio-o a romper a fina camada da minha pele.

A pedra da lua treme em resposta, bombeando as suas vibrações exasperantes e serenas pelo meu peito. O suor que cobria a minha testa seca. Sinto os braços exaustos, como se usasse avambrços de ferro. Antes que a pedra da lua consiga acalmar o monstro por completo, atiro-me à Ghoa.

Ela ergue as mãos para bloquear o meu ataque, mas não é essa a minha intenção. Preciso de levar a *Orbai* a um curandeiro. E tenho de garantir que a Ghoa não me impede de o fazer nem me segue, o que significa que preciso da cobertura da noite.

No último instante, atiro-me às botas dela. Usando a minha mão sã, tiro-lhe o punhal, ergo-me sobre os joelhos e levanto a lâmina.

A Ghoa flete os dedos e um sabre feito de gelo forma-se no seu punho. É cinco vezes maior do que o meu punhal.

— Pousa a arma, Enebish. Não queres fazer isto.

— Quero, sim — grunho. Em seguida, viro a arma contra mim, posicionando a ponta do punhal por baixo da pedra da lua. Ela treme com uma violência tal que parece quente em vez de fria. Bombeia o seu veneno através de mim, dizendo-me que largue a faca. Que me afaste do monstro.

Ofegante, pressiono ainda mais.

— Para! — grita a Ghoe, mas eu empurro o punhal ainda mais fundo, arrancando a pedra venenosa da minha pele.

Uma dor lancinante percorre o meu corpo. Fios de sangue espesso encharcam-me o peito, e eu urro de dor porque sinto que estou a cortar um tumor maligno e um órgão essencial ao mesmo tempo.

Assim que a pedra da lua cai na neve, um formigueiro delicioso e familiar reacende-se na parte de trás da minha garganta. Uma vibração constante de calor cresce nas palmas das minhas mãos, até eu as atirar para o lado e inclinar o rosto para o céu.

O sol já nasceu sobre o rio, pintando o céu de uma tonalidade tangerina-brilhante, o que deve dificultar a evocação da noite — sobretudo para alguém que já perdeu a prática. Mas assim que dobro os pulsos, os tentáculos de escuridão emanam da floresta como morcegos. Como se tivessem estado à minha espera todo este tempo.

Agarro nas suas caudas esvoaçantes com os punhos e atiro-as contra o chão com um bramido. A escuridão invade as pastagens e eu deleito-me com o seu toque sedutor, que acaricia o meu rosto como uma velha amiga.

Como sou uma Fiadeira da Noite, consigo ver tudo na perfeição. O abrigo delapidado e os ramos rendilhados da floresta adquirem apenas tons mais acinzentados e contornos ligeiramente difusos. Mas a Ghoe não vê nada. É uma escuridão tão completa que a faz esquecer que a luz alguma vez existiu.

— Enebish! — Ela recua titubeante com os braços estendidos. — Não faças isto. Lamento. Sinto-me muito mal por ter magoado a tua águia, mas tu provocaste-me de propósito. A culpa é das duas.

Sê razoável, solta a noite e podemos encontrar um curandeiro juntas.

Rio-me porque já ultrapassámos os limites do razoável. E não podemos «encontrar um curandeiro juntas» porque ninguém pode saber que eu saí de Ikh Zuree. Ninguém pode saber que *da* perdeu o controlo do seu poder Kalima.

Antes de a Ghoha conseguir inundar o ar com frio, rasteiro-lhe as pernas com o meu pé. Quando ela se estatela contra o abrigo, pego no corpo inerte da *Orbai* e corro para as árvores. A escuridão invade o céu enquanto eu corro, engolindo uma extensão ainda maior das pastagens. O vazio no centro da minha clavícula assemelha-se a uma fenda: traiçoeira, agreste e profunda. Tusso a cada inspiração. O formigueiro nas palmas das mãos queima como um punhado de carvão em brasa e as estrelas chamam por mim, implorando para mergulhar, queimar e destruir.

Ofegante, reprimo a necessidade. O monstro resiste. O meu domínio da noite vacila e a escuridão espalha-se ainda mais. A julgar pela forma como as minhas mãos vibram, é bem possível que as trevas se tenham espalhado por Sagaan. Ou até mesmo por Ashkar.

E eu regozijo-me em segredo.

Embalando a *Orbai* contra o peito, corro para o centro da cidade. Em direção à taberna Cabeça de Carneiro. Em direção ao Temujin.

A nossa única esperança de asilo.

Capítulo 13



A taberna está às escuras e fechada, mas eu atiro-me contra a porta, rezando para que pelo menos um dos Shoniin esteja sempre de vigia.

Quando ninguém atende, grito o nome do Temujin a plenos pulmões.

A porta abre-se com estrondo e um rapaz com pelo menos um palmo acima da minha altura assoma à entrada.

— Estás a *tentar* chamar a atenção da Guarda Imperial? — grita em surdina.

— Ajuda-me — imploro.

O seu olhar recai sobre a ferida aberta no meu pescoço, de onde retirei a pedra da lua, sobre a *Orbai* em sofrimento nos meus braços e sobre os padrões ondulantes de sangue que tingem a minha túnica. Empalidece e dá um passo atrás.

— Não sei em que estás metida, mas não queremos nada com isso. Quem te disse para vires aqui?

— O Temujin! Sou uma de vós. Deixa-me entrar.

— Nunca te vi. — Coloca as mãos dos dois lados da ombreira, preenchendo o espaço.

— Sou nova.

— Claro que sim — troça, e eu reparo que os seus olhos muito juntos, de um castanho quase preto, me parecem bastante familiares.

— És o irmão da Inkar! O gémeo! Passei a semana a ajudá-la a treinar as crianças. Ela deve ter-te falado de mim.

— A pessoa que ela referiu...

— Sou eu! — Atenuo as sombras à volta do meu rosto para ele ver as cicatrizes, e aceno com a mão à escuridão que paira atrás de

mim, ocupando o lugar de uma manhã luminosa e dourada.

Ele sustém a respiração e cai para trás.

— Maldição celeste!

Passo por ele e avanço a coxear pela sala, que é muito mais fácil de percorrer com os bancos arrumados em cima das mesas e sem que haja clientes à vista.

— Onde fica a enfermaria? Precisamos de um curandeiro, água, ligaduras e... — A minha voz emudece quando avanço pelo corredor e dou com ele vazio, à semelhança de todos os quartos cujas portas abro de supetão. — O que se passa aqui? Onde estão todos? Esta não devia ser a vossa sede? — exijo saber.

— Espera aqui — diz-me o irmão da Inkar. Entra no quarto poeirento onde falei com o Temujin e bate com a porta atrás de si.

— Aonde vais? — grito. — O que vais fazer *aí* dentro? Não temos tempo para esperar! — Sinto a *Orbai* mais pesada a cada segundo que passa, como um peso morto nos meus braços. Tento seguir o rapaz, mas ele trancou a porta atrás de si. Com um grunhido de frustração, pontapeio a maçaneta. A dor invade a minha perna mutilada, mas eu ignoro. Preciso de fazer *alguma coisa*. *Seja o que for*. Estou prestes a pontapear a porta novamente, quando ela se abre e o Temujin aparece à minha frente.

— De onde é que tu saíste? — pergunto, atónita. — E para onde foi ele? Não interessa. Tinhas razão quanto ao Serik. E quando confrontei a Ghoha, ela, ela...

Os meus ombros trémulos dobram-se sobre a *Orbai*.

— *Por favor*, ajuda-nos. Faço o que for preciso. — Falo tão depressa que nem consigo respirar. A minha visão turva-se. Acho que estou a chorar. — Ela está a morrer.

O Temujin agacha-se à minha frente. Em vez das suas habituais vestes cinzentas de Shoniin, usa umas calças de atilho castanhas e o seu cabelo preto está desgrenhado como as penas de um corvo. Estaria a dormir no quarto?

— Respira, Enebish. Eu posso ajudá-la. Mas preciso que te acalmes para fazeres a travessia.

— A travessia? Que travessia? Para onde? Disseste-me que *este* era o vosso esconderijo.

— Achas que tenho conseguido ludibriar o Rei Celeste e os seus guerreiros durante meses permitindo que todos os recrutas acedam ao nosso reduto? Foi um teste.

— Eu não lhe disse nada — engasgo-me. — A Ghoha não sabe da Cabeça de Carneiro.

— Mesmo que tivesses dito, não teria importância. — O Temujin avança para a parede do fundo, desprovida de quadros e tinta, e bate-lhe com a biqueira da bota. — Este já foi o local do maior santuário da Senhora do Céu. Tinha quase nove metros e todas as pedras estavam revestidas a folha de ouro. Chamavam-lhe a Janela para o Céu. Já ouviste falar?

— Talvez? — Lembro-me vagamente da indignação da minha mãe com a destruição dos altares sagrados. Por vezes, a altas horas da noite, ouvia-a a murmurar para as bonecas de oração, queixando-se de que o Rei Protetor estava a purgar todos os vestígios dos Primeiros Deuses.

— O rei pode ter destruído a estrutura deste local sagrado, mas a janela permanece aberta. — Ele ergue a mão direita, afasta os dedos anelados e pousa a palma da mão sobre a madeira. Ela ferve e crepita como troncos numa fogueira. Uma luz laranja-avermelhada define os contornos da sua mão, e os veios da madeira escura ondulam. Num piscar de olhos, torna-se branca e translúcida, correndo para o céu como um rio de fogo.

Aperto a *Orbai* contra mim e fico a olhar, incrédula.

Este é o portal para o reino do Azul Eterno.

O Temujin é verdadeiramente o escolhido da Deusa.

Mil perguntas invadem a minha mente. Isto significa que *tudo* aquilo que ele disse é verdade? A sua rebelião conta com a bênção dos Primeiros Deuses?

O Temujin afasta a franja dos olhos, que são ainda mais amarelos e felinos à luz da parede brilhante, e estende-me a sua mão.

— Bem-vinda ao reino do Azul Eterno, Enebish — diz-me.

E com isto mergulhamos na luz das estrelas.

Sou envolta num calor delicioso: cremoso, denso como mel e fragrante como bálsamo de limão. Durante uma fração de segundo, sinto-me suspensa como uma nuvem. Em seguida, os meus pés aterram com um baque naquilo que me parece ser erva — macia e esponjosa sob as solas grossas das minhas botas de inverno.

Inspiro e tusso logo de tão *quente* que está o ar. E pegajoso. É um contraste tão grande relativamente ao frio gelado que deixámos para trás, que os meus pulmões estalam. Talvez a porta brilhante fosse feita de fogo. Talvez eu esteja a queimar viva. Morta às mãos do Temujin — tal como a Ghoe alertou.

O Temujin ri-se, divertido.

— Já podes abrir os olhos. E podes parar de apertar os meus dedos. Gostava de poder usá-los.

Retraio a mão e murmuro um pedido de desculpa, mas as palavras desaparecem assim que olho para cima. É tudo verde — um verde tropical e luxuriante tão intenso que me faz semicerrar os olhos. Giro lentamente sobre mim mesma. Estamos no topo de um molhe nas margens de um rio que parece ser o Amereti, mas não pode ser porque é célere e borbulhante em vez de estar cristalizado do gelo. E um vasto campo de globos-de-ouro cor de laranja estende-se à nossa volta. Não há sinais de edifícios, do Palácio Celeste ou da própria cidade. Por cima de nós, o céu é de um azul glacial e estriado, como os glaciares que cobrem a tundra de Chotgor. Poupas, com as suas cristas coloridas de penas cor-de-rosa, piam enquanto serpenteiam por entre as nuvens.

A *Orbai* adoraria estar lá em cima a persegui-las.

Já não se agita nos meus braços e a sua respiração é apenas um tremor muito ténue.

— Os teus curandeiros estão por perto?

— Por aqui. — O Temujin faz-me sinal para o seguir, e percorremos o campo em direção aos picos recortados que rodeiam o

vale como uma taça.

Preciso de manter a calma e o equilíbrio por causa da *Orbai*, mas quanto mais andamos, mais as minhas mãos tremem. Sempre que baixo os olhos, reprimo o choro.

— É parecido com Sagaan. não é? — diz-me o Temujin, provavelmente para me distrair.

Aceno a custo, porque os picos lá ao longe parecem as montanhas de Ondor, pontilhadas por árvores e banhadas em fiapos de nevoeiro. Mas não podem ser.

— Para todos os efeitos, isto é Sagaan. Mas uma camada diferente, um plano mais elevado. Pensa no reino do Azul Eterno e em Ashkar como mapas idênticos sobrepostos. Apesar de as linhas serem as mesmas, são entidades distintas. É isso que faz dele o esconderijo perfeito. Se o Rei Celeste ou a tua irmã entrassem no quarto, veriam apenas uma cama decrépita e prateleiras poeirentas.

Aceno com a cabeça à genialidade de tudo aquilo. Não admira que a Ghoha não consiga apanhar o Temujin e os Shoniin. Eles são capazes de desaparecer no ar, literalmente. Escondidos na terra dos Primeiros Deuses.

Ele encaminha-me por uma colina isolada, a leste de um acampamento colorido. Em Sagaan, tenho quase a certeza de que este é o local onde fica situado o Palácio Celeste, mas, neste reino, existe uma estrutura longa e rasteira. Não tem paredes, apenas pilares de jade finos que sustentam um teto amarelo-brilhante com oito esquinas pontiagudas.

No interior, o piso é um mosaico de pérolas, opalas e safiras refulgentes, que retratam as diferentes regiões de Ashkar: o deserto austero, a tundra gelada e as pastagens ondulantes. A extremidade do pavilhão está cheia de vasos de coral e urnas de obsidiana, e, ao centro, existe um altar de granito por cima do qual está suspenso um turíbulo de latão que derrama fumo roxo picante. O cardamomo e a lavanda fazem-me cócegas no nariz.

O Temujin para junto ao altar.

— Este é o Templo da Serenidade. É o cerne do reino do Azul Eterno, um vaso comunicante com a Senhora do Céu, e o sepulcro

dos Seus mais devotos seguidores. — Aponta na direção das urnas. — Aqui, o Seu poder é absoluto. Sente-lo?

Ele ajuda-me a pousar a *Orbai* com cuidado em cima das lajes de pedra e, em seguida, coloca a sua mão sobre a minha, pressionando-as contra o altar.

A pedra aquece sob as minhas palmas, como uma rocha ao sol. Aquece cada vez mais até sentir uma impressão na garganta, em tudo semelhante ao despertar do meu poder Kalima. Só que esta é mais aguda, intensa e frenética. *Tudo* neste reino é mais intenso — o sol que me aquece o rosto, a própria densidade do ar, até o solo debaixo dos meus pés parece pulsar a um ritmo próprio.

— Isto é muito *estranho* — digo. Sempre pensei que sentiria a presença da Senhora do Céu como um regresso a casa, mas mais parece que estou a balançar à beira de um abismo.

— Ao princípio, a intensidade pode ser avassaladora — concorda o Temujin. — O pulsar da Deusa é muito mais forte aqui, e é por isso que vamos ser capazes de curar a tua águia. — Ele retira uma pequena arca de cedro de detrás das urnas. No interior, há potes do tamanho de polegares com um pó preto reluzente e frascos com um líquido verde viscoso.

— Segura-a bem. — Ele coloca uma pequena colher de prata na mistura preta e espalha o pó por cima da *Orbai*.

— O que é isso? Nunca vi...

O Temujin ergue um dedo, e eu fico em silêncio. Retira o turíbulo do gancho e agita-o por cima do corpo da *Orbai*, de modo que o fumo violeta a envolva em espirais densas. Assim que a devora por inteiro, ele ajoelha-se do outro lado do altar e entoia um cântico de uma beleza assombrosa. Faz-me lembrar do vento a levantar a areia e da tranquilidade noturna do deserto. Apesar de não conhecer a letra, o meu coração conhece a melodia. O lugar. Este sentimento.

Lar, entoia um coro nos meus ouvidos.

Assim que decoro a melodia, entoo-a em silêncio com o Temujin, enquanto lágrimas de preocupação e gratidão e outra coisa qualquer que não consigo nomear correm pela minha cara.

Quando o cântico termina, o Temujin mergulha o dedo no líquido verde e atira-o para o fumo. Cheira a terra queimada e a metal molhado e, assim que as gotículas tocam na neblina, esta começa a dissipar-se.

Agarro-me ao lado do altar e sustenho a respiração.

A figura da *Orbai* começa a formar-se aos poucos, e eu lanço um guincho abafado. Já não está deitada e inerte, mas sim de pé e a limpar as penas ensanguentadas. As asas estão perfeitamente dobradas junto ao corpo e aqueles horríveis estilhaços de gelo derreteram completamente. Aproxima-se para me bicar os dedos, e eu descambo num choro pegado.

— Obrigada — choramingo, enquanto a tomo nos meus braços. Ela debate-se e grasna, mas isso só faz com que a aperte ainda mais.

Depois de examinar cada centímetro do seu corpo, pouso-a e viro-me para o Temujin, apontando para a arca cheia de mezinhas estranhas.

— Nunca vi nada assim. E olha que os Kalima são tratados pelos melhores curandeiros do império.

— Os melhores curandeiros do império não têm acesso a estes medicamentos. Chama-se Loridium e é feito das lágrimas do Pai Guzan. Pode curar qualquer ferida, por mais profunda que seja, desde que o sopro da vida ainda habite o corpo do lesionado.

— Incrível — digo, com reverência. — Isto podia ajudar muitos guerreiros na frente de batalha. Já pensaste... — Tento alcançar a arca, mas o Temujin afasta-a.

— O Loridium é muito raro. E é mais eficaz no reino do Azul Eterno. Foi por isso que a Senhora e o Pai trouxeram os Seus seguidores mais fiéis para este reino. Como achas que Jamukha, o *Invencível*, sobreviveu a tantos relâmpagos? Como achas que eles sararam as minhas feridas?

Sinto um aperto no coração quando olho para o Temujin, que está na outra ponta do altar.

— Isto está reservado para os Shoniin mais importantes, mas dispuseste-te a usá-lo na minha água?

— Não julgo o valor de um amigo dependendo se tem pés ou penas. Creio que a Senhora e o Pai a considerariam merecedora, não concordas?

Não consigo ir além de um aceno.

— Tratamos também das tuas feridas? — Aponta para a minha garganta, onde esteve alojada a pedra da lua. A pele irregular está inflamada e encrustada com sangue, mas a ferida propriamente dita não é profunda.

— Poupa o Loridium. Não é uma ferida de morte. Água e toalhas servem perfeitamente.

O Temujin cerra os lábios e hesita, mas encolhe os ombros e vai buscar uma taça com água e um molho de panos limpos da arca. Conto que me passe os materiais, mas ele molha os panos, inclina-se sobre o altar e ensopa com eles a ferida.

As suas mãos são surpreendentemente gentis. A sua cara está afitivamente próxima — à distância de um fôlego; consigo contar cada pestana que embate nas suas faces.

— É de louvar aquilo que estás a fazer pelos pastores — atiro, só para cortar o silêncio.

— Só lhes proporciono o auxílio que deviam receber do país. E os pastores não foram os únicos a ser abandonados. Já estiveste em Chotgor desde que foi ocupado por Ashkar?

Vivem na miséria. O Rei Celeste confiscou-lhes os barcos de pesca, desmantelou o comércio de peles e obrigou-os a alistarem-se, sob pena de terem de minerar a tundra em busca de minério para fabricar munições. Até as crianças. E suponho que estejas a par do que se passa em Verdenet.

Penso no grupo de velhos que sussurravam nas pastagens.

— O desaparecimento do rei Minoak?

— Desaparecimento é um eufemismo. «Alguém» — o Temujin sublinha a palavra com o gesto das aspas — tentou assassiná-lo. Ninguém sabe se ele sobreviveu, se está cativo ou se tentou fugir e

morreu nos nevões. Ninguém sabe dele, e toda a região está mergulhada no caos sob o jugo do governador imperial. Só no mês passado decapitaram dez homens de Verdenet por se recusarem a tirar os brincos das orelhas. É como em Chotgor; todas as atividades foram redirecionadas para o recrutamento.

— Mas os habitantes de Verdenet dedicam-se ao ouro e à prata, não ao aço e à morte — contesto. Ao contrário dos Ashkarianos, o nosso povo sempre foi artífice e artesão. Foi por isso que Verdenet pediu proteção a Ashkar. — Seriam os primeiros a tombar no campo de batalha.

O Temujin torce o pano ensanguentado e bate com ele no altar.

— Não obstante, o Rei Celeste envia-os para lá às carradas.

Quero dizer que é impossível. O rei não faria tal coisa — os cidadãos de Verdenet fazem parte do império há quase duas décadas. Mas não tenho a certeza. Como membro dos Kalima, ia de batalha em batalha sem nunca ficar tempo suficiente para assistir à «reconstrução» — como o rei lhe chamava. E, no meu subconsciente, sempre me interroguei como é que Ashkar conseguia ter uma infantaria tão numerosa, e ficava espantada com a solicitude dos nossos novos cidadãos em cumprir o serviço militar.

Estarão a ser obrigados a tal?

Dedos quentes de culpa apertam as minhas costelas, mas tento acalmar-me. Isto é apenas uma versão da história.

A versão do *Temujin*.

Por mais zangada que esteja com a Ghoa, não sou tola a ponto de acreditar em tudo o que este rebelde me diz.

Ele desloca-se pelo altar e inclina-se desconfortavelmente perto, roçando os seus ombros nos meus.

— É por isso que precisamos desesperadamente da tua ajuda.

Sinais de alerta soam no meu cérebro, mas tenho o cuidado de fazer com que isso não transpareça no meu rosto.

— Continuo sem perceber em que é que a minha escuridão pode ajudar.

— Há centenas, talvez milhares de guerreiros que querem aderir à nossa causa, mas não conseguem escapar à frente de batalha. O risco de captura e execução é demasiado grande. O Rei Celeste vigia as tropas mais atentamente do que nunca, com os Zemyanos a avançar e a nossa notoriedade crescente. Mas *tu* podes envolver os guerreiros na escuridão e ajudá-los a fugir às patrulhas. Transportá-los através das pastagens para o reino do Azul Eterno. Com a tua capacidade de fiar a noite, os nossos números podiam duplicar em dias.

Ergo os dedos até à ferida circular que tenho na garganta.

— Não posso dominar a escuridão em Ashkar. Não é seguro. Também não me agrada a ideia de transferir desertores da frente de batalha. A deserção do Temujin é uma coisa. Ele não teve alternativa — a fazer fé na sua história —, mas incentivar deserções em série? Desguarnecer as nossas tropas quando Zemya está na ofensiva?

Parece-me errado. Doentio. Pressiono o punho contra o meu estômago revoltado.

— Não posso.

— Mas acabaste de o fazer. O Chanar disse-me que a manhã estava escura como breu à tua volta.

— Foi uma emergência. A *Orbai* estava a morrer. E mal consegui conter o fogo das estrelas.

— Então, pratica. Lembras-te do que te disse? Posso garantir que manténs o controlo.

— Porquê? — Cruzo os braços. — Se és assim tão contra o recrutamento e conquista do rei, porque queres roubar guerreiros e canhões? Quais são os teus planos ao certo?

Conto que ele me ignore com um comentário vago ou que insista que se trata de um assunto oficial — como a Ghoe costuma fazer. Mas após uma breve hesitação, ele diz:

— Ao roubar rações e canhões e atrair guerreiros para longe da frente de batalha, contamos desprover o Exército Imperial a ponto de Ashkar ser obrigada a procurar a nossa ajuda e aceitar os

nossos termos. Vamos juntar-nos às forças do Rei Celeste e ajudá-lo a expulsar os Zemyanos de Ashkar *apenas* se ele proporcionar aos protetorados a ajuda e prosperidade que ele nos prometeu inicialmente.

Fico a matutar nas palavras dele. O plano do Temujin é brilhante, mas também incrivelmente arriscado.

— Tens noção de que estás a afrontar o Rei Celeste de Ashkar, o monarca mais arrojado e implacável do mundo? Se ele recusar, Ashkar sucumbirá a Zemya. Eles já cruzaram a fronteira e avançam todos os dias.

O Temujin olha para mim sem um vislumbre de fanfarronice. Os sulcos na sua fronte são tão cavados como trincheiras, e ele esfrega os nós dos dedos por cima dos olhos. Isso fá-lo

parecer cansado. E jovem. Pensei que estivesse mais próximo da idade da Ghoha, mas agora percebo que é pouco mais velho do que eu.

— Se esta situação se mantiver, seremos conquistados na mesma — diz-me, docemente. — As nossas tropas estão em maus lençóis. Não podemos abandoná-las à morte.

Olho para ele, impávida, porque a frente de batalha não pode estar assim tão má como ele a pinta. *É impossível.*

— Resgatar os nossos soldados e assinar um tratado com o Exército Imperial é a melhor hipótese que temos de derrotar Zemya e proteger a nossa cultura e tradições — prossegue o Temujin. — É a nossa única hipótese. E nada disso será possível sem ti, Enebish. — Ele acrescenta um *por favor* tácito com a forma como prende o lábio inferior entre os dentes.

Contra a minha vontade, sinto o meu rosto a corar. Dou um grande passo atrás.

— Desculpa, mas é demasiado perigoso. Não quero arriscar.

O Temujin não diz nada. O único som audível no templo é o raspar das garras da *Orbai*, que caça grilos à volta das urnas.

Por fim, ele exala um suspiro resignado.

— Acho que compreendo.

Quase sucumbo de alívio.

— Compreendes?

— Sim. Mas espero que compreendas que não posso resgatar o Serik da caravana que segue para Gazar.

As suas palavras acertam-me no peito como um picador de gelo. É verdade que nunca se disponibilizou a salvar o Serik. Limitou-se a avisar-me de que ele ia seguir para Gazar, e eu estupidamente parti do princípio de que o aviso significava que ele se preocupava.

— É demasiado perigoso. Não quero arriscar. — O Temujin vira as minhas desculpas contra mim.

Abro-lhe os olhos.

— Então, estás a fazer-me um ultimato?

Ele esboça o seu sorriso estonteante, que agora parece demasiado rasgado. Demasiado calculista. Menos o «amigo» preocupado que curou a minha águia e mais o líder astuto que conheci na Cabeça de Carneiro.

— Considera isto uma oportunidade. Uma parceria. Uma mão lava a outra. Já provei o meu valor, verdade? — Aponta para a *Orbai*. — Acho que não é irrazoável esperar algo em troca.

— Tens noção de que, se voltar a perder o controlo, posso matar centenas de inocentes?

— Se não resgataremos os soldados desprovidos de magia da frente de batalha, estaremos a condená-los à morte de igual maneira.

— Esperas mesmo que eu faça isto? — digo, levantando-me.

— Não *espero* que faças nada. A escolha é tua.

— O Serik vai para Gazar! Sabes que não tenho alternativa!

— Então, temos acordo? — O Temujin estende-me a sua mão e eu fico a olhar para ela, com vontade de a afastar para o lado com uma estalada.

— Por momentos, acreditei piamente que fosses bom — resmungo.

— A bondade é um conceito relativo, Enebish. Há milhares de versões da mesma história. Um milhão de matizes de cinzento entre o preto e o branco. Dá-nos uma oportunidade. Creio que vais acabar por concordar com o meu plano.

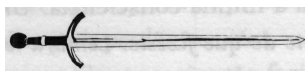
Aceito a sua mão, imaginando que os seus ossos são uma marmota e que os meus dedos são as garras da *Orbai*.

— Não evocarei um único fio de escuridão enquanto o Serik não estiver em segurança no reino do Azul Eterno.

O Temujin esboça um sorriso escarninho e aperta de volta.

— Então, é melhor eu travar a caravana.

Capítulo 14



À medida que nos encaminhamos para o acampamento colorido no sopé da colina, o Temujin fala-me dos globos-de-ouro — como se eu fosse uma visitante curiosa em vez de uma cativa chantageada.

— A sério? — expludo. — Achas que quero saber do cenário?

O Temujin ergue as mãos como se *eu* estivesse a ser difícil, e caminhamos o resto do tempo em silêncio.

A *Orbai* levanta voo dos meus ombros e esvoaça pelo céu limpo, perseguindo as incautas poupas, que chilreiam e se espalham, assustadas. Pelo menos uma de nós está a desfrutar do reino do Azul Eterno.

Olho para o perfil irritantemente bonito do Temujin. Por que raio é que a Senhora e o Pai haveriam de o tornar no escolhido da Deusa? Não estou com isto a pôr em causa o Seu discernimento; Eles lá terão os Seus motivos. Só não vejo quais possam ser com os meus olhos imperfeitos e céticos.

Quanto mais nos aproximamos das tendas, mais evidente se torna que este acampamento é *muito* diferente daqueles em que vivi enquanto guerreira imperial. Essas eram tendas pequenas de feltro, fáceis de montar e desmontar de um momento para o outro. Estas são do tamanho dos templos de Ikh Zuree e feitas de sedas brilhantes e tule translúcido em todos os tons do pôr do sol.

O Temujin ergue um painel de seda coral, e eu fico boquiaberta quando surgimos no interior. O acampamento é arrebatador. O ar é tão denso por causa do incenso que sou transportada para um limoal a cada nova golfada de ar que respiro. No centro das tendas, dezenas de Shoniin dançam à volta de uma fogueira com chamas que brilham em tons de safira em vez de amarelo. Alguns riem-se e bebem vorkhi, enquanto outros voam por cima de nós em tirolesas, deslocando-se por entre centenas de lanternas flutuantes suspensas em fios invisíveis.

É uma explosão de cor e caos que mais parece um sonho do que realidade.

E isso deixa-me ainda mais furiosa. Esta é a casa da Senhora do Céu. Devia estar a percorrer este glorioso acampamento com os braços estendidos em êxtase. Desde muito nova que sonhava em visitar o reino dos Primeiros Deuses. Mas agora estou aqui e tudo está maculado pelo ultimato do Temujin.

— Sabes que podes desfrutar deste lugar mesmo estando furiosa comigo — informa-me ele. Pelo menos, tenta parecer ligeiramente compungido. — Anda, vou apresentar-te aos outros.

Aproximamo-nos da fogueira e as conversas param abruptamente. Uma multidão de olhos curiosos semicerra-se e fixa-se em nós.

— Enebish! — A Inkar levanta-se do banco e avança a correr pelo meio do grupo. — Vieste! Quando é que chegaste? — Interrompe a marcha assim que se aproxima, e leva a mão à boca quando vê o meu rosto pálido e a minha túnica manchada de sangue. — Céu bendito, o que se passou?

Engulo em seco e aliso o tecido, constrangida.

— Eu... — Duvido que me acolhessem de braços abertos se soubessem que estive em contacto com a comandante dos guerreiros Kalima. Embora a julgar pelos seus rostos céticos, ou mesmo hostis, não me pareça que eles se sintam particularmente acolhedores de qualquer maneira.

Por fim, o Temujin tem a decência de quebrar o silêncio constrangedor.

— Esta é a Enebish. A nossa mais recente recruta. Foi atacada por esconder informações sobre nós. É precisamente o tipo de guerreira de que necessitamos.

A Inkar entrelaça com orgulho o seu braço no meu, mas os outros continuam a olhar fixamente. Tento manter-me ativa e devolver-lhes os olhares, mas o meu peito recua instintivamente.

O Temujin percorre o círculo e debita nomes, mas não me recordo de nenhum, além do irmão da Inkar, Chanar, e da Leitora de

Ossos, Borte, que parece surpreendentemente mais nova sob o estranho brilho azul da fogueira. Na verdade, a sua cara está totalmente livre de rugas. Não pode ser muito mais velha do que eu.

— Tu... Como fizeste isso? — gaguejo.

— Maquilhagem. — Estende as mãos, que estão manchadas de castanho e branco. — Ninguém pagaria por uma consulta com uma Leitora de Ossos jovem.

O meu sobrolho franze-se ainda mais à medida que o meu olhar percorre novamente o círculo, examinando cada uma das caras. O Temujin afirmou que os seus seguidores estavam cicatrizados e oprimidos, tal como eu, mas são o paradigma da saúde. Lanço-lhe um olhar acusatório.

— Nem todas as feridas são visíveis — recorda-me.

— Como as minhas e as do Chanar — acrescenta a Inkar. — E a Oyunna é uma cortesã no Palácio Celeste. — A Inkar aponta para uma jovem que está no centro do grupo. É anormalmente alta, e o seu cabelo negro cai-lhe sobre os ombros sardentos. Algo dentro de mim para ao ouvir as palavras da Inkar. A Oyunna é uma cortesã. Não era.

— Ela ainda trabalha lá? — atiro de repente.

A Oyunna faz-me gelar com os seus olhos fulgurantes e bem delineados a lápis.

— Alguém tem de recolher informações da corte. Quem achas que avisou o Temujin de que o zurig ia ser utilizado durante o Festival Qusbegi? Achas que um resgate tão célere tinha sido mera coincidência? — Ela diz tudo isto com grande à-vontade, como se a sua tarefa não fosse diferente de encerar o soalho ou cuidar dos cavalos. Mas os seus olhos irradiam fogo, e os seus lábios em forma de coração estão contorcidos num esgar. — Agora, posso proporcionar prazer ao Rei Celeste, mas um dia terei eu o prazer de lhe cortar a virilidade entre as pernas.

O grupo irrompe numa gargalhada, e eu dou por mim também a rir. O nó que trazia no peito desfaz-se num instante.

— Tenho assuntos a tratar em Ashkar. — O Temujin lança-me um olhar intencional. — Quem quer cuidar da Enebish durante a minha ausência?

A Inkar é a única pessoa a levantar a mão, uma vez que *cuidar da Enebish* significa claramente servir de ama-seca.

— Ela pode ficar comigo e com o Chanar.

O irmão dela grunhe do outro lado da fogueira.

— Não podes oferecer assim a nossa tenda.

— Para todos os efeitos, sou a tua irmã mais velha, o que faz de mim a chefe de família, por isso posso.

— És três minutos mais velha!

A Inkar mostra-lhe um sorriso rasgado.

— E três minutos mais sábia. — Vira-se para mim. — Não lhe liguês, ele não é muito dado logo ao princípio.

— Parece ser um mal geral — murmuro, à medida que os outros Shoniin retomam os sussurros e os olhares desconfiados na minha direção.

A Inkar acena com a mão de forma displicente para o grupo.

— Eles são sempre assim com os recrutas novos. Seria de esperar que fossem mais afáveis, visto que já estiveram todos no teu lugar, mas parece ser um ritual de passagem intimidar os membros mais novos.

— Sobretudo quando esse membro mais novo é lixo Kalima — atira um rapaz com cabelo castanho sujo.

— Não gostamos de espiões — sibila outra rapariga.

Quase respondo torto, mas cerro os lábios porque, para todos os efeitos, sou mesmo uma espia — ou era.

— Não sejam paranoicos — admoesta a Inkar. — Mais de metade de vocês foi guerreiro imperial. — Ela senta-se num toro junto à fogueira azul crepitante e bate com a mão no lugar ao lado dela.

Dou um passo atrás em vez de um passo em frente.

— Estou exausta. Talvez seja melhor ir deitar-me... — Prefiro voltar para o meu abrigo gelado a continuar neste ninho de víboras.

— Pensas que vamos permitir que espiolhes as nossas tendas por tua conta? — A Oyunna levanta-se e avança na minha direção. — Senta-te, Enebish. A diversão ainda agora começou. — Agarra nas costas da minha túnica e puxa-me para baixo, entre ela e a Inkar.

Há um longo momento de silêncio. Sinto um formigueiro na minha marca da traição, à medida que é inspecionada de todos os ângulos.

— Não vale a pena perder tempo. — A Oyunna bate as mãos e vira-se para mim. — Tenho muitas perguntas sobre a harpia frígida da tua irmã. E sobre os Kalima.

— Oyunna! — A Inkar passa por cima de mim e dá uma palmada na nuca da Oyunna.

— O que foi?

A Inkar volta a bater-lhe, despenteando o seu longo cabelo negro.

— Não é altura de interrogar a pobre rapariga. Ela acabou de chegar. E teve um dia muito difícil. Precisa de *amigos*.

— Bem, veio ao sítio errado.

— Ignora-a, Enebish — diz-me a Inkar. — A Oyunna não é sempre tão insensível e insuportável.

Isto faz-me esboçar um sorriso espontâneo. É melhor que a Oyunna me interpele diretamente sobre o meu passado do que fique a olhar para mim e faça juízos de valor como todos os outros. Ela é ousada. Confiante. De certa forma, faz-me lembrar a Ghoha — aquela que conheci antes da morte de Chinua. A Ghoha que eu adorava e que admirava. A Ghoha que ainda continua ali, soterrada por uma montanha de pressão.

Apetece-me chegar ao outro reino e abaná-la. Gritar-lhe. E depois chorar como uma criança nos seus braços.

Nós não somos assim. Sei que ela não tinha intenção de ferir *Orbai*.

Mas fê-lo.

E agora eu estou aqui — com tudo o que isso tem de bom e mau.

— *Pois bem.* — A Oyunna serve-se de um copo de vorkhi quente do pote que está na fogueira e bebe um gole. — Vamos ser *amigas*. Vamos falar de quê? Posso contar-te tudo o que quiseres saber da vida quotidiana no Palácio Celeste.

Ou os mexericos mais recentes de Sagaan. — A sua voz é falsa e delicadoce.

— Ou a Enebish pode contar-nos algo sobre si. — A Inkar lança-me um olhar encorajador.

— Acho que já sabes os pontos altos — murmuro.

A Inkar abana a cabeça com firmeza.

— Nariin *não* é um ponto alto. E tão-pouco é o que te define. Conta-nos algo genuíno. Algo que mais ninguém saiba.

Não abras a boca, grita-me a minha mente. É assim que eles te fazem baixar a guarda. Mas estou tão farta de me sentir sozinha e alheada do mundo. E se vou ficar aqui, mais vale fazer algumas indagações por conta própria. E, apesar das nossas diferenças, há uma coisa que temos em comum...

— Há dois anos que mantenho a boneca de oração e o Livro de Murmúrios da minha mãe escondidos em Ikh Zuree — confesso. — E *usei-os*.

— Corajosa — diz-me a Oyunna com um aceno que mostra compreensão.

— Também tentei abrir um portal para o Azul Eterno no início desta demanda.

A Inkar e a Oyunna trocam olhares mudos e depois desatam à gargalhada.

— Ambas tentámos fazer o mesmo! — admite a Oyunna. — Quando entrei ao serviço do rei, vasculhei todos os recantos do Palácio Celeste em busca de relíquias sagradas antigas, na esperança de que elas me permitissem abrir um portal.

— E eu rezei a todas as pedras viscosas em Gazar, convencida de que tinham feito parte de um moledo sagrado — confessa a Inkar.

Depois disso, a conversa flui de forma natural. Não facilmente, mas o suficiente para tornar a fogueira tolerável — sobretudo depois de bebermos todas alguns tragos de vorkhi. Por fim, as rações são distribuídas, e eu ergo o sobrolho às mesmas sacas de serapilheira que são entregues aos pastores. Os Shoniin podiam comer como reis neste reino sem que alguém em Ashkar ficasse a saber. Mas não comem.

Sem surpresas, a *Orbai* regressa do assédio às poupas assim que abro a saca. Aterra aos meus pés e bica as pontas da minha túnica até eu ceder e lhe dar um pedaço de carne seca.

— Ela treinou-te bem — diz-me o Chanar do outro lado da fogueira. Os Shoniin sentados à sua volta riem-se, mas em vez de responder, assobio à *Orbai*, que levanta voo.

Ela voa em círculos por cima de nós, até que eu dou um estalido com a língua e ela mergulha e apanha a ração do Chanar diretamente do seu colo.

— Sem dúvida que a treinadora sou eu.

Os Shoniin à volta dele desatam à gargalhada. Alguns até me lançam um olhar aprovador. A Inkar levanta-se e aplaude.

Ficamos sentados à volta da fogueira durante o que parecem ser horas, mas estranhamente o Sol permanece por cima de nós, escaldante como se fosse meio-dia. Quando a Inkar se levanta com um bocejo, semicerro os olhos em direção ao céu.

— Que horas são?

— Quase duas da manhã — diz a Oyunna, num tom entaramelado.

— Mas o Sol...

— Há um motivo para lhe chamarem o reino do Azul Eterno — diz-me a Inkar. — O sol nunca se põe na terra dos Primeiros Deuses.

— Estás a dizer que nunca escurece? — A ansiedade exala do meu corpo como um suspiro retido durante demasiado tempo, mas é imediatamente substituída por uma comichão persistente. Um anseio terrível e insaciável.

— Nunca, e foi por isso que me ofereci para que ficasses comigo. — Ela pisca-me o olho, faz-me levantar e encaminha-me através do labirinto de tendas coloridas. Passamos por uma tenda rosa-pálida que tresanda a lã queimada, e quando uma rapariga assoma por baixo da aba, vislumbro uma linha de montagem de operários a marcar a insígnia do carneiro nas rações militares. Há gemidos que emanam do que presumo que seja uma tenda de enfermaria, e uma tenda vermelho-escura expela o mesmo fumo azul que o Temujin usou durante o meu resgate no Palácio Celeste.

Por fim, chegamos a uma tenda verde-água e a Inkar levanta a aba prateada com um gesto floreado.

— Lar, doce lar.

Assim que entramos, arrebanha um saco-cama desarrumado e atira-o para fora da tenda.

— Estou demasiado cansada para lidar com o meu irmão. Ele pode ir dormir para outro lado. — Em seguida, estende um cobertor lavado ao lado do seu. Até vai buscar um ramo para a *Orbai*, que lhe depenica os dedos como forma de agradecimento.

— Obrigada — sussurro, enquanto me aninho debaixo do cobertor e olho para a lanterna que está pendurada no topo da tenda. — Não sei porque és tão gentil comigo.

A Inkar boceja.

— Só o faço para que colabores e ajudes a nossa causa com os teus poderes de urdir a noite.

O golpe atinge-me com a força de um murro. Tusso e as minhas mãos voam para o peito dorido.

— Estou a brincar contigo. — O riso da Inkar corta o silêncio como o silvar de flechas. — És uma de nós. Família.

Os membros de uma família podem discutir entre si, mas também se defendem quando interessa verdadeiramente.

— Família — repito, pensando na minha. Penso no Serik, algemado e amordaçado na parte de trás de uma carroça da prisão. Penso nas lágrimas geladas da Ghoa e na sua expressão atormentada nos instantes antes de eu atirar a escuridão contra o chão.

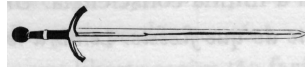
Passo os dedos pelas pequenas penas de prata e ónix no meu pulso, ansiosa por arrancar a pulseira e apertá-la ainda mais ao mesmo tempo.

Será que ela anda atrás de mim? Será que tem saudades minhas? *Quero* que ela tenha saudades minhas? Estes pensamentos ensurdecedores pairam no meu cérebro até eu sucumbir por fim à exaustão.

Mas o sono é pouco ou nada reparador.

Talvez seja por ter arrancado a pedra da lua da minha carne. Ou talvez seja porque evoquei a noite durante a minha fuga com a *Orbai*. Ou talvez seja a ligação mais forte à Senhora do Céu neste reino. Mas pela primeira vez em dois anos, sonho com Nariin.

Capítulo 15



Começa com os horrores já familiares, as coisas que a pedra da lua nunca conseguiu erradicar: a escuridão serpenteante e amorfa, e o peso terrível no peito. Mas agora o pesadelo expande-se como borrões de tinta, revelando pormenores escondidos e aterradores. Ainda não um quadro completo, mas vislumbres. Clarões.

Vejo um campo de neve cristalina, ofuscante na sua pureza. Um piscar de olhos mais tarde, está pejado de cadáveres chamuscados, como moscas num balde de leite. E o cheiro... carne queimada e cabelo a derreter. Engasgo-me enquanto rastejo pelas cinzas fumegantes.

A Ghoe está ali, sentada ao meu lado. Está enrolada numa bola minúscula com a cabeça enfiada nos joelhos, a mão pousada na sua espada coberta de sangue. Balança-se para trás e para a frente e sussurra em surdina:

— Como foste capaz? Como foste capaz? *Céu bendito*, como foste capaz?

— Enebish! — A voz frenética da Inkar irrompe pelas vagas de fumo, e eu recobro a consciência. As suas mãos estão agarradas aos meus ombros, segurando os meus braços agitados de lado, e a *Orbai* voa em círculos por cima de nós como um remoinho estridente. — É apenas um sonho — diz-me a Inkar, ofegante.

Mas não é apenas um sonho. É uma memória. A memória. Por mais zangada que esteja com a Ghoe, vê-la assim — tão destroçada e arrasada, mas firme ao meu lado, quando o meu crime foi muito pior do que atacar uma águia — quebra algo dentro de mim.

Enrolo-me numa bola e gemo para as mãos. A minha pele está encharcada em suor, e sinto uma dor lancinante no braço e perna magoados — tão aguda e crua como naquele dia terrível.

— Porque é que os matei? Eu não queria... — Eu não queria deixar o monstro escapar. Nem sequer sabia que ele estava ali, adormecido dentro de mim. Nunca tinha sentido a sua presença maléfica. Nunca tinha sequer perdido o controlo do meu poder Kalima.

Mentiras.

Eu tinha sido tola, irresponsável e ansiosa. Tão desesperada para conseguir a promoção como a Ghoe. Todas as noites, depois de receber aquela missiva oficial do rei, enviava a minha escuridão para o seu quarto. Moldava os fios em imagens minhas a liderar os Kalima e ensinava aos tentáculos o que sussurrar aos seus ouvidos adormecidos. À medida que avançávamos por Sagan, isso exigia cada vez mais das minhas forças. A ponto de o meu domínio da noite começar a fraquejar durante os exercícios. Incendiava-se, explodia e consumia-se por inteiro. Sabia que devia parar — o meu poder era necessário no campo de batalha. Mas não podia. Que melhor forma de honrar os meus pais do que liderar os Kalima contra os Zemyanos?

— Calma — murmura a Inkar. Ela afasta as mechas de cabelo encharcado do meu rosto. — Estás em segurança. Não magoaste ninguém. Estamos no reino do Azul Eterno, lembra-te?

Os meus olhos abrem-se lentamente e deparo-me com paredes de seda verde-menta e a cara preocupada da Inkar pairando sobre a minha. A *Orbai* aterra no meu outro lado e empurra a minha mão com o seu bico. O ar é quente e fragrante com o aroma calmante de erva-príncipe e globos-de-ouro. Algures no acampamento, soa um gongo, seguido pelo som constante de passos e vozes. Exalo um suspiro nervoso. Estamos no reino do Azul Eterno, não num campo gelado coberto de cadáveres. A Inkar tem razão nesse ponto. Mas está enganada em relação ao resto. Eu magoei alguém. Matei uma caravana inteira. Evoquei a noite e devastei-os com fogo das estrelas. Tudo em nome da minha ambição egoísta.

Cubro a cara com as mãos e gemo. Preciso da minha pedra da lua. Preciso destas recordações debilitantes longe da minha consciência. Mas a pedra rara está soterrada na neve algures nas margens do rio Amereti, partindo do princípio de que a Ghoe não

ficou com ela. Seja como for, o Temujin nunca me deixaria recuperá-la. Não quando ele precisa de mim para proteger os seus desertores da frente de batalha.

Ergo-me sobre os joelhos, rastejo pela tenda até uma mesa baixa onde está uma bacia de água, e molho a cara até a bacia estar vazia e a minha túnica estar ensopada.

Sinto o olhar de preocupação da Inkar nas minhas costas, pesado como um casaco de peles, mas mantenho os lábios cerrados. Não há nada a dizer. Nariin estará sempre presente, e eu estarei sempre a tentar fugir disso.

— Eu sei o que pode ajudar — anuncia a Inkar com um bater de mãos. Mas antes de me dizer, alguém começa a gritar. Uma voz que conheço melhor do que a minha.

Um grito soluçante emerge da minha garganta, como se escavasse para fora de uma avalanche e inspirasse aquela primeira golfada de ar gloriosa. Saio a correr da tenda da Inkar em direção à clareira. As minhas feridas vão amaldiçoar-me mais tarde, mas essa dor não é nada comparada com a ansiedade que assola o meu coração desde que ouvi as palavras «Serik» e «Gazar» na mesma frase.

Sigo os seus gritos através das tendas e para lá da fogueira, e vejo-o por fim a caminhar ao lado do Temujin rumo a um barracão ao fundo da clareira. Ou, mais precisamente, a ser arrastado para o barracão pelo Temujin. Ontem à noite, não reparei naquele pequeno edifício. É feito de madeira castanho-parda com musgo verde a subir pelas paredes. Não é grande visão, comparado com as tendas coloridas.

— Solta-me! — ruge o Serik, e eu reprimo uma gargalhada. Claro que ele entraria no reino do Azul Eterno aos berros e a estrebuchar.

— Ainda não te posso soltar — diz o Temujin, lentamente. — Mas garanto-te...

— Poupa as tuas garantias! Não significam nada para mim. Onde está a Enebish?

O Temujin parece estar a segundos de levantar as mãos e torcer o pescoço do Serik.

— Serik! — Caio sobre ele num abraço exausto. — Estás aqui!

A *Orbai* passa por nós a voar, gritando o seu descontentamento em alvoroço.

O Serik olha para nós as duas e volta a gritar com o Temujin.

— Garantiste-me que a Enebish estava em segurança!

— E eu estou em segurança — intervenho, mas o Serik grita ainda mais alto.

— Estás com péssimo aspeto. É evidente que eles andam a torturar-te. — Aponta para a minha cara lavada em lágrimas e para a ferida na minha clavícula. — E ele raptou-me!

— Ninguém está a torturar-me. Tive um pesadelo. E acontece que o Temujin «raptou-te» da carroça da prisão.

— Creio que o termo correto é *resgatou* — intervém o Temujin. — Um ato que costuma ser recebido com muito mais gratidão.

— Não precisava da tua ajuda — diz o Serik ao Temujin. — Eu tinha um plano.

O Temujin exala um longo suspiro de cansaço e olha para mim.

— Ele é sempre assim tão...

— *Sim* — respondo, com uma gargalhada ofegante. — Sempre. Por estranho que pareça, aprendemos a gostar.

— Se tu o dizes.

O Serik arregaça as mangas.

— Se tens algum problema comigo, desertor...

Reviro os olhos e agarro no braço dele.

— Para de arranjar confusão e vem comigo. Eu explico-te tudo.

Antes que o Serik possa dar um passo, o Temujin puxa por ele.

— Infelizmente, ele vai ter de ficar aqui, no barracão das provisões.

— O quê? — eu e o Serik gritamos em uníssono.

— Apenas por um curto...

— Vês? — diz o Serik. — Fizeste-me refém.

— Prometeste libertá-lo — exclamo.

A Inkar, o Chanar e uma multidão de Shoniin curiosos avançam para a clareira, atraídos pela confusão como moscas para ovelhas.

— Enebish! Estás aqui — chama a Inkar.

— Estás a ter problemas com o monge mauzão? — O Chanar dá uma cotovelada ao Temujin nas costelas. — Não sei porque te deste ao trabalho de o resgatar; um cobarde rico e mimado que se esconde num mosteiro enquanto nós sangramos e lutamos. — Torce o nariz às vestes sagradas do Serik.

O corpo do Serik torna-se rígido como as montanhas de Ondor e as cordas nos seus antebraços retesam-se.

— Não sabes nada sobre mim.

— Não lhe deem trela — o Temujin gesticula para o Chanar e os outros Shoniin se afastarem. — Ele nunca mais se cala. — Em seguida, aproxima-se de mim e baixa a voz. — Não faças uma cena. Prometi libertar o Serik da carroça da prisão e foi o que fiz. Não disse que o deixava andar à solta por aqui.

— Isso estava implícito! — Atiro as mãos ao ar. O que me apetece mesmo é arrancar a expressão virtuosa da cara do Temujin à estalada. — Porque o libertaste de uma prisão para o enfiar noutra?

— Para garantir que cumpres a tua parte do acordo.

O Serik para de gritar e olha para mim.

— Que acordo?

— Dei-te a minha palavra de honra — reclamo, com os olhos fixos no Temujin. — Isso devia chegar.

— *Devia* é relativo, não te parece? — contrapõe ele, de forma sombria. — Eu *devia* poder usar estes brincos tribais nas minhas orelhas. Eu *devia* poder voltar a Verdenet para saber notícias da minha família. Os meus oficiais superiores *deviam* acreditar em mim

quando lhes digo que não desertei do meu regimento, mas, infelizmente, a vida nunca é como *devia* ser.

— Mas...

— Põe-te na minha posição. Já tornaste por demais evidente que não confias em mim, por isso não devia ser um choque que eu também não confie em ti. Prometi que ninguém faria mal ao Serik, mas ele tem de ficar aqui até tu cumprires a tua promessa. — O Temujin puxa o Serik para mais perto do barracão. Desta vez, ele não se debate. Permite que o Temujin o arraste como uma saca de cereais.

— O que lhe prometeste, Enebish? — A voz do Serik é calma e entrecortada.

— Posso ao menos falar com ele a sós? — peço ao Temujin. Ele hesita, mas acaba por aquiescer.

— Suponho que não haja azar. Mas deixa-me ajudá-lo a pôr-se à vontade..

O Temujin e o Serik desaparecem, e eu fico a rondar a porta, demasiado furiosa para sentir as pontadas na perna enquanto caminho de uma ponta a outra do barracão. O monstro arranha e ruge nas minhas entranhas, e eu rio-me amargamente, porque na única altura em que quero soltá-lo não há uma só faixa de escuridão para evocar.

Após uma eternidade, o Temujin surge sozinho.

— Tens dez minutos.

Afasto-o do meu caminho com o ombro.

— És muito generoso.

— Farias alguma coisa diferente? — riposta.

Grunho, que é o mais perto que alguma vez estarei de concordar com ele. A seguir, entro pela porta e bato com ela atrás de mim.

O barracão está pejado de colchões não usados, sacolas e túnicas cinzentas dos Shoniin. Está tudo coberto por uma fina camada de pó, com exceção das marcas das botas que o Serik deixou no chão. Sigo-as até passar por um monte de armaduras de couro desirmanadas e dou com ele naquilo que só pode ser descrito

como uma jaula. A parte dos fundos da divisão foi fechada com barras de madeira grossas que se estendem do piso até ao teto. O Serik está atrás delas, amaldiçoando entre dentes enquanto bate nos degraus em busca de pontos fracos.

— Pelo menos, não é Gazar — digo, com um riso forçado.

A cabeça do Serik levanta-se de repente.

— Gazar seria preferível. Que sítio é este? Que fazes aqui? E o que prometeste àquele traste desertor?

— Nem sei por onde começar. — Encosto-me às barras e deixo as pernas deslizarem sob o peso do meu corpo, até ficar sentada de pernas cruzadas no chão. O Serik faz o mesmo do outro lado das barras. Os nossos braços tocam-se por instantes através das frestas, e a extremidade esfarrapada da sua manga faz-me cócegas no pulso. O cheiro familiar a tinta de resina e pergaminho envolve-me, e eu sinto uma necessidade súbita de alcançar a sua mão. Preciso de estar mais próxima, de modo que ele possa mostrar-me o seu sorriso rasgado e dizer-me que vai correr tudo bem.

— Não devia ter confiado no Temujin — começo, após um minuto de silêncio. — Mas não tinha alternativas. Ias a caminho de Gazar, e esta foi a única forma que arranjei de te salvar.

— O que lhe prometeste? — pergunta o Serik, desta feita num tom mais brando.

Passo os dedos pelo pó do chão.

— O que achas que foi? O que é que as pessoas sempre quiseram de mim?

— Mas isso nem sequer é possível...

— Passou a ser. — Viro-me para ele e toco na ferida vermelha na minha garganta.

Fico à espera de que o Serik se encolha ao ver aquela confusão de carne viva, mas os seus lábios cerram-se e ele põe-se de pé.

— Vou matar o Temujin...

— Para de gritar. Não foi ele quem a cortou. Fui eu. As suas mãos caem lentamente ao longo do corpo.

— Porquê? Nunca pensei que precisasses daquela pedra estúpida, mas porque farias isso por *ele*?

— Não foi por ele. Foi pela *Orbai*.

— Mas a *Orbai* está ótima. — O Serik aponta para o teto. De tempos a tempos, os pios descontentes da minha águia penetram no barracão.

— Está ótima porque eu a protegi com a minha escuridão. Depois de o Temujin ter interrompido a minha tortura no Festival Qusbegi, a Ghoha enviou-me a Sagaan para o encontrar e para me infiltrar nas suas hostes. Mas enquanto estava na capital, descobri milhares de pastores a morrerem à fome e ao frio nas pastagens de inverno. Aparentemente, os Fogueiros do Sol ficaram retidos na frente de batalha porque os Zemyanos estão a avançar. A Ghoha afirmou que a ajuda humanitária estava a ser posta em marcha, mas eu vivi com os pastores durante uma semana e nunca vi uma migalha de comida ou uma peça de roupa distribuída pelo império. O Temujin e os seus Shoniin são os únicos que providenciam ajuda...

— E então? — interrompe o Serik. — Isso é muito bonito, mas é o suficiente para te atirares de cabeça ao movimento dos desertores? E o que tem isso que ver com a *Orbai*?

Semicerro-lhe os olhos.

— Não me *atirei de cabeça* a nenhum movimento. Nem sequer estava a ponderar juntar-me aos Shoniin, e o Temujin sabia disso. Foi por isso que ele me contou que ias ser enviado para Gazar. Ao princípio, recusei-me a acreditar que a Ghoha permitisse tal coisa, mas quando a confrontei, ela ficou tão irritada que perdeu o controlo do poder Kalima e atirou punhais de gelo contra o meu peito. A *Orbai* pôs-se à minha frente no último segundo e salvou-me a vida.

— A Ghoha fez o *quê*?

Aceno com gravidade, revivendo os gritos torturados da *Orbai*.

— Cortei a pedra da lua e escureci as pastagens, de modo a podermos fugir. Mas não podia levar a *Orbai* a um curandeiro em Sagaan sem ser reconhecida, por isso vim para aqui.

O Serik volta a sentar-se no chão e murmura:

— *Benditos céus.* — Agarra as mangas com os punhos, entufa as bochechas e exala um longo suspiro. — E onde é que nós estamos, afinal?

— Este é o reino do Azul Eterno, o primeiro nível do Paraíso, reservado aos seguidores mais devotos da Senhora do Céu. O Seu mundo dentro do nosso mundo.

O Serik olha-me fixamente sem pestanejar.

— Queres que acredite que fomos trazidos para a terra dos Primeiros Deuses?

— De que outra forma explicarias este lugar? É evidente que já não estamos em Sagaan.

— Não sei onde estamos nem como explicar isto, mas sei que os Primeiros Deuses nunca permitiriam que eu estivesse na sua presença. Deixaram bem claro que não significo nada para eles. O que não me chateia, visto que não quero os seus malditos poderes Kalima para nada.

— Achas que estou contente com isto? — Gesticulo com a mão, de modo a abarcar todo o barracão. — Mas recusar aceitar a nossa situação não ajuda em nada.

— Não estou a tentar ser difícil. Só não compreendo como tudo isto é possível.

— O Temujin foi escolhido pela Deusa — digo-lhe. E, em seguida, explico rapidamente o resto: o facto de o Temujin ter sido curado pelo Loridium, de os altares serem portais e de os Shoniin acreditarem que o império é corrupto.

— E o que tem o teu poder que ver com tudo isto?

Baixo os olhos para as minhas mãos.

— Em troca do teu resgate da carroça da prisão, prometi usar o meu poder para ajudar o Temujin a transferir desertores da frente de batalha.

Admitir aquilo em voz alta fá-lo parecer ainda pior.

O Serik sustém a respiração e eu preparo-me para outra reprimenda, mas em vez disso ele passa os dedos pela orla do capote. Quando olha finalmente para cima, fico surpresa ao descobrir os seus olhos ardentes sob as pestanas baixas. Quase reverentes.

— Estás disposta a fazer isso por mim?

— Sabes que faria tudo por ti.

Ele fixa o olhar no meu com intencionalidade e sinto a minha pele a retesar-se. Ou talvez as minhas entranhas estejam a crescer? Seja como for, tenho de desviar o olhar para conseguir respirar.

— Por mais que agradeça a tua ajuda, é óbvio que não posso permitir isso — declara o Serik.

— Como assim, *não podes permitir*? Não temos alternativa.

— Mas *tu* tens alternativa. Não estás presa.

— Que conversa é essa? — Ele tem outra vez aquele brilho no olhar. A mesma expressão que tinha quando me convenceu a beber vorkhi e a entrar à socapa no Festival Qusbegi. Aquela que significa que não vou gostar do que lhe vai sair da boca.

— Vai-te embora, En. Foge. Não permitas que o Temujin use o teu poder.

Afasto a mão dele.

— Perdeste o juízo? Não posso deixar-te aqui.

— Podes, sim. Quero que o faças. Imploro-te que o faças.

— Fazes ideia do que me estás a pedir? — Levanto-me num ápice. — O que esperas que faça? Que me esconda em Ashkar no meio de uma caravana de pastores e que finja que não te abandonei?

— *E tu* fazes ideia do que *me* estás a pedir? Não quero ser o isco que o Temujin usa para te manipular. Não serei capaz de viver comigo mesmo.

— Nem eu!

— *Por favor*, Enebish. — A voz do Serik é um sussurro entrecortado. — Vai. Antes que faças algo que não possas emendar.

Abano a cabeça com uma veemência tal que o meu cabelo se solta e cai sobre o rosto.

— Mesmo que quisesse, não saberia sair deste lugar.

— Se te preocupas comigo, vais arranjar maneira.

— Se te preocupas *comigo*, não me pedirás isso! E isto não tem só que ver connosco. E se os Shoniin estiverem a dizer a verdade sobre os protetorados e a frente de batalha? — Tenho estado tão concentrada em salvar o Serik e a *Orbai*, que só pensei nesta possibilidade quando as palavras me saíram da boca.

— *O quê?* — O Serik olha para mim como se eu estivesse a falar na língua de Verdenet. — Não me digas que acreditas na propaganda deles.

— Não. — Pelo menos, penso que não. — Mas o Temujin tinha razão quanto a seres enviado para Gazar. E tu não viste as condições de miséria das pessoas que estão nas pastagens. Talvez possa surgir algo bom de uma dessas missões que tenho de cumprir. Permitir-me-ia inspecionar a frente de batalha e falar com os soldados. Se o império for tão corrupto como o Temujin alega, quero ajudar as pessoas. E esta é a única forma de sabermos ao certo em quem confiar.

— Arranja outras formas de ajudar. No nosso reino. Que não obriguem à traição.

— Não há outras formas. Estamos encurralados.

A porta range e abre-se, e o Temujin entra com ar resolutivo no barracão.

— Custa-me interromper este reencontro tão alegre... — A forma como alterna o olhar entre mim e o Serik não deixa dúvidas de que ele ouviu cada palavra da nossa conversa. — Mas a Enebish tem uma promessa a cumprir.

— Agora? — Amaldiçoo o tremor na voz, e a forma como cimenta a expressão inabalável do Serik. — Ainda agora voltaste de resgatar o Serik. Não precisas de descansar e...

— A guerra não espera por ninguém. Está na altura de vermos do que és capaz. — O Temujin mantém a porta aberta e insta-me a passar. — Só temos uma semana para te prepararmos para a tua primeira missão.

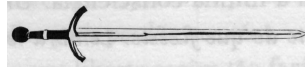
— Por favor, Enebish — clama o Serik à medida que eu saio para a luz solar. — Pelo menos, pensa no que eu te disse.

— Está bem — cedo. Ele vai gritar até ficar rouco e partir os ossos contra as barras da prisão se não o fizer. E eu mantenho a minha palavra. Pondero cuidadosamente no seu pedido ridículo quando desço os três degraus da entrada do barracão.

Pronto. Promessa cumprida.

Decisão tomada.

Capítulo 16



— A onde vamos? — pergunto ao Temujin, rispidamente.

Ele aponta para a colina.

— Vamos ao Templo da Serenidade.

Arranco pela clareira fora, tão depressa como as minhas mazelas permitem. Tenho de morder a língua com força sempre que toco com a perna estropiada no chão.

— Espera, Enebish. As coisas não têm de ser assim.

— Estás a obrigar-me a usar os meus poderes contra a minha vontade. Como haveriam de ser?

— Não te estou a obrigar. Fizemos um acordo.

Rio-me amargamente.

— Apenas porque não me deste alternativa.

— Há sempre alternativas — insiste o Temujin. — Não tenho culpa de que não consigas suportar as outras hipóteses. Por vezes, a moralidade tem de ceder ao bem maior.

Isso é fácil de dizer para quem nunca teve moralidade, é o que me apetece barafustar, mas isso não é totalmente verdade. O Temujin está a lutar de forma incansável em prol dos pastores e das pessoas nos protetorados. Os seus métodos é que não são os mais honrados.

Ele acompanha a minha passada. O seu olhar é tão incessante que sinto a face a arder como se estivesse junto a uma lareira, mas mantenho os olhos fixos em frente e uso a minha raiva como escudo.

Quanto mais nos aproximamos do templo, mais descompassado bate o meu coração. Sinto o sangue latejar na minha fronte, e os meus dedos tamborilam ritmadamente contra as coxas. Não estou pronta para voltar a evocar a noite. Quando resgatei a *Orbai*, a escuridão engoliu mais de Sagaan do que eu esperava. O monstro

estive prestes a controlar-me. Já para não dizer que o Serik ficará furioso. E a Ghooa...

Ela nunca me perdoará. Vou tornar-me oficialmente uma traidora.

Atiro-me para a frente, correndo ainda mais depressa. Como se pudesse deixar tudo isto para trás.

— A sério que sinto muito — diz o Temujin quando chegamos ao templo —, mas isto não é pessoal. A guerra requer um certo grau de crueldade. Sabes bem disso. Só estou a fazer o que é preciso para salvar aqueles que me são queridos.

— A tua mãe não te ensinou que mentir é feio? — rosno.

— A minha mãe não me conseguiu ensinar nada. Morreu da doença dos suores quando eu tinha 2 anos. Cresci apenas com o meu pai e os meus dois irmãos.

— Ah... — Não estava à espera de que ele me contasse nada pessoal. — Sinto muito.

— É o que acontece com muitas famílias de Verdenet. Antes de nos tomarmos um protetorado, o nosso povo morreu aos milhares de doença e fome. Ou de ataques dos Zemyanos. — Acena-me com a cabeça. — Mas sob a alçada de Ashkar, a situação não melhorou. Podemos ter proteção e cuidados de saúde básicos, mas de que nos vale isso quando um igual número de cidadãos é levado para a frente de batalha e chacinado como porcos? Ou mortos unicamente por viverem de acordo com a sua fé? — Ele toca ao de leve na fileira de argolas que traz na orelha quando entramos no templo. — O meu irmão mais velho foi morto por se recusar a tirar os brincos. Descobri semanas mais tarde, numa carta que continha uma só frase. E foi a última vez que tive notícias da minha família. O governador imperial impossibilitou a entrada e saída de mensagens de Verdenet. Podem muito bem estar todos mortos.

— Tal como a minha família. — Recordações difusas do dia em que a minha aldeia ardeu pairam no meu campo de visão. A força da mão da minha mãe quando me empurrou pela janela, pouco antes de o teto desabar. O coro de gritos de dor quando, um atrás

do outro, os meus vizinhos foram queimados vivos nas suas cabanas.

— Céus, foi insensível da minha parte. Não pensei... — O Temujin despenteia o cabelo já de si desgrenhado e esfrega os olhos com os nós dos dedos. Estão vermelhos e marcados pela exaustão, e a sua túnica está tão imunda que duvido que a mude há vários dias. Em vez do líder rebelde confiante que conheci, ele parece um fio solto da tapeçaria. — Estou apenas cansado, frustrado e a ceder sob a pressão, obviamente. Desculpa ter sido tão brusco contigo e com o Serik, mas há muitas pessoas que dependem de mim. Preciso desesperadamente da tua ajuda.

Empoleiro os cotovelos no altar, ao lado dos seus. Não lhe digo que não tem importância. Porque tem. Mas parte de mim quase consegue perceber.

— Juro que não te trouxe aqui para ouvires a minha história triste. — O Temujin passa o braço por cima do altar, enviando uma cascata de pequenas flores secas e incenso para o chão.

- Mas não consigo partilhar estas coisas com mais ninguém. Eles contam que eu seja forte, que tenha um plano, mas tu não dependes de mim para nada, por isso posso falar à vontade. Chega a ser um bálsamo.

— Podes vir ter comigo sempre que precisares de alguém que duvide e não goste de ti.

Ele solta uma gargalhada sonora.

— Não *desgostas* de mim.

— Podes crer que não gosto de ti.

Ele volta a rir-se, com a cabeça atirada para trás, e eu percebo que a minha afirmação pode não ser totalmente verdade. Eu podia gostar do Temujin — mas não da versão que ele mostra ao mundo, o rapaz que me engana e chantageia.

Gosto *desta* versão dele: crua, vulnerável. Real.

— Pelo menos, posso contar contigo para seres sincera. Agora, vamos ao que interessa.

Sinto os nós no meu estômago a apertarem-se ainda mais. Olho em redor do belíssimo templo, com as suas colunas de jade vivazes e teto amarelo. Devia parecer amplo, convidativo e *certo* — é provável que todos os templos fossem assim por todo o continente antes de o Rei Celeste purgar os Primeiros Deuses —, mas este santuário magnífico parece-me agora mais uma prisão. Uma câmara de tortura.

Sinto as mãos transpiradas quando os rostos desiludidos da Ghoe e do Serik surgem por entre o fumo roxo.

— Acho que não sou capaz de fazer isto — sussurro.

— Eu não estava a mentir quando disse que tenho uma forma de garantir que manténs um controlo perfeito sobre a noite — diz-me o Temujin.

— Ver para crer.

Ele faz um gesto com a mão que abarca todo o templo.

— É isto que vês.

Olho fixamente para ele, com o olhar tão carregado de ceticismo que até me admira que a pele dele não esteja a fumer.

— Este templo nem sequer tem *paredes*. Nunca seria capaz de conter o meu poder.

— Garanto-te que sim. Achas que te diria para fazeres isto se fosse perigoso?

— Sim! És um desertor rebelde e desabrido.

Com uma gargalhada, ele agarra nos dois lados do altar e inclina-se sobre ele. É impossível escapar aos seus olhos dourados hipnóticos.

— Olha para o céu e diz-me o que vês.

Com um suspiro, inclino a cabeça e olho para a faixa de azul-pérola que brilha através do buraco do fumo.

— Estou a olhar para quê, afinal? O céu é sempre igual aqui: limpo, soalheiro e perfeito.

— Exatamente! A escuridão não existe neste reino, o que significa que o *único* sítio onde podes aceder ao teu poder é dentro

deste espaço, e o controlo da Senhora do Céu é perfeito aqui. Não confias Nela?

— Claro que sim — retruco.

Ele sai do templo e instala-se no degrau de pedra mais baixo.

— Ótimo. Então, mostra-me o teu pior, Enebish, *a Destruidora*.

Olho fixamente para ele com um olhar exasperado, sobretudo para ele não perceber quanto os meus dedos estão a tremer quando levanto as mãos. Antes de Nariin, conseguia controlar os tentáculos da noite como se fossem uma extensão do meu próprio corpo: pintando faixas de sombra impenetráveis, projetando a escuridão sobre acampamentos inimigos e disparando fogo das estrelas com a pontaria de um mestre arqueiro. Mas agora sinto a pele quente e tensa. A ansiedade revolve-me o estômago como girinos.

Ou será o monstro? Em posição e pronto para atacar?

Quase recolho a minha mão, mas o Temujin grita:

— Concentra-te! Tu és capaz. Sei como é perder tudo. Sei como é estar aterrado e inseguro. Mas também sei o que é renascer, revestir-me com aço, banhar-me em fogo e recusar ser espezinhado. Marcar uma posição e dizer: «Não sou o que os outros pensam de mim, mas aquilo que decido ser.» Renasce, Enebish!

Reteso todos os músculos e estendo os braços para o teto abobadado. As palmas das minhas mãos aquecem, sinto um formigueiro na garganta e, lentamente, o ar no templo funde-se num azul-escuro aveludado pontilhado de diamantes. Contorce-se sob a cúpula como uma nuvem de tempestade, cada vez mais preta, até que...

Pop!

Tentáculos de escuridão caem como chuva e rodopiam à minha volta, tagarelas e ronronantes, entusiasmados por este raro momento de libertação. Em seguida, irrompem em direção à liberdade — como sabia que o fariam. Mas quando chegam aos limites do teto suspenso, ressaltam com estrondo. Como se paredes

de tenda invisíveis tivessem sido erguidas entre os pilares de jade. Para lá do templo, o céu permanece pálido como vidro rendilhado.

Uma vaga de riso incrédulo brota dos meus lábios, e eu inclino a cabeça para trás para olhar para as estrelas fulgurantes. Assemelham-se a leite derramado pelos céus e, *céu bendito*, as saudades que eu tinha delas. Os meus olhos ardem enquanto sigo o seu brilho distinto. Quando puxo ao de leve, uma estrela estremece em resposta. Sem cair e sem se inclinar. Mas deslizando languidamente em direção à Terra.

Rio e choro com mais força, entrelaçando as suas caudas refulgentes nos meus dedos. A necessidade percorre-me as veias, cada vez mais quente, até eu ser um inferno. A derreter de dentro para fora.

É então que o monstro ataca. Antes de perceber que ele está acordado, garras familiares raspam na minha coluna e o equilíbrio altera-se — tal como aconteceu em Nariin. A vibração no meu peito transforma-se em retalhamento. A euforia deforma-se em horror quando o monstro abre a queixada.

Atiro os tentáculos para o lado com um urro e enrolo-me numa bola, mas uma massa de fogo das estrelas amarelo e branco ainda atravessa a boca de fumo e explode contra a barreira invisível. A explosão faz-me cair de costas e expelir o ar que tenho nos pulmões como uma bala de canhão. Se o templo não tivesse contido a destruição, o Temujin estaria morto. Os belíssimos campos estariam em cinzas.

As lágrimas inundam-me os olhos à medida que a escuridão retrocede. Vejo os tentáculos a recuarem para os céus como o fumo de uma fogueira, vagamente consciente das botas do Temujin a subirem os degraus, mas permaneço deitada de costas, a passar o dedo pelo buraco que outrora albergou a pedra da lua. Para não ter de ver o terror e a repulsa nos seus olhos.

Ele baixa-se junto a mim e encosta o seu joelho ao meu.

— Bem, isto foi... esclarecedor.

— Se por esclarecedor queres dizer aterrador, sim. — A minha voz é tão oca como o vento que silva por entre os juncos.

— Foi sem dúvida mais impressionante do que aterrador.

— Não há nada de impressionante em perder o controlo e matar pessoas.

O Temujin bate-me na perna com mais insistência. Quando por fim resmungo e olho para ele, ele lança-me um sorriso terno.

— Não precisas de te preocupar com isso porque terás o controlo perfeito. Tens de vir para aqui dia e noite durante a próxima semana, praticar o aperfeiçoamento do teu poder, e depois poderás ajudar-me a salvar o nosso povo. — Pressiona as palmas das mãos e olha para mim com a mesma ânsia como a *Orbai* a pedir bolos de cevada.

O Serik lamuria-se tão alto na minha mente que quase olho por cima do ombro para garantir que ele não está ali.

Felizmente, não está.

O seu rosto ficaria mais vermelho do que as suas vestes sagradas, e os seus olhos brilharão de fúria e desilusão. Não com a minha falta de controlo, mas por ter cedido às exigências do Temujin.

— Para com isso. — Aceno a minha mão na direção da cara amuada do Temujin. — Sabes que tenho de te ajudar, porque te dás ao trabalho de pedir? — Afasto-me e levanto-me, mas ele segue-me.

— Porque quero que *acredites* naquilo que estamos a fazer. Quero que faças verdadeiramente parte dos Shoniin. Está na altura de te acolhermos oficialmente no nosso grupo. Os novos recrutas são sempre iniciados com orações e oblações à Senhora do Céu. Vamos. — Envolvo-me com um braço e encaminha-me para a escadaria.

Baixo-me para me livrar dele e mantenho-me firme.

— Estou exausta.

E não estou minimamente pronta para me juntar ao grupo dele.

— Isto vai animar-te. A cerimónia consta do meu Livro de Murmúrios, que está na minha família há sete gerações. Vais sentir-te como se estivesses no meio do mercado de Nashab.

Os meus dedos dos pés contorcem-se instintivamente dentro das botas, imaginando a areia fina e o calor delicioso. Sei que ele está a lançar-me o isco, em busca do ponto fraco na minha muralha defensiva, mas, de momento, não tenho outra opção. O Temujin não é tolo a ponto de me deixar sem vigia, o que significa que não me consigo escapulir para ver o Serik ou procurar um portal de volta para a Cabeça de Carneiro. E estou interessada em saber como é que outros prestam culto à Senhora e ao Pai. Poder prestar culto às claras, sem medo de represálias, é algo com que sempre sonhei. E talvez descubra algo útil sobre os Shoniin. Algo que prove se são tão nobres como apregoam.

— Está bem. Eu assisto à tua pequena cerimónia.

O Temujin esboça um sorriso estonteante e encaminha-me colina abaixo até à fogueira de cobalto. Enquanto caminhamos, ele chama todos os grupos de Shoniin por que passamos, pedindo-lhes que se juntem a nós para o serviço. A maioria está a voltar do campo de treino para o almoço, e contra a minha vontade, um sorriso melancólico assoma aos meus lábios quando vejo os Shoniin sentarem-se nos troncos à volta da fogueira, trocando histórias, incentivos e risos. Há séculos que não me sentava à volta da fogueira com os meus camaradas. Uma vida desde que brindei, bebi e dei rédeas à minha liberdade. Há dois anos que sou apenas eu, o Serik e a *Orbai*, vigilantes durante a noite, e por mais que a minha cabeça doa com frustração e confusão quanto a saber em quem confiar e em que acreditar, o meu coração dói ainda mais. Em busca de amizade, aceitação e regeneração.

Cuidado, sussurra o meu subconsciente. *É assim que eles te fincam as garras.*

Mas é apenas uma cerimónia. Algumas orações.

— Está na altura de darmos as boas-vindas à nossa mais recente recruta! — O Temujin chama a atenção do grupo. — Vamos erguer as nossas vozes em louvor.

A Inkar aperta-se ao meu lado, arrastando um Chanar muito menos interessado atrás de si. Mesmo que ele não me olhe de lado desta vez, o que afinal de contas é uma melhoria.

— Isto é tão entusiasmante — regozija-se, quando o grupo começa a cantar uma canção. Entoamos louvores à Senhora do Céu e todos eles reverberam na minha língua como doce hidromel. Familiares e reconfortantes, como o cântico que o Temujin entoou para curar a *Orbai*.

Após os cânticos, distribuímos bonecas de oração e oferecemos súplicas e oblações. Há longas orações e oferendas de *vorkhi*, e andamos à volta da fogueira vezes sem conta. Tem tanto de calmante como de revigorante; de solene e de exultante. Muito melhor do que as orações bafientas e os ídolos frios de *Ikh Zuree*.

Reparo que o Temujin me fixa amiúde, com os seus olhos brilhantes refletidos na estranha luz azul. *Eu disse-te que ias gostar*, leio nos seus lábios do outro lado da fogueira.

Reviro os olhos e tento reprimir o sorriso que aflora aos meus lábios.

Ao terminar a última oração, o Temujin sobe para cima de um pedregulho e grita:

— Tragam as urnas!

Alguns Shoniin saem a correr e regressam do Templo da Serenidade com duas urnas enormes, uma feita de coral, a outra de obsidiana. Pousam-nas junto à fogueira, de modo que a luz bruxuleante serpenteia por entre as imagens minuciosamente gravadas de cavalos e guerreiros.

— Não podemos acolher camaradas novos sem primeiro homenagear aqueles que nos antecederam — diz o Temujin. — Aqueles que tombaram para que pudéssemos existir. — O grupo fica em silêncio, e o Temujin começa a recitar uma das mais antigas lendas dos Primeiros Deuses. Uma história que não ouvia há tanto tempo que já quase a tinha esquecido por completo. — No início, só existia a Senhora do Céu, azul, vasta e ilimitada. Governava a Terra, pois não havia montanha que não cobrisse ou vale onde não chegasse. Mas a Senhora não tinha braços para projetar das nuvens, nem mãos para cultivar as terras inférteis. E por isso esperou, vigilante, por alguém que fosse merecedor do Seu manto de estrelas.

» Por fim, apareceu um jovem muito belo, Guzan, com cabelos ondulantes como um rio e pele dourada como a areia. Estava coberto de lianas das mais belas folhas, e globos-de-ouro cresciam debaixo dos Seus pés. A Senhora do Céu apaixonou-se por Ele assim que O viu, e a sua união deu origem a flores e árvores, regatos borbulhantes e lagos de cristal. E, por fim, a seres humanos.

» Mas a Senhora do Céu não estava destinada a amar um ser da Terra, e, conseqüentemente, os filhos que gerou tinham o peso de pedregulhos e estavam fixos à terra com grandes raízes que serpenteavam por baixo do solo. Até mesmo o Homem, quando morria, ficava preso debaixo da terra. Ligado para sempre ao Pai.

» O Pai Guzan viu que a Senhora do Céu se sentia sozinha e tentava chegar à Sua prole com luz, calor e chuva, ajudando-a a medrar e crescer, por isso teve pena d'Ela. Começou a queimar os corpos dos mortos, permitindo que as suas cinzas flutuassem até aos céus para junto da sua mãe. E, por sua vez, Ela transformou-os em estrelas, de modo a poderem brilhar sobre o Pai. O equilíbrio perfeito.

O Temujin leva a mão à urna preta, extrai um pouco das cinzas e atira-as por cima do ombro.

— Sê humilde, se fores feito para a terra. Sê nobre, se fores feito para as estrelas — entoa com reverência.

Os restantes Shoniin repetem o mantra, e as palavras ressoam nos meus ouvidos, de algum modo familiares. Sei que as ouvi há muito tempo, entoadas por uma voz gasta, mas também mais recentemente.

— Foi o que gritaste do topo do Palácio Celeste — digo, de repente —, no dia em que me libertaste do zurig.

O Temujin salta do pedregulho e vem sentar-se ao meu lado.

— Era o mantra preferido da minha mãe. Pensei que seria um bom lema para os Shoniin.

— E é mesmo — sussurro, com a voz entrecortada. — Há anos que não pensava sobre a prática da cremação dos mortos em Verdenet. — Em Ashkar, os mortos são envolvidos em tecido embebido em óleo de linhaça e enterrados em grandes valas co-

muns, por vezes com 20 cadáveres. A última vez que vi uma pira funerária foi quando o meu avô morreu, no ano antes de a nossa aldeia ter sido queimada. Dançámos à volta das chamas durante horas, até a minha pele estar coberta de fuligem e as tiras das minhas sandálias magoarem a parte de trás dos meus tornozelos.

A recordação faz o meu coração estremecer de nostalgia, mas também arder com o fogo — derretendo a pele que o Rei Celeste e o seu império me impuseram. Até quase conseguir sentir a rapariga nascida do Sol e da areia. Uma rapariga feita de chamas, fumo e calor.

O Temujin forma um pináculo com as mãos e olha fixamente para as chamas.

— Há muitas coisas que fomos obrigados a esquecer. Partes de nós próprios que fomos obrigados a deixar para trás. Mas a história da Senhora e do Pai é também a tua história. Mais do que nossa.

As suas palavras começam a fazer sentido dentro de mim — como uma chave a entrar na fechadura. É isto que eu sou, que eu sempre fui. Antes do monstro. Antes dos Kalima. Antes disso tudo.

De acordo com a lenda do Sul, as Fiadeiras da Noite falam em nome dos mortos. O fogo das estrelas é uma materialização da sua ira — uma forma de punir os maus e de levar a cabo a vingança. Foi por isso que lutei tanto para vingar os meus pais durante o serviço nos Kalima. E foi por isso que ficar privada do meu poder foi um golpe tão devastador. As estrelas não são uma capacidade; são a minha *família*. A única ligação que tenho ao meu passado. Se conseguir trazê-las comigo, não estarei tão sozinha.

Porque permiti esquecer isto? Como é que me esqueci desta minha parte fulcral?

— Obrigada por isto, por me obrigares a regressar — digo, com brandura.

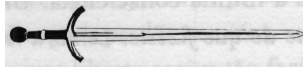
O Temujin cinge as mãos ao peito.

— Estás a admitir que fiz algo bem?

— Não sei se iria *tão* longe... mas talvez não sejas mau de todo, desertor.

— Nenhum de nós é — responde-me, prendendo os seus olhos aos meus.

Capítulo 17



Os dias correm ligeiros como um rio bravo, encurralando-me por baixo da corrente e arrastando-me na direção da minha missão prestes a acontecer. O que, por um lado, é aterrador; é muito provável que me afogue quando for obrigada a mergulhar nas profundezas da escuridão em Ashkar. Mas, por outro lado, quanto mais cedo mergulhar, mais cedo o Serik será libertado.

Passo quase todas as horas do dia a praticar no templo, acompanhada pelo Temujin, que me grita incentivos e me dá força quando falho.

— Não te contendas — diz, quando perco o controlo do fogo das estrelas pelo que me parece ser a milionésima vez. — Os poderes Kalima são como qualquer emoção instável: tristeza, fúria, medo. És *mais* volúvel quando guardas tudo dentro de ti. Tens de aliviar a pressão, caso contrário explodes. Em vez de te concentrares no perigo, pensa nos ferimentos da *Orbai* que quase a mataram, pensa nos pastores abandonados, pensa no nosso povo em sofrimento em Verdenet, e liberta a tua fúria e frustração. Acolhe a escuridão e permite que ela queime através de ti. Descobre a extensão do teu poder, de modo a conheceres os limites do teu controlo.

Olho para o Temujin durante um longo instante. Nunca ninguém me desafiou a enfrentar o monstro — sempre me garantiram que perderia essa batalha. Mas talvez ele tenha razão. Nunca vencerei se tiver medo de lutar. Nunca ressuscitarei Enebish, a *Guerreira*, a menos que enterre Enebish, a *Destruidora* — de uma vez por todas.

Levo as mãos ao peito e concentro-me no meu interior, no monstro que se debate sob a minha pele. Mas em vez de o embalar até adormecer como sempre faço, lanço um grito de guerra e atiro um martelo contra as grades de ferro da sua jaula.

Os tentáculos da noite entram de novo em ação, tão céleres e febris que os sinto como arame farpado a rasgar a minha pele. Abro bem os braços, avisto uma estrela distante e atiro os punhos contra

o chão. E repito. Uma e outra vez. Sem me preocupar com a precisão, confiante de que as minhas mãos sabem o que fazer. O calor pulsa na minha pele em ondas e sinto um ardor na garganta. Não sei se estou a rir, a gritar ou a chorar. Sinto-me selvagem, aterrada, extasiada.

Quando o poder esmorece por fim, as minhas pernas cedem como se os ossos se transformassem em líquido, e eu fico ofegante, tal como fiquei após a primeira tentativa de dominar a noite. Só que, desta vez, tudo se agita e vibra, e uma calma gloriosa invade a minha mente. Dura menos de um minuto, mas durante esse bendito minuto não há monstro. Não há vergonha. Nem sequer um fragmento do pesadelo que me atormenta desde que cortei a pedra da lua.

Apenas eu.

Um riso delirante irrompe dos meus lábios. Porque não fiz isto há mais tempo? Porque é que a Ghoha nunca pensou que *usar* o meu poder seria a forma mais eficaz de o controlar? Parece-me tão óbvio agora. Como os lobos que há muito acossaram os rebanhos dos pastores nas pastagens. Quando os nossos antepassados tentaram afugentá-los, os seus ataques tornaram-se mais frequentes e violentos. Mas assim que começaram a capturar os lobos e a treiná-los, permitindo-lhes caçar os nossos inimigos na frente de batalha, tornaram-se uma vantagem incomensurável. Perigosos, mas um dos maiores pontos fortes do Exército de Ashkar.

Como eu podia ter sido.

O Temujin cai de joelhos a meu lado, praticamente vibrante de entusiasmo.

— Isto foi incrível. Vamos mudar o rumo da guerra. — Ele continua a tagarelar, mas o sorriso já desapareceu da minha cara. Porque o que está em causa é mais importante do que simplesmente dominar a noite na segurança de um templo. Tenho de fazer isto lá fora. Em Ashkar. Para os desertores.

Vai. Antes que faças algo que não possas emendar.

— Acho que estás pronta para um treino diferente — anuncia o Temujin após três dias de controlo perfeito da noite.

Presumi que isso significasse que me juntaria à Inkar e aos outros Shoniin nos ringues de treino, mas o Temujin encaminha-me para a sua tenda no centro do acampamento. É uma estrutura púrpura altaneira com pequenos elefantes dourados bordados nas paredes de seda. Esfrego um ao de leve e isso leva-me de volta à minha infância em Verdenet, onde estas feras de grande porte são usadas para transportar mercadorias para os mercados e para fora deles. Não sobrevivem tão a norte, e pergunto-me se o Temujin terá escolhido este tecido de propósito. Se esta imagem deles também desperta algo no seu peito.

Ele toca com reverência no elefante ao lado do meu.

— Uma recordação da nossa terra. Um lembrete daquilo por que lutamos.

É assim que todos os Shoniin descrevem a rebelião. Não estão a lutar *contra* o Rei Celeste ou qualquer outra pessoa. Estão a lutar *a favor* dos refugiados, dos guerreiros explorados e dos protetorados.

O Temujin levanta a aba da tenda de forma galante e eu agachome para entrar — diretamente para uma zona de guerra. O piso está coberto de folhas de pergaminho amarrotadas e há tinteiros tombados, que formam poças de tinta preta. Há roupa espalhada por todo o lado, e o seu colchão ao canto mais parece o ninho de um animal selvagem do que uma cama.

Fico boquiaberta perante aquela algazarra durante um minuto. O caos é tão incongruente com o líder confiante e de postura perfeita que ele demonstra ser para o resto dos Shoniin.

— É... encantador. Mas não precisavas de ter arrumado tudo por minha causa.

Resmunga qualquer coisa sobre não ter tempo, enquanto descalça as botas e as atira para um canto.

— Senta-te onde houver lugar.

Finjo uma repugnância exagerada quando levanto uma meia de um banco próximo antes de me empoleirar nele.

— O que faço aqui? Claramente não é pelo motivo tradicional por que um rapaz traria uma rapariga para a sua tenda.

O Temujin revira os olhos e vasculha o chão até encontrar um rolo de pergaminho.

— Preciso que me ajudes a escrever uma carta para a tua irmã. És quem melhor a conhece, e temos de delinear os termos da nossa proposta de uma forma que ela e o Rei Celeste não possam recusar.

Ele parece tão esperançoso e cândido que decido não lhe dizer que a única carta que a Ghoa aceitará é a da rendição, e passamos as horas seguintes a redigir a missiva perfeita. Se Zemya continuar a avançar, talvez ela fique desesperada a ponto de aceitar a ajuda dos Shoniin.

Rodo a sua pulseira de penas de prata e ónix no meu pulso. Há dias em que parece uma grilheta, colocada na minha mão de modo que ela consiga arrastar-me sempre atrás de si. Mas há dias em que parece uma âncora, o peso que me mantém com os pés assentes na terra e que me guia até casa em segurança. Seja como for, não consigo tirá-la.

— Achas que estou pronta? — não sei porque me dou ao trabalho de perguntar ao Temujin. A minha semana termina amanhã e ele vai enviar-me em missão quer eu esteja pronta quer não. E quanto mais cedo for, mais cedo o Serik será libertado. Mais cedo saberemos a verdade. Por isso não tenho motivos para me atrasar. Mas sinto sempre um vazio no estômago quando penso em evocar a noite sem a proteção do templo. Quando penso no que vou fazer: cometer a pior forma de traição possível.

— Está quase tudo pronto — diz-me o Temujin. — A Inkar vai garantir-te um cavalo, e o Kartok, o nosso contacto na frente de batalha, está a memorizar os turnos dos guardas.

— Ótimo — respondo, apesar de nada nesta missão me parecer positivo.

— Pareces uma reclusa que acabou de saber a data da execução — diz o Temujin com um resfolegar.

— Pode não estar longe da verdade...

Ele puxa ao de leve a ponta da minha trança.

— Acaba lá com as dúvidas. Estás pronta.

Envergo uma armadura laminar pela primeira vez desde que fui proscrita. Pensei que usaria uma túnica Shoniin cinzenta, mas o Temujin quer que eu passe impercetível junto dos guerreiros imperiais — não vão as flechas começar a voar. Agradeço a proteção adicional. E ainda mais grata pela confiança que ela me proporciona. Quando fecho as fivelas e aperto os atilhos, sinto um abraço familiar. Com pinceladas ágeis, passo tinta de resina sobre as faces para ocultar a marca de traição. Em seguida, dou uns passos dentro da tenda da Inkar para espreitar o espelho que está em cima da mesa.

— O que te parece? — pergunto à *Orbai*, que está empoleirada no galho atrás de mim. Ela crocita e dá às asas junto à porta, ansiosa por sair da tenda. Sei que está zangada por não ter podido acompanhar-me no meu treino no templo; não permitirei que se aproxime do meu fogo das estrelas. Nem tão-pouco vou levá-la comigo hoje. Uma ave do porte da *Orbai* não voa em liberdade pela pradaria. Os guerreiros imperiais saberão que ela pertence a alguém, e irão à procura do dono. Ou matá-la-ão para servir de alerta ao tal dono.

— Só estou a tentar proteger-te — digo-lhe, mas ela volta a bater as asas, ainda mais ressentida do que o habitual. — Eu cá acho que pareço destemida. Como uma guerreira.

E quase me sinto uma guerreira, apesar de não ter exército pelo qual lutar. Não sou uma guerreira Kalima ou uma guerreira Shoniin. Sou apenas eu própria. Enebish, a *Guerreira*. Uma mercenária solitária a soldo. O que tem tanto de aterrorizador como de libertador.

Assim que emergo da tenda para a claridade, a *Orbai* desaparece no céu sem um pio de despedida.

— Obrigada pelo voto de confiança! — grito-lhe, lembrando-me de tirar tempo para ela após esta missão. Tenho estado ocupada a treinar, mas pensei que ela não ligaria. Está sempre em cabriolas à luz do dia, ocupada a importunar as poupas.

Ainda estou a ver a sua sombra a desaparecer, quando o Temujin chega com a Inkar e o Chanar.

— O Kartok vai estar à tua espera no Campo dos Ossos — recorda-me o Temujin pela centésima vez enquanto nos leva pelo acampamento e por um campo de globos-de-ouro.

— E eu arranjei-te o cavalo mais veloz nas pastagens. Está preso ao salgueiro grande junto à fronteira leste — acrescenta a Inkar.

— E se houver algum atraso, tens rações à espera nos ar-
rabaldes de Baimur. Ou podes fazer aquilo em que és boa e reduzir o acampamento do Exército Imperial a cinzas — diz o Chanar dando-me uma forte palmada nas costas.

Fico ofegante como se tivesse sido esmurrada.

A Inkar admoesta o irmão.

— És mesmo reles. Não lhe liguês, Enebish. Está amuado porque era *e/e* quem costumava conspirar com o Temujin na tenda.

— Se te serve de consolo, faço isto a contragosto — digo ao Chanar com um riso autodepreciativo. Mas ele não acha piada.

— Isso é ainda pior.

— Vai correr tudo bem. — A Inkar dá-me um abraço forte, que sinto através da armadura. — A Leitora de Ossos disse que o Universo o confirmou.

O Temujin estende-me a palma da mão, que contém duas pedras azuis. São da cor da fogueira e pulsam com o mesmo brilho estranho.

— O que é isso? — pergunto.

— Pedras de portal. Permitem-te viajar entre a Cabeça de Carneiro e o Azul Eterno sem mim. Basta atirares uma pedra contra a barreira.

Olho avidamente para as pequenas pedras azuis. Tenho de me conter para não as arrancar das mãos do Temujin e correr para o barracão das provisões. São o meu bilhete e o bilhete do Serik para a liberdade. Tudo o que tenho de fazer é roubar mais algumas depois.

O Temujin tosse e eu obrigo-me a desviar o olhar. Se ele não desconfiava já das minhas intenções, passou a desconfiar. Fui tão subtil como uma avalanche.

— Não sabia que era possível transferir poder dos escolhidos da Deusa para os objetos.

O Chanar escarnece de mim, mas o Temujin faz-me a vontade.

— Ranaz, uma antiga erudita real que era também uma profetisa dos Primeiros Deuses, desertou quando o Rei Celeste renegou a antiga religião. Descobriu uma forma de infundir as pedras deste reino com o poder dos escolhidos da Deusa, permitindo que outros acessem ao portal. Se assim não fosse, eu teria de ter participado fisicamente em todas as missões, o que diminuiria o seu número.

Nunca tinha ouvido falar da profetisa Ranaz ou da capacidade de infundir pedras com o poder dos escolhidos da Deusa. Mas a verdade é que só tinha 8 anos quando fui acolhida por ashkarianos. E Verdenet já era um protetorado há vários anos. Tais assuntos não eram tema de conversa.

O Temujin coloca as pedras de portal na minha mão. Os seus dedos permanecem por brevíssimos instantes.

— Tu és capaz — diz-me. — Lembra-te do que está em jogo. — Os seus olhos âmbar brilham de convicção e alerta.

Exalo e volto a olhar para a *Orbai*. Ela seguiu-nos desde o acampamento, mas sempre que assobio para a chamar, ela sobe ainda mais alto em direção ao azul-celeste.

— Está na hora — diz-me a Inkar, docemente. — Não queres que os recrutas pensem que não vais.

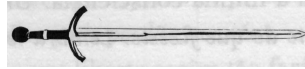
Coloco uma pedra de portal no bolso e atiro a outra descrevendo um arco amplo. Quando atinge o auge, desaparece e materializa-se um portal, irradiando um brilho amarelo e branco.

O apelo desesperado do Serik persegue-me através do portal, mas afasto-o da minha mente e murmuro uma última oração à Senhora do Céu. A seguir, entro em Sagaan.

Para urdir a noite.

E enfraquecer o exército que jurei servir.

Capítulo 18



Assim que assomo à porta da taberna, os tentáculos das trevas atiram-me contra o edifício como uma grande onda negra. A dor explode na minha face e o pânico toma conta da minha garganta. O monstro contorce-se na minha barriga com as garras de fora.

Apetece-me gritar, mas não consigo recuperar o fôlego.

Quero voltar a correr para o reino do Azul Eterno, mas os meus pés estão mancos e cambaleantes.

A minha respiração é curta e entrecortada, e o monstro pressente a minha fraqueza.

Não.

Deito uma mão à parede imunda e fecho os olhos. Imagino colunas de jade à minha volta, o fresco mosaico de joias sob os meus pés. Imagino o vazio. Silêncio. Controlo. Quando volto a abrir os olhos, a noite ainda está convulsa como um remoinho, mas eu afasto as faixas mais persistentes, agarro numa mão-cheia de fios e uso-os para urdir um capote de sombras que me envolve.

Na extremidade leste das pastagens, um pequeno cavalo castanho espera por mim perto de um salgueiro, conforme indicação da Inkar. Monto, envolvo-nos com um manto de trevas e finco os calcanhares nos flancos do cavalo, na esperança de ser mais veloz do que o som dos cascos-fantasma.

Cavalgo durante duas horas sem parar. O frio arrepiante de finais de outono em Ashkar atinge-me como um nevão, ainda mais do que dantes por ter passado tanto tempo no reino do Azul Eterno. Quando chego finalmente ao campo de pedregulhos no sopé das montanhas de Ondor, o meu nariz está dormente e as minhas pernas, tanto a boa como a mutilada, gritam em uníssonos. As temperaturas abaixo de zero e as dores da sela não são uma boa combinação. O pobre cavalo está encharcado em suor, por isso desmonto e vou a andar o resto do caminho. Pedras do tamanho de

casas pontilham as pastagens nesta zona norte — o resultado de avalanchas e deslizamentos —, e o cheiro argiloso a terra húmida e lodo lembra-me uma caverna.

Decidimos que seria o ponto de encontro ideal, porque os pedregulhos proporcionam muitos sítios para nos escondermos e ninguém se aventura por estes campos de livre vontade. Chamam-lhes Campo dos Ossos por um motivo; muitas pessoas perdem a vida todos os anos nos deslizamentos, e assim que a neve derrete, uma amálgama de ossos cobre o chão. Avanço cuidadosamente por entre eles, tentando não olhar para os olhos esbugalhados dos crânios e para os membros partidos e retorcidos espalhados como lenha.

Cobrindo a boca com as mãos em forma de concha, pio como uma coruja três vezes e aguardo três pios de resposta.

Provêm de um pedregulho 30 passos à minha esquerda, por isso deixo o cavalo e sigo nessa direção. Quando estou a cinco passos, a gravilha restolha e uma figura encapuzada emerge de trás da rocha. A cara está escondida por um capuz fundo, mas a pessoa é alta e extremamente magra, tal como o Temujin descreveu. Atenuo o controlo da noite o suficiente para revelar a minha figura, mas não a ponto de lhe mostrar a cara.

— És o Kartok? — sussurro.

— Depende de quem quer saber. — A voz é roufenha, como o silvo de uma cobra. Mas descontraio um pouco, porque foi precisamente aquilo que a Leitora de Ossos me disse na cabana.

— Sê humilde, se fores feito para a terra. Sê nobre, se fores feito para as estrelas — respondo, com o velho provérbio do deserto.

O Kartok acena e retira o capuz.

— Bem-vinda, Enebish. — A sua cara é magra, pálida e crivada de dezenas de bexigas prateadas. Não tem cabelo, tal como os monges, mas enquanto o do Serik é obviamente rapado, a cabeça do Kartok é suave como o seixo de um rio. O Temujin disse-me que ele passou metade da vida num campo de prisioneiros em Zemya, a sofrer torturas inimagináveis, e eu sorrio ao homem esquelético

porque me revejo nele. Podemos estar marcados por fora, mas cá dentro somos lutadores. Resta saber se lutamos pelo mesmo lado.

— O que estás a fazer é muito corajoso — digo-lhe. — Arriskas a tua vida aqui todas as noites, quando podias estar em segurança no reino do Azul Eterno com os outros.

— Alguém tem de orientar os recrutas e, graças ao meu infeliz problema de pele, não me daria muito bem na terra do sol eterno. — O Kartok sublinha a piada com um sorriso inócuo. A sua voz é estranha — grave e sussurrante —, mas o Temujin também me preparou para isto. Os zemyanos cortaram-lhe uma parte da língua durante a detenção. Nenhuma parte do seu corpo ficou intocada. — Vamos? — Indica o caminho com o seu braço esquelético. — O render da guarda está para breve.

Enquanto serpenteamos pelos pedregulhos, agito os dedos para prolongar o meu manto de trevas de modo que abarque o Kartok, mas a noite resiste, deslizando pela sua capa castanha como gotas de água. Eu insisto com mais veemência. Estou cansada da viagem e com pouca prática, mas se não conseguir esconder um homem, como conseguirei esconder um grupo de desertores?

Concentra-te, Enebish.

Aperto ainda mais os dedos, até a palma ficar marcada por crescentes vermelhos. Por fim, a escuridão cobre o Kartok, e eu respiro um pouco melhor, ciente de que estamos escondidos pelas sombras.

Caminhamos em silêncio, e apesar de tentar ser discreta, ele percebe que estou a olhar para as suas cicatrizes à média luz.

— Chamavam-me Verme — diz, sem olhar para mim. — Porque era muito branco e estava sempre a contorcer-me no poço para onde nos atiraram.

Percebo pela firmeza no queixo que está a preparar-se para que eu responda com pena, mas sei por experiência própria que não é disso que alguém com lesões como as nossas precisa ou quer.

— Chamam-me Enebish, *a Destruidora*.

— E és? — Os seus olhos escuros brilham como alcatrão molhado à luz do luar.

Encolho os ombros e sorrio.

— Terás de esperar para ver.

— Uma assassina e um verme — ri-se o Kartok. — Em que estaria o Temujin a pensar quando decidiu pôr o destino da sua rebelião nas nossas mãos? — Os seus dedos ossudos afagam as mangas largas do seu capote, e quando volta a abrir a boca, a sua voz é grave. — Mortífera ou não, estou grato pelo teu auxílio.

Sozinho, só conseguiria transportar um ou dois recrutas de cada vez. Mas com a tua ajuda, os nossos números vão aumentar até que aquele idiota que está no trono seja obrigado a negociar connosco.

— Achas que o fará?

— Vamos obrigá-lo a tal — diz o Kartok com uma resolução inabalável. Agacha-se atrás do último pedregulho e olha através de uma clareira para uma fileira de archotes e tendas que se prolongam por léguas. Aqui, não consigo ver o princípio ou o fim. Estandartes azuis e dourados estão desfraldados ao vento da meia-noite, e guerreiros a cavalo descrevem padrões serpenteantes ao longo das tendas.

— Não deviam estar mais preocupados em guardar o perímetro? — sussurro.

— Seria de esperar que sim.

Observo os guardas a fazerem as rondas constantes.

— Como conseguiste resgatar alguém nestas circunstâncias?

— A segurança apertou à medida que a nossa rebelião ganhou força, mas nunca foi fácil. Por norma, tento criar uma manobra de diversão (espanto os cavalos, deito fogo a uma tenda, dou alerta de ataque) para os nossos recrutas terem tempo de sair das tendas e correrem a toda a brida para o Campo dos Ossos. O problema é que os guardas perceberam a minha tática. Na semana passada, cinco guerreiros tentaram fugir, mas só dois deles tiveram sucesso.

— O que aconteceu aos outros? — pergunto, apesar de já saber a resposta.

— Foram arrastados de volta para o acampamento e decapitados diante da tropa.

O meu estômago revolve-se e vomito para o chão. Tenho estado tão consumida pela possibilidade de perder controlo sobre o meu poder ou de perder o Serik e de trair a Ghoe, que não percebi que as vidas das pessoas dependeriam da minha capacidade de as ocultar.

São desertores, insinua metade do meu cérebro. Merecem o castigo que lhes calhar.

Seja como for, não quero assistir à sua morte. Não quero as suas mortes às minhas costas. Sobretudo quando facilito a sua deserção. E nem posso dizer que faz parte da minha missão; a Ghoe nunca me incentivaria a ir tão longe.

— Estás pronta? — pergunta o Kartok quando o guarda mais próximo desmonta. — Assim que entrares no acampamento, para nestas três tendas. — Mostra-me um diagrama desenhado no seu antebraço. — Recolhe os recrutas e volta para aqui. Estarei escondido a umas centenas de passos daqui, pronto para criar o caos caso haja algum problema.

A minha voz está presa atrás de um nódulo de culpa e terror, mas consigo acenar com a cabeça.

— E então? — pergunta o Kartok quando não me mexo.

Levanto os olhos para ele, em busca de um sinal ou garantia de que não sou um fracasso por trair o meu país desta maneira; de que não estou a cravar um sabre no coração da Ghoe e a cortar os laços da nossa irmandade em vão. A resposta é um empurrão nas costas.

— Encontra a tua própria confiança, Destruidora — diz-me, enquanto cambaleio para a clareira.

A minha escuridão revolta-se durante meio segundo antes de eu recuperar o equilíbrio. Mas mesmo depois de estar mais estável, os fios puxam pelas minhas mãos à medida que caminho em direção às tendas — como um cavalo com o freio nos dentes. Puxo de volta.

Eu consigo fazer isto. *Tenho* de fazer isto. É a única forma de o Temujin libertar o Serik.

Aproximo-me das tendas, tão concentrada em fundir as sombras e em sossegar a minha perna mutilada que sou apanhada completamente de surpresa pelo cheiro. *Bendito céu*. Cubro a cara com o avambrão. Estou habituada ao fedor de corpos não lavados e armaduras suadas, mas este cheiro é o de carne putrefacta. Não apenas com um dia ou dois, mas deixada a apodrecer ao sol durante semanas. É tão forte que quase lhe sinto o sabor.

O silêncio é o que me atinge em seguida. Mesmo na calada da noite, os acampamentos do Exército nunca estão em silêncio. Há sempre pajens a fazer recados. Há sempre generais a rosnar ordens. Há sempre guerreiros a gemer e a contorcer-se à medida que acordam dos pesadelos. Mas este acampamento é diferente. É como se fosse um cemitério. A calma extrema é como escaravelhos a subir-me pela carne. Não só é enervante como é problemático. Só consigo distinguir formas, não o som de pés a correr.

Desço por uma fileira de tendas e a lama pegajosa prende-me as botas. O ar é frio e o chão devia estar congelado, mas está transformado num ribeiro de dejetos castanhos de tantos penicos que são despejados num mesmo local. Os recipientes repugnantes estão tombados e vazam excrementos, e eu travo o vômito enquanto liberto as minhas botas — quase embatendo diretamente num vigia a cavalo. Contenho o grito e travo de repente, com o fôlego preso para que não forme uma névoa à frente da minha cara. Durante um segundo, chego a fechar os olhos. O meu coração bate contra a caixa torácica como uma raposa presa numa armadilha.

O cavalo resfolega e dá um passo ao lado, com os olhos esbugalhados, mas, felizmente, o olhar do cavaleiro atravessa-me. Ele murmura para o cavalo e corrige-lhe a postura com um golpe de calcanhar.

Assim que se afastam, vergo-me sobre mim mesma e respiro fundo duas vezes. Então, reajusto o meu controlo sobre a noite e arranco em direção à primeira tenda que devo visitar. Agacho-me para atravessar a porta como uma sombra e dou com sete

guerreiros acocorados ao centro, olhando fixamente para a aba da tenda que, aparentemente, se fecha sozinha.

Estão ofegantes e agitados, a maioria deles ferida com gravidade, muitos deles mal chegados aos 14 anos. As suas fardas azuis e douradas estão esfarrapadas e cobertas de sangue, e alguns têm membros partidos e sofreram cortes violentos. Além disso, estão terrivelmente macilentos — as colunas esqueléticas e as costelas salientes espetam-se como ossos partidos nas suas túnicas. O avanço dos Zemyanos é por demais evidente. Duvido que tenham sequer de recorrer à sua feitiçaria. Um forte vento invernoso seria suficiente para derrubar os nossos guerreiros.

A culpa ensopa-me como um balde de água gelada. Talvez as rações que os Shoniin andam a roubar lhes façam falta. Mas será que as chegariam a ver, se forem os cordeiros sacrificiais do rei, enviados para aguentar a frente de batalha sem qualquer tipo de apoio? Estes novos pensamentos de traição fixam-se na minha cabeça, fazendo com que o colarinho da minha túnica pareça demasiado apertado.

Isto está errado. É desumano. Tão atroz como o que se passa com os pastores.

E prova que o Temujin tem razão.

Mais uma vez.

Cerro os punhos sem querer e a escuridão consome a tenda. Os recrutas arquejam, e eu exalo um suspiro e acalmo-me. Tenho de manter a calma.

— Por aqui — sussurro, revelando o meu rosto por instantes, para que eles percebam que sou uma pessoa de carne e osso e não um fantasma. Levanto a aba da tenda e, à medida que cada um dos desertores passa, lanço sobre eles a minha rede de trevas, estendendo-a cada vez mais até nos tapar como um cobertor. Sem pronunciar uma palavra, coloco a mão da rapariga que está mais à frente no meu ombro e indico-lhes que façam o mesmo ao longo da fila — de modo a ficarmos todos juntos e a abarcá-los com o meu poder. Em seguida, avançamos como uma caravana de camelos desastrados.

Repito o processo nas duas tendas seguintes, e quando chego ao fim das rondas, 20 recrutas seguem atrás de mim como uma cauda pesada. Começo a hiperventilar sempre que olho para trás. Basta um deles tropeçar ou espirrar para estarmos todos condenados.

Avançamos lentamente, obrigados a separar-nos uma e outra vez para deixarmos guardas passarem, o que significa que tenho de voltar atrás para recuperar os membros separados, que ficam apeados, cegos e petrificados, na escuridão.

Quando chegamos finalmente à clareira, sinto um formigueiro nas mãos e a minha cara está inerte. Parece que não respiro há uma eternidade.

— Mantenham-se juntos até estarmos em segurança no Campo dos Ossos — sussurro.

Mas a visão da segurança é avassaladora.

Com um gemido histérico, o rapaz mais novo que segue no meio do grupo passa a correr por mim, e o resto do grupo segue-lhe o exemplo — como cavalos na linha de partida de uma corrida. Como se os pedregulhos fossem capazes de os esconder melhor do que a minha escuridão.

Irrompem para fora do meu cobertor de noite, e eu tenho de usar o braço estropiado para o agarrar. A dor é tão angustiante que quase caio de joelhos. O esforço deixa-me enjoada e trémula e, por um instante, perco o controlo. O meu poder Kalima falha, completamente esgotado. Tudo escurece. Até para mim.

Atrás de nós ouve-se um grito.

Ranjo os dentes e avanço o mais depressa possível para o Campo dos Ossos, onde vejo os desertores espalhados pelas ervas. A maioria está a chorar. Alguns estão a vomitar.

— Não parem! — grito, enquanto descarto o meu manto de noite. — Os guardas podem vir aí.

As caras dos recrutas ficam pálidas quando me veem avançar na sua direção, e mergulham para fora do meu caminho com um queixume.

— *Deviam* ter medo — rosno.

Eu tenho. Durante aquele segundo terrível de trevas absolutas, perdi o controlo. O monstro podia ter-se apoderado de mim, como aconteceu em Nariin. Clarões dos meus pesadelos bombardeiam-me e eu mal consigo continuar a caminhar e manter os lábios fechados para conter os gritos.

Os recrutas formam rapidamente uma fila atrás de mim, e o Kartok bate palmas lentamente enquanto se materializa nas rochas à nossa esquerda.

— Vejo que és uma líder nata.

— Podias ter-me avisado de que seguir ordens básicas não é um requisito dos recrutas Shoniin.

O Kartok ri-se e faz-me festas na cabeça.

— Respira, *Destruidora. Consequiste. A parte mais difícil* já lá vai.

Só se for a parte mais difícil para eles.

Um punhado de guardas vem inspecionar o Campo dos Ossos, e preciso de toda a minha força para estender a escuridão de forma estratégica, de modo que as sombras pareçam emanar de árvores e pedregulhos circundantes. Além disso, preciso de toda a minha paciência para impedir que os guerreiros mais jovens cedam ao pânico e nos condenem a todos à morte. Os nossos avanços são lentos e sinto uma dor de cabeça. O que demorou duas horas a cavalo demora cinco horas a pé, e quando entramos na cidade, o fogo já espregueia no horizonte, marcando a escuridão como um ferro em brasa.

Os fios de noite começam a esmorecer e a desaparecer.

Só mais um pouco.

Invadimos a taberna e eu atiro a pedra azul contra a parede do quarto. Com um silvo e um clarão, o portal abre-se nos veios da madeira. Os recrutas batem palmas e atiram-se praticamente contra a luz.

Sinto uma sensação estranha quando os vejo desaparecer — aquela sensação que temos quando nos esquecemos de ir buscar

algo essencial ao mercado, mas não nos lembramos do que é. Por fim, quando o último rapaz desaparece, percebo de que se trata.

— Nenhum deles teve medo — digo ao Kartok. — Ninguém se retraiu perante o portal em chamas.

Ele encolhe o corpo.

— Porque o fariam? São crentes, como nós.

Aceno com a cabeça, lentamente. Claro.

— Tens a certeza de que não queres vir? — Indico o portal intermitente.

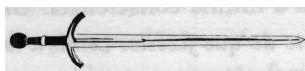
O Kartok recua e abana rapidamente a cabeça.

— Alguém tem de tratar da próxima remessa. Até breve, Destruidora. — Esboça-me um sorriso desdentado e grotesco, mas sincero. Até mesmo orgulhoso.

— Até breve, Verme — respondo, devolvendo o sorriso.

Ele faz uma vénia e sai do quarto, desaparecendo tão rapidamente que quase parece que se cobriu ele próprio com um véu de trevas.

Capítulo 19



— Eles voltaram! — grita alguém quando o nosso grupo maltrapilho passa pela parede de seda do acampamento Shoniin.

Num piscar de olhos, somos bombardeados por rostos, cotovelos e mãos. Só vejo o cabelo espetado do Temujin quando ele me ergue do chão, me aperta nos seus braços e me dá um beijo na cara. Em cheio na marca da traição. Os seus lábios ficam pretos da tinta de resina, mas ele não parece reparar nem tão-pouco se importar com isso.

— És uma dádiva dos céus, Enebish. Sabia que terias sucesso, mas 20 guerreiros na primeira viagem?

Fico com a cara a esquentar quando os Shoniin me aclamam entre aplausos. A *Orbai* faz um voo rasante com um grito, mas não aterra no meu ombro. Ela nunca gostou de multidões.

— Festejamos mais tarde. — A Inkar avança pela algazarra com um cesto de lençóis erguido acima da cabeça. — *Depois* de tratarmos dos feridos e os termos instalado. Nunca tivemos tantos de uma só vez.

Como sempre, ela pensa nos outros, certificando-se de que os novos recrutas são bem tratados. Muitos deles estão de joelhos, agarrados ao chão como se receassem que este lhes faltasse. Outros erguem as mãos ao céu em sinal de gratidão. Alguns choram e beijam-me a cara. Agora que já não estão a um passo de nos matar a todos, o meu coração rejubila por vê-los aqui. Em segurança.

A voz contundente da Ghoha silva imediatamente ao meu ouvido: *Não devias estar contente. São desertores.* Mas as suas feridas são ainda mais grotescas à luz do dia — o fedor de infeção e podridão proveniente do acampamento imperial seguiu-nos através dos reinos —, e a maioria não é de Ashkar. São chotgori de tez pálida e cabelo ruivo. Ou sulistas morenos e angulares, como eu e o

Temujin. Ou habitantes das regiões pantanosas esguios com cabelos amarelos e crespos como juncos.

Mais uma vez, tudo se coaduna com as tenebrosas descrições do Temujin.

— Podes ajudar-me com eles? — pergunta a Inkar. — Creio que ficarão mais descansados com a tua presença. Sabes bem como este lugar pode ser intimidante ao início.

Lanço um olhar através do acampamento até ao barracão das provisões. Quero ir já para junto do Serik. Cumpri a minha parte do acordo, mas é o Temujin quem tem a chave e ele foi engolido pela multidão. Uma recruta tropeça em mim ao tentar apertar os atacadores da bota e cai com violência sobre a perna ferida.

— Estás bem? — Ofereço-me para a ajudar a levantar.

Ela morde o lábio e acena, mas é óbvio que não está bem. Nenhum deles está.

Estou exausta e esgotada por ter usado todo o meu poder, mas pego em metade dos lençóis e ajudo a encaminhar os recrutas para a enfermaria. Quero ajudar. E, acima de tudo, quero respostas.

Passamos as horas seguintes a limpar feridas e a colocar ligaduras, a decorar os nomes dos guerreiros e a ouvir as suas histórias.

Chuva, uma rapariga da minha idade, foi enviada com o seu batalhão para intercetar zemyanos no desfiladeiro de Usinsk, armada unicamente com fundas e lanças contra a cavalaria e espadas encantadas deles.

— Dizimaram-nos em segundos. Só consegui sobreviver caindo ao chão e fingindo-me de morta. Espalhei o sangue do meu melhor amigo na cara — confessa ela, com o olhar turvo e distante.

— Há meses que não temos rações adequadas ou água potável — lamenta-se um rapaz chamado Hutu. — Há demasiados soldados, demasiadas bocas para alimentar. O meu irmão estava tão fraco que mal se tinha em pé, e quando foi à enfermaria pedir ajuda, disseram-lhe que tinha sido enviado para a frente de batalha.

Ao que parece, não valia a pena desperdiçar recursos a tratar das suas feridas.

Tento ouvir estes relatos com algum ceticismo; são obviamente desertores, por isso a sua memória pode ser parcial. Talvez os guerreiros leais não vejam as coisas da mesma maneira.

Mas é difícil negar uma verdade que nos olha de frente.

— Fui arrancado da cama na calada da noite — recorda, transtornado, um rapaz chotgori chamado Shai. — Assim como todas as crianças da minha aldeia. Os guerreiros imperiais disseram que era nossa obrigação e honra como novos membros do Império Unificado, por isso reuniram-nos e obrigaram-nos a marchar 50 quilómetros na neve cerrada. À chegada, tivemos de combater logo, sem comida ou repouso. Puseram-me um sabre nas mãos, apesar de eu nunca ter sequer visto um.

— E a recruta? — pergunto. — Nenhum guerreiro trava um combate sem, pelo menos, dois anos de recruta.

Três rapazes do outro lado da tenda desatam à gargalhada, a ponto de começarem a tossir, e a Chuva cerra os lábios como se tivesse pena de mim.

— Não há tempo para recrutas — diz-me. — Os Zemyanos estão a avançar a passos largos. Fomos atirados para a frente de batalha como carne para canhão, na esperança de conseguirmos atrasar os Zemyanos até à chegada dos *verdadeiros* guerreiros.

As minhas mãos tremem à medida que enfaixo as últimas feridas, e o meu coração lateja quando saio para a luz inclemente. Como pode o mesmo rei que salvou uma nação da seca enviar legiões de crianças para serem chacinadas? E como é que a Ghoe e os Kalima permitem que isso aconteça?

Quero arrancar estes pensamentos da minha mente, mas, como parasitas, já estão entranhados.

Estou desesperada para sentir o conforto do meu saco-cama, para ter tempo para pensar, descansar e interiorizar, mas arrasto-me até à tenda do Temujin para exigir a libertação do Serik.

— Cumpri a minha parte do acordo — digo, assim que entro.

O Temujin está sentado à secretária com o Chanar, a Oyunna e mais uns quantos debruçados sobre os seus ombros. Estão todos a olhar para um grande mapa com as pontas encurvadas, de semblante carregado, sem o menor vestígio da exultação sentida pelo êxito da missão. Ninguém reage àquilo que digo. Nem sequer levantam os olhos.

Avanço cuidadosamente na sua direção, a minha mente em pânico. Será que os batedores imperiais nos seguiram até à taberna? O fogo das estrelas ficou descontrolado após a minha passagem?

— O que foi? Que se passa?

— Um dos nossos grupos de batedores acabou de regressar.

— A voz do Temujin é áspera como uma lâmina romba. — Os Zemyanos tomaram a fortaleza de Ivolga.

— O *quê*? — As pernas falham-me e tenho de me agarrar à secretária. — Isso é impossível. Ivolga é a maior base do Exército Imperial. Milhares de soldados teriam de morrer para ela cair.

— E foi exatamente isso que aconteceu — diz a Oyunna. — O Chanar assistiu a tudo.

O Chanar agarra num copo de vorkhi que está em cima da secretária e bebe-o de um só trago. A sua expressão sempre carancuda e os seus olhos sombrios estão ainda mais carregados do que o normal — como se tivesse visto um fantasma.

— Além dos nossos canhões, munições e provisões, os inimigos têm também um baluarte. Estão a meio caminho de Sagaan; mais avançados do que nunca.

Com um rugido aterrador, o Temujin crava um punhal no ponto que assinala Ivolga no mapa. Sinto o estrondo da lâmina junto aos ossos quando penso nos jovens guerreiros sem formação, em tudo semelhantes aos recrutas que estão na enfermaria, a morrer aos milhares. Quantos é que os Zemyanos têm de matar até que a Ghoe e o rei reconheçam que não podem travá-los sozinhos? Que as táticas antigas já não resultam? Que precisam de toda a ajuda possível?

— A comandante Ghoe já deu notícias? — pergunto ao Temujin.
— Depois disto, deve estar disposta...

— Nem uma palavra — corta ele. — Vou enviar outra missiva de imediato, mas as nossas hostes têm de ser numerosas para conseguirmos convencê-la a fazer um pacto connosco. O que significa que temos de atuar mais rapidamente do que pensava.

Em breve, terás de transferir mais um grupo de recrutas, Enebish. Vou ver se o Kartok consegue reunir mais alguns amanhã à noite.

Sibilo. Estou acordada há mais de 24 horas, aturdida com tudo o que os recrutas me contaram, e tão zozza de controlar a escuridão que tenho as entranhas feitas num oito. Convenci-me de que uma missão seria suficiente. Que o Temujin libertaria o Serik, e que juntos conseguiríamos fugir daqui.

— Amanhã à noite?

— Se esperarmos mais, pode não haver ninguém para recrutar. Nenhum Império Unificado para defender — diz o Temujin.

Não continues por este caminho, ouço a voz da Ghoe nos meus ouvidos. *Não desperdices esta segunda oportunidade*. Mas afasto-me da secretária e o meu olhar cruza-se com o do Temujin. Manter a nossa independência e proteger as pessoas tem de ser a minha prioridade. Devia ser a prioridade *dela*.

— Se libertares o Serik e me permitires descansar hoje e amanhã, estarei pronta para partir ao anoitecer — digo com uma convicção que até a mim surpreende.

— Sim! — O Chanar dá um murro na mesa e chega a sorrir-me. A Oyunna e os outros aplaudem, e uma centelha de orgulho anima as minhas entranhas, como o brilho penetrante de uma vela na escuridão. Pela primeira vez desde que entrei no reino do Azul Eterno, sinto-me em sintonia. Empenhada. Segura de ser este o caminho certo.

O Temujin é o único que franze o sobrolho. Pega no cabo do punhal e arranca-o da mesa antes de olhar para mim.

— Estou-te imensamente grato pela tua disponibilidade, mas não posso libertar já o Serik.

— Porquê? — O sabor amargo e oleoso da mentira enche-me a boca. Engulo em seco, mas ele transforma-se em cimento na minha garganta. — Cumpri a minha parte. Prometeste libertá-lo!

— E tenciono manter essa promessa. Gostava de o fazer agora...

— Poupa-me. — Dou meia-volta e encaminho-me, desarvorada, para a saída.

Mais rápido do que uma flecha zemyana, o Temujin voa da secretária e tapa-me a passagem.

— O Serik é volúvel. Sabes bem disso. E, acima de tudo, tenho de pensar no bem-estar do grupo.

— Eu mantenho-o na linha. Juro pela minha vida...

— Quero acreditar que estás verdadeiramente do nosso lado depois de teres visto os horrores na frente de batalha, mas o Serik foi muito claro na sua opinião, e se eu o libertar e vocês fugirem, não teremos hipótese de nos juntar ao Exército Imperial e de travar Zemya. Não posso correr esse risco.

— Isso justifica voltares a mentir-me e a manipular-me?

— Não é uma mentira. Libertá-lo-ei assim que for possível.

— E quando será isso? Que mais tenho de fazer?

— Só te peço mais algumas missões; duplica o nosso número de efetivos para termos um contingente que consiga fazer a diferença no campo de batalha, e prova que não vais virar-nos as costas à primeira oportunidade. Entretanto, podes fazer-lhe uma visita. Explica-lhe o que se passa. Vê se consegues convencê-lo a aderir à nossa causa.

— Prolongar a sua detenção não vai ajudar.

O Temujin passa uma mão pela cara.

— É o melhor que posso fazer. Não posso fazer-te a vontade e ao Serik em detrimento do povo.

— E se eu recusar fazer estas missões? — Cruzo os braços e lanço-lhe um olhar de desafio.

A Oyunna, o Chanar e os outros Shoniin emudecem, com as expressões tensas. O Temujin olha fixamente para mim com os seus olhos felinos brilhantes e afasta-se do caminho, estendendo o braço para me dar passagem.

— Tens liberdade de escolha, claro, mas não vais virar costas ao povo. Tu não és assim.

Amaldiçoo-o e saio de rompante, maldizendo o facto de ter caído em mais uma das suas armadilhas.

E maldizendo ainda mais o facto de ele ter razão.

A Inkar acompanha-me ao barracão das provisões. O Chanar disponibilizou-se a fazê-lo, certamente para trocar do Serik e encurtar a minha visita ao máximo, mas a Inkar chegou da enfermaria mesmo a tempo.

— O Temujin vai libertar o teu amigo muito em breve — diz-me, quando contornamos a fogueira. — Tenta não levar isto a peito. Ele está a ser cauteloso, e está sob uma enorme pressão.

— Nunca te cansas de o defender?

— Tu cansas-te de defender o Serik? — retruca ela. — Não são assim tão diferentes. Estouvados e excessivos, mas lutam incessantemente por aquilo em que acreditam.

Só que o Serik não precisa de fazer chantagem ou quebrar promessas para levar a sua avante, sinto-me tentada a dizer. Mas não me dou ao trabalho porque, aos olhos da Inkar, o Temujin é intocável. E porque não tenho a certeza de que o Serik não fizesse a mesma coisa se a tal fosse obrigado.

Quando chegamos ao barracão, ela deixa-se cair no degrau de cima.

— Disseram-me para vos dar dez minutos, mas podes ficar até aparecer alguém. É o mínimo.

— Obrigada. — Consigo esboçar um sorriso ténue. — A sério.

A Inkar atira o longo rabo de cavalo para trás das costas e encolhe os ombros.

— Não me agradeças já. Se os rumores que ouvi das pessoas que vêm trazer a comida ao Serik forem verdadeiros, vais ter água pela barba.

— E tem tendência a piorar. Reza por mim.

Ela ri-se, apesar de eu estar a falar muito a sério.

Respiro fundo, entro e avanço pela escuridão bafienta. O barracão é relativamente grande, mas contava ouvir o Serik a resmungar e a andar de um lado para o outro assim que entrasse. Em vez disso, ouço um estranho tilintar estridente, seguido do som de algo a partir vindo do fundo da sala.

— Mas que raio estás tu a fazer agora? — murmuro enquanto navego por entre a montanha de pedaços de armadura desirmanados. A exaustão assola os meus músculos, fazendo com que a minha perna estropiada se arraste ainda mais do que o normal. A biqueira da bota fica presa a um elmo e caio de joelhos. Os sons estranhos param de repente. Quando me levanto e avanço pela confusão, o Serik já se afastou das barras da cela. Deixa-se cair no chão, ajeita o seu capote dourado e grita:

— Mas que atenciosos, hoje tenho direito a duas refeições.

— Lamento desiludir-te, mas não trouxe nada para comeres

— digo, estendendo as mãos vazias.

— Enebish? — O Serik vira-se de repente. Os seus olhos semicerram-se em vez de se abrirem nos quartos crescentes que tanto aprecio.

— Podias ao menos fingir que estás contente por me ver.

— Sinto-me tudo menos contente. Não devias estar aqui.

Disseste...

— Disse que *ponderaria* partir, mas ambos sabíamos que não o faria.

— E porquê?

Gemo e encosto-me às barras. Estou demasiado cansada para ter outra vez esta conversa.

— Serik, por favor, não te zangues comigo.

— Não é contigo que estou zangado. Não suporto ser uma grilheta à volta do teu pescoço. Não quero que ajudes estes traidores por minha causa. — Ele aproxima-se das barras, com a culpa estampada no olhar, pesada como neve molhada e pisoteada. Alcanço a sua mão e aperto-a, para que ele saiba que não me arrependo da minha decisão. Seria capaz de o salvar mil vezes.

— Sentir-te-ias melhor se soubesses que não faço isto só por ti? — pergunto a medo.

A cara sardenta do Serik contorce-se e ele retira a mão.

— Por quem mais farias isto? Decerto não por *eles*.

— Ontem à noite, ajudei um grupo de desertores a fugir — confesso. Mais vale mergulhar de cabeça na água gelada do que tentar entrar devagar.

O Serik dá voz a um chorrilho colorido de impropérios e bate com o punho nas barras, mas encolhe-se logo a seguir.

— Porque farias tal coisa?

— Para te libertar. E queria ver a frente de batalha com os meus próprios olhos. Temos de tomar partido.

— Não temos nada. Nós podemos fugir daqui e...

— E o quê? O que podemos fazer sozinhos?

O Serik baixa os olhos, enquanto resmunga e massageia os nós dos dedos.

— As condições nos acampamentos imperiais são deploráveis — digo, angustiada. — Mais do que poderia imaginar. Os guardas fazem rondas constantes, mas, em vez de atacarem os Zemyanos, aprisionam os nossos soldados. E os guerreiros estão num triste estado: muito magros, andrajosos e a viver cercados pela podridão e enfermidade.

— Estás a dizer que acreditas que a sua deserção é justificada? — questiona o Serik.

Encolho ligeiramente os ombros.

— A ponto de ter aceitado fazer outra missão...

O Serik passa a mão pelo cabelo, que, entretanto, já começa a despontar.

— Eles estão a usar-te, Enebish. E tu estás a deixar!

— O que queres que faça? Que fique de braços cruzados a ver os guerreiros a morrer? São fracos e mal preparados, na sua maioria mais novos do que nós. Não têm a menor hipótese de sobrevivência no campo de batalha. Mas se vierem para aqui, forem tratados e tiverem a formação adequada...

— Não pode ser tão mau como os Shoniin alegam.

— É pior ainda. Vi com os meus próprios olhos. E os Zemyanos tomaram Ivolga; estão a meio caminho de Sagaan. Se não agirmos agora, Ashkar vai tombar.

— De que forma é que desviar guerreiros imperiais fortalece a nossa causa no campo de batalha?

Explico rapidamente o plano do Temujin de aumentar o contingente de Shoniin e de juntar forças com a Ghoe e o Rei Celeste, mas a testa do Serik franze-se ainda mais a cada palavra que pronuncio.

— A Ghoe não deixa que a ajudemos a vestir a armadura, e nós somos da mesma família. Ela vai preferir a morte a aceitar ajuda de desertores.

— Mas ela também serve o povo. Não os condenaria à morte só para salvar a face.

— Achas que não? Talvez seja melhor perguntarmos à *Orbai* até onde é que ela está disposta a ir...

— Tenho de fazer *alguma coisa*. — A minha voz falha, e a expressão do Serik ameniza-se.

— Não estou a dizer que não devias ajudar as pessoas. Mas não ajudes o Temujin e os seus Shoniin. Nada nele e neste sítio bate *certo*. Nada é natural. Não sentes isso?

— Essa *sensação* é a Senhora do Céu. O Seu poder é abundante aqui, mas tu não o reconheces porque és ateu. — Torço-lhe o nariz e faço um sorriso atrevido.

O Serik afasta a minha mão.

— Estou a falar a sério, En. Quando algo parece bom demais para ser verdade, é porque é mesmo. Ouvi resquícios de conversas suspeitas. Coisas sobre canhões e rações e...

— É assim tão difícil acreditares que as pessoas podem ser boas sem terem segundas intenções? — corto. — És assim tão amargo e cínico?

— E tu, és assim tão ingénua? Deves sempre desconfiar de pessoas que aparentam ser assim tão «nobres». Não sei o que os Shoniin andam a tramar, mas sei que desertar é errado. Esta rebelião é errada.

— Então, como podemos ajudar? Somos dois contra Zemya e o Exército Imperial. E eu sou Enebish, a *Destruidora*. As pessoas nem sequer olham para mim, quanto mais seguir-me.

O Serik passa a mão pelas barras e ajeita-me uma mecha de cabelo atrás da orelha. A minha face cicatrizada ruboriza-se, na esteira quente dos seus dedos. Ele levanta-me o queixo e, quando os nossos olhares se cruzam, olha para mim com a mesma intensidade e ternura que demonstrou no Festival Qusbegi — um olhar que me causa um arrepio na pele e um aperto na garganta.

— Não digas isso de ti mesma — murmura. — E não penses assim. Havemos de encontrar uma solução. Assim que sair desta maldita prisão, podemos...

A porta range e a voz da Inkar ecoa na poeira e na escuridão.

— Toca a despachar. Eles vêm aí.

O Serik afasta a mão da minha cara.

— Como assim, *despachar*? Ajudaste os desertores a fugir. Fizeste a tua parte. Devia ser libertado.

— Eu sei, mas os planos mudaram ligeiramente quando os Zemyanos tomaram Ivolga. Os Shoniin acham que vamos fugir quando fores libertado, mas se eu ajudar mais alguns recrutas a fugirem e se tu tentares ser um pouco mais cooperante...

O Serik solta uma gargalhada que soa a tudo menos a gargalhada.

— Se isso não te diz tudo o que precisas de saber sobre esta gente, não sei o que dirá.

— Preciso que confies em mim. Sei o que estou a fazer.

— Sabes mesmo? — contrapõe ele. — Desde que a Ghoha te traiu que mais pareces um cão à procura de um novo dono.

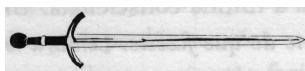
As suas palavras magoam-me como um punhado de silvas e eu encolho-me.

— Isso não é verdade, mas obrigada pelo voto de confiança.

— Ainda não acabei. Não precisas de um dono, Enebish. Sê a tua própria heroína. Podes salvar-te, a ti e a mim, mas só se abrires os olhos.

— Confia em mim — repito. Pela primeira vez na minha vida, sinto que tenho os olhos abertos.

Capítulo 20



Caio de borco no meu colchão e durmo o sono dos justos, demasiado cansada para sonhar. Sinto que o Temujin vem chamar-me minutos depois, quando na verdade passaram mais de 24 horas.

— O teu ponto de encontro com o Kartok é mais para sul, o que significa que vais demorar dois dias a voltar à taberna. — O Temujin debita instruções enquanto eu esfrego o sono dos olhos. — É demasiado arriscado viajares durante o dia, por isso tens de arranjar um esconderijo seguro perto da água e combinar um encontro com os salteadores de rações do Chanar.

Aceno nas alturas certas e pronuncio alguns grunhidos de concordância, mas o riso cínico do Serik continua a ressoar nos meus ouvidos. A sua expressão de desilusão paira nos cantos da minha vista.

Custava-te muito acreditar nalguma coisa?, apetece-me gritar-lhe através do Azul Eterno. Acreditar em mim?

Sou assolada pela culpa instantes mais tarde.

Não precisas de um dono, Enebish. Sê a tua própria heroína.

O Serik acredita em mim. Mas não da maneira que eu quero. Não da maneira que eu preciso.

— Ouviste alguma coisa do que eu disse? — O Temujin franze-me o sobrolho.

— Sim, desculpa. Estava...

— Se for demasiado cedo para ti, podemos arranjar alternativas — disponibiliza-se o Temujin. Mas a sua voz é sumida e ele não me consegue encarar.

Levanto-me e coloco as minhas grevas.

— Ambos sabemos que não há alternativas.

Quando chego ao ponto de encontro, encontro o Kartok encolhido num caneiro coberto de matagal. O seu capote e túnica castanhos fundem-se tão perfeitamente com as folhas em decomposição, que vejo primeiro a respiração que exala dos lábios e só depois o homem. Desmonto e posiciono-me nas ervas ao seu lado, novamente chocada com a palidez da sua pele — tão branca que está quase azul do frio. Nesta região mais a sul, há menos neve no chão, mas o vento é mais inclemente, silvando pelos desfiladeiros e arrancando as últimas folhas das árvores.

— Até que enfim — diz, soprando para as mãos. — Estava a pensar que me tinhas abandonado aqui ao frio.

— Desculpa. A viagem foi longa e tive muitas câibras nas pernas. Tive de fazer algumas paragens. Queres fazer uma fogueira?

Ele lança-me um olhar reprovador e aponta para o outro lado do campo plano e árido, no meio do qual está uma enorme fortaleza rodeada por altas muralhas de madeira. Não há mais nada a léguas de distância, nem mesmo uma árvore retorcida.

— Já te esqueceste? — Estalo os dedos e escureço o céu por cima de nós momentaneamente. — Garanto-te que eles não vão ver nada.

— Sim, sim! Abençoada seja a Altíssima — geme.

Ergo uma sobancelha enquanto ele recolhe ervas e galhos para servirem de acendalha. Nunca tinha ouvido aquela expressão, mas a verdade é que ele esteve detido num campo de prisioneiros zemyano durante grande parte da sua vida. É normal que faça as coisas de forma diferente.

— Este trabalho é muito mais agradável desde que tu chegaste, Enebish, a *Destruidora* — diz-me o Kartok assim que a fogueira está acesa e eu urdi um véu de noite à nossa volta. — Mas não fiques muito à vontade. Temos uma missão a cumprir.

- Estala a língua como os monges de Ikh Zuree e aponta-me um dedo acusatório, enquanto eu estou reclinada sobre os cotovelos, com os tentáculos de escuridão pousados nas palmas das mãos.

— Estás a comportar-te como se fosses a Rainha da Noite após uma missão bem-sucedida.

Rio-me porque parece tão natural estar refastelada desta maneira na escuridão que quase me esqueci de ter medo. Quase me esqueci de que há um monstro à espreita sob a minha pele.

Eu e o Kartok trocamos histórias enquanto aguardamos que os recrutas apaguem e acendam a lanterna na torre leste

- o sinal que nos indica que é quase meia-noite.

— Foi pura sorte ter escapado aos Zemyanos — confia o Kartok numa voz distante. — Estava cativo há tanto tempo e era tão dócil e submisso que eles deixaram de inspecionar as grilhetas que tinha à volta dos tornozelos. Um dia, descobri que o ferro estava corroído da imundície, por isso escalei o poço no render da guarda noturna, desferi um golpe na cabeça do guarda incauto e fugi para a liberdade.

— Comigo foi o contrário — digo-lhe. — A pouca sorte proporcionou a minha liberdade. Se nunca tivesse sido descoberta e torturada no Festival Qusbegi, a Ghoa nunca me teria enviado em missão. Ainda estaria encurralada no interior das muralhas de Ikh Zuree, ignorante quanto à verdade em relação aos protetorados e ao Exército Imperial. Com medo da minha própria sombra.

Do outro lado do campo, uma luz acende-se e apaga-se, suficientemente comum para parecer uma rajada de vento ou uma mão desastrada — mas nós sabemos que não é nada disso.

A nossa abordagem a este acampamento é muito diferente da primeira; com a proteção das muralhas altas, não posso simplesmente entrar no acampamento e saltitar de tenda em tenda. Felizmente, o Kartok delineou outro plano.

Envolve-nos na escuridão como se de um xaile de lã grossa se tratasse e avançamos pelo campo árido até à muralha. O Kartok leva a mão ao capote e retira um punhado de ferrolhos de aço compridos e uma pequena besta que prende ao pulso. Quando os sinos da torre do relógio batem a hora, o Kartok dispara um ferrolho contra a madeira ao nível do joelho e depois outro ligeiramente mais acima. Ágil como um acrobata e em sintonia com o bater dos sinos,

crava suportes de mãos e pés na muralha e sobe cada vez mais alto, até chegar à fenda entre dois parapeitos acentuados, precisamente quando os sinos emudecem.

Fico de queixo caído enquanto ele atira cordas para os parapeitos. Já não tenho dificuldade em imaginá-lo a escalar o poço da prisão dos Zemyanos.

Ele semicerra-me os olhos de forma expectante, e é nessa altura que me lembro de que sou mais do que mera espetadora nesta missão. Recorrendo aos seus apoios de mãos e pés, escalo cuidadosamente até ao topo da muralha. Demoro cinco vezes mais do que o Kartok, e nem sequer tenho de fixar os ferrolhos.

Agitada e sem fôlego, balanço até ficar ao seu lado no parapeito e faço uma rápida oração à Senhora do Céu, em parte para agradecer, mas sobretudo para pedir mais ajuda; a escalada perigosa foi a parte fácil.

Lá em baixo, na fortaleza, há fileiras de casernas a rodear a torre de vigia de pedra ao centro. No cimo da torre, junto aos sinos, existe uma enorme lanterna giratória que ilumina zonas aleatórias do acampamento.

— Não me disseste que havia um foco — confronto o Kartok.

— Não pensei que fosse um problema.

— Claro que é um problema! A minha escuridão só passa despercebida se estiver *escuro*.

O nosso plano pareceu-me simples quando o Kartok o sugeriu. Escalaríamos a muralha, onde eu criaria um longo túnel de escuridão que se estendesse até ao chão e daí até ao centro do acampamento. No interior do túnel, o Kartok fixaria cordas à muralha que os recrutas escalariam para fora da fortaleza. A seguir, ao nosso sinal, que os recrutas reconheceriam graças a instruções codificadas que o Kartok escondera num carregamento de rações no dia anterior, sairiam à socapa das suas camas, entrariam no túnel, seguindo-o até à muralha, e trepariam pelas cordas, completamente invisíveis.

A menos que o maldito foco dê cabo de tudo.

— Urdir os fios da noite de modo a formar um túnel suficientemente grande e estável por onde as pessoas possam passar vai exigir todas as minhas forças e concentração — murmuro. — Mas agora também tenho de evitar e defletir o foco.

— Vais arranjar maneira de o fazer — diz-me o Kartok, atento ao feixe de luz giratório.

— E se não conseguir?

— Nesse caso, os guerreiros que viemos resgatar vão morrer como os outros. — Indica com um aceno uma pilha escura na extremidade do complexo. À primeira vista, parece um monte de lixo ou estrume, mas quanto mais o examino, mais pormenores se tornam nítidos: mãos tombadas e braços contorcidos, rostos vazios e cabelos ensanguentados.

Um grito sobe-me à garganta, e eu levo rapidamente a mão à boca para o conter. Os cadáveres são tantos que o império nem se dá ao trabalho de os enterrar.

— Sem pressão — diz o Kartok, com uma palmada nas costas.

Apetece-me acotovelá-lo. Além do foco de luz, há guardas a fazer rondas entre as casernas, tal como no primeiro acampamento. Estou tão maldisposta e tonta que quase caio da balaustrada. Isto devia ser mais simples do que guiar uma longa e desordenada fila de recrutas. E mais seguro.

Ajuda-me, volto a suplicar à Senhora do Céu. Em seguida, respiro fundo três vezes, coloco as mãos em círculo e aproximo-as dos lábios. Quando sopro através delas, espirais de noite projetam-se das minhas mãos, formando um tubo longo e espiralado que posiciono ao longo da muralha. Quando toca no chão, direciono o túnel para a frente um passo doloroso de cada vez, de modo a poder parar ou mudar de direção rapidamente quando a maldita luz passa por ele.

O suor corre-me pela cara e arde-me nos olhos. O meu coração ribomba como um canhão nos meus ouvidos. Por fim, o túnel sobe até à janela lateral da caserna mais próxima.

Silenciosamente, o Kartok entra no túnel e desce pela muralha com as cordas. Depois, acende um archote — um farol para guiar

os recrutas pelo túnel de escuridão, visível apenas para aqueles que olham diretamente para dentro do túnel.

Agita o archote para a frente e para trás, e eu reforço o meu domínio da noite, rezando para que os recrutas se despachem. Os filamentos de trevas contorcem-se nas minhas mãos como os lagartos escorregadios de Verdenet. Tenho de apertar tanto para manter o túnel estável que todas as articulações dos dedos me doem. Quanto mais fraca me sentir, mais fácil será para o monstro tomar conta de mim.

Despachem-se.

Após 12 longos segundos, o primeiro recruta aproxima-se finalmente da muralha e recebe uma corda do Kartok. Ainda não vai a meio quando chega outro recruta. E depois outro. A fila é interminável. E demoram uma eternidade a escalar a muralha.

Lanço um olhar por cima do ombro para perceber quantos aguardam no solo no exterior da fortaleza.

Foi o meu primeiro erro.

Assim que desvio o olhar, o foco de luz passa pelo túnel de trevas. O foco para e volta atrás, e eu tento fazer com que o túnel pareça a sombra de um edifício, mas, com o pânico, puxo a trama da noite com demasiada força.

O foco de luz apaga-se por completo, mergulhando o acampamento nas trevas.

Ouçó um grito e um apito estridente. Segue-se o clangor de cornetas e o ressoar de tambores. Mas isso não é o pior; apagar a luz enorme exigiu tanto do meu poder que o túnel se desfaz em cinzas, revelando três recrutas pendurados a meio da muralha.

Dois guardas imperiais contornam as casernas. Gritam e correm para os recrutas, com os sabres desembainhados. Os desertores agitam-se como aranhas sopradas pelo vento e um rapaz quase larga a corda.

O meu corpo fica hirto com o pânico. Se não fizermos nada, toda a base vai cair-nos em cima numa questão de segundos.

Podia esconder os recrutas, mas os guardas já os viram. Seguir-nos-iam para o exterior e os recrutas que aguardam do outro lado também seriam capturados. Será melhor enfrentar os guardas? As estrelas acima *de mim anseiam por entrar em ação*, mas as minhas mãos não se mexem. A minha visão fica desfocada, apagando as casernas e a torre de vigia, até eu ver apenas cadáveres retorcidos e sangue espalhado pelos campos cobertos de neve de Nariin.

O Kartok grita-me qualquer coisa, mas estou demasiado alheada para ouvir. Amaldiçoando-me, vira-se e ataca como um puma. Lâminas longas e curvas surgem por baixo das suas mangas, e ele cai em cima dos guardas, uma mancha de pele branca e vestes castanhas.

Acaba tudo tão depressa que eles nem sequer têm tempo de gritar. O sangue espirra para a túnica do Kartok à medida que os guerreiros caem sobre a terra gelada. Nunca vi tamanha destreza e velocidade, nem mesmo nos guerreiros Kalima, e olho boquiaberta para ele quando volta a esconder os punhais dentro das mangas largas. Sobe rapidamente pela corda e dá um empurrão ao último recruta para o ajudar a superar a muralha.

— Aprendeste isso no poço? — sussurro enquanto descemos pelo outro lado.

— Desce e esconde o grupo — ordena o Kartok.

E eu obedeço.

Ou tento obedecer, mas a escuridão puxa pelas minhas mãos trémulas, como um cão que recusa entregar o osso. Quando chego ao grupo de recrutas, percebo porquê. Tenho à minha frente mais de 40 desertores. Quarenta pessoas com faces encovadas e fardas manchadas de sangue que tenho de esconder ao longo do dobro da distância. Depois de já ter posto à prova os limites do meu poder.

Suspiro e olho para o Kartok.

— Garantiste que seria o mesmo número de recrutas.

— É possível que mais alguns tenham querido vir. Podemos pedir-lhes que esperem — diz-me, mas ambos sabemos que isso não é opção. Os tambores e as cornetas clamam no interior da fortaleza como uma mãe a quem arrancaram os filhos. Ouve-se o

chocalhar de correntes que indicia o descer da ponte levadiça. Quem for deixado para trás será capturado por grupos de batedores muito antes do amanhecer.

Estendo os dedos doridos e abano a cabeça.

— Não, eu sou capaz.

Evocando forças do fundo dos meus ossos, consigo tecer um manto de escuridão que cobre o grupo. O Kartok guia-nos para norte — através da lama, do vento e da neve. Cada passo é uma agonia. As espirais de noite agitam-se e puxam, numa tentativa de se aproveitarem do meu cansaço.

Apesar de passarmos o dia a descansar numa caverna, continuo com a vista turva e cambaleante na segunda noite da nossa caminhada. E quanto mais tropeço no caminho, mais a minha escuridão fenece. Quando chegamos às portas de Sagaan, o Kartok tem de me apoiar e arrastar pelo caminho.

De alguma forma consigo manter o controlo da noite, até entrarmos pela porta da Cabeça de Carneiro. É quando perco todas as forças. O Kartok retira a pedra de portal do meu bolso, atira-a contra a parede e entrega-me a um recruta. Não vejo o brilho do portal. Nem os campos verdejantes. Os meus olhos estão pesados como sacos de areia. Tudo à minha volta está escuro e liquefeito, como tinta molhada, e um tipo diferente de escuridão faz-me perder os sentidos.

Recobro-os num pranto, assombrada não apenas por sonhos de Nariin, como por montes de cadáveres — como aquele que vimos no interior da fortaleza, e as lâminas ensanguentadas do Kartok, e legiões de guerreiros imperiais a perseguir-nos nas pastagens, arrancando recrutas ao meu manto de trevas e decapitando-os à minha frente.

Tento abrir os olhos, mas a luz do Sol ofuscante penetra nas paredes verdes da tenda da Inkar, toldando-me a visão. Coloco o braço à frente da cara e soergo-me dos cobertores, mas mãos carinhosas obrigam-me a deitar.

— Deixa-te estar. Precisas de recuperar.

Viro a cabeça para a voz e vejo os olhos âmbar do Temujin semicerrados na minha direção.

— O que aconteceu? — balbucio. — Onde estão todos? Os recrutas estão a salvo?

— Estão todos bem — diz-me a Inkar do meu outro lado. Afasta os meus cabelos da cara e oferece-me um copo de água. — Podes contar-nos o que aconteceu? Os recrutas tentaram explicar, mas estão muito perturbados. Não confiamos na precisão dos seus relatos.

Bebo um longo gole de água e caio sobre os cotovelos.

— Pelo menos mais 20 recrutas do que o esperado quiseram fugir connosco, e não podíamos deixá-los para trás para serem capturados pelos batedores, por isso esforcei ao máximo o meu poder Kalima, de modo a poder acomodá-los. E, antes disso, houve um incidente com um foco de luz na fortaleza. Fiz um erro de cálculo e fomos avistados por alguns guardas imperiais. O Kartok livrou-se deles, mas toda a missão foi aterradora, avassaladora e esgotante. Desculpem se eu não...

— Não tens motivo nenhum para pedir desculpa — interrompe o Temujin. A sua expressão é meiga e preocupada. Quase terna. — Foste excecional. Em três dias, trouxeste-nos mais 60 guerreiros. Não é tarefa fácil.

— E vou buscar mais assim que recuperar as forças. Tinhas razão. Em relação a tudo. — Abano a cabeça, mas à semelhança de Nariin, nunca serei capaz de apagar aquelas imagens horríveis. — Havia cadáveres por toda a parte; tantos que nem sequer tentam enterrá-los. E os recrutas que resgatámos estão muito maltratados. Posso voltar a partir em breve. Um dia ou dois, no máximo.

— Sabia que ainda me agradecerias. — O Temujin despenteia-me como fez quando nos conhecemos, só que agora isso faz-me sorrir. Coloca algo no meu colo. Algo quente, macio e familiar. — Pensei que podias precisar de consolo enquanto recuperas.

Olho para a boneca de oração que tenho nos braços. Não é uma boneca de oração qualquer. É a *minha* boneca. Aquela que tive de deixar para trás quando fugi das pastagens com a *Orbai*.

— Foste buscá-la — sussurro. Não há palavra que descreva o calor que me enche o peito e o ardor que sinto nos olhos.

— Tentei recuperar o teu Livro de Murmúrios, mas ficou demasiado tempo na neve. As páginas desintegraram-se assim que lhes toquei. Mas podes usar o meu quando quiseres.

— Deixavas-me fazer isso? — O Livro de Murmúrios é o nosso bem mais precioso. Um vaso comunicante com a parte mais íntima da nossa alma, reservado habitualmente à família.

— Por ti, faço tudo. Agora, descansa. — O Temujin aperta-me o braço e faz tentações de se levantar, mas agarro-lhe a mão antes que o faça.

— Posso voltar a ver o Serik? Quero falar-lhe da missão. Acho que vai ajudar...

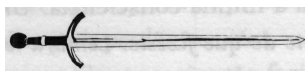
Do lado de fora da tenda, alguém grita. Um segundo depois, um coro de Shoniin desata aos berros. O Temujin e a Inkar trocam olhares de preocupação de cada um dos lados da minha cama. Livro-me dos cobertores, mas a minha dor de cabeça lancinante derruba-me como um murro. Eles olham para a entrada, mas antes que consigam tomar uma decisão, o Chanar irrompe pela tenda, a tossir de forma incontável. Com ele entra uma nuvem de fumo cinzento.

— Mas que raio se passa? — pergunta o Temujin.

O Chanar apoia-se nos joelhos e tenta recuperar o fôlego. Quando responde por fim, olha para mim e não para o Temujin.

— O barracão das provisões ardeu por completo.

Capítulo 21



Sempre que enfrentava más notícias no campo de batalha, a minha primeira reação era entrar em ação. Mudar o ponto de ataque, alterar o paradigma, avançar, recuar. O que fosse preciso. Há sempre uma forma de vergarmos o destino e a sorte a nosso favor. Mas não há como dar a volta a isto.

O barracão de provisões ardeu com o Serik lá dentro.

Olho fixamente para o teto, incapaz de pensar, falar ou respirar, porque não pode ser verdade. Ele não pode estar morto.

Livro-me dos cobertores com a intenção de sair porta fora para ver com os meus olhos, mas a minha cabeça latejante e membros trémulos recusam-se a colaborar. Vergo-me com um grunhido e a Inkar obriga-me a ficar quieta, mas cá dentro a ansiedade rodopia cada vez mais depressa.

— Como assim, ardeu por completo? *Como?* — O Temujin atravessa a tenda a correr e põe a cabeça de fora.

— Não sei — diz o Chanar, ofegante. — Fui levar as rações do monge, mas assim que abri a porta, vi chamas por toda a parte. O fanático explodiu-se e tentou levar-me com ele.

A história causa um frémito em todos os nervos do meu corpo. O Serik tem um historial de retaliações flamejantes.

A cara da Inkar fica pálida como a neve acabada de cair e ela corre para junto do irmão, inspecionando as queimaduras nas suas faces.

— Mais alguém ficou ferido? — pergunta o Temujin.

— O Techugar e a Borte estavam atrás de mim e havia mais alguns a treinar por perto. Muitas queimaduras e cortes. — O Chanar tosse com tanta força que vomita.

O Temujin dá um pontapé no colchão da Inkar. Olha para mim e depois para a entrada.

— Vão, por favor — peço. — Cuidem dos feridos.

Eles têm de sair para que eu possa sair. O Temujin olha para mim, com uma expressão de preocupação e compaixão, mas por fim acena.

— Não vamos demorar. — Sai da tenda a correr com a Inkar e o Chanar no seu encalço.

Assim que saem, arrasto-me para a aba da tenda e sussurro o nome do Serik, rezando à Senhora e ao Pai para as minhas suspeitas terem fundamento.

Quando ninguém responde, chamo um pouco mais alto. E depois um pouco mais alto. Limpo as palmas das mãos suadas na túnica e espreito para fora da tenda. Com a fumaça ocre, os outros Shoniin não conseguirão avistar-me facilmente. Mas o Serik também não. Por mais que queira sair a correr à procura dele, é impossível conseguir caminhar tanto, e vaguear à toa tornaria mais difícil ele encontrar-me. Por isso fico onde estou.

Os segundos sucedem-se e, a cada um, a minha certeza vacila. Passados 20 minutos, já o pânico se instalou. Talvez esteja a tirar conclusões precipitadas. Talvez o Serik não tenha conseguido fugir. O Temujin e os seus Shoniin não esconderam o seu despreço pelo Serik, mas não seriam capazes de o matar.

Pois não?

Um soluço explode no meu peito apertado.

No instante seguinte, ouço o restolhar de passos no exterior da tenda seguido de um sussurro:

— Enebish?

Nunca fiquei tão contente por ouvir o meu nome.

Solto um gritinho e abro a aba da tenda.

— Estás vivo! Graças aos céus!

— Claro que estou vivo. — O Serik baixa-se para entrar, com a pele tão coberta de fuligem que parece pintado com carvão. — Este lugar tem demasiadas tendas. Como é que se encontra alguém?

Dou-lhe um abraço forte e encosto a minha cara à sua, desfrutando do seu calor e solidez, mesmo que tresande a fumo.

— Como conseguiste escapar? O que vais fazer? Eles devem estar a voltar. — Os pensamentos e preocupações brotam da minha cabeça como uma cascata.

— Arrombei a fechadura — diz-me, com um aceno, como se isso fosse óbvio.

— Com o quê? Não tinhas acesso a nada naquela cela. Nem sequer deixavam a saca das rações ou um copo de água.

— Mas deixaram-me o meu capote — o Serik estende o tecido como se fossem asas —, por isso puxei pela cabeça.

Vira-se para me mostrar as costas, de onde arrancou um pequeno emblema dourado desfiando os fios da bainha. Olho para ele espantada.

— Mas isso não é só fio?

— Sempre pensei que sim, mas passei tantas horas a esfregar os pontos de frustração que descobri que era fio de ouro criar estes padrões intrincados. Fiz uma gazua com os arames e abri a porta. Talvez tenha deitado ao chão sem querer um jarro de vorkhi à saída, que pode ter ensopado uma pilha de roupa. Mas não tive culpa. Aquilo estava tão atafalhado de tralha e sabres enferrujados que não me espanta que uma faísca tenha deitado fogo a tudo.

Os seus olhos formam quartos crescentes de satisfação, e eu puxo-lhe a orelha, imitando o abade.

— Estou aliviada por estares em segurança, mas tinhas de pegar fogo ao barracão?

— Sim! Têm muita sorte por não ter pegado fogo a este maldito acampamento.

Bato com a palma da mão na testa.

— Sabes que isto não ajuda a nossa causa? Agora é que nunca vão confiar em ti.

— Ótimo! Dispensó a confiança deles. Não quero ter nada que ver com eles.

— És a pessoa mais difícil e vingativa que conheço.

O Serik pavoneia-se como se fosse um elogio.

— Espera até eles verem o que planeei a seguir. Vou roubar-lhes a sua preciosa Fiadeira da Noite. Vens pelo teu pé ou queres que te ponha ao ombro para parecer que te estou a raptar? Temos de ser convincentes. — O Serik avança e finge que me vai agarrar, mas eu recuo. O seu sorriso desaparece e ele levanta as mãos. — Pronto, podes vir pelo teu pé. Estava só a brincar...

— Não é altura para brincadeiras — corto. — Qual é o teu plano, Serik? O Temujin e os outros devem estar a voltar e não vão gostar de te ver.

— Como assim, qual é o meu plano? Estou livre, podemos sair deste maldito lugar. Depois das missões, presumo que já saibas como voltar a Ashkar. Põe tudo o que for útil numa sacola.

Começa a vasculhar os pertences da Inkar, atirando ao chão uma fita vermelha, o único vestido que não é do cinzento típico dos Shoniin e uma boneca de oração de feltro com o nome *Taimar* bordado. Só de ver aquilo, sinto a culpa a perfurar-me o corpo.

— Não fiques aí parada — insta o Serik. — Foste tu que disseste que temos de nos despachar.

— Não posso fazer isso.

— São apenas algumas túnicas e comida. Garanto-te que ela não vai dar pela falta.

— Não, Serik, não posso virar costas.

As rações que o Serik trazia nos braços caem ao chão.

— Que conversa é essa? Não estamos a virar costas, estamos a *fugir*. Eles fizeram-nos reféns, e chantagearam-te, caso te tenhas esquecido.

Exalo um suspiro longo e lento e tento raciocinar.

— Os métodos do Temujin podem ser radicais, mas as suas intenções são nobres. Ele está a fazer muito bem. — O Serik zomba, mas eu não o deixo falar. — Os Shoniin estão a alimentar os pastores que morrem à fome nas pastagens de inverno, assim como as pessoas que sofrem nos protetorados. Resgatam *crianças* da

frente de batalha, rapazes e raparigas que foram raptados das suas camas e enviados para combater sem um único dia de treino. Sabias que o recrutamento é obrigatório nos protetorados como ressarcimento pela anexação ao Império Unificado? E os Shoniin só incentivam a deserção para termos um trunfo para obrigar o Rei Celeste a chegar a acordo. Tenho ajudado o Temujin a escrever cartas à Ghoa. Os Shoniin estão a disponibilizar-se para se juntar ao Exército Imperial para lutar contra Zemya, mas só se o rei aceitar dar aos protetorados o apoio e prosperidade que lhes prometeu inicialmente.

O Serik ri-se, forçando uma exalação.

— Vejam bem! Pareces um membro do grupo que decorou a cartilha toda.

— Se visses as condições na frente de batalha, compreenderias. Há pilhas de cadáveres que mais parecem montes de estrume. Não temos a menor hipótese de ganhar se as coisas continuarem assim. E a situação é ainda pior nos protetorados. O Rei Celeste está a executar cidadãos de Verdenet que se recusem a tirar os brincos. Destruiu os mercados, o que os impossibilita de ganharem a vida. O meu povo está a sofrer.

— Desde quando é que te preocupas com questões sulistas? — atira o Serik, apontando para a boneca de oração que o Temujin me trouxe, ainda presa ao meu peito.

Ele diz *questões sulistas* como se os cidadãos e costumes de Verdenet fossem tão estranhos e repugnantes como a magia de Zemya. Como se fosse estranha por querer preservá-los, por querer salvar uma parte da minha identidade original.

— Porque não haveria de estar preocupada com a minha pátria? É a única ligação que tenho ao meu passado e à minha família. Lembrar-me deles ajuda-me a não me sentir tão só.

O Serik passa a mão pela cara.

— Isto soou mal. Não estou a dizer para lhes virares as costas. Claro que não quero isso. Só peço que não mas vires a mim, como fizeste com a Ghoa. Que se lixe a tua vida anterior e todos os que

faziam parte dela. — A sua voz está sumida e entrecortada, e ele acrescenta: — De verdade que te sentiste sozinha este tempo todo?

A minha indignação extingue-se imediatamente.

Pego-lhe na mão e olho fundo nos seus olhos, penetrando no mais íntimo da sua alma, como ele fez comigo na nossa viagem ao Festival Qusbegi.

— Não virei costas a ninguém. Não tem de ser exclusivo. Quero colaborar contigo, com a Ghoe e com os Shoniin. Temos de nos juntar se quisermos pôr fim a esta guerra. Sei que estás chateado com o Temujin por te ter prendido, e estás no teu direito, mas não peço que confies nele. Peço que confies em *mim*. Esta é a oportunidade com que sempre sonhámos, todos aqueles dias que passámos deitados nos prados. Podemos finalmente mostrar ao rei e a Ashkar que estamos à altura. Que sempre estivemos à altura.

O Serik olha para mim por baixo das sobrancelhas. Os seus olhos são castanho-esverdeados como sempre, mas agora parecem diferentes. Vazios. Como se tivesse sido corrida uma cortina e eu tivesse ficado de fora.

— Nos meus sonhos, éramos livres no *nosso* reino. Não estávamos num reino sobrenatural rodeados de desertores. E não me interessa a opinião do rei. Porque arriscaríamos o pescoço para o ajudar e ao povo, quando foram taxativos ao dizer que esta não é a nossa batalha? Não nos querem, não somos guerreiros.

Mas é aí que o Serik se engana.

Serei sempre uma guerreira. Preferirei sempre um sabre a uma panela. Uma vida calma a cuidar de ovelhas nunca me causará o mesmo frémito nos membros e zunido nos ouvidos que carregar sobre o inimigo. A Senhora do Céu abençoou-me com uma parte do Seu poder. Confiou em mim para o usar para proteger a Sua terra e povo. Não posso descartar a minha responsabilidade. E não quero fazê-lo. Ressuscitei finalmente Enebish, a *Guerreira*. Sinto-me novamente eu própria. Não estou disposta a abdicar disso. Nem agora, nem nunca.

— Não posso fugir. Eu não sou assim. — Olho para o Serik, sem implorar, mas com o olhar firme e o queixo resoluto.

Uma rapariga que sabe o que quer. Uma rapariga que espera que o melhor amigo decida ficar do seu lado. — Também não creio que sejas assim. Pede desculpa por teres deitado fogo ao barracão e jura lealdade...

— Não posso.

Uma lágrima corre pelo meu rosto e eu limpo-a com toda a determinação.

— Não podes ou não queres?

— Não quero. O Temujin é um maldito encantador de serpentes, deslumbrando-vos com as suas promessas nobres e esboçando aquele sorriso perfeito para que ninguém desconfie quando ele atacar. Não sei o que ele anda a tramar, mas não tenciono alinhar nisso.

— E nós, em que ficamos? — pergunto.

O Serik ajusta o capote e dá um passo atrás.

— Eu sigo o meu caminho e tu segues o teu.

— Para onde vais?

Ele encolhe os ombros.

— Qualquer sítio é melhor do que este.

— Não é nada! Se voltares para Ashkar, a Ghoha vai perseguir-te. E o Temujin tem batedores por toda a parte. Se perceberem que estás vivo, farão o que for preciso para te silenciar. Sabes demasiado; podes revelar a localização da Cabeça de Carneiro. — As minhas mãos agitam-se como pássaros frenéticos. Tenho de as enterrar na túnica para as impedir de ferrar as garras nos pulsos do Serik.

— Mas eles sabem que nunca te poria em risco. Podemos não estar do mesmo lado nesta contenda, mas isso não muda o que sinto por ti. — Os seus olhos cruzam-se com os meus, penetrantes por trás das suas pestanas, e um nó de emoção aloja-se na minha garganta. Afasto os lábios para lhe dizer que não sei do que está a falar, que não sei o que ele sente por mim, mas isso seria uma mentira porque sei. Sempre soube.

Está patente em todas as suas ações: os longos olhares plenos de intencionalidade quando juro que ele consegue ver a minha alma; os sorrisos e toques divertidos e cúmplices; as horas que passámos deitados no relvado do mosteiro, a planear um futuro que só podia ser conjunto; todos os impropérios que lançou aos meus algozes e as piadas indecentes que ele fez para eu me rir em vez de chorar; a forma como me defendeu sem quartel e acreditou em mim sem vacilar, mesmo quando mais ninguém o fazia; quando me fez desejar mais do que a minha existência miserável no mosteiro.

Nunca ninguém me amou mais ou melhor do que o Serik. E eu também o amo. Sempre o amei, desde que cheguei à propriedade dos pais da Ghoe e o encontrei enfiado no seu capote puído e demasiado grande. Mas nunca me permiti amá-lo *dessa maneira* porque era impossível. Os nossos mundos raramente se cruzavam; eu servia nos Kalima e ele estava prometido à irmandade, ligado para sempre ao abade e a Ikh Zuree. E quando nos voltámos a juntar, eu era uma criminosa a um passo do cadafalso.

Mas agora...

Olho para as pregas adoráveis à volta dos seus olhos e para a ruga perpétua na sua fronte. É óbvio que ele não é tão bonito como o Temujin, mas as pequenas subtilidades em que só eu repararia — como o facto de as suas sardas acobreadas parecerem uma constelação de lírios flutuantes, e de as suas orelhas ficarem rosadas quando ele está zangado, e como os seus músculos longos e tensos entufam as vestes sagradas — são mais do que a soma das suas partes. Ele é desarrumado e maravilhoso, volúvel e perfeito, e enquanto eu procuro as palavras **mais indicadas** para descrever o que ele significa para mim, ele aproxima-se. Cada vez mais. Até o meu peito estar encostado ao seu.

Até os nossos corações baterem como um só.

As suas mãos tocam nas minhas faces, trémulas e a medo ao princípio. Ao perceber que eu não me retraio, os seus dedos afagam o meu cabelo. Sinto um fogo dentro de mim, aquecendo-me como carvão, e agarro na parte da frente da sua túnica vermelha, como imaginei fazer tantas vezes em segredo. Passo os dedos pelo cabelo que começa a despontar e lanço um olhar furtivo aos seus

lábios, recordando como estavam vermelhos e carnudos no frio do Qusbegi.

É tudo tão familiar. *Tão certo*, diz-me o coração.

Podia eliminar a distância entre nós e pressionar os meus lábios contra os seus. Podia segui-lo até Ashkar e perder-me nos seus olhos lunares sorridentes. Se ninguém dependesse de mim. Se Zemya não tivesse atravessado a fronteira. Se os nossos guerreiros não estivessem a ser chacinados como cordeiros sacrificiais. Se milhares de pessoas nos protetorados não estivessem a ser privadas das suas crenças.

— Tens a certeza de que não queres vir comigo? — Os seus olhos são enormes, a sua expressão angustiada.

Irrompem lágrimas dos meus olhos e eu obrigo-me a dar um passo atrás. Apenas um passo, mas o suficiente para o Serik tirar as mãos do meu rosto. Parece que se abriu um abismo entre nós, uma fenda demasiado larga para ser transposta, demasiado perigosa para atravessar. É impossível segui-lo.

É impossível voltar atrás.

Levo a mão ao bolso e entrego-lhe uma pedra azul.

— O Temujin deu-me uma a mais, para usar em caso de emergência. Isto vai levar-te à taberna. Vai até ao campo de globos-de-ouro e atira-a ao ar.

O Serik estuda a pedra com uma expressão de estranheza antes de fechar o punho e recuar para a entrada.

Uma faca gelada crava-se no meu coração, arrancando-me a pele a cada passo que ele põe entre nós. Quando passa pela aba, soluço e corro atrás dele. Lá fora, o céu está mais quente do que nunca, devido ao fogo, mas não consigo parar de tremer.

— Junta-te a uma caravana que siga para oeste, para Visva. Ou podes ganhar a vida nas minas de cobre das montanhas de Ondor. Mas sai de Sagaan. Mantém-te em segurança. E quando tudo isto acabar, vem ter comigo.

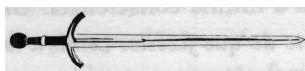
Os seus olhos estão rasos de água, translúcidos, húmidos e profundos. A sua voz é grave e vacilante.

— Adeus, En. Espero que sejas feliz. Sinceramente.

Enterro a cara nas mãos para não ter de o ver partir e para não me sentir tentada a segui-lo. A dor e o cansaço da missão da noite anterior pesam sobre mim com o dobro da intensidade, como uma armadura de ferro. As lágrimas escapam por entre os nós dos dedos e correm pelos meus pulsos.

Quando me recomponho e olho para cima, o Serik desapareceu, levando consigo uma parte de mim.

Capítulo 22



Quando acordo na manhã seguinte, o meu corpo parece mil anos mais velho: as minhas pernas ganharam longas raízes que se fincaram na terra, a minha cara está vermelha e inchada de chorar, e não tenho forças para me levantar do colchão.

O Serik fez o que achou ser mais correto. Não lhe posso levar a mal isso. Mas posso levar a mal o buraco doloroso e ensanguentado desenhado à sua imagem que ele deixou no meu coração.

Gemo e tapo a cabeça com os cobertores. Não posso ficar a remoer o que se passou. Se o fizer, vou começar a vacilar. A minha parte mais fraca e egoísta sentir-se-á tentada a colocar os meus desejos pessoais acima das necessidades das pessoas. É a escolha acertada para mim — a escolha acertada para ambos.

Mas se é assim tão acertada, porque não acabamos juntos?, sinto-me tentada a gritar para a Senhora do Céu. Em vez disso, viro-me de lado e ordeno a mim própria que volte a dormir. Pelo menos, nos meus sonhos, posso fingir que a separação é apenas temporária. Imagino-nos deitados lado a lado no relvado de Ikh Zuree. Os gongos matinais estão a tocar, chamando-nos para os distintos afazeres diários, separamo-nos sem dizer palavra, cientes de que voltaremos a estar juntos mais tarde. Como sempre.

Voltaremos a estar juntos mais tarde, convenço-me.

Mas não se perderes tempo refastelada no teu colchão, admoesta Enebish, a Guerreira.

Tenho de me levantar e tratar deste assunto. Tenho de resgatar mais recrutas e pôr fim à guerra. Tenho de tornar Ashkar num sítio onde um antigo monge e uma criminosa redimida *possam* ficar juntos.

Com um suspiro desalentado, levanto-me do chão, visto uma túnica cinzenta e encaminho-me para a tenda do Temujin para me preparar para outra missão.

— Para onde vou a seguir? — pergunto sem rodeios quando entro na tenda.

O Temujin está sentado à secretária, ladeado pela Inkar e pelo Chanar, como sempre. Dão um pulo tão grande quando me veem que uma pilha de pergaminhos cai ao chão.

— Enebish! O que fazes aqui? — A Inkar corre para me receber, enquanto o Chanar e o Temujin se afadigam a recolher os papéis. — Devias estar a descansar! Precisas de processar e recuperar da tragédia da noite passada. Adiámos a tua missão durante alguns dias...

— Não é preciso — corto, bruscamente. — Eu estou bem.

A Inkar morde o lábio e olha para mim com olhos esbugalhados de preocupação.

— Mas...

— Chorar numa tenda não vai mudar o facto de ter perdido o Serik. — Evito falar em morte de propósito. Se não quero que eles me mintam, não devia mentir-lhes. Mas quanto mais tempo os Shoniin presumirem que o Serik está morto, mais seguro ele estará.

— Sei que não te apoiei ontem à noite como devia. — A Inkar pousa uma mão terna no meu antebraço e encaminha-me para a entrada. — Mas agora posso ficar contigo o tempo que quiseres. Deves ter muitas emoções que queres extravasar.

— O que eu quero é travar os Zemyanos e pôr fim a isto.

A Inkar olha para os rapazes, que estão a arrumar o resto da papelada numa gaveta. Não sei porque se dão ao trabalho: continua a parecer que um ciclone passou pela tenda do Temujin.

— Estou pronta — insisto.

Os três trocam um olhar como se eu tivesse perdido o juízo, e talvez tenha, mas receio que, se parar por um momento que seja, a dúvida e o medo acabem por me apanhar. Ou que perca a minha oportunidade de derrotar Zemya e de me redimir. Tudo isto terá sido em vão.

O Chanar é o primeiro a pronunciar-se:

— Para de mimar a rapariga, Inkar. Se a Enebish diz que está pronta, é porque está pronta.

A Inkar franze o sobrolho, e eu tento não me chatear. A sua hesitação é fruto da preocupação, o que significa que devia sentir-me ofendida por o Chanar estar disposto a atirar-me aos lobos tão cedo. Mas não quero ser mimada nem protegida. O tempo para a timidez já lá vai. Todos temos de correr riscos e fazer sacrifícios.

O Temujin observa-me e, pela primeira vez desde que nos conhecemos, não estremeço, vacilo ou recuo. Olho fundo nos seus olhos e vejo um sorriso lento assomar aos seus lábios.

— Por vezes, a ação é o melhor remédio.

Vivo apenas para as minhas missões. Entro à socapa em Ashkar, noite sim noite não, e desvio dezenas de recrutas de acampamentos posicionados ao longo da frente de batalha. Depois durmo durante todo o dia e noite de permeio. Sem nunca parar, sem nunca pensar. Desfrutando nas trevas da exaustão — onde a dor da falta do Serik não me alcança.

Espero que o meu sucesso preencha lentamente o vazio que sinto no peito, mas a dor é ainda mais aguda a cada nova missão, porque dou por mim a perscrutar cada rosto, na esperança de que o Serik tenha mudado de ideias. Os meus olhos caem sobre cada capote, em busca dos raios de sol dourados.

Com o passar das semanas, os Shoniin tentam animar-me e distrair-me. A Inkar leva-me a treinar as crianças, o que me dá um prazer enorme, mas não consigo vê-las a brandir os paus sem pensar no rapaz e na rapariga que brincavam às lutas na propriedade dos pais da Ghoa.

A Oyunna arrasta-me para os festejos à volta da fogueira e pinta-me a cara com maquilhagem branca densa para esconder a minha marca de traição, à semelhança das fidalgas de Sagaan, mas eu só consigo pensar que o Serik detestaria ver aquilo.

Estão a transformar-te numa pessoa diferente. Numa pessoa que não reconheço.

Nem sequer a *Orbai* consegue preencher o vazio. Sobretudo porque está sempre nas nuvens. Nas raras ocasiões em que atende ao meu chamado, grita e bate as asas contra as paredes da tenda, até eu a libertar. Não a recrimino por isso. Se pudesse voar pelo céu azul infinito com a Senhora e o Pai, também não gostaria de estar presa no chão ou confinada a uma tenda.

Surpreendentemente, o Temujin é aquele que me proporciona uma pequena medida de conforto. Apesar de ter o seu tempo muito preenchido, senta-se na minha tenda e recita canções e histórias dos Primeiros Deuses. Por vezes, distrai-me com relatos dos progressos no treino dos recrutas ou pede-me ajuda para redigir mais cartas para a Ghoa. Quando os nossos batedores em Verdenet nos informam de que a armadura de ouro do rei Minoak desapareceu do mercado de Nashab — onde esteve guardada nos últimos 700 anos, só podendo ser aberta com o anel de sinete do rei —, passamos o dia a especular, entusiasmados, e a pensar em todos os locais onde ele pode estar escondido.

— É óbvio que seguiria imediatamente para Namaag — aventa o Temujin. — A sua irmã mais nova é casada com o vice-chanceler. Dar-lhe-iam asilo.

— Mas o Rei Celeste contaria com isso. Teria guerreiros à sua espera nas rotas mercantis — contesto.

— O Rei Celeste teria de disponibilizar guerreiros da frente de batalha para tal e, graças a nós, não se pode dar ao luxo de os dispensar...

— É verdade, mas continuo a achar que o Minoak não arriscaria. E não abandonaria o povo. Ele está por perto, onde possa vigiar o governador imperial e reagrupar.

— Falas como se o conhecesses pessoalmente — o Temujin ri-se. — Espero que tenhas razão, mas como podes ter tanta confiança num rei que não conheces?

— Da mesma maneira que dedico a minha vida a uma deusa que nunca vi. Da mesma maneira que acredito que um criminoso pode salvar o nosso povo — digo, com uma cotovelada. — O

empenho que é fruto do conhecimento total não tem o fator mais importante de todos: a fé.

O Temujin contempla-me, pensativo, antes de deformar a sua expressão num esgar de choque.

— Estou enganado ou acabaste de admitir que confias em mim?

— Talvez. *Parcialmente*. Mas não permitas que isso te suba à cabeça.

Conto que ele retruque com uma resposta espirituosa, mas ele leva a mão à sacola e tira o seu Livro de Murmúrios.

— A ponto de fazermos isto?

Estende-me o livro e eu sustenho a respiração. O couro é tão antigo e estalado que mais parece a orelha de um elefante. É mais pequeno do que o livro da minha família, e preso por uma longa cinta de couro em vez de um fecho de metal, mas das suas páginas emana a mesma vibração de energia. Uma sensação avassaladora de paz e força.

— Tens a certeza? — pergunto.

— Absoluta. — Aproxima-se de tal maneira que as nossas coxas se tocam. Com dedos cuidadosos, desprende a cinta e abre o livro em cima do nosso colo. Leva a mão à túnica e retira duas penas, oferecendo-me uma. — Vamos escrever juntos.

Mordo o lábio e o meu olhar divide-se entre a pena e o Temujin. Nunca escrevi com outra pessoa. Era demasiado nova para o fazer quando a minha família sucumbiu. Mas não é algo que se faça de ânimo leve. Escrever num Livro de Murmúrios com alguém é convidar essa pessoa a penetrar na nossa mente, revelar-lhe os recantos mais íntimos da nossa alma. Conversamos em uníssono com a Senhora do Céu, o que significa que não há segredos. Tudo é revelado. Mas, nesta altura, que tenho eu a esconder?

Ainda estás a tempo de voltar, a voz da Ghoe dança nos meus ouvidos como os acordes de uma canção distante. Quando cheguei ao reino do Azul Eterno, a sua voz era quase tão audível como a minha. Mas agora é apenas um silvo de vento a perpassar as ervas. Quase não dava por ela se me esquecesse de prestar atenção.

— A menos que não te sintas à vontade... — diz-me o Temujin.
— Porque eu nunca...

Arranco-lhe a pena das mãos.

— Vamos a isso.

Ouçó o Serik a estremecer de nojo a um mundo de distância.

É demasiada intimidade, sussurra. *O Temujin tem segundas intenções*. Mas também silencia a sua voz. Abdicou do direito a comentar as minhas decisões quando optou por se ir embora.

Eu e o Temujin concentramo-nos no livro e as nossas penas escrevinham no pergaminho. Assim que as minhas letras surgem na página ondulante, as do Temujin ganham vida não no livro, mas iluminadas na escuridão da minha mente.

É possível ser-se indigno de redenção?

Sinto um arrepio no corpo, do cimo da cabeça até ao fundo da coluna. Ele podia ter pedido qualquer coisa à Deusa — orientação para ultrapassar a guerra, garantias, força para continuar —, mas fez uma pergunta para mim. Para me tranquilizar. Para me fortalecer. Já sinto a Sua resposta a pulsar no meu peito: constante, firme e segura. Um amor intenso e protetor, apesar dos meus muitos erros.

Faz com que a minha pergunta pareça trivial e pueril: *Se é este o caminho certo, porque tem sido tão difícil?*

As minhas faces ruborizam-se e eu curvo-me sobre mim mesma.

— Não faças isso — diz-me o Temujin.

— O quê?

— *Isso*. Encurvas os ombros e escondes-te atrás do teu cabelo como uma tartaruga que se esconde na sua carapaça. — Ele estende a mão e arruma as madeixas de cabelo preto atrás da minha orelha. Deixa ficar os dedos, hesitante, e depois acaricia os três sulcos da minha marca da traição. Aceitando aquela parte de mim que mais repulsa causa às pessoas.

Sinto algo a revolver-se no meu estômago e todos os pelos da minha face se espetam a direito. Não sei se é o seu cheiro a sabão

de chá, ou do livro sagrado que está pousado nos nossos colos, ou a sensação da sua coxa contra a minha, mas atiro sem pensar:

— És diferente do que eu esperava.

O sorriso que assoma aos seus lábios lança-me uma onda de calor pelo tórax.

— Tu também. — Pega na minha mão e faz-me levantar. — Vem connosco esta noite. Vamos fazer algo especial em Sagaan e quero que faças parte disso.

— A sério? — Além das minhas missões com o Kartok, nunca me foi permitido atacar caravanas de mantimentos, distribuir rações ou sequer roubar canhões. O Serik diria que isso se deve ao facto de os Shoniin não confiarem em mim, mas o Temujin garantiu-me que é porque a minha capacidade de fiar a noite é muito mais importante. Qualquer um pode entregar rações, mas só eu consigo trazer os guerreiros em segurança para o nosso lado. — Queres que vá contigo?

O Temujin sorri e puxa a minha trança.

— Não quero que venhas; *faço questão*.

Mordo o lábio e olho em volta da tenda. O que quer que o Temujin tenha planeado, o sossego do meu colchão será sempre mais fácil. Mas ficar sentada numa tenda vazia a evocar recordações do Serik não vai trazê-lo de volta. Ele não *quer* voltar.

— Está bem — concordo. Está na altura de parar de viver na minha mente e de seguir em frente.

— Excelente. A Inkar vai trazer-te roupa adequada.

— Qual é o problema da roupa que tenho? — pergunto, e ambos desatamos a rir, visto que ainda não despi a túnica imunda que vesti na missão da noite passada.

A Inkar chega pouco depois de o Temujin sair e atira-me um molho de roupa. Nada de especial — as vestes de uma ashkariana da classe média: uma túnica de lã azul, calças castanhas largas e um casaco de pele de coelho.

— Hoje, estás perfeitamente normal — diz-me com uma piscadela quando saio da nossa tenda. Ela, o Temujin e o Chanar têm

roupas mundanas semelhantes: chapéus de pele e capotes anónimos. Estou tão habituada a vê-los no cinzento dos Shoniin, que me parecem águias a quem cresceu pelo e não penas.

— O que vamos fazer ao certo? — pergunto.

— É uma surpresa. — A Inkar leva-me pelo acampamento e pelo campo de globos-de-ouro até ao portal. — Foi tudo organizado pela Oyunna, por isso já se sabe que vai ser bom.

O Temujin abre o portal e, assim que entramos no quarto poeirento nas traseiras da Cabeça de Carneiro, ouço o caos nas ruas. As janelas abanam com os risos e as cantorias, e um gongo soa tão alto que o candeeiro a óleo que está em cima da cómoda tomba de lado.

— O que se passa aqui? — Rodopio rapidamente. — Não é dia de festival.

A Inkar ri-se com a minha expressão de confusão, e ela e os rapazes encaminham-me para a taberna, onde somos imediatamente consumidos pela algazarra. Está à pinha, a ponto de nem ver a rua. Apenas uma amálgama de corpos, amontoados a cada quarteirão, até os pontos se tornarem indistintos.

— Qual é a ocasião? — grito por cima da multidão.

Pelo que vejo, estão todos vestidos com roupas de trabalho, iguais às nossas, e empurram carretas de leite e vendem legumes em bancas, tal como fariam em qualquer outro dia. Não há estandartes a decorar os edifícios pontilhados por neve ou lanternas coloridas a flutuar por cima de nós, mas o ambiente é claramente de festa. E o grupo de mulheres divertidas que rodopiam à nossa volta come grandes pedaços de borrego assado. Algo que só está ao alcance dos ashkarianos mais abastados, e só na primavera.

— Mas que raio...?

— Mesmo a tempo! — diz o Chanar, apontando para o fundo da rua.

Protejo os olhos do sol e semicerro-os para ver mais ao longe, onde a figura difusa de uma carruagem puxada por um cavalo se aproxima com estrondo. As pedras da calçada estremecem com o

avançar do carro, e o alarido torna-se ainda mais ensurdecedor. De alguma forma, a multidão abre alas e eu fico sem fôlego quando somos esmagados contra um edifício de pedra. Agarro-me à Inkar e ao Temujin e arregalo os olhos para as rodas douradas da carruagem. Observo a carroçaria azul elegante. É o inconfundível azul e dourado ashkariano.

Uma carruagem real.

Mas o condutor é um rapaz que enverga o cinzento-brilhante dos Shoniin, e uma rapariga, também ela Shoniin, senta-se ao seu lado, soprando uma corneta de forma estrepitosa. A melodia faz o meu coração bater descompassado, visto que se trata da ode à Senhora do Céu que cantamos à volta da fogueira. À sua passagem, voam objetos das janelas da carruagem: figos, dióspiros e peras. Pães glaceados e bolos polvilhados com açúcar. Beterrabas, batatas e até alguns doces de cores garridas.

As pessoas correm para a frente, enfiando toda aquela abundância nos bolsos, e eu sorrio ao ouvir os seus guinchos de prazer.

— Como? — grito por cima da algazarra. — Aquela era uma carruagem real, mas o rei nunca atiraria comida tão fina à população.

O Temujin leva uma mão-cheia de castanhas assadas à boca e suspira.

— Toca a comer, as perguntas vêm depois!

Uma maçã rebola até à biqueira da minha bota e eu apanho-a, polindo o vermelho da casca na túnica. Dou uma dentada e suspiro. Não me lembro da última vez que provei algo tão fresco e delicioso. Afadigamo-nos por ali como ratos, a comer isto e aquilo, até que o Temujin nos encaminha para uma rua ligeiramente menos apinhada.

— A Oyunna é um génio — elogia o Chanar com a boca cheia de bolo folhado de amêndoa.

— Esta deve ter sido a nossa maior façanha — diz a Inkar.

O Temujin acena e atira um olhar de satisfação na direção do Palácio Celeste.

— O rei vai ficar furo, e as pessoas vão admirar-nos mais do que nunca.

— O que se passa? — Sinto-me a irmã mais nova a quem ninguém diz nada, mas tento não levar isso a peito. Tenho estado sempre fora em missões e nunca estou muito presente quando estou no reino do Azul Eterno.

— A Oyunna soube que o Rei Celeste tencionava dar um banquete faustoso — explica o Temujin —, para provar que não está nada preocupado com a ameaça de Zemya, e ela achou que seria injusto desfrutar daquela fartura enquanto nós passávamos fome. Por isso os nossos Shoniin infiltrados no palácio carregaram a comida do banquete em carroças e saíram pelos portões.

— Isso é brilhante — digo —, mas os guardas do palácio não vêm atrás deles?

— Tenho a certeza de que estão a tentar, mas duvido que cheguem longe. — O Temujin aponta para a multidão intransponível que voltou a aglomerar-se na estrada.

— Já para não falar que restam poucos guardas no palácio — acrescenta o Chanar. — A maioria foi chamada para a frente de batalha. Juntamente com os cavalos e a artilharia pesada.

A Inkar, o Chanar e o Temujin trocam sorrisos, mas eu engulo em seco. A situação na frente de batalha deve ser desoladora para o rei se deixar tão mal guardado.

— Achem que ele vai aceitar as nossas condições em breve?

— pergunto.

— Estará a assinar a sua sentença de morte se não o fizer — responde o Temujin.

E a sentença de morte de todas estas pessoas. Sinto uma pontada de culpa. Não devíamos estar a fortificar as muralhas da cidade? Não seria melhor gastar o nosso tempo a recolher água e lenha e a preparar-nos para o cerco em vez de estarmos a festejar?

— Oh, diabo! Conheço essa expressão. — A Inkar agita um dedo na minha cara. — Deixa as pessoas divertirem-se hoje. Sabe-se lá quando terão a oportunidade de desfrutar de outro dia de festival. Nós também precisamos de festejar. Lembra-nos daquilo por que lutamos.

— Danças, En? — O Temujin estende-me a mão, mas eu abano a cabeça com veemência. Não era boa dançarina antes de Nariin, e desde então nunca mais me aventurei na dança. — Não podes dançar assim tão mal — diz-me, enquanto me puxa de volta para o meio da multidão.

A música é ruidosa e febril, uma mistura cacofónica de tambores, violinos e flautas, e vibra através dos meus pés pesados, até os meus dedos começarem a tamborilar e as minhas ancas a menear-se. Sou lenta, rígida e dessincronizada, e piso o Temujin cinco vezes em duas músicas, mas ele nunca se queixa.

— Olha para eles. — Aponta para um grupo de raparigas de mãos dadas a saltitar numa roda à nossa direita. Atrás delas, um pai atira o seu filho, radiante, ao ar. À nossa volta, cidadãos batem palmas e gritam, fazem vénias e saltam. Livres e enérgicos como cabritos num prado primaveril. — É isto que o nosso povo merece! — grita por cima da algazarra. — E, graças a ti, é isto que vamos continuar a proporcionar-lhes.

Sempre rejeitei tais elogios. Um exército é como um relógio, composto de milhões de engrenagens. Nenhuma peça é mais importante do que outra. Mas atiro a cabeça para trás e solto um grito, permitindo sentir-me orgulhosa e aproveitar este momento.

O Temujin puxa-me para junto de si e as suas mãos queimam como um tição contra o fundo das minhas costas. Sussurra uma canção popular de Verdenet ao meu ouvido, e as minhas pernas desfazem-se em areia, ardentes e esboroadas à medida que nos mexemos ao som da música. O céu cor de tangerina escurece e as faixas de escuridão enrolam-se à nossa volta. Mas em vez de me espicaçarem, deslizam pela minha clavícula e enrolam-se nos meus pulsos como pulseiras, intensificando todas as sensações. Confortáveis, por fim, com a nossa nova trégua.

Nós os quatro balançamo-nos e rodopiamos por entre as pessoas — cidadãos comuns de Ashkar durante uma noite —, e eu quase morro de choque quando o Chanar me pede para dançar. Faz-me rodopiar numa roda vertiginosa, rindo, e eu estou tão feliz, tão consumida com esta profunda sensação de pertença, que quase me esqueço de sentir falta do Serik.

Uma derrocada de vergonha por me ter permitido seguir em frente, mesmo desta forma tão incipiente, quase me derruba. Um segundo depois, é seguida por um rescaldo de culpa. Não devia querer vê-lo aqui. Uma verdadeira amiga queria que ele estivesse o mais longe possível de Sagaan, da Ghoe e dos Shoniin, mas ainda fico sem fôlego sempre que vejo uma cabeça rapada. E numa ou duas ocasiões, juro que senti um aroma a pergaminho e tinta de resina.

Ficamos até a multidão se dissipar a ponto de permitir que a guarda imperial irrompa pela muralha de foliões, ordenando-lhes que vão para casa sob pena de serem presos por roubar a comida do Rei Celeste. Mas quem podem culpar quando foi toda a cidade que desfrutou dos despojos?

Voltamos para a Cabeça de Carneiro. O Temujin e o Chanar caminham atrás de mim e da Inkar, e eu apoio-me nela. Posso estar a ficar mais forte, mas a minha perna mutilada nunca se habituará a grandes bailes.

— Estás contente por teres vindo? — pergunta-me.

Solto um suspiro de contentamento.

— Era disto mesmo que eu precisava. Sinto-me novamente desperta.

— Aposto que o Temujin não se importaria de te manter *desperta* mais um bocadinho...

Pisca-me o olho e eu dou-lhe uma palmada.

— Que conversa é essa?

— Eu vi-vos a dançar!

— Não foi nada de mais — insisto, mas sinto um arrepio no pescoço quando penso na nossa dança. E na partilha do Livro de sob a máscara.

Chegamos a um cruzamento, apinhado de pessoas a atravessar em todas as direções, e os meus pensamentos são interrompidos abruptamente. Na amálgama de caras e casacos, podia ter jurado que vi...

Abano a cabeça. *Para de te torturar.*

Mas volto a ver o mesmo clarão. Um vislumbre distinto de dourado e preto.

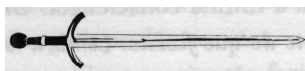
Afasto-me da Inkar e avanço pela multidão, semicerrando os olhos, com o coração na garganta.

Ele não devia estar aqui.

Não quero que esteja aqui.

Mas o bordado dourado intrincado e reluzente do capote puído do Serik é inconfundível.

Capítulo 23



— Serik? — A minha voz é um sussurro áspero. Esfrego os olhos cansados para garantir que não estou a ter alucinações, mas mesmo com o capuz a tapar-lhe a cabeça, seria capaz de reconhecer o seu passo gingado e a bainha brilhante do seu capote em qualquer lado.

Ele está vivo. E em Sagaan.

Um ardor glorioso invade os meus membros como hidromel quente. Tropeço nos meus próprios pés quando desato a correr atrás dele.

— Serik! — volto a chamar, mais alto. Mas agora a minha voz está abafada pelo choro.

Preciso de ver a sua cara, de o abraçar, de encontrar um meio-termo que sirva para ambos. Ficaria devastada se voltasse a vê-lo partir.

— Enebish? Aonde vais? — A Inkar tenta agarrar-me pelo braço, mas eu solto-me.

— Já vou ter convosco. Preciso de...

O Serik dobra a esquina e eu corro atrás dele, deixando a minha justificação pouco clara suspensa.

Ele dobra uma esquina a correr e depois outra, e eu peço à minha perna mutilada que se mexa mais depressa. É tudo o que consigo fazer para não perder o seu capote de vista quando ele se esgueira por outro cruzamento e desce por uma rua escura. Música de violino animada emana de uma estalagem miserável a meio do quarteirão, e é para lá que ele se encaminha. Dezenas de cartazes cobrem as janelas, anunciando duelos de violino e pequenos jogos de azar. Sorrio quando vejo a sombra do Serik a entrar. É exatamente o tipo de sítio onde ele se esconderia.

A Inkar e os rapazes vêm no meu encalço. Estão a aproximar-se. Os seus passos ressoam nas pedras da calçada e eles chamam por mim em surdina, com gritos irados. Estou a ser imprudente. Sei que sim. Mas não paro de correr. Nem paro para pensar que o Temujin desapareceu da minha mente assim que vi o Serik. Só sei que a minha parte mais primária e visceral insiste que o apanhe. *Agora.*

A minha perna mutilada dá de si no último passo e entro aos repelões pela porta dupla da estalagem. O Temujin irrompe na minha esteira, a praguejar esbaforido.

— O que estás a fazer? — Inclina-se para me ajudar, mas estacamos os dois porque o salão está vazio. E às escuras. Iluminado apenas por uma réstia de luar filtrado pela janela.

Contava ver uma lareira crepitante e mesas cheias de jogadores arruaceiros. Talvez um conjunto de violinistas a tocar a um canto. Mas o único indício de vida é um rato a roer a perna de uma cadeira.

Um arrepio de inquietação percorre-me a coluna quando perscruto a divisão. É evidente que a estalagem não está abandonada. O bar foi oleado há pouco tempo e os bancos não têm pó. O odor fermentado da cerveja paira, denso, no ar. Está claramente fechada, mas, de modo estranho, o som estridente persiste — uma melodia fantasmagórica que desce do piso superior.

O Chanar e a Inkar assomam à porta e apoiam-se na ombreira.

— Perdeste o juízo? — atira o Chanar, ofegante.

— Vigiem a rua. — O Temujin dispensa-os com um gesto do braço. — Certifiquem-se de que não fomos seguidos. E tu... — Vira-se para mim, mas eu já estou a avançar por entre mesas e cadeiras.

— Serik! — grito em surdina. Ele só pode estar aqui. *Vi-o* a entrar. Deve ser um esconderijo. — Sou eu!

— Não grites — rosna o Temujin. — Ele morreu. Sei que é difícil de aceitar, mas não podes correr atrás de todas as pessoas que são parecidas com ele. É perigoso. — Pega no meu braço e puxa-me para a porta.

— Mas... — Olho em volta, desesperada.

— Esquece-o — repete o Temujin. — Ele agora está com os Primeiros Deuses.

O seu tom de voz é meigo, mas o seu aperto é desconfortavelmente forte. Puxa-me mais um passo. Estamos quase a chegar à porta quando ouvimos o restolhar de tecido atrás de nós.

— Mostra-te! — A voz do Temujin é um rosnar feroz, e retira um punhal escondido do cinto.

Lentamente, uma figura encapuzada afasta-se da parede ao fundo da sala. O sangue ribomba nos meus ouvidos à medida que se aproxima, um passo de cada vez, até que a luz difusa do luar acaba por iluminar a bainha dourada do seu capote. Deixo-me cair sobre a mesa mais próxima.

— Serik! Porque não respondeste antes?

— Como é possível que ele esteja vivo? — o Temujin exige saber.

O Serik continua a avançar sem dizer palavra, deslizando por entre as mesas como um fantasma.

— Serik? — A minha voz é ténue, quase um sussurro, e instintivamente dou um passo atrás.

A porta fecha-se com estrondo atrás de nós.

— Uma armadilha! — grita o Temujin, enquanto eu guincho e tropeço num banco.

Na rua, o Chanar e a Inkar atiram-se contra a porta, mas o ferrolho é corrido, impedindo a sua entrada. E a nossa saída.

As sombras ganham vida junto às paredes. Sombras altas e pesadas que cheiram a óleo de couro e rangem ligeiramente.

Armaduras laminares.

Um suor frio corre por entre as minhas omoplatas à medida que os guerreiros avançam sobre nós. Lenta e deliberadamente, como aranhas a encurralar a presa. Um rosto familiar atrás do outro, até estarmos rodeados por todos os Kalima. O Serik é o último a entrar no círculo, batendo palmas lentamente.

A respiração do Temujin é entrecortada e ele vira-se para mim com os olhos esbugalhados.

— Ajudaste-o a fugir e a deitar fogo ao barracão? Eu sabia que ele nos trairia!

— O Serik nunca me trairia.

— Então, explica-me quem é *aquele*!

— Não sei! — expludo, mesmo sabendo que só pode haver uma explicação. Só há mais uma pessoa que sabe quanto o Serik adora aquele capote; que sabe que ele me atrairia como uma águia para um coelho.

A Ghoe retira o capuz com um gesto dramático e eu estremeço, mesmo que já estivesse à espera. O medo bate no meu peito como o punho de uma espada. Porque o Serik nunca lhe entregaria o capote. Pelo menos, não de livre vontade. O que só pode significar...

O Temujin pragueja e ergue o seu punhal ainda mais alto.

Enquanto os Kalima se riem, eu percebo que tenho uma arma muito mais forte à minha disposição.

Milhares de filamentos de escuridão contorcem-se nos cantos da taberna. Estendo as mãos e a escuridão atravessa o salão como lanças negras reluzentes, mas antes que consiga agarrá-las, a Ghoe grita e braços tatuados agarram-me por trás.

O impacto deixa-me sem fôlego e eu debato-me para conseguir respirar enquanto o Varren me arrasta para trás. Simultaneamente, três guerreiros Kalima atiram-se ao Temujin. Brandem as suas lâminas curvas contra a cabeça dele, mas ele atira-se ao chão. Os sabres silvam tão rentes que o chapéu de pelo do Temujin cai ao chão, estraçalhado.

Debato-me contra o Varren e evoco a noite outra vez, mas ele tapa-me a boca e o nariz com um pano molhado. É áspero como areia e tem um cheiro terroso e doce, de alguma maneira familiar.

Quando os tentáculos da noite deslizam pelos meus dedos e sinto novamente o vazio entorpecedor que me envolveu durante dois anos em Ikh Zuree, urro de indignação. Não sei como

conseguiram fazê-lo, mas o pano está revestido de pó de pedra da lua.

O Temujin vira uma mesa ao contrário e enfrenta um guerreiro Kalima. Mas assim que um se cansa, outro assume o seu lugar. Atacam em vagas, de todos os ângulos. Nem sequer se dão ao trabalho de usar os seus poderes. O Temujin defende todos os golpes, mas enfraquece a cada nova investida.

Grito e contorço-me ainda mais, mas quanto mais me debato e agito, mais o formigueiro na minha garganta desaparece.

Os guerreiros Kalima fazem o Temujin recuar até estar novamente encurralado no centro da sala. A sua roupa está ensopada em suor e sangue, e o seu cabelo irregular está colado à testa. Inspira tremulamente e ergue o punhal com galhardia, mesmo que seja óbvio que a batalha terminou. Dois guerreiros tiram-lhe facilmente a arma e atam-lhe as mãos atrás das costas.

— Impressionante. — A Ghoa pavoneia-se até junto dele e levanta o queixo do Temujin com os dedos. — Mas não o suficiente. Onde está a tua deusa celeste agora? Porque é que ela não te vem salvar? — O Temujin cerra os dentes e recusa-se a olhar para a Ghoa. — Tal como eu pensei. Não vem porque não existe. És um herege traidor.

O Temujin cospe-lhe na cara, mas a Ghoa mantém a compostura. Retira o pedaço de tecido cinzento que o Varren rasgou da farda do Temujin no Qusbegi e passa-o pela face. Em seguida, atira-lho à cara e vira-se para mim.

Sinto o corpo a retesar-se e, por instantes, dou graças pelo pano nocivo que me tapa a boca, que faz com que ela não possa ver os meus lábios trémulos e as minhas narinas dilatadas. Viro a cabeça e preparo-me para o castigo, mas a Ghoa envolve-me num abraço. Cinge-me contra si como uma camarada.

Como uma irmã.

— Estava tão preocupada. — O seu bafo gélido percorre o meu pescoço, e penso que gelou as minhas cordas vocais, porque sou incapaz de proferir uma palavra.

— Não estás zangada comigo? — sussurro por fim.

A Ghoa recua, mantendo o aperto nos meus bíceps.

— Claro que estou *chateada* por me teres desrespeitado e desaparecido, mas creio que posso perdoar-te, visto que o teu método acabou por se revelar eficaz. Trouxeste-me o desertor, como prometido.

O Temujin olha fixamente para mim, com uma dor genuína no rosto. A sua boca contorce-se num esgar de choque e depois de repulsa.

— Planeaste esta embocada? Depois de tudo o que te mostrei? Depois de tudo o que fizemos?

A Ghoa ri-se e afaga-me o cabelo.

— Parece que desempenhaste bem o teu papel, minha irmã.

Ignoro os dois. Não suporto ver a cara de desilusão do Temujin. Custa-me mais do que imaginei. E não consigo encarar a Ghoa, ciente dos horrores que ela prefere ignorar na frente de batalha e nas pastagens. Por isso concentro-me noutra questão.

— Onde está o Serik? — pergunto. — Onde arranjaste o capote?

— Não sabes? — A expressão da Ghoa torna-se soturna e ela passa os dedos pela orla esfarrapada do capote esbatido. — Está morto.

A palavra assola-me com um impacto ainda mais gélido e forte do que o gelo que empalou a *Orbai*.

— Não acredito em ti — sussurro. — Estás a mentir.

— Oxalá estivesse. Encontrámos o corpo dele a flutuar no rio Amereti há duas noites. O meu pobre primo insensato. Queria tanto lutar, rebelar-se e sentir-se integrado; sempre soube que isso seria a sua morte. Envolveu-se com as pessoas erradas... — Olha intencionalmente por cima do ombro. — Foi morto pelo Temujin.

— Que conversa é essa? — grita o Temujin, mas a voz da Ghoa sobrepõe-se à sua.

— Os cidadãos de Ashkar vão ficar aliviados por verem um criminoso tão violento no cárcere. Sobretudo se tivermos em conta as perdas de vidas na frente de batalha, tudo por culpa dele.

Olho fixamente para a Ghoe, em busca de um sentido para aquilo que ela está a dizer. Há duas noites, o Temujin sentou-se na minha tenda muito para lá da meia-noite, a ouvir-me a evocar recordações do Serik. Não podia tê-lo matado nessa altura. Nem sequer sabia que ele estava vivo.

— Eu não matei ninguém! — diz o Temujin, verbalizando os meus pensamentos.

— Não vale a pena mentir, desertor — explode a Ghoe. — Foi encontrado com o teu carneiro gravado nas costas. Um espetáculo atroz. Apareceu em todos os periódicos.

Faz sinal a um dos seus guerreiros com dois dedos, e ele entrega-lhe um molho de pergaminhos. Ela desdobra-os e o que revelam é tão atroz que o meu corpo se desfaz, puxado para o chão com um peso que nada tem que ver com o aperto tenaz do Varren. O corpo está virado de cara para baixo nas margens lamacentas do rio, mas o cabelo ruivo curto é único. Assim como o capote que está preso ao seu corpo na corrente, incluindo o grande buraco no debrum de ouro da bainha. O carneiro gravado a fogo ocupa a totalidade das suas costas, vermelho, em carne viva e lívido.

Um lamento agudo e aterrador abafa o som ensurdecedor da música de violino, e eu demoro alguns segundos a perceber que o som vem de mim.

O Serik está morto.

Porque eu permiti que ele saísse do reino do Azul Eterno. Porque não fui com ele.

Lanço um olhar aturdido ao Temujin, com as lágrimas a pulsar no fundo dos meus olhos. O carneiro é inconfundível.

— Como foste capaz? — grito.

— Eu não matei ninguém! — repete, num grito. — É uma armadilha!

Mas não consigo parar de abanar a cabeça porque, se não foi ele, quem foi? A Ghoe e o Serik podem ter tido os seus desaguizados, mas ela nunca o mataria. Castigá-lo, sem dúvida.

Enviá-lo para Gazar, provavelmente. Mas nunca seria capaz de o matar.

Pois não?

— Receio bem que seja a tua palavra contra a minha, e a das pessoas. — A Ghoe agita o diário.

— Nunca terás as pessoas do teu lado — ruge o Temujin. — Elas adoram os Shoniin. Elas *precisam* de nós. Estamos mais conscientes das dificuldades por que passam do que tu e aquele rei usurpador.

A Ghoe aguarda pacientemente que ele acabe com a gritaria.

— Já terminaste?

— Nunca terminarei!

— Nesse caso, levem-no para Gazar — ordena a Ghoe aos seus guerreiros. — Já ouvi o suficiente.

— Também vou para Gazar? — pergunto, enquanto arrastam o Temujin.

A Ghoe ri-se e afaga-me o rosto.

— Não digas disparates. Porque te enviaria para Gazar? — Mas a palma da sua mão queima-me a cara e há um tom gélido subjacente às suas palavras que faz com que todo o meu corpo fique hirto.

A Ghoe dispensa os Kalima e cavalgamos sós através da cidade para o Palácio Celeste. Enquanto avançamos, os tentáculos da noite pressentem a minha presença — primeiro, uns poucos filamentos, mas depois, a cada passo que damos, cada vez mais mergulham sobre a minha cara e agarram-se às minhas vestes. Ofendidos por não estar a evocá-los.

Mesmo que conseguisse comandá-los, não sei o que faria. Porque continuo sem saber em quem confiar. A Ghoe e o Temujin estão ambos tão embrenhados nos seus planos que seriam capazes de quase tudo, de magoar praticamente qualquer um, para levar avante as suas causas opostas.

E eu fui apanhada no meio. Um cão leal e lamuriento, desesperadamente à procura de um dono — tal como o Serik disse.

Pensar nele quase faz parar o meu coração. Imagino os seus olhos sorridentes em quarto crescente e o seu sorriso traquina; os seus dedos tingidos e as suas sardas douradas. Tento recordar a sua voz, recriar o tom exato do seu riso, mas isso já começa a desaparecer, a esvair-se por entre os meus dedos como fumo. As lágrimas correm-me pelos olhos enquanto a Ghoha me leva por uma entrada de serviço estreita por trás dos portões com acesso ao Palácio Celeste.

Já estive muitas vezes no interior do complexo real. Quando integrava os Kalima, respondíamos diretamente ao rei na sua sumptuosa sala do trono, mas agora a Ghoha encaminha-me para uma escadaria secreta ao fundo de um corredor. Subimos a escadaria em espiral e, quanto mais alto subimos, mais se aperta o nó que sinto no estômago. Não sei se deva sentir-me aliviada ou desiludida por não ter uma audiência com o Rei Celeste. Por outro lado, significa que a Ghoha não vai denunciar a minha deserção para os Shoniin. Mas também significa que não vou ser reintegrada.

— Aonde vamos? — pergunto.

— Para um sítio sossegado, onde possamos falar — responde a Ghoha sem olhar para trás.

A escadaria desemboca numa sala de estar decadente. As paredes são totalmente em vidro e as luzes bruxuleantes de Sagaan brilham lá em baixo como pirilampos. Há sofás estofados à volta do perímetro e, ao centro, um fogão de bronze intricado emana um calor fragrante. Atrás de um par de portas duplas, uma varanda entrelaçada e dourada tem vista para o grande pátio.

— Estamos cá muito em cima. — Encosto a palma da mão ao vidro. A noite embate na barreira, desesperada e furiosa, como nos velhos tempos em Ikh Zuree. Só que agora é ainda pior; recusa-se a recuar e voltar a ser esquecida. — Não sabia que havia salas aqui em cima — digo, quando me afasto do vidro.

A Ghoha empoleira-se num dos sofás.

— As salas do pináculo estão reservadas para as reuniões mais importantes, quando é imperioso que não haja ouvidos indiscretos à escuta.

E onde ninguém te ouça gritar, sussurra a minha inquietação, apesar de o rosto da Ghoa ser plácido e o seu sorriso franco. Bate na almofada ao seu lado.

— Anda cá, temos muito que falar. — Ela mostra-se surpreendentemente misericordiosa e compreensiva, mas mesmo assim as minhas pulsações disparam enquanto coxeio pela sala. Apesar de ter cumprido a minha missão, não o fiz de livre vontade. Ela teve de me montar uma armadilha, de me enganar. — Como está a *Orbai*? — pergunta, assim que me sento ao seu lado.

— A *Orbai*? — A pergunta é tão inesperada que não contengo o riso ofegante. — Está viva.

— Louvado seja o Rei Celeste. — A Ghoa beija os dedos e ergue-os aos céus. — Lamento muito tê-la atingido. Quero que saibas que foi sem intenção. Compreendo que tenhas fugido, não te recrimino por isso. Só não compreendo porque decidiste manter-te afastada. Porque tens ajudado os Shoniin. Eu li os relatórios, e sei que só com intervenção divina é que tantos desertores conseguiriam fugir da frente de batalha, se alguém os ocultasse com o seu manto de trevas...

Sem pressas, pondero nas minhas opções. Digo-lhe que fui chantageada? Obrigada? Ou falo-lhe dos horrores na frente de batalha?

De que ela já está a par, obviamente — tal como da situação dos pastores.

— Sei que estavas zangada comigo — prossegue, perante o meu silêncio —, e tinhas motivos para tal. Mas como foste capaz de me trair desta maneira? — A sua voz está embargada, grave, crua e nua. — Sempre te amei como a uma irmã. Dediquei a minha vida ao teu treino e instrução. Salvei-te tantas vezes: das cinzas da tua cabana, depois de Nariin, novamente no Festival Qusbegi, e ofereci-te esta hipótese de reintegração. Será muito pedir um pouco de lealdade em troca? Não mereço a mesma medida de confiança e

perdão? Imaginas como me senti quando preferiste aqueles criminosos a mim?

A Ghoa só chorou uma vez desde que nos conhecemos — quando me atacou em Nariin —, por isso, quando ela desvia o olhar e contém um soluço, por pouco não me atiro aos seus pés. Os meus olhos ficam vidrados de lágrimas porque sou sempre eu a causadora da sua dor. E porque ela tem razão. Não lhe dei a mesma consideração.

Mas não por causa do Temujin.

— Eu não preferi traidores a ti — digo, agarrando na sua mão. — Escolhi o povo, depois de testemunhar as atrocidades na frente de batalha. Ghoa, eles estão famintos, macilentos e mal preparados. Estão a morrer aos milhares.

— Porque o Temujin está a desprover as nossas hostes! E a roubar as nossas rações e canhões! — Ela afasta a minha mão e isso dói mais do que um golpe certo. — Como podemos ganhar a guerra contra Zemya se os nossos esforços estão divididos? Quando lutamos contra os nossos compatriotas?

— Sabes que não é só isso — digo. — E já te ofereceram a solução, um acordo. Mas tu recusaste.

— Qual acordo? — pergunta a Ghoa. — Ninguém me falou em acordo nenhum.

— Temos de ser sinceras uma com a outra se queremos chegar a algum lado. Se queres ser uma verdadeira heroína, põe de lado os teus preconceitos, une os guerreiros imperiais com os Shoniin e faz frente a Zemya. Ajuda os pastores a sobreviverem aos nevões e arranja maneira de contrariar a falta de lã e carne. Afasta a atenção do rei da sua próxima conquista e dirige-a para a injustiça que grassa nos protetorados. Podias fazer tanto bem, ajudar tantas pessoas.

— É isso que achas que o teu *benevolente* Temujin tenciona fazer? Julgas que ele vai aparecer do nada e salvar-nos a todos? Que vai resolver tudo? — Ela bate com a palma da mão no braço do sofá e o tecido enregela-se. — Ele enganou-te, Enebish! Compreendo que ele te deixou brincar às guerreiras, e imagino que

te tenhas sentido bem com isso após dois anos em Ikh Zuree, mas foi apenas um jogo. Um truque. Não sei quais são os planos dele, mas...

— Só porque tentaste usar-me, não significa que todos façam o mesmo! — grito por cima dela. — E eu não estou a *brincar* às guerreiras; eu sou uma guerreira.

A Ghoa enterra os dedos no cabelo, desfazendo o rabo de cavalo.

— Se o Temujin está tão ansioso por unir forças, porque é que estou a ouvir isso pela primeira vez? Não recebemos nenhuma missiva nem nunca foram encetadas negociações.

— O quê? — Ela parece tão genuinamente perplexa que quase acredito nela. Mas logo a seguir recupero o raciocínio e ranjo os dentes com a mentira, esmagando a dor e preocupação momentâneas. Eu própria redigi as missivas. Vi o Temujin entregá-las em mãos aos batedores. Porque haveria de se dar ao trabalho de montar tal embuste? E não tinha motivos para destruir as cartas. Poria em causa tudo aquilo por que está a lutar.

Mas seria perfeito para as intenções da Ghoa.

— É verdade que não recebeste as nossas cartas? — pergunto. — Ou, por acaso, *esqueceste-te* de as mostrar ao rei? Tal como te *esqueceste* de me dizer que o Serik seria enviado para Gazar?

Ela ergue o punho na saudação Kalima.

— Juro pela minha posição de comandante dos guerreiros Kalima que não recebi nenhuma missiva.

— De que vale jurares por uma posição que alcançaste graças a mentiras, maquinações e traições?

— Que conversa é essa?

— Sabes muito bem do que falo! — Desta vez, sou eu quem bate com a mão no sofá, percebendo apenas que se trata do braço mutilado quando uma dor lancinante dispara do meu ombro para o pulso. Insisto, apesar da dor. — Estou a falar de todas as manhãs em que me arrastaste da cama e me obrigaste a ficar sentada ao teu lado nas ervas altas, para veres que guerreiros Kalima se

escapuliam para treinar. Para saberes quem mais queria a promoção e como os pôr fora do caminho. Apesar de as provas serem às cegas.

» Estou a falar do Nasan e do Koju, que enviaste para território zemyano durante os teus testes para comandante, apesar de os nossos batedores terem relatado a presença de um contingente de soldados inimigos acampados no desfiladeiro de Usinsk. O Nasan perdeu uma perna e o Koju não voltou a falar. A mãe tem de cuidar dele como se fosse uma criança, mas tu nunca reparaste nem te preocupaste com isso porque eles cumpriram a sua função. Marchámos para as praias de Karekemish pela primeira vez e tu garantiste o título de comandante.

» Sempre estiveste disposta a esmagar tudo e todos que se interpusessem no teu caminho. Só nunca pensei que eu seria uma dessas pessoas — digo, em surdina. — Ou as pessoas que jurámos servir.

Os dedos da Ghoha fecham-se em punhos e o gelo toma conta dos seus nós. Sobe-lhe pelos pulsos e bíceps, cada vez mais, até lhe chegar às pontas dos cabelos. Os seus olhos castanhos refulgem de raiva, mas debaixo da sua fúria há dor.

— *Para*, Enebish, antes que digas algo de que te arrependas.

Mas eu não paro. Obrigo-me a ser arrojada. A fazê-la escutar. A fazê-la *ouvir-me* pela primeira vez na vida.

— Sei que aceitar a ajuda do Temujin te vai fazer parecer fraca aos olhos do Rei Celeste, mas...

— *Para!*

— Não me vou calar! — berro a plenos pulmões. — O bem-estar do nosso país é mais importante do que o teu maldito orgulho e ambição!

O ar ártico explode na sala como um canhão, gélido a ponto de arrancar a carne dos ossos. Com um urro, a Ghoha atira-se a mim. O seu corpo é tão sólido e gelado que é como embater num glaciário. Tombamos as duas no chão, que se transforma imediatamente em gelo, e escorregamos em direção à parede de vidro. Os pelos dos seus braços retalham-me como pequenas lâminas, e o meu peito

arde, sôfrego de ar que, de repente, se tornou demasiado frio para inalar.

Com os meus ferimentos, a Ghoe domina-me facilmente. Bate com a minha nuca no chão. Os seus olhos estão luzidios e esbugalhados, mas ela está longe, perdida num mundo de fúria.

— Porque fazes isto? — A sua voz estala e a saliva voa dos seus lábios. — Eu adoro-te, Enebish. Fiz *tudo* por ti. Mas não permitirei que me prives disto. — Ela extrai um punhal do cinto e direciona-o ao meu peito. E talvez sejam aquelas palavras crípticas e fulgor do aço que suscitam a centelha de clareza

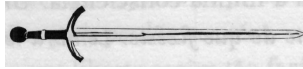
- a certeza de que já estive nesta posição. Ou talvez seja por fim suficientemente forte para ver a verdadeira natureza da minha irmã — para aceitar a sua traição sem vacilar. Ou talvez seja o monstro que emerge das minhas entranhas para me defender
- recusando-se a morrer sem dar luta.

Seja o que for, aceito a ajuda de bom grado, acolho o calor. A raiva invade-me as veias, transformando o meu sangue em chumbo líquido. Embate contra uma barragem de gelo, escondida nas profundezas da minha mente — uma muralha que nunca percebi que estava ali. Uma muralha que a Ghoe ergueu há dois anos e que me ocultou com a ajuda da pedra da lua. Mas a pequena quantidade de tintura que o Varren me obrigou a inalar não me detém.

A barragem rebenta com um estalar avassalador, e uma erupção de verdade quente invade-me como uma vaga incessante de soldados zemyanos.

Por fim, recordo-me de Nariin.

Capítulo 24



— Faz-se tarde — disse, soprando para as mãos à medida que os últimos raios de luz solar desciam sobre a pradaria sem fim. As nuvens eram daquela cor intermédia — nem azuis nem violeta, um anil de veludo que só aparecia ao crepúsculo. Os tentáculos da noite caíram dos céus como aranhas presas por fios de seda e eu enrolei-os nos dedos, enquanto esperava a resposta da Ghoe. Quanto mais esperava, mais me contorcia contra a neve compacta da barricada, que tínhamos erguido nessa manhã para nos escondermos nesta faixa de planície. À medida que o dia ficou mais frio, a neve transformou-se em gelo, penetrando nas minhas costas através das falhas na armadura. Os meus músculos estavam rígidos da falta de uso e o ranho corria-me do nariz. Estávamos ali sentadas há horas. Desde que o sol nasceu até que se voltou a pôr, atentas aos pontos de cor e fumo a meia légua de distância. — É melhor voltarmos.

Troquei para as mãos e joelhos na esperança de que a Ghoe fizesse o mesmo, mas ela abanou a cabeça de forma resoluta.

— Não podemos ir embora agora.

— Eles não se mexeram o dia todo. É óbvio que se trata de uma caravana mercantil e não de batedores de Zemya.

A Ghoe esticou-se para espreitar para lá da barricada.

— Mas...

— Enviamos alguém amanhã para ver os avanços deles, só para termos a certeza.

— Amanhã pode ser demasiado tarde. Segundo os meus cálculos...

Outra vez os malditos cálculos! Ela não podia querer materializar os nossos inimigos assim do nada só para provar o seu valor ao rei. Exalei um suspiro de frustração. O meu bafo devia ter-se condensado diante da cara como uma nuvem de tempestade, mas

congelou assim que entrou em contacto com o ar, criando uma placa de um branco-leitoso que caiu ao chão e se estilhaçou.

Lancei um olhar de admoestação à Ghoea.

— Sei que esta missão não correu conforme planeada, mas já estou aqui a morrer de frio, não preciso da tua ajuda.

A Ghoea balbuciou um pedido de desculpas, mas o ar entre nós permaneceu frígido. Há meses que ela andava mal-humorada, e a cada novo assomo, ficava um pouco mais perto de me causar queimaduras do gelo. Alegava que era porque o inverno estava à porta — o seu poder era sempre mais forte quando alimentado por um frio natural —, mas ambas sabíamos que tinha tudo que ver com a morte do Chinua e com as provas cada vez mais duras para nomear o seu sucessor.

A cada dia que passava sem um anúncio oficial, a Ghoea ficava um pouco mais desesperada. Duas semanas antes, tinha disparado punhais de gelo ao Rignar e ao Kejid quando o nevão deles não impediu um contingente de zemyanos de levar a melhor sobre um batalhão da nossa infantaria privada de magia. E, na semana anterior, ordenara ao Suke que fizesse uma investida furtiva além-fronteiras, apesar do intenso patrulhamento. Desde aquela manhã que não havia sinais dele. Os restantes Kalima tinham começado a sussurrar entre si e a guardar distância dela. Vinham pedir-me conselhos, visto que era a única pessoa minimamente capaz de chamar a Ghoea à razão.

E tentei acalmá-la. Sinceramente. Mas talvez não tanto como podia ter feito.

Secretamente, adorava a atenção e responsabilidade, e não me sentia demasiado culpada, uma vez que não estava a privar a Ghoea da promoção. Eu era apenas uma rede de segurança, um plano de contingência. Se ela continuasse a sabotar-se, eu estaria lá para tomar o seu lugar. Tinha de pensar no que era melhor para os Kalima.

— Vá lá, eu escondi-nos para podermos voltar ao acampamento. — Alcancei um punhado de escuridão e apertei os filamentos no meu punho, o que devia ter aprofundado as sombras à

nossa volta, mas os meus dedos estavam lentos e pesados, e o céu alternava entre luz e trevas, luz e trevas. *Outra vez não.* Cerrei os dentes e concentrei toda a minha energia nas palmas das mãos, mas quanto mais apertava, mais as minhas mãos tremiam, porque tinha usado demasiadas forças na noite anterior, a enviar mensagens noturnas ao rei.

Será essa a melhor solução para os Kalima?, a minha consciência repreendeu.

— Para com isso! — silvou a Ghoe. — Não podes pôr em risco a nossa posição só para levares a tua avante.

— Não é isso que estou a fazer! Só estou cansada e com frio.

— Mostra alguma determinação. Achas que os antigos Kalima não sentiam cansaço e frio?

Fechei os olhos e contei até cinco. Se queria sair daquele campo de gelo antes de morrer ao frio, tinha de lhe afagar o ego e mostrar-me obediente. *Outra vez.*

Sempre em segundo lugar. Sempre a baixar a cabeça.

— Todos sabem que és a melhor batedora dos Kalima — digo —, mas nunca poderias saber que os Zemyanos estavam a avançar tão rapidamente. Ainda podem estar a dias de distância. A caravana não nos deu motivos para acreditar que se trata de uma patrulha de batedores de Zemya. Sei que podias manter a vigia a noite toda, mas eu não consigo, e o rei ordenou que ficássemos juntas.

Pousei uma mão no ombro da Ghoe e, mesmo através da armadura e das minhas luvas de couro grossas, consegui sentir o frio invulgar da sua pele. As temperaturas abaixo de zero não a afetavam minimamente — nem sequer trazia um capote e o seu nariz não revelava o menor indício de vermelhidão —, mas os meus dedos estavam tão rígidos que mal conseguia agarrar no sabre.

— Anda lá — insisti puxando o braço da Ghoe, mas ela repeliu-me.

— Queres ir-te embora porque queres que eu falhe. Tenho o dobro do tempo de serviço militar que tu tens. Treinei-te, fiz de ti a guerreira que és, e tu queres roubar tudo aquilo por que trabalhei.

Senti uma pontada de culpa. Balbuciei durante alguns instantes antes de passar a minha mão enluvada pela cara. Era impossível que ela soubesse o que eu tinha estado a fazer.

— Sei que estás a tentar prejudicar-me.

— Eu nunca te prejudicaria, minha irmã — disse, num tom reverente, para encobrir a mentira. — A tua vitória é a minha vitória.

— Então, espera aqui comigo mais um pouco. — Os olhos dela fixaram-se nos meus, firmes e acusatórios. — Sei que os meus cálculos estão corretos, e se os Zemyanos atacarem o nosso acampamento durante a noite, nunca me perdoarei.

O rei é que nunca lhe perdoaria — ou a promoveria —, mas mantive esses argumentos atrás dos meus lábios gelados.

— Está bem. Mais dez minutos e depois vamos embora. Não sobrevivo muito mais tempo.

— Obrigada — começou, mas um clarão de luz emanou das carroças à distância. Cosei-me ao chão e a Ghoe virou-se de repente. Enquanto eu avançava à força de cotovelos e joelhos, ela ergueu-se lentamente até conseguir espreitar para lá da barricada. Juntei-me a ela segundos depois, semicerrando os olhos através da pradaria. A luz feria os olhos — um amarelo ofuscante contra o negrume da noite.

— Eu sabia — disse ela, ofegante. — É um sinal.

— Pode muito facilmente ser apenas uma fogueira para cozinhar.

— É demasiado grande para isso.

— Não para uma caravana desta dimensão.

A Ghoe abanou a cabeça e a sua trança gélida passou rente à minha face.

— Os mercadores não viajariam nesta altura tão avançada da estação. São os Zemyanos, e estão a sinalizar às tropas que avancem.

— Não achas que eles receariam que víssemos um clarão destes e soubéssemos a sua localização?

As chamas distantes dançavam no olhar da Ghoe e o ar ficou ainda mais gelado.

— Prepara-te, En. — Ela levantou-se, ajustando o sabre à cintura.

— Ghoe. Não te precipites.

— Sou primeiro-tenente. Vais obedecer às minhas ordens, ou terei de acreditar que estás do lado do inimigo. — Lançou-me um olhar de desafio e transpôs a barricada com um salto.

Depois de praguejar, segui-a.

Avançámos para a caravana em silêncio. Ao contrário da Ghoe, o chão não endurecia à minha passagem, por isso as minhas botas afundavam a cada passo que dava, deixando sulcos de pegadas na neve. Fui ficando cada vez mais para trás.

— Espera — disse, a custo.

Mas mais um clarão ofuscante emanou da caravana, seguido pelo que podiam ser risos ou gritos. Era impossível distinguidos. A Ghoe, claro, pensou no pior.

— Despacha-te — invetivou, desatando a correr.

Baixei a cabeça e tentei estugar o passo, imaginando que o campo era um lago gelado pelo qual estava a deslizar — suave, rápida e facilmente. Para meu grande espanto, resultou. A neve debaixo dos meus pés tornou-se mais firme. As minhas botas não criavam sulcos. Era quase tão rápida como a Ghoe.

Essa percepção fez-me levantar a cabeça. A Ghoe ainda seguia muito à frente, deixando atrás de si uma esteira de gelo azul-claro semelhante à cauda de um vestido de noiva. O ar que ela projetava atingia os meus pulmões como um maçarico. O seu cabelo castanho estava completamente branco com a geada.

— Ghoe, para! — gritei, mas as palavras gelaram na minha língua. Uma dor lancinante fez-me curvar sobre mim própria. Parecia que punhais de gelo se tinham cravado na minha garganta, gelando-me de dentro para fora. Antes de conseguir alcançá-la, ela estendeu os braços e apontou as palmas das mãos à caravana.

Durante um segundo, nada aconteceu e eu quase desfaleci de alívio. Mas logo a seguir o chão rugiu, o ar estalou e todos os flocos de neve se ergueram no ar. Formaram uma muralha de névoa brilhante e avançaram como uma onda — com uma velocidade superior à das tempestades de areia que fustigavam os desertos de Verdenet. Varreu pinheiros retorcidos, soterrando os seus ramos em gelo. Um veado que pastava ergueu a cabeça e, com o passar da frente fria, congelou com as orelhas levantadas e a cauda a abanar.

O horror fez-me cair de joelhos. Como estava atrás dela, não fui apanhada no caminho daquele frio mortífero, mas era como se tivesse sido. Não conseguia mexer-me. Não acreditava no que estava a ver.

A Ghoe tinha evocado o Gelo da Morte.

Ele avançava na direção da caravana, que podia esconder batedores de Zemya... ou mercadores a caminho do mercado de Nariin.

Depressa, Enebish. Faz alguma coisa.

Fios de trevas agitaram-se à volta da minha cara, mas isso só cegaria as pobres almas à medida que eram assoladas pelo frio mortal. Por isso ergui as palmas das mãos na direção das estrelas aninhadas no tecido do Universo. Pegando num punhado de caudas ardentes, puxei-as para baixo, rezando para que o calor anulasse o frio da Ghoe. Ou que pelo menos o atenuasse. Talvez pudesse poupar uma parte da caravana.

Mas o meu braço nunca descreveu o movimento.

A Ghoe virou-se contra mim, de sabre em punho.

— Não vais privar-me disto! — rugiu, enquanto o aço me rasgava o braço, penetrando músculo, tendão e osso. Os meus olhos esbugalharam-se. Caí na neve. A dor atingiu-me todos os nervos, a começar no ombro e a irromper nos dedos. O fogo das estrelas escapou-me das mãos, deixando apenas um rasto de sangue — quente, denso e cada vez mais volumoso. A Ghoe voltou a erguer o sabre e a deixá-lo cair, desta vez sobre a minha coxa. Soltei um urro por entre dentes cerrados e afundei-me ainda mais na neve e nas trevas que toldavam a minha visão.

Rangi os dentes. Esforcei-me por manter os olhos abertos. Através de um véu de sombras, vi a Ghoe percorrer os últimos metros até à caravana devastada. Atirou a cabeça para trás, com as madeixas de cabelo gelado a balançar atrás de si, enquanto ria desbragadamente e rejubilava com o seu feito extraordinário. Tinha evocado o Gelo da Morte. Tinha entrado no panteão dos lendários Arautos do Gelo. Se isso não garantisse a promoção do Rei Celeste, a descoberta dos espiões de Zemys fá-lo-ia.

Mas os festejos da Ghoe emudeceram abruptamente quando tropeçou em algo pequeno e frouxo — um pequeno embrulho escuro que ela atirou para longe assim que lhe pegou. Uma boneca de criança, percebi enquanto deslizava pela neve. Ela tropeçou numa bengala retorcida, e depois num caldeirão. Um colar de coral e jade prendeu-se ao calcanhar da sua bota. Rigidamente, avançou para inspecionar o corpo mais próximo, e depois o seguinte. Havia dezenas de corpos congelados espalhados aos seus pés, e mesmo do sítio onde me encontrava, conseguia perceber que não se tratava dos soldados com armaduras e olhos claros que ela esperava.

— Não... — disse em voz baixa, num murmúrio retraído e morredouro. — Não, não, não!

Enterrou os dedos no cabelo gelado e cambaleou para trás, tropeçando nos próprios passos. O Rei Celeste nunca lhe perdoaria tal coisa. Cairia em desgraça e seria punida, despojada de tudo.

Contei que gritasse, que caísse de joelhos num pranto, mas ela começou a andar de um lado para o outro murmurando entre dentes. A injustiça de tudo aquilo assolou a minha pele como uma queimadura do gelo. Recorrendo a todas as minhas forças, soergui-me num cotovelo.

— O que fizeste?

A Ghoe parou abruptamente e virou-se.

— Estás consciente? — Correu na minha direção, abrandando quando se aproximou das manchas vermelhas que embebiam a neve à minha volta.

— Eu disse-te para parares. Tentei travar-te, mas tu... — Baixei o olhar para o meu braço e a minha perna, e a minha voz foi

embargada pela dor. A Ghoe olhou para o sangue como se não fosse real. O seu tom de voz era firme, mas calmo. Quase persuasivo.

— Tinha de anular a ameaça, En. Não podíamos correr riscos. Foi necessário, mas não precisamos de voltar a falar disto. Vamos informar o Rei Celeste de que os nómadas foram atacados por um grupo de zemyanos. E que foste ferida enquanto os repelias. Ele nunca saberá a verdade. Nunca *ninguém* saberá o que se passou aqui.

— Mas eu sei! — gritei. O esforço deixou-me sem fôlego. — Morreram pessoas inocentes, Ghoe! Mataste-as. E atacaste-me.

— Tencionas trair-me? — As lágrimas correram dos seus olhos e deixaram marcas de gelo no seu rosto. — Serei privada de *tudo*. Já houve guerreiros condenados à morte por menos. E fiz isto sem intenção.

— É por isso que és tão perigosa — disse sem conseguir conter-me.

O bonito rosto da Ghoe tornou-se sombrio — pálido e insensível, como a boneca que descartara na neve. Logo a seguir, os seus traços ganharam rigidez. Caiu de joelhos e agarrou-me pelo casaco. A dor percorreu os meus membros quando ela me abanou.

— Eu salvei-te daquela cabana em chamas. Dei-te tudo o que tens. Somos *família*, *Enebish*.

— Eu sei, mas não posso esquecer o que fizeste.

— Podes, sim — murmurou ela ao meu ouvido. — Eu ajudo-te.

O seu punho cravou-se na minha têmpora e uma rajada de frio glacial irrompeu pelo meu crânio — um frio tão intenso que me deixou marcas de queimadura na pele, um zumbido nos ouvidos e me gelou todos os dentes. O frio espalhou-se para fora como uma doença, gelando o sangue nas minhas veias e turvando o meu raciocínio. Enquanto era enterrada pelo vórtice de gelo e agonia, vi o clarão de um archote e mãos cobertas por cinzas. O meu último fôlego gelado tresandava a carne queimada. E depois tudo se dissolveu em branco.

Quando recobrei os sentidos, estava num catre de metal tapada por um cobertor áspero que tresandava a álcool. As batidas na minha cabeça eram insustentáveis, o meu braço latejava ao ritmo do coração e parecia que um sabre rombo estava a serrar a minha perna direita.

O que aconteceu?

Tentei sentar-me, mas a dor no braço e perna travou o movimento, e a faixa que prendia o meu peito manteve-me presa à mesa.

Porque estou presa?

O pânico assomou aos meus lábios sob a forma de um grito. Debatí-me contra as grilhetas, mas isso só fez com que clarões de luz explodissem atrás das minhas pálpebras.

— Deixa-te estar sossegada ou rasgas os pontos. — As mãos frias da Ghoea empurraram-me para baixo, e fui invadida pelo seu cheiro familiar a relva e aço. — Respira fundo. Estás em segurança. Estou aqui.

— O que aconteceu? — perguntei, ofegante. — Fomos atacadas?

Fez-se um longo momento de silêncio e, quando olhei para a cara da Ghoea, reparei nas suas faces molhadas das lágrimas e nos seus olhos inchados e raiados de sangue.

— Houve um incidente — começou, lentamente. — Tentei impedir-te...

— Impedir-me de fazer o quê? — A última coisa de que me lembrava era de estar encostada à barricada, completamente gelada.

— Não queria magoar-te — balbuciou a Ghoea —, mas não sabia o que fazer. Estavas louca.

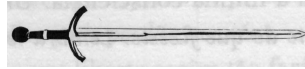
— Louca? Que conversa é essa? — Fechei os olhos e cerrei os dentes, mas quando vasculhei a memória, percebi que estava vazia e branca, como o prado após o primeiro nevão de inverno. Em pânico, tapei a cara com a minha mão boa, em busca de um rasto

de fogo das estrelas, mas senti apenas a pele fria e húmida. — Não me lembro de nada — disse. A minha voz era um grito agudo, e toda eu tremia como se estivesse febril.

A Ghoe baixou o meu braço até junto do corpo e afastou o cabelo da minha cara.

— Perdeste muito sangue, e eu tive de te dar uma pancada na cabeça. Tive de o fazer para te travar. Com o tempo, tenho a certeza de que vais recuperar a memória, mas, por ora, considera isso uma bênção. Não vais querer lembrar-te.

Capítulo 25



A memória dissipa-se e estou de volta ao salão no pináculo, presa debaixo da Ghoe, a ver o punhal dela a voar na direção do meu peito.

Para me fazer tombar.

Para me silenciar — como anteriormente.

Mas, desta vez, estou preparada.

Atiro o peso do corpo para o lado e o punhal da Ghoe crava-se no chão, não no meu peito.

— Foste tu! — acuso, sem fôlego. — Mataste os mercadores em Nariin. E depois congelaste a minha memória e plantaste as tuas sementes de logro, enquanto eu estava cega de dor e em choque com a perda de sangue. E perpetuaste esta situação ao implantares aquela maldita pedra da lua no meu corpo. Mas eu lembro-me. Lembro-me de *tudo*.

As minhas palavras fazem-na estacar. Olha para mim boquiaberta, olhos arregalados e os lábios entreabertos. O seu silêncio é tão comprometedor como uma confissão.

A ilibação cai sobre mim com a frescura de uma chuva primaveril, e eu não sei se ria ou chore. Posso ter um monstro a revolver-se nas minhas entranhas — pode haver algo ligeiramente monstruoso dentro de todos nós —, mas eu nunca perdi o controlo dele. Nunca fui um perigo para ninguém.

Ao contrário da Ghoe. A minha adorada irmã, a mulher que me criou, a pessoa que me protegia da crueldade do mundo. Só que esse mundo cruel era um embuste. Algo que *ela* criou para esconder a sua culpa.

— Como pudeste permitir que eu arcasse com as culpas? — Recuo até sentir os ombros a embaterem contra a parede de vidro.

— Lamento, mas estás enganada, Enebish. — Ela limpa a poeira da armadura e recompõe-se. O seu sorriso é tão inusitadamente calmo que só me apetece gritar. Liberta o punhal do chão, coloca-o à cintura e aperta o rabo de cavalo. Voltou a ser a líder inigualável dos Kalima. Como se os últimos cinco minutos nunca tivessem acontecido. — Os corpos e as carroças foram consumidos pelas chamas, e o *meu* poder Kalima não consegue provocar tal destruição.

— Mas as tuas mãos sim! Tinhas os braços cobertos de cinzas até aos cotovelos. O teu cabelo estava chamuscado — balbucio, agarrada às imagens.

O sorriso dela é piedoso.

— Estavas meio morta. A alucinar ou a sonhar. É impossível lembrares-te disso.

Mas lembro-me. Fecho os olhos e revejo tudo. Sinto a dor causada pelo seu sabre a enterrar-se na minha carne e o calor do fogo das estrelas a fugir-me das palmas das mãos.

— Como podes dizer que me amas e depois destróis a minha vida? Como pudeste causar a minha queda e depois fingir ser a minha salvadora? Tudo o que sempre me disseste era mentira ou manipulação?

A expressão da Ghoe torna-se dura como aço e ela muda de tática.

— Estávamos ambas naquela missão. Partilhamos a culpa. Fiz o que foi preciso para nos salvar às duas. Para proteger o império.

— Não podes acreditar no que dizes! — Olho aturdida para ela do outro lado da sala. Só me apetece esmurrá-la. Pontapeá-la. O que for preciso para que ela admita a culpa. — Como é que privares-me da minha posição, poder Kalima e *sanidade* beneficia o império?

— Os Kalima precisavam de mim. E garanti que eras feliz em Ikh Zuree. Confortável. Dei-te as tuas águias, a proteção do abade, e o Serik estava lá para te fazer companhia. Pensei que seria suficiente...

— Como poderia isso ser suficiente? E como poderia eu ser feliz com o peso da culpa na minha consciência? Culpa que nem sequer era minha! Usaste-me. Atribuíste-me as culpas de um massacre! Tal como agora queres tramar o Temujin. Mataste o Serik, não mataste?

A Ghoe atravessa a sala com passos rápidos e deliberados e agarra na parte da frente da minha túnica.

— Não vais espalhar tais mentiras! Esperava poder resolver isto a bem. Contava que reconhecesses que tinhas errado e que voltasses a ganhar juízo longe daqueles rebeldes. Ainda tens o teu futuro nas mãos, Enebish. Se colaborares e me disseres onde se escondem os Shoniin, talvez consiga convencer o Rei Celeste de que os teus desvios faziam parte do nosso plano. Se capturarmos todos os traidores, ele pode ser clemente. Ainda podemos servir as duas nas Kalima, como tínhamos combinado. Tudo será como dantes.

O meu riso é contundente, cínico.

— Nada será como dantes, porque dantes tudo era mentira! — Arranco a pulseira de penas de prata e ónix e atiro-a aos pés da Ghoe.

Ela olha para mim como se me visse pela primeira vez.

E talvez isso seja verdade.

Eu sou nova. *Renascida* — tal como disse o Temujin.

— Pois bem. — Ela levanta-me pela túnica. — Se vais levantar problemas, tenho outras formas de te fazer colaborar.

Arrasta-me pelo salão até às portas duplas e atira-me para a varanda. Sibilo imediatamente com o frio. Pequenos ciclones de neve varrem a plataforma e sobem em espiral até desaparecerem, esmagados pela ventania da noite.

É vigoroso. Violento. Implacável. E eu tento aproveitar, concentrando-me no fundo da minha garganta, onde sinto voltar o glorioso reverberar do meu poder.

Ofegante, a Ghoe tenta atacar-me. Prende-me as costas ao chão, desamarra um odre do cinto e enfia o bocal entre os meus

lábios. Eu sacudo-me e cuspo quando o líquido frio me enche a boca até escorrer pelo queixo.

— É óbvio que o Varren não te deu uma dose suficiente — diz-me ao ouvido —, mas vais sentir-te melhor agora. Vais voltar a ser obediente. — Ela dá-me palmadinhas na cara, arrasta-me para a frente da varanda e prende as minhas mãos às pilastras douradas. Os fios da noite mergulham sobre a minha cara. Punhos da meia-noite desferem golpes laterais no meu corpo.

— Estás a gostar? — atira a Ghoea com um sorriso escarninho. Exalo um longo e lento fôlego e um sorriso secreto ilumina o meu olhar. Porque os tentáculos não me incomodam como antigamente. Não são confortáveis, mas após meses de prática no templo e de controlar a escuridão nas missões, sei que sou eu quem domina a noite.

— É o melhor que consegues fazer? — escarneço.

Ela pisa-me a nuca, esfregando o meu nariz no chão. Só posso olhar para baixo. A minha vista fica turva e o meu estômago colapsa. Pensava que o telhado do templo de Ikh Zuree era alto, mas isto é dez vezes mais alto. Estamos praticamente nas nuvens. A queda duraria uma eternidade.

— Onde fica o esconderijo dos Shoniin? — ruge a Ghoea por cima do vento.

— Na terra dos Primeiros Deuses! Onde tu nunca hás de entrar.

Ela volta a pontapear-me, e eu rio-me porque a sua descrença chega a ser irónica.

— Não me parece que percebas a gravidade desta situação. Se não colaborares, serás executada ao raiar do dia, pouco depois do teu líder destemido.

O pânico toma conta do meu corpo.

— Vão executá-lo?

— Claro que sim. É assim que punimos os traidores.

Um gemido assoma aos meus lábios. Faltam poucas horas para amanhecer. É pouco tempo para a Inkar e o Chanar coordenarem um resgate.

— Não tem de terminar assim, En — diz-me a Ghoe, convencida de que receio pela minha própria vida. — Ainda podes voltar. Serei sempre capaz de te perdoar. Basta colaborares...

Levanto o queixo e fixo o olhar em frente, no vento ululante e na escuridão fervilhante que não consigo convocar.

— Não sou eu quem precisa de perdão. E preferia morrer a dizer onde fica o esconderijo dos Shoniin.

— Então, vemo-nos na escadaria do Palácio Celeste. — Ela aperta o rabo de cavalo e volta para o salão. — Entretanto, desfruta da vista.

Assim que a Ghoe desaparece, contorço-me até o sangue escorrer pelos braços. Atiro o meu peso para a frente e para trás, insensível à dor que me aflige o braço e a perna. Nada dói mais do que o meu coração. A Ghoe incriminou-me por um massacre. Matou o Serik. E, em breve, vai matar o Temujin. Sem ele, a rebelião vai morrer, e Ashkar vai cair. Atiro a cabeça para trás e lanço um grito agonizante à Senhora do Céu.

Quanto mais me debato, mais os tentáculos da noite me atacam a frente e os ouvidos — como pássaros vorazes. Contorço a minha cara num esgar e grito, porque é assim que vou perder o juízo. A salvação está ao meu alcance, mas eu não consigo agarrá-la.

Por fim, fico rouca de tanto gritar e o peso do meu corpo torna-se insuportável. O cansaço arrasta-me para o silêncio do sono — a única escuridão que consigo alcançar.

Os pesadelos são insuportáveis. Até há bem pouco tempo, julgava que o massacre de Nariin seria a memória mais dolorosa que eu podia reviver, mas estava enganada. Agora, sou bombardeada por imagens do rosto traiçoeiro e sorridente da Ghoe. Estremeço ao sentir as suas mãos nas minhas quando ela me ensina a segurar num arco. Os seus incentivos quando venci o meu primeiro adversário na arena são um tormento para os meus tímpanos. Recordações que outrora estimei estão agora manchadas pelas mentiras e pelo logro.

Logo a seguir, os pesadelos mudam, torturando-me com horrores que não consegui travar: vejo o Serik preso a um poste enquanto a Ghoe o tortura para obter informações, a sua cara irreconhecível e o nariz a pingar sangue. Imagino-o a praguejar e a gritar, a lutar até ao último suspiro, mesmo quando ela o retalha com o seu punhal. Vejo o Temujin nos poços do cárcere. Todas as cicatrizes do seu peito reabertas e novamente ensanguentadas. Os seus gritos são agudos como o vento que fustiga a varanda.

Acordo encharcada em suor e a tremer, lamentando ter adormecido, O céu clareou até ganhar matizes de granito — cinzento-escuro rabiscado de amarelo-claro. Conheço bem esta hora. Amaldiçoei-a todas as manhãs no cimo dos templos de Ikh Zuree.

O sol só vai surgir por trás das montanhas de Ondor daqui a uma hora, mas os tambores da execução já se fazem ouvir no pátio lá em baixo. Por ora, o ritmo é mais lento do que o bater do meu coração. *Dum... dum, dum... dum, dum... dum.* Mas, tal como o meu coração, também eles vão acelerar. Quando a Ghoe descer os degraus do Palácio Celeste com o Temujin, os tambores vão ressoar com fúria. Como cem águias a levantar voo.

Apesar de ainda ser muito cedo, já há espetadores a entrar no pátio, convocados pelos tambores. A multidão já é maior do que no Festival Qusbegi. Mas, ao contrário do Qusbegi, as pessoas não exigem sangue como aconteceu durante a minha tortura. Gritam por justiça e imploram misericórdia. Instam os guardas do palácio a libertarem o Temujin, o seu salvador.

O meu olhar é atraído para um grande cadafalso de madeira erguido ao fundo da escadaria. Por norma, um criminoso condenado por alta traição seria besuntado com banha de ovelha, envolvido em feltro, pendurado pelos pulsos e tornozelos, e deixado a decompor-se ao sol escaldante durante semanas, até ser devorado pelas larvas. Mas há um laço pendurado no poste, juntamente com os acessórios do costume. A Ghoe não pode correr o risco de que os Shoniin resgatem o Temujin antes de ele estar morto, e não pode matá-lo rapidamente com o seu frio, já que isso violaria os seus

votos ao povo de Ashkar. Por isso o Temujin será enforcado primeiro e depois deixado a apodrecer em nome da tradição.

Volto a evocar a noite, implorando aos tentáculos que restam que respondam ao meu apelo, mas eles passam por mim, lânguidos e translúcidos, enfraquecidos pelo dia que se avizinha. Sondo o monstro que se esconde nas minhas entranhas, mas ele não se agita. Porque não há monstro algum. Apenas eu. Enebish.

Dou por mim quase a sentir-lhe a falta.

O sol corre célere pelo horizonte, galopando como os guerreiros para a batalha. Chamado pelo ritmo acelerado dos tambores. *Dum-ãum-dum-dum, dum-dum-dum-dum*. Riscos de rosa e laranja sublinham os limites das nuvens, e uma cotovia-de-poupa vem pousar na orla da varanda, saudando o dia com o seu canto.

— Desaparece — grunho. Mas ela continua com o seu trinado jubiloso até que um maldito raio de sol irrompe no céu.

Os tambores são frenéticos, assim como a multidão: imploram a libertação do Temujin. Não vejo, mas ouço a reverberação quando as portas do Palácio Celeste se abrem. O troar da multidão é ainda mais audível. A Ghoa é a primeira a aparecer, com o seu rabo de cavalo perfeitamente composto e a sua armadura reluzente. É seguida pelo Varren, que segura as correntes presas aos pulsos e tornozelos do Temujin.

Puxa-o pela escadaria, mais depressa do que as grilhetas permitem. Encolho-me quando os seus joelhos embatem no mármore. Daqui de cima, não percebo se foi muito espancado em Gazar, mas, a julgar pela figura encurvada e cabeça baixa, deve ter sido horrível. Não seria aquela a postura que o Temujin adotaria. Nem mesmo diante da morte.

Puxo e repuxo, mesmo sabendo que é inútil. Grito o nome do Temujin, mesmo sabendo que não me consegue ouvir. Ele não pode morrer daquela maneira. Por minha causa.

Os restantes Kalima surgem atrás do Temujin, seguidos pelo Rei Celeste e pela sua guarda pessoal. Entram na praça já de si apinhada, bloqueando todas as entradas e preenchendo todos os recantos. Há menos guardas do que aqueles que costumam

patrulhar a cidade, mas mesmo assim mais do que eu esperava, tendo em conta a situação na frente de batalha. São demasiados para os Shoniin resgatarem o Temujin.

O suor escorre-me pela cara e eu solto um lamento assustador. Não tinha percebido quão desesperadamente tinha rezado por isso — contando com isso —, até a impossibilidade se materializar diante dos meus olhos.

Será que ainda vão tentar? Será que o Chanar e a Inkar vão morrer juntamente com o Temujin? Serei obrigada a assistir à sua chacina, ciente de que a responsabilidade é minha? Engulo a minha própria bÍlis e contenho as lágrimas. Se eles morrerem, quem irá liderar os Shoniin? A Oyunna e o Kartok talvez sejam capazes de o fazer durante algum tempo, mas até eles dependem do Temujin para tudo.

Sacudo as minhas cordas quando a Ghoa coloca o Temujin em posição. Engasgo-me nos meus lamentos enquanto eles o besuntam com banha de ovelha e o atam com cordas e feltro.

— Desculpa, devia ter-te dado ouvidos — sussurro quando a Ghoa passa o laço pela sua cabeça. — Devia ter-me dedicado de corpo e alma aos Shoniin.

O Varren e muitos outros pegam na corda. Desvio os olhos quando eles o erguem do chão. Não tenciono ver o Temujin a contorcer-se como uma minhoca num anzol, as suas faces roxas e os seus olhos esbugalhados. Não é assim que pretendo recordar o líder indómito que escapou aos Kalima, o rapaz de olhos cor de âmbar da minha terra, a única pessoa além do Serik que sabia que eu não era um monstro mesmo antes de eu própria saber.

Os tambores ecoam como trovões. A multidão grita e berra.

— Perdoa-me — lamurio-me, mas as palavras saem entarameladas e entrecortadas.

Quanto tempo vai demorar?

Eles não largaram o Temujin de uma altura qualquer — o seu sofrimento terminaria demasiado depressa —, o que significa que não lhe vão partir o pescoço. Vai ficar pendurado até morrer asfixiado.

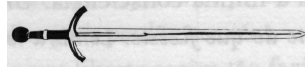
— Desculpa! — volto a gritar, lançando a minha agonia para os Céus.

Mas os meus gritos de angústia rapidamente se transformam em gritos de espanto.

Um baque sonoro faz estremecer o telhado, e pedaços de telhas douradas caem sobre mim como granizo.

Tal como acontecera quando os Shoniin me resgataram no Qusbegi.

Capítulo 26



Uma figura vestida de cinzento aterra na varanda e agacha-se junto à minha cara. Segue-se outra mancha indistinta de cinzento, que aterra com estrondo do outro lado.

— Não peças desculpa, mostra a tua raiva — diz-me o Chanar, enquanto corta as cordas que me prendem com dois golpes certos do seu sabre. O meu braço tomba, solto, e eu gemo de alívio. Parecia que tinha alguém a serrar-me lentamente os ombros. Quando me ergo sobre os joelhos e vejo a Inkar e o Chanar à minha frente, gemo por outro motivo e os meus olhos ficam rasos de água. Eles vieram salvar-me. De propósito. O que me deixaria muito feliz se o erro na sua escolha não me causasse sufoco. Abano imediatamente a cabeça e aponto para a praça lá em baixo.

— O que fazem aqui? Deviam estar ali a libertar o Temujin!

— Não podemos chegar até ele sem a tua ajuda. — A Inkar baixa-se e ata um cordão preto à minha cintura com uma série de nós intrincados. Em seguida, prende-o a si e ao Chanar. A outra ponta está esticada até ao outro lado da praça, e fixa ao edifício de basalto do Tesouro. — Precisamos de escuridão, Enebish, e de fogo das estrelas. *Agora.*

— Não posso — digo, em pânico. — A Ghoa obrigou-me a beber uma tintura misturada com pedra da lua.

— Maldição! — O Chanar bate com a palma da mão na testa. — Eu sabia que não podíamos contar com ela. Acabou. É o nosso fim.

A Inkar aproxima-se dele.

— Temos de tentar. O Temujin não baixaria os braços se estivéssemos no lugar dele.

— Eu sei, mas sem a cobertura das trevas, os guardas vão cortar-nos às postas em segundos. Somos só três contra *aquilo* tudo. — Lança o braço na direção do caos da praça.

— Sinto muito — repito, com um soluço.

A Inkar ajoelha-se junto a mim e pega nas minhas mãos. Tento não pensar em como as suas próprias mãos estão trémulas.

— Tens de arranjar maneira, En. Tudo depende disto.

— Vou tentar — prometo, enquanto ela me ajuda a levantar.

O Chanar grunhe qualquer coisa sobre desejar morrer, mas salta por cima do corrimão e aterra no beiral extraordinariamente estreito da varanda. O meu estômago contorce-se quando ele nos ajuda, a mim e à Inkar, a fazer o mesmo. O palácio é tão alto que as barraquinhas dos vendedores parecem rebuçados de gengibre embrulhados em papéis coloridos. É uma loucura saltar daquela altura seguros apenas por um cordão frágil. Vamos aterrar nos degraus de mármore. Junto da Ghoha, do rei e dos seus guardas. Muito provavelmente sem a cobertura da escuridão.

Olho para as palmas das mãos e peço-lhes que vibrem. Estico e encolho os dedos, formando um punho. Nada. O céu clareou e assumiu uma tonalidade cinza-lustrosa, o que significa que subsistem poucos fios de escuridão que eu possa agarrar. Mesmo se estivesse na absoluta posse do meu poder.

— Eu corto a corda do Temujin — grita o Chanar por cima da ventania —, a seguir, pegamos nele e levamo-lo ao longo de dois quarteirões para leste da praça. A Oyunná e o Kartok estão à nossa espera a cavalo. Se não houver escuridão, tentem esconder-se na multidão. Os nossos apoiantes são mais do que os guardas. Prontas?

Nunca estarei pronta, mas inclino a cabeça para trás, faço uma oração à Senhora do Céu e ofereço-me totalmente à noite pela primeira vez desde Nariin. Esta é a minha oportunidade de provar que o meu poder Kalima pode ser usado para o bem. Que *eu* sou boa. Uma heroína e não um monstro.

— Ajudai-me a mostrar-lhes quem é o verdadeiro monstro — sussurro, enquanto os nossos dedos dos pés ganham impulso no beiral da varanda.

Caímos a pique à luz da madrugada. O ar gelado fere-me a cara. O vento arranca lágrimas dos meus olhos. Os dedos da Inkar

cravam-se na minha anca como garras, enquanto o Chanar murmura o lema dos Shoniin como uma oração.

Quanto mais depressa caímos, mais desesperadamente tento evocar a escuridão. Passaram-se horas desde que a Ghoa me obrigou a beber a tintura, e já suei e chorei tanto que o meu corpo já deve tê-la purgado toda. Mas os tentáculos escapam-se das minhas mãos como um bando de corvos irados.

O chão está cada vez mais próximo. Vamos estatelar-nos nos degraus do palácio. Encolho-me e reteso todos os músculos. Um segundo depois, o cordão prende-se ao meu estômago e a nossa trajetória muda, balançando-nos na direção do cadafalso. Um grito aterrado explode nos meus lábios e as minhas mãos agarram num fio de escuridão. A alvorada pulveriza-se — um último rasgo de meia-noite. Não chega para nos cobrir. O suficiente para alertar toda a gente da nossa presença.

Solto uma maldição quando a luz do dia penetra a ténue cortina de escuridão. As pessoas gritam em todas as direções. Os guardas e guerreiros brandem as suas armas, desferindo golpes para aqui e para ali, tentando determinar a origem do nosso ataque.

Nenhum deles pensa em olhar para cima.

Exceto a Ghoa.

— Enebish! — ruge quando nos aproximamos. Finco o joelho da minha perna boa, espetando-o como se fosse uma lança, e antes que ela se consiga baixar, o meu calcanhar atinge-a no peito, abrindo caminho para o Chanar cortar a corda do Temujin.

O seu sabre chispa e a corda desfaz-se quando passamos por ele. Logo a seguir, o Chanar corta também a nossa corda. Aterrámos nos degraus de mármore branco. A alguns passos de nós, o Temujin está caído de lado, a tossir engasgado, e eu fico tão aliviada por ele estar vivo — por estarmos todos vivos — que nem reparo nas dores lancinantes na minha perna mutilada.

— Enebish! — A Ghoa levanta-se. — Para com isto! Não sabes o que estás a fazer.

Não. Pela primeira vez em dois anos, sei exatamente o que estou a fazer. Não vou ficar de braços cruzados enquanto ela dá

cabo da minha vida pela segunda vez. Não permitirei que ela mate outro dos meus amigos.

— Se querem salvar o Temujin, ajudem-nos! Mantenham os guardas à distância — diz a Inkar, dirigindo-se à multidão.

Após alguma hesitação, os espetadores amontoam-se em nosso redor, formando um cordão humano. Outros galgam os degraus na direção do Temujin, interpondo-se entre ele e os guardas, como uma manada de vacas a bloquear a estrada.

Avançamos na direção do Temujin. Os guardas ameaçam-nos e brandem os sabres, ferindo algumas pessoas, mas não conseguem irromper por entre milhares de cidadãos. Tal como os Kalima não conseguem evocar a fúria dos céus. O ar está perigosamente frio e a neve fere-nos e rodopia à nossa volta. Torrentes de vento fustigam-nos de todas as direções e a chuva atinge-nos a vista de lado, mas nada disso é capaz de travar a nossa marcha.

A Ghoe avança por entre a multidão, com a cabeça baixa como um touro, abrindo alas furiosamente por entre as pessoas. Se chegar primeiro ao Temujin, vai matá-lo com uma rajada — às urtigas com a lei.

Um rugido ergue-se do meu peito e eu evoco essa parte primitiva e feroz do meu ser. Um monstro que já não temo. Um monstro que aprendi a dominar.

Volto a alcançar as trevas e consigo apanhar alguns fios. Não o suficiente para tecer um manto de escuridão que abarque todo o pátio, mas o suficiente para levantar uma névoa densa e sombria. Enquanto todos gritam e tropeçam, guio a Inkar e o Chanar pelos últimos degraus até ao Temujin. Ele está deitado de lado, ainda a tossir e a tentar levantar-se. Indico a cabeça ao Chanar e os pés à Inkar e ajudo-os a levantá-lo do chão. Sangue de feridas invisíveis ensopa o feltro e o seu pescoço revela as marcas roxas da corda. Mesmo assim, ele consegue desferir um golpe com o seu punho trémulo em legítima defesa.

— Somos nós. — Passo três dedos pela maçã do seu rosto e pela sua face, reproduzindo o padrão da minha marca da traição, de modo que ele me reconheça.

Ao sentir o meu toque, ele abre os olhos, tão reluzentes como as estrelas acima de nós. Um sorriso esbatido assoma aos seus lábios.

— Enebish.

— Parecias estar desconfortável ali em cima — sussurro. As primeiras palavras que ele me disse, há tanto tempo no Festival Qusbegi. Ele abre um sorriso rasgado.

— Foste enviada pela Deusa.

— Se não dermos corda aos sapatos, vamos todos *conhecer* a Deusa — replica o Chanar.

A escuridão debate-se na minha mão à medida que os enca-minho para longe da escadaria do palácio. Quanto mais tento apertar, mais zozna me sinto. Tenho o cabelo encharcado em suor e as minhas pernas parecem penas. Consigo dar mais dois passos antes de cair de joelhos.

A escuridão desintegra-se imediatamente.

Somos rodeados pelos guardas imperiais, mas a população vem no seu encalço, atirando-se para a sua frente para abrir caminho. Sabres roçam a minha túnica. Mãos suadas tocam-me de lado. O Chanar pontapeia e cospe, e a Inkar desfere o seu punhal a torto e a direito.

Tento alcançar a noite, uma e outra vez, mas as minhas mãos são demasiado lentas e trémulas. A luz solar surge de forma intermitente, como uma vela exasperante que se recusa a apagar.

— Para, Enebish! — grita a Ghoe, cada vez mais perto. — Se me amas, para com isto. Pensa em Ashkar.

Eu estou a pensar em Ashkar. Sou a *única* que pensa em Ashkar. E como é que ela se atreve a sugerir que merece o meu amor depois de me incriminar por um massacre? E de virar as costas ao povo? E de matar o Serik?

Os olhos desesperados da Ghoe cruzam-se com os meus através do caos e ela profere a palavra que sabe que me vai magoar mais do que qualquer outra. A única arma que lhe resta.

— Irmã!

A sua lança atinge o alvo com uma precisão letal.

As pernas falham-me à medida que sou bombardeada pelas recordações de uma vida inteira: vejo-a a cavalgar por entre as chamas no seu enorme cavalo de batalha negro, semelhante a um anjo vestido numa armadura quando me retira das cinzas da minha cabana. Sinto a pressão suave dos seus lábios na minha testa enquanto me aninha debaixo de um monte de peles e me dá as boas-noites. Vejo-nos a cavalgar através da pradaria, com sorrisos rasgados.

Foi tudo uma mentira. Agora, vejo isso. Mas isso só agudiza a minha dor.

Dobro-me e cravo os dedos no meu couro cabeludo, e predadora como é, a Ghoe ataca-me no meu momento de fraqueza. Afasta os cidadãos que restam, mas em vez de me agarrar, pega no rabo de cavalo da Inkar e atira-a ao chão. A cabeça dela embate nas pedras da calçada com um som aterrador e, como as pernas do Temujin tombam, o Chanar tropeça para trás e quase o larga por completo.

Tento alcançar a escuridão, mas o poço do meu poder está mais seco do que o deserto.

A Ghoe passa por cima da Inkar e ajoelha-se ao lado do Temujin — como um abutre sobre a carniça. O seu cabelo endurece com o frio e, quando eleva a mão, os seus dedos emitem um brilho azul espectral.

Ela já me tirou tudo. Não pode levar também o Temujin.

— Por favor! — imploro à Senhora do Céu, numa oração de duas palavras, a mais curta e fervorosa da minha vida. Em seguida, tento alcançar a noite uma última vez, agarrando o ar como se procurasse uma fenda à beira de um penhasco.

A resposta da Senhora é imediata.

Sinto um ardor na garganta e um formigueiro nos braços. Quando dobro os dedos, todos os tentáculos da noite de Sagan

respondem ao meu chamado. São mais do que alguma vez manipulei em simultâneo. Atiro-os ao chão com um rugido e atiro-me à Ghoe com a força de uma tempestade de neve.

Os seus olhos piscam momentaneamente com a escuridão e a sua mão gelada hesita, a um dedo de distância do corpo do Temujin. Enterro a minha bota no seu estômago com tamanha força, que ela cai para trás e eu fico ajoelhada em cima do seu peito antes que o impacto a deixe totalmente sem fôlego. A sua boca forma um esgar de espanto trémulo e ela levanta as mãos.

— Desculpa. Cometi um erro. Um erro tremendo. Tens todo o direito de me odiar, mas tens de acreditar em mim em relação ao Temujin. — Os seus lábios tremem, mas os olhos refulgem de convicção. — Ashkar vai cair por causa dele.

— Não. Se Ashkar cair, será por *tua* causa. Por causa da tua obsessão e do teu orgulho tóxicos. — Ergo as mãos para o céu e enrolo os dedos nas caudas ardentes do fogo das estrelas. O seu calor cósmico flui através de mim, mais veloz do que o Amereti na época das cheias. Tão quente que mais parece que vou morrer. De certa forma, presumo que seja isso mesmo. Estou a purgar a Enebish da minha infância. E, à medida que aquela rapariga iludida e ingénua exala o último suspiro, um grito que é metade rugido e metade soluço explode nos meus lábios. Desfiro um golpe em arco com o braço, apontando diretamente ao peito da Ghoea.

Espero que um assomo de paz avassaladora tome conta de mim; que o bálsamo da justiça preencha as feridas profundas que a Ghoea abriu na minha carne. Espero que o triunfo levante dois anos de um peso esmagador dos meus ombros. Mas quando vejo o fogo cor de laranja a rasgar a escuridão, o que ouço é a voz calma e inexoravelmente convicta do Serik: *És boa pessoa, Enebish.*

Ouço a fé inabalável do Temujin: *O teu poder Kalima pode salvar o nosso povo — se aprenderes a controlá-lo.*

E ouço a voz da guerreira dentro de mim, uma verdade que sempre soube: *Não sou um monstro, e não permitirei que a Ghoea me transforme num.*

Antes que o fogo das estrelas embata no seu peito, desvio-o e projeto a mão para o lado. A mudança abrupta quase arranca o meu braço do corpo, e eu guincho ao sentir a dor nas articulações. O fogo das estrelas roça a face da Ghoea e explode contra o Palácio

Celeste. Um estrondo enorme abala o grande pátio. As janelas estilhaçam-se, uma atrás da outra. A única coisa mais audível do que os meus gritos é o clamor dos espetadores e guardas que correm a abrigar-se.

As chamas sobem pelas paredes do palácio como bárbaros invasores, velozes e desenfreadas. Mortíferas e devoradoras. Estou de tal forma em choque que não me consigo mexer nem desviar o olhar.

— Tu conseguiste arrasar com o palácio — sussurra o Chanar.

A minha boca está tão seca que a língua pende, inerte. E enquanto estou ali a tentar compor uma resposta coerente, a varanda sobranceira ao pátio desaba. Filigrana derretida cai como chuva incandescente e nós afastamos o Temujin para longe, percebendo tarde demais que também devíamos ter ajudado a Inkar. Ela acabou de recobrar os sentidos e demora a levantar-se, cambaleando para junto de nós com a mão na cabeça.

Nem sequer consegue ver o pedaço de metal mutilado que cai na sua direção até este lhe embater na região lombar.

— *Não, não, não!* — grita o Chanar quando a vê cair. O pânico estarecedor no seu rosto fende o meu esterno. Ele pousa o Temujin e esgueira-se por entre as faíscas para a ajudar a levantar-se.

A pele da Inkar está pálida e húmida de suor, e uma mancha cor de vinho já começa a ensopar a sua túnica, mas mesmo assim ela consegue cambalear até onde eu aguardo com o Temujin. Tenta inclusivamente retomar a posição aos pés dele, mas tomba rapidamente com um gemido.

— Só estou a tentar dar o meu contributo. — A Inkar tenta esboçar um sorriso, mas fica sem fôlego.

Tomo o seu lugar, segurando nas pernas do Temujin desajeitadamente com o meu braço bom. *A Inkar vai ficar bem. Vai ficar tudo bem*, entoo enquanto corremos. Mas a minha confiança escorre como água de uma panela rachada quando olho para os rostos mortificados à minha volta, quando ouço os uivos doridos.

A única coisa boa que resultou do fogo foi que todos desataram a correr na mesma direção. Misturamo-nos rapidamente com a

multidão e seguimos a correnteza para fora da praça. Mas quanto mais depressa corremos, mais a Inkar fica para trás. Os seus passos são lentos e inábeis, a sua respiração líquida e esforçada.

— Só mais um pouco! — grita o Chanar, apesar de ambos sabermos que ela terá de andar muito mais do que até ao ponto de encontro. A sua única esperança é o Loridium.

Descemos por uma rua com prédios de habitação de tijolo e varais de roupa pendentes. A multidão dissipa-se pelo caminho, o que devia permitir-nos avançar mais rapidamente, mas a Inkar mal se tem de pé. Sempre que olho para trás, ela está mais vacilante.

A culpa crava-se no meu coração como uma garra.

— Vamos levar-te para o templo — grito, mas a Inkar tomba com um lamento.

— Eu levo-o. Vai buscá-la — ordena o Chanar. — A ajuda está a um quarteirão de distância.

Ele coloca o Temujin às costas e eu baixo-me e passo o braço por baixo dos braços da Inkar, mas a minha perna mutilada cede quando tento levantá-la. A minha escuridão bruxuleia como um candeeiro, ameaçando expor-nos.

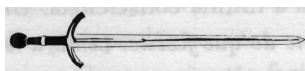
— Não consigo — grito.

— Tens de conseguir! — ruge o Chanar.

Olho para baixo para a Inkar, que se contorce no chão, e para o Temujin, que pende como um saco de batatas do ombro do Chanar, e desato a correr.

Se não conseguimos chegar até ao Kartok e à Oyunna, hei de trazê-los até nós.

Capítulo 27



O Kartok e a Oyunna estão à espera a meio da rua escura.

Semicerram os olhos para a escuridão por baixo dos capuzes, e os seus cavalos relinham e deslocam-se para os lados ao ouvir os meus passos incertos.

— Quem vem lá? — pergunta o Kartok.

Solto a noite para me tornar visível.

— Venham depressa — digo, apoiando-me nos joelhos.

— O que aconteceu? Onde estão os outros? — A Oyunna olha para trás de mim com pânico no olhar, e a minha língua recusa-se a dizer o resto. Que não consegui evocar o poder Kalima, que foi o único motivo por que a Inkar e o Chanar me salvaram. E quando consegui, peguei fogo ao Palácio Celeste e acabei por magoar a Inkar — e tantos outros. Preciso de todas as forças só para apontar.

— Depois da esquina. A Inkar e o Temujin estão gravemente feridos.

O Kartok passa por mim a galope, praguejando incessantemente. A Oyunna vai logo atrás, deixando-me a coxear atrás deles, apesar de terem trazido um cavalo a mais.

Quando dobro a esquina, eles já desmontaram. O Chanar está a pôr o Temujin no cavalo adicional, enquanto o Kartok levanta a Inkar como uma criança. No espaço de segundos, uma mancha escarlate espalha-se pela sua túnica.

— O que se passou? — A Oyunna tapa imediatamente a boca com a mão. — Ela está a esvair-se em sangue.

O Chanar lança-me um olhar gélido.

— A Enebish decidiu poupar a irmã e sacrificar a minha.

A Oyunna esbugalha os olhos na minha direção. Mordo o lábio e concentro-me em subir para o cavalo dela. Não posso mudar o que

fiz. Resta-me colaborar e levar-nos para o reino do Azul Eterno o mais depressa possível.

— Não sejas tão amargo, meu irmão — diz a Inkar, ofegante, enquanto o Kartok a pouso no seu cavalo. Ela ergue a sua mão dolente e aponta para o palácio. — Viste o que a Enebish fez? Isto é melhor... do que podíamos...

Ela tosse uma quantidade considerável de muco ensanguentado que ensopa a túnica do Kartok. Sinto-me como se alguém estivesse a arrancar-me o coração com garras embotadas. Mesmo moribunda, ela continua a defender-me.

— Poupa as tuas forças — diz o Kartok enquanto monta atrás dela. — Vais precisar delas. O nosso tempo está a chegar ao fim.

Voamos rua abaixo, levantando a terra misturada com neve à nossa passagem. As residências, casas de pasto e bancas de legumes fundem-se de cada lado, mas nós estamos presos no meio, encurralados no centro da tempestade onde todos os segundos se prolongam. Demasiado calmo. Demasiado silencioso. A Inkar não geme. Será que o Temujin continua consciente? Continua a respirar?

Desmontamos à pressa à porta da Cabeça de Carneiro. O Kartok já está no chão e a levar a Inkar para dentro da taberna, antes de eu conseguir sair da sela. O Chanar, a Oyunna e eu transportamos o Temujin, e quando chegamos ao quarto empoeirado, o Kartok já iluminou o portal. Observo a sua silhueta contra as chamas brancas. Ele nunca tinha aberto o portal. Sempre esperou que fosse eu a fazê-lo quando transportámos novos recrutas. Apesar de ter essa capacidade. O Temujin devia ter-lhe dado pedras azuis. Talvez as suas estejam reservadas para as verdadeiras emergências?

Apesar das feridas da Inkar e do Temujin, não conto que o Kartok se junte a nós — ele *nunca* entra no reino do Azul Eterno —, mas ele avança pelo portal sem sequer hesitar.

Nós vamos atrás dele, mas a passagem não é tão impercetível como de costume. A barreira reluzente parece pegajosa e viscosa — quase como mel. Agarra-se aos meus braços e suga as minhas

botas, tentando reter-me. Avanço com todas as forças e, quando por fim me liberto, largo o Temujin e vou cair no campo de globos-de-ouro.

— Sentiram aquilo? — dou por mim a arfar quando o Chanar e a Oyunna emergem atrás de mim, amparando o Temujin entre os dois. — Parecia que o portal estava a tentar engolir-nos.

— É essa a tua desculpa para teres largado o Temujin? — fuzila-me o Chanar. Baixo a cabeça e tento voltar à minha posição, mas ele vocifera: — Não te incomodes. Vamos mais depressa sem a tua ajuda.

Encolho-me enquanto o Kartok avança pelo campo. Tentamos acompanhar-lhe a passada, pisando as ervas altas. Globos-de-ouro amarelos e cor de laranja agitam-se à nossa volta como pólen na primavera, mas, em vez do delicioso aroma cítrico que costumam emanar, o seu perfume é acre e doce. Quase a podridão. E as próprias plantas têm um ar doente. Os botões pendem na direção do chão como se derretessem, demasiado pesados para os caules.

Franzo o sobrolho e inclino-me, mas após uma análise mais atenta, não deteto nada de anormal. As flores estão tão direitas como um regimento de soldados. As pétalas delicadas agitam-se sob a brisa ligeira. O aroma cítrico é tão intenso que a acidez fere as minhas faces.

— Deixa-te de preguiças! — O Chanar pontapeia a terra, que me acerta na barriga das pernas.

Controla-te, Enebish.

Evocar tanta escuridão e fogo das estrelas está a começar a afetar-me. Estou a ver coisas. A imaginar coisas.

Abano a cabeça e apresso-me, mas só consigo dar alguns passos antes de tropeçar e cair de joelhos. Na ânsia de salvar o Temujin e chegar ao reino do Azul Eterno, esqueci-me das minhas feridas, mas elas recusam-se a continuar a ser ignoradas. A dor percorre-me a coxa. O meu pé está pesado como um arado.

Levanta-te, digo a mim própria. Fá-lo pela Inkar e pelo Temujin.

Exalo e concentro-me em dar um passo de cada vez. Calcanhar, dedos. Com calma. Mas volto a vacilar. E mais uma vez, e a culpa não é da minha perna ou do meu remorso. O chão está a mexer-se. Os tremores percorrem o campo em ondas, como um terramoto constante e estrondoso.

Por estranho que pareça, não incomoda os outros. Enquanto eu cambaleio e tropeço, os seus passos permanecem estranhamente firmes, as suas caras impassíveis.

— Não sentem isto? — Aponto para as ervas serpenteantes, como a ondulação de uma pedra a bater num lago.

— A Senhora do Céu está a falar connosco. — O tom de voz do Kartok é entrecortado, como se eu fosse idiota por não saber disso. — Está na altura de mobilizarmos o nosso exército.

Olho fixamente para o chão instável. Sempre orei à Senhora do Céu, mas nunca senti a presença d'Ela desta maneira.

Mas se Ela consegue cavalgar o vento e comandar a chuva em Ashkar, porque não haveria de conseguir abanar a terra para chamar os seus guerreiros a reunirem aqui, onde o Seu poder é ainda maior?

— Não pares, Enebish — diz-me a Oyunna. — E tenta concentrar-te nos feridos.

A vergonha fere-me o estômago como um punho. Cerro os lábios, baixo a cabeça e tento manter o equilíbrio à medida que as vagas aumentam de frequência e magnitude. Quando chegamos ao acampamento dos Shoniin, o chão é uma agitação constante. As tendas altas estremecem e as poupas voam em círculos, assustadas, por cima de nós. Conto ver a *Orbai* perto delas, mas nem sinal das suas asas douradas. Os guerreiros invadem a clareira e regressam dos campos de treino aos magotes. Congregam-se à volta da fogueira azul — centenas, talvez milhares. Quase tantos como os que estavam reunidos no grande pátio atraídos pela execução do Temujin. O dobro daqueles que contava entre as nossas hostes.

Trouxe muitos recrutas para cá, mas tantos também não. Ou talvez nunca os tenha visto todos reunidos no mesmo sítio. Estava

sempre fora em missões, desesperada por deixar a minha dor para trás. Aparentemente, alcancei mais do que esperava.

São um verdadeiro mar de cinzento reluzente. Um exército formidável. Suficientemente grande para fazer a diferença frente aos Zemyanos. E esperemos que suficientemente grande para que a Goa e o Rei Celeste aceitem uma aliança sob as nossas condições.

Seguem-nos colina acima, na direção do Templo da Serenidade, uma multidão de sussurros e respirações cortadas. Alguns avançam e oferecem-se para nos ajudar a levar a Inkar e o Temujin, mas mesmo assim não chega. Antes de chegarmos a meio da colina, a Inkar solta um grito de sufoco. Revira os olhos e os seus membros começam a estremecer. O Kartok poussa-a suavemente no chão.

— Loridium! *Agora!* — troveja.

Vários Shoniin sobem a colina a correr para ir buscar o remédio. Os outros amontoam-se à nossa volta, num pranto ou assistindo a tudo com a impassividade no olhar. Ao meu lado, os ombros da Oyunna tremem em silêncio.

A necessidade de dar força e proteger a Inkar, tal como ela sempre fez comigo, atormenta-me como uma comichão insaciável. Quando não aguento mais, tento dar um passo em frente. Mas um olhar feroz do Chanar faz-me recuar.

Ele poussa o Temujin ao lado da Inkar, que parou finalmente de tremer. Agora, está imóvel. Demasiado imóvel. A diferença entre ela e o Temujin corta-me a respiração. Nenhum dos dois parece estar bem, mas o Temujin recuperou alguma cor nas faces e a sua respiração é ténue, mas constante. Além das marcas de queimadura da corda que tem ao pescoço, não parece estar às portas da morte. Já a Inkar está tão pálida como um Zemyano e começa a ter outro ataque.

O Chanar rasteja até junto dela e espera que ela se acalme.

— Não te atrevas a deixar-me sozinho. — Pega na mão da Inkar e encosta-a à cara. As suas lágrimas correm por entre os dedos entrelaçados. — Tudo aquilo por que trabalhámos está finalmente a acontecer.

— Não tenho... grande... alternativa — balbucia ela.

— Temos sempre alternativa. Luta! Vive! Se morreres, quem me vai moer o juízo?

— Sempre quiseste ser o chefe de família. Finalmente, podes ser tu a mandar. — A sua voz é como uma baforada de fumo, um sussurro ao vento.

— Mas não desta maneira. — A voz do Chanar começa a falhar. — Não terei família para chefiar.

— Ajuda as crianças. — A Inkar sorri para o céu. — Vou dizer à Taimar que mandas saudades. — O seu corpo é assolado por mais um espasmo e ela contorce-se e geme. A eterna luz solar perde o viço. As cores garridas das tendas dão lugar a tons pastel esbatidos.

Sinto o corpo pesado. Tão pesado.

A Inkar era a melhor de nós, a mais inteligente e a mais doce. E está morta por minha culpa. O vômito sobe-me à garganta e sou obrigada a desviar o rosto dos seus olhos vítreos.

— O Loridium vai curar-te. Eles vão chegar não tarda! — O Chanar inclina-se sobre o corpo da irmã. — Não consigo fazer isto sozinho.

Os Shoniin afastam-se para lhe dar espaço. Todos com exceção da Oyunna, que chora para as mãos, e do Kartok, que se levanta lentamente, com uma determinação férrea no olhar.

Os Shoniin regressam com o Loridium alguns minutos depois, mas a sua passada abranda quando se apercebem da solenidade da cena. Com um aceno de agradecimento, o Kartok pega na pequena arca de couro e passa com gravidade pelo corpo da Inkar. Ajoelha-se ao lado do Temujin, mistura o elixir com dedos ágeis e polvilha-lhe o corpo. Em seguida, baixa a cabeça e murmura uma oração.

Após alguns minutos em silêncio, levanta-se e dirige-se aos guerreiros ali reunidos.

— Com a graça da Deusa, o Temujin vai sobreviver! O que significa que o nosso plano se mantém.

A Leitora de Ossos e a Oyunna abraçam-se aos soluços, e os guerreiros festejam e erguem os punhos no ar — os mais ruidosos são os novos recrutas. Levanto as mãos, mas não consigo aplaudir. Não por falta de gratidão por o Temujin estar vivo, mas porque o nosso plano é inútil enquanto a Ghoe e o Rei Celeste não aceitarem juntar-se a nós. Nada mudou.

Bato no ombro da Oyunna, mas ela manda-me calar e aponta para o Kartok, que volta a falar.

— Vamos ganhar esta guerra pelos nossos irmãos e irmãs que perderam a vida! — Faz um gesto reverente na direção da Inkar. — Para reclamarmos aquilo que nos pertence por direito!

Os aplausos tornam-se ensurdecedores e a multidão bate com os pés, fazendo o chão tremer ainda mais. Os curandeiros trazem um trenó e o Kartok pousa cerimoniosamente o corpo do Temujin lá em cima. Ele estremece, mas consegue levantar uma mão num esforço de saudação.

Os Shoniin entram em delírio. Os seus gritos fendem literalmente o céu. Pequenas fraturas negras rasgam o azul celestial como relâmpagos.

Mas que raio é aquilo?

Cerro os olhos e conto até três. Quando volto a olhar, o céu está reluzente como uma tigela acabada de envernizar.

Um frémito de inquietação percorre a minha coluna como o vento invernal.

— Oyunna — volto a sussurrar, mas as suas mãos estão erguidas para o céu e a sua cabeça está inclinada para trás em comunhão com a Senhora do Céu. O cabelo dança-lhe nos ombros, as madeixas de um preto denso soltas ao sabor dos movimentos. Por instantes, algumas delas parecem quase brancas.

— Preparem-se para a batalha. Marchamos dentro de dois dias! — grita o Kartok.

Olho, incrédula, para a parte de trás da sua cabeça bexigosa. É impossível. Mesmo que a Ghoe tivesse acabado de dar notícias, ainda não nos reunimos com o Exército Imperial para organizar um

ataque. E não podemos atacar os Zemyanos sozinhos. O nosso número de soldados é impressionante, mas não tanto.

— Kartok! — Agarro-lhe na manga e puxo até ele olhar para mim. — Como podes fazer um anúncio desses? Não estamos preparados. Temos de nos coordenar...

— Não, Enebish. *Eles* é que não estão preparados.

Aponto para o nosso líder, deitado sobre a marquesa dos curandeiros.

— O Temujin mal se tem de pé. Mesmo com o Loridium, não estará em condições de marchar até à frente de batalha dentro de dois dias.

— E é por isso que não vai ser ele a liderar-nos.

— Então, quem vai ser?

O Kartok pousa uma mão no meu braço. Durante as noites escuras e gélidas em que nos sentámos juntos na neve, o seu toque sempre me deu forças, mas agora sinto um aperto desconfortável.

— A nossa Fiadeira da Noite, claro.

— Que conversa é essa? — Tento afastá-lo, mas as minhas mãos param. Os seus dedos são tão pálidos em comparação com os meus. Tão longos e esguios. Levanto os olhos para a sua cara, e a minha visão volta a trair-me, tal como fez com os globos-de-ouro, o céu e o cabelo da Oyunna. Durante uma fração de segundo, não vejo o meu amigo Verme, mas um estranho com um nariz adunco, faces cobertas por uma penugem louro-esbranquiçada e olhos azul-claros da cor da neve. Uma cor que não é natural em Ashkar. Uma cor que só é comum nos territórios costeiros.

Em menos tempo do que demoro a piscar os olhos, o rosto do Kartok regressa ao normal, mas agora tenho noção de que se trata apenas de uma máscara. O seu outro rosto, o seu *verdadeiro* rosto, arde como um candeeiro por baixo da pele.

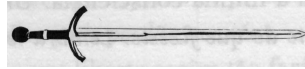
— T-tu... Tu és... — Os meus lábios recusam-se a formar a palavra.

Porque é demasiado horrível.

Porque eu devia ter percebido mais cedo.

O Kartok é zemyano.

Capítulo 28



Olho fixamente para a sua altura desmedida, repito o seu discurso entaramelado, que nada tem que ver com uma deformação na língua, mas sim com o seu sotaque zemyano. Recordo a facilidade com que ele se livrou dos guardas que nos avistaram na fortaleza: como a minha escuridão se afastou dele naquela primeira noite no Campo dos Ossos. Pensei que a causa era a minha própria exaustão, mas a noite sabia bem o que se passava. Procurou resguardar-se da sua *magia* zemyana.

Contendo um grito, viro-me para alertar os restantes Shoniin.

— Fomos infiltrados! — Aponto para o Kartok. — É possível que haja outros zemyanos entre nós.

Os guerreiros olham para mim do sopé da colina — uma imensidão de rostos e fardas cinzentas conhecidos —, e quanto mais olhamos uns para os outros, mais o medo se insinua na minha pele como uma aranha. Nenhum deles parece surpreendido, nem aponta ou corre para o Kartok com o sabre desembainhado.

O chão volta a pulsar e outra fissura risca o céu. Durante um segundo, o mundo oscila. Tal como a Oyunna e o Kartok,

mais de metade dos rostos altera-se. Os seus ossos alongam-se e mudam de forma. A sua pele e cabelos assumem tonalidades creme e louro-pálido.

Maldição.

Os meus joelhos fraquejam. Sinto o vômito na boca.

— Há algum problema, *Destruidora*? — zomba o Kartok.

Não consigo responder. Porque problemas não faltam. Os meus pensamentos desfilam mais depressa do que o fogo das estrelas, enquanto tento encadear todas as peças do embuste, uma após a outra. Os «recrutas» lesionados que eu transporte através das planícies em fardas desfeitas e ensanguentadas eram na verdade

zemyanos que tinham matado os nossos guerreiros, vestido as nossas roupas e disfarçado as caras com a sua magia maléfica. Os nossos «batedores» que deram conta da queda de Ivolga certamente deram uma ajuda na sua queda. E todos os canhões e munições que os Shoniin roubaram foram indiscutivelmente virados contra a nossa tropa.

Por vezes, estamos tão concentrados num objetivo maior que não vemos a verdade escondida à vista de todos. A observação que a Inkar fez há tanto tempo ressoa como uma corneta no meu cérebro.

O que interessa é mostrar uma coisa e depois fazer outra totalmente diferente. As palavras que o Temujin proferiu no nosso primeiro encontro na Cabeça de Carneiro são uma bofetada na cara.

O Kartok aproxima-se.

Os recrutas também.

Encurralando-me.

Lanço as mãos para o céu, implorando para que o calor as queime. Mas nada acontece. Porque não há escuridão para evocar aqui.

Levanto a outra mão e faço mais força. O suor ensopa o meu cabelo. Os meus braços tremem. A noite respondeu em Ashkar quando o sol despontou na execução do Temujin. E Tuva manteve a escuridão durante os cem dias de batalha. Tenho treinado de forma incansável, esforçado ao máximo. Por certo, devo ser capaz de extrair alguns fios do Templo da Serenidade. Está tão perto.

Debato-me até ser vencida pela tontura e pelo cansaço. Enquanto isso, o Kartok continua a olhar para mim com um sorriso escarninho.

— Esforça-te à vontade, pequena Fiadeira da Noite. Tudo o que fizeres será para nosso benefício.

— Que conversa é essa?

— Sempre que evocas o teu poder Kalima neste reino, a tua escuridão e fogo das estrelas são captados pelo Templo da Serenidade.

— *O quê?* — As minhas mãos tombam ao longo do corpo. — Isso é impossível.

— Achas mesmo? — O seu sotaque transforma as palavras num silvo e ele ergue os dedos esguios num gesto floreado. Quando praguejo, o Kartok ri-se. — Nunca pensaste porque é que só conseguias aceder à noite no interior do templo? Ou porque é que a tua escuridão não conseguia ir além daqueles pilares delicados? Porque eras incentivada a praticar tanto?

— Não. — Levo as mãos à testa e fecho os olhos. — O templo é um local seguro porque é um vaso comunicante com a Senhora do Céu. E não há escuridão aqui porque estamos no reino do Azul Eterno. No reino da Deusa. Uma terra de sol perene. Todos conhecem as lendas. — Tento manter a calma, mas consigo ouvir a minha voz a ficar mais estridente a cada palavra proferida.

— Sim, as tuas lendas pagãs provaram ser muito úteis quando eu criei este lugar. A desculpa perfeita para te atrair para o templo e para os reservatórios.

— Reservatórios? — O medo volta a apoderar-se do meu estômago quando percebo que ele se refere às urnas enormes. Depois de o Temujin atirar cinzas da urna negra durante a minha iniciação, nunca pensei sequer em olhar para dentro das outras. Porque o faria? Era o sepulcro dos Shoniin tombados. Nunca imaginei que as outras urnas pudessem estar cheias com a minha escuridão e fogo das estrelas.

— Tenho de te agradecer, Enebish. A nossa invasão de Sagaan decorrerá sem grandes problemas, com tantos dos nossos guerreiros infiltrados na cidade e com o poder da noite à nossa disposição — diz-me o Kartok. Em seguida, vira-se para o Chanar: — Prende-a no templo.

— Chanar, por favor — imploro —, pensa na Inkar. Ela não quereria isto. Pensa em tudo o que alcançámos. Nós éramos... — *Quase amigos. Por fim, tinhas-me aceitado. Talvez até confiasses em mim.*

— Nós sempre fomos inimigos — ruge —, e tu não fazes a menor ideia de quem era a Inkar ou do que ela queria. — Baixa os

olhos para as mãos, manchadas com o sangue da sua irmã, o último familiar que lhe restava. Mais célere do que um puma, levanta-se do lado da Inkar, prende-me os braços atrás das costas e ata-os com uma eficiência brutal. Depois, arrasta-me colina acima até ao Templo da Serenidade.

Debato-me a cada passo que dou, contorcendo-me e esperneando. Assobio para a *Orbai* e grito o seu nome, mas ela não vem em meu socorro. Começo a hiperventilar enquanto penso nas piores hipóteses: fizeram-lhe mal, prenderam-na. Mataram-na.

— Porque fazes isto? — pergunto, enquanto o Chanar me empurra pela escadaria. — És ashkariano, mas és aliado do Kartok e dos Zemyanos. Porquê?

O Chanar bate com a minha cabeça contra o chão com tamanha violência, que cria fissuras no mosaico celeste semelhantes às fendas por cima de nós. Pontinhos cinzentos explodem na minha vista e sinto o sangue a ensopar os cabelos da minha nuca.

— Porque isto é justiça.

— Sei que o Rei Celeste te fez muito mal, mas tens noção de que estás a condenar uma nação inteira, não apenas um rei perverso?

— Não sabes o que dizes — cospe o Chanar. — Isto vai ser melhor para todos. A esperança desta revolução é a única coisa que me manteve a mim e à Inkar vivos durante os cinco anos que passámos na prisão. Foi por isto que ela deu a vida. — Ele volta a bater com a minha cabeça no chão, ainda com mais força, e desaparece na penumbra que desce sobre os meus olhos como uma cortina.

Fico deitada de barriga para cima durante o que me parecem horas. Dias. Assombrada por pesadelos. Atormentada por recordações. Escarnecida por um embuste que fui demasiado cega e teimosa para ver.

Algo não bate certo.

O Serik avisou-me tantas vezes. Mesmo sem poder Kalima, e apesar de nunca ter orado à Senhora do Céu, ele pressentia isso.

Tal como eu devia pressentir.

Como eu *pressenti*.

Este maldito zumbido e constante sugar da minha energia mais parecem sanguessugas a contorcerem-se debaixo da minha pele. Sempre assim foi desde o momento em que entrei neste reino. Assim que toquei neste maldito altar de pedra, senti nos meus ossos que algo não batia certo. Mas estava tão desesperada por salvar a *Orbai* e o Serik, e ansiosa por entrar no reino do Azul Eterno juntamente com outros que acreditavam no mesmo que eu. Estava tão desesperada por ser uma guerreira que descurei todos os sinais.

O Serik fez bem em partir, em pôr em causa o meu bom senso.

E a Ghoe pode estar errada em relação a muitas coisas, mas tinha razão quanto a isto — por mais que me custe admitir.

Ashkar vai cair por causa dele.

E eu não lhe dei ouvidos porque nunca pensei que mais alguém pudesse trair-me de forma tão absoluta. Quando os nossos batalhões na frente de guerra souberem que Sagaan está a ser atacada, a cidade já estará perdida. Porque *eu* trouxe estas térmitas para dentro de casa.

Observo a paisagem em constante mutação — o céu fendido por teias de aranha negras e os campos tão depressa verdejantes como definhados — e grito pela *Orbai*. Mas ela continua sem responder. Suponho que não a recrimino.

No entanto, recrimino a Senhora do Céu.

— Como podes permitir que isto aconteça? — murmuro para o azul insidioso. Sei que este não é o Seu reino. O verdadeiro reino do Azul Eterno deve ficar a mundos de distância, se é que existe mesmo. Mas grito na mesma, não vá Ela ouvir. — Eu estava a fazer a Tua obra. Confirmaste ser este o caminho a seguir, mas é óbvio que não é. Serei apenas um motivo de chacota para Ti? Ou não passas de uma mentirosa? — digo, em voz baixa, mas num tom

acusatório. — Ou talvez nem estejas aí. Talvez o Rei Celeste tenha razão e Tu nunca tenhas existido.

Em parte, quero que isto seja verdade. Mas o meu coração patético e leal insurge-se contra a injustiça destas alegações. A essência do meu ser, o cerne da Enebish, sempre foi e sempre será intrinsecamente ligado ao céu. Por mais que queira rejeitar a mais ínfima réstia da minha fé, não posso fazê-lo. Porque a Senhora do Céu vive dentro de mim. Rejeitá-la seria rejeitar-me. Uma não existe sem a outra. O mais certo é isto fazer de mim uma tola ingénua, mas também faz de mim a pessoa que sou.

— Porquê? — volto a gritar. — Se estás comigo, *porquê?*

Ouçó o restolhar de passos na erva.

Interrompo as lamúrias e inclino a cabeça. O Temujin sobe lentamente a colina. Nódoas negras lívidas ainda marcam o seu pescoço como uma coleira, e o seu coxear assemelha-se em tudo ao meu. Mas caminha. E enverga uma túnica e calções cinzentos novos, as botas polidas na perfeição.

— Estás com ótimo aspeto para alguém que esteve às portas da morte — atiro.

Ele sobe os degraus de pedra a custo e encosta-se ao pilar de jade.

— As alianças com feiticeiros têm as suas vantagens — diz em surdina, de olhos postos nas botas.

— São as primeiras palavras verdadeiras que saem da tua boca. Vieste vangloriar-te? Rir-te da pobre rapariga estúpida que manipulaste para que te ajudasse?

— Achas que estou a vangloriar-me? — Passa uma mão pelo cabelo húmido, e eu tento expelir o cheiro a sabão de chá. *Odeio* aquele cheiro. Quase tanto como odeio a expressão suplicante nos seus olhos dourados. E o facto de outrora ter valorizado a nossa herança comum. E de ter escrito com ele no seu Livro de Murmúrios e de ter estremecido ao sentir o seu toque nas minhas cicatrizes.

— Nem tudo foram mentiras — prossegue. — Fui realmente abandonado em Novesti. O meu batalhão deixou-me a sangrar na

neve.

— Esperas que tenha pena de ti?

— Não foi a Senhora do Céu quem me curou.

Bufo e lanço-lhe um olhar carrancudo.

— Já tinha percebido.

— Foi o Kartok. Estava a curar os seus guerreiros com Loridium e a executar os feridos, espetando uma lança encantada nas entranhas de todos os ashkarianos, mas eu implorei. Jurei fazer tudo o que ele me ordenasse se me poupasse. Por isso fizemos um acordo. Ele e os outros feiticeiros zemyanos tinham criado um *xanav* (é o nome que dão a este lugar: um plano alternativo onde escondem os seus exércitos), mas não conseguiram embrenhar-se o suficiente no território de Ashkar para o implantar. E os feiticeiros não conseguem entrar nos reinos que criam sob pena de a estrutura mágica soçobrar e colapsar, como está a acontecer agora. Aceitei implantar o *xanav*, reunir um exército de rebeldes e transportar soldados através da fronteira em troca da minha vida, e de uma vida melhor assim que os Zemyanos tomarem o poder. Serei o governador de Sagaan.

— Repito, queres que te dê os parabéns? Porque desperdiças o fôlego a contar-me isto?

Ele entra no templo e agacha-se junto a mim. Demasiado perto. Afasto-me do calor abjeto da sua pele. Tem o descaramento de parecer ofendido.

— As coisas não têm de ser assim, En. Não tens de ser uma prisioneira. Não precisamos de sugar o teu poder Kalima. Podes ajudar-nos de livre vontade. Usa a tua escuridão e fogo das estrelas para nos ajudar a tomar Ashkar, e juntos podemos devolver a paz e a prosperidade a Verdenet, Chotgor e Namaag. Podemos ajudar os refugiados que passam fome e as crianças que são enviadas para a frente de batalha. É a única forma de pôr fim ao conflito e ajudar o nosso povo. De recuperar o nosso modo de vida.

Rio-me com tal violência que me engasgo.

— Recuperar o nosso modo de vida? Tanto quanto sei, temos pouca autonomia quando somos *escravizados*. Não restará nada de qualquer nação, além de Zemya, quando a imperatriz Danashti levar a dela avante.

— Enganas-te. Sua Alteza Sereníssima não partilha da ganância e da mentalidade conquistadora do Rei Celeste. Ela só quer que paremos de atacar as suas fronteiras. Sempre fomos os agressores. Os Zemyanos só estão a defender o que é seu por direito. A imperatriz Danashti tenciona dar-nos a independência a troco de um pequeno tributo. Além disso, é uma apoiante intransigente da liberdade religiosa e da expressão cultural. Não teremos de viver com medo de perder a nossa identidade e modo de vida. — Aponta para os brincos nas orelhas e para as tatuagens nos gémeos. — Poderemos finalmente prestar culto à Senhora do Céu em paz.

— És ainda mais ingénuo do que eu se acreditas nessas promessas vãs! Há séculos que travamos uma guerra com os Zemyanos. Haverá consequências. Repercussões. E não podes querer que eu acredite que te interessa minimamente «prestar culto à Senhora do Céu em paz» depois de teres zombado Dela desta maneira. Fingiste ter sido escolhido pela Deusa! Chamaste a este mundo desprezível de magia zemyana o reino do Azul Eterno!

O Temujin morde o lábio e baixa os olhos, rodando os anéis que tem nos dedos.

— Quero pensar que a Senhora do Céu compreende. Que Ela aprova a minha dedicação e diligência.

As palavras que ele escreveu no Livro de Murmúrios surgem na minha mente com um novo significado: *É possível ser-se indigno de redenção?*

Abano a cabeça e escarneço.

Não as tinha escrito para mim. Só estava a pensar em si mesmo.

— Tinha de recrutar pessoas para a nossa causa — explica, quando me mantenho em silêncio —, e esta foi a única forma que me ocorreu para arranjar apoio.

— E contas que eles *mantenham* o seu apoio quando souberem que és um herege mentiroso e traidor?

Ele encolhe-se ligeiramente, depois faz questão de se endireitar.

— Sim. Seja como for, a maior parte das nossas hostes é zemyana e os restantes são pessoas como o Chanar, que foram enganadas pelo Rei Celeste e estão desesperadas por vingança e mudança. Os poucos que foram enganados vão alinhar connosco. Não podem estar muito zangados, quando temos a razão claramente do nosso lado. As pessoas adoram-nos. Temos fornecido rações, roupa, abrigo e proteção...

— Que idiota fui por pensar que estavas a fazer estas coisas por genuína preocupação — murmuro.

— Claro que as fiz por genuína preocupação! Tudo o que faço é em prol das pessoas. Não consegues perceber isso? Não sou o vilão nesta história. — Respira fundo para se acalmar. — Esta é a melhor forma, a única forma. Sob este novo regime, as pessoas serão finalmente livres e terão todos os cuidados de que necessitam. Sua Alteza Sereníssima até nos ofereceu algo para mostrar a sua boa vontade.

— A única *oferta* da imperatriz Danashti após tantos anos de guerra será uma ordem de execução.

— Estás enganada. Prometeu-nos acesso à sua fonte encantada. À magia de Zemya. Podemos *todos* partilhá-la e tornar-nos feiticeiros. Podemos *todos* ser abençoados com um dom, e não apenas alguns. Acabaram-se as distinções. Acabou-se a exploração dos privados de magia. Todos serão capazes de se defender.

Lanço-lhe um olhar de espanto. De todas as baboseiras que me disse, esta é de longe a pior.

— Acreditas mesmo que a Senhora do Céu aprovaria tal coisa? Afirmas segui-La, mas não respeitas a Sua vontade!

— Ela tem de aprovar. — O Temujin ergue as mãos no encolher de ombros mais condescendente de sempre. — Achas que este plano estaria a resultar se não fosse esta a Sua vontade?

Mordo o lábio com toda a força. Quero contestar, mas como posso fazê-lo? É óbvio que não sei qual é a vontade ou o desígnio da Deusa. Tanto quanto sei, ela conduziu-me a uma armadilha.

— Ashkar está a mudar para melhor, Enebish, e eu peço-te que nos ajudes. Que te juntes ao lado vencedor. Ao *meu* lado. Preciso de ti. — Pega na minha mão com desvelo e esboça o sorriso de prata que me fazia enrolar os dedos dos pés. Agora, só me faz sentir gelada. E enojada.

Afasto a minha mão e cuspo nas suas botas polidas.

— Acabou-se a mentira. Não precisas de fingir que te preocupas comigo.

— Mas eu preocupo-me contigo.

— Tens razão. Preocupas-te em saber como podes usar-me.

O Temujin pisca os olhos e esforça-se por encontrar as palavras certas. Deve ser a primeira vez na vida que o charme não lhe valeu exatamente aquilo que ele queria. Esse pensamento faz-me esboçar um ligeiro sorriso.

Inspira pelos dentes e levanta-se, pairando sobre mim.

— Não queria que fosse assim, mas *vais* ajudar-nos. Seja de livre vontade ou à força. — Aponta para a fileira de urnas. — *Tu*, Enebish, a *Destruidora*, vais guiar-nos até Sagaan a coberto da escuridão e atacar o Exército Imperial com um dilúvio de fogo das estrelas.

— Não me chames isso — digo, enunciando cada palavra com cuidado. — *Não* fui responsável por Nariin. Não sou um monstro.

— Acredito em ti, claro, mas as pessoas não acreditarão. Não depois do espetáculo que deste hoje... Espalhaste o teu fogo pelo grande pátio e incendiaste o Palácio Celeste. É possível seres mais monstruosa?

Rugindo de frustração, pontapeio-lhe os tornozelos. Em circunstâncias normais, ele podia facilmente ter-se desviado do meu pé, mas ainda está fraco do enforcamento e o chão sacoleja com tremores incessantes. Rasteiro-lhe a perna e rejubilo quando ele embate num pilar de jade e parte a cabeça na pedra.

Quando consegue erguer-se sobre os cotovelos, um fio de sangue corre-lhe na fronte.

— Não podes dizer que não tentei — balbucia, enquanto limpa a testa e tenta pôr-se de pé. — Queria que te juntasses a nós. A oferta do Kartok não será tão generosa.

— Pelo menos, será mais honesta! — grito, enquanto ele se afasta a coxear como o cão sarnento que é.

O Kartok só aparece várias horas depois, ciente de que contarei cada minuto e que suarei cada segundo.

— Lamento ter-te feito esperar — diz-me, quando entra finalmente no templo. — Estamos muito atarefados. Planear o cerco a uma capital requer um esforço tremendo. E quis dar-te tempo suficiente para digeres tudo o que aconteceu. Para considerares todas as tuas opções... — Ri-se porque, obviamente, não tenho opções. Debruça-se sobre mim e a sua pele artificial enruga-se. Um punhado de pele cai-lhe do queixo como cera derretida, revelando um desconhecido de cabelos claros e olhar pérfido.

O verdadeiro Kartok.

Kartok, o feiticeiro zemyano.

A perda do meu amigo bexigoso causa-me uma dor inesperada.

— Infelizmente, não é bonito quando a magia começa a ceder.
— Aponta para a cara. — Mas tudo ficará bem muito em breve.

Estremeço e viro-me para o lado. Nada ficará bem enquanto ele estiver em Ashkar.

— O que foi? Não tens histórias tristes ou momentos de ternura para partilhar comigo hoje, Destruidora? Gostava tanto das nossas conversas íntimas.

— Não há mais nada a dizer — digo-lhe, a custo. — Deixaram as vossas intenções muito claras. Tal como eu. Não vos ajudarei, pelo menos não de livre vontade. — Olho para as fileiras intermináveis de urnas gigantes atrás do altar, desejosa de fazer cair sobre elas todas as estrelas do céu.

— É aí que te enganas. Tu *vais* ajudar-nos. De bom grado e de livre vontade.

— Nunca.

O Kartok encolhe os ombros.

— Tens visto a tua águia?

Viro-me para ele com um rugido.

— O que lhe fizeste? Deixa a *Orbai* em paz!

— Não precisas de ser *feroz*. — O Kartok estala a língua.

- Caso contrário, eles vão mesmo pensar que és um monstro.
- Leva dois dedos à boca e assobia.

Vários segundos depois, a sombra da *Orbai* rasga os céus. Suspiro de alívio quando ela entra no templo e descreve um círculo apertado à volta do altar. Espero que ela pouse no chão ao meu lado e que mordisque as cordas à volta dos meus pulsos. Mas ela sobrevoa-me sem olhar para mim e vai pousar no braço do Kartok.

Ele oferece-lhe uma noz, que ela aceita de bom grado.

— Esta pequena está sempre esfaimada.

Olho para a *Orbai*, que está no braço do Kartok, com a boca seca e um zumbido nos ouvidos. Ela odeia estranhos.

— Tira as patas da minha águia! — grito. O chão estremece por baixo de mim, mas eu agito-me ainda mais. Desesperada para alcançar a *Orbai*. Para tirar as mãos imundas do zemyano de cima dela.

— Se ela é a tua águia — diz-me o Kartok —, chama-a.

— Que conversa é essa? Claro que é a minha águia!

— Chama-a.

— Isto é ridículo — rosno, mas acalmo a voz e chamo por ela. Quando ela não se mexe, volto a chamar. Mais alto. Estalo a língua e assobio, mas a *Orbai* limita-se a levantar a cabeça e a olhar para mim com olhos amarelos e vazios. Como se a estranha fosse *eu*. — O que lhe fizeste?

O Kartok afaga o dorso da *Orbai*.

— Julgas que o Loridium é feito de quê? Das lágrimas do Pai Guzan não é certamente...

Penso na pequena arca de couro, no pó preto e no líquido verde — nunca tinha visto nada assim.

— Envenenaste-a com a tua magia zemyana nojenta.

— Não, *salvei-a* com a minha «magia zemyana nojenta». Mas a magia tem um preço. É justo que eu receba algo em troca... como a lealdade, por exemplo.

— Não podes criar a lealdade. Tem de ser merecida.

— Achas mesmo que não? — Ele olha para a *Orbai* com verdadeiro orgulho, e eu não consigo refutar as suas alegações, porque há semanas que ela se afasta de mim, cada vez menos reativa à medida que a magia dele a invadia. Alterando a sua fidelidade. — Ela está viva graças a mim, e é por isso que está ligada a mim. Tal como o Temujin. E, em breve, tal como tu. — Pousa a *Orbai* no altar, retira a arca do seu capote e pousa-a ao lado dela.

Sinto um sobressalto de pânico no coração.

— Mas eu não estou a morrer.

— Isso resolve-se facilmente. — Uma lâmina curva surge da manga do Kartok, de forma tão veloz e eficiente como quando se livrou dos guardas na fortaleza. Posiciona o gume serrilhado debaixo do meu queixo e eu tento gritar, mas a minha voz emudeceu. Sinto um assomo de dor lancinante por baixo da mandíbula. Reteso os músculos, à espera que me rasgue a carne. À espera que o sangue comece a escorrer pela minha túnica. Mas um estrondo tão sonoro como o tiro de um canhão ecoa pelo ar.

Vagas ainda maiores percorrem os campos e embatem no templo como ondas. A faca cai das mãos do Kartok e ele vai colidir com o pilar mais próximo. Sou projetada para trás, contra o altar. Sustenho a respiração, desfrutando do ar que prendo nos pulmões, o que significa que a minha garganta continua inteira, como por milagre. O estuque do teto abaulado começa a fender-se. O chão de mosaico por baixo de mim estala, cuspidor estilhaços semelhantes a dentes brilhantes. Um segundo depois, um impulso de calor irrompe pelos céus, seguido de um clarão de luz ofuscante.

Através da chuva de fragmentos de pedra, vejo o colorido acampamento dos Shoniin explodir no vale mais abaixo. As tendas leves soçobram. Nuvens de pó e destroços invadem o ar. Chamas

azuis da fogueira espalham-se pelos campos de globos-de-ouro. Alastram-se. Devoram.

O Kartok vira-se, leva as mãos à cabeça e vocifera blasfêmias zemyanas.

— Não devia ruir tão depressa. — Corre para o acampamento sem olhar para mim. A *Orbai* segue-o com um crocito.

— Espera! — imploro, mas ela desaparece pelo fumo adentro.

Observo as chamas a subirem cada vez mais alto, a varrerem os campos com uma velocidade que não é natural. O templo ficará rodeado em poucos minutos.

Mexe-te, Enebish.

Rebolo sobre o estômago e atiro-me para a frente. Estilhaços de mosaico rasgam-me os braços como garras, e eu posiciono-me por cima de um fragmento particularmente grande de rubi. Enquanto me inclino para a frente e para trás, o gume afiado corta lentamente a corda. Quando esta se parte por fim, uso os dedos ensanguentados para desapertar os nós que me prendem os tornozelos. Em seguida, levanto-me e rodo sobre mim mesma, contemplando aquele inferno. Mesmo no topo da colina, o calor queima-me a cara. O fumo estrangula-me com os seus dedos tóxicos e o meu coração bate descompassado perante a impossibilidade daquilo que tenho pela frente: atravessar o campo em chamas, roubar uma pedra de portal do acampamento dizimado sem que me apanhem e chegar ao portal antes de ser calcinada.

Um riso histórico assoma aos meus lábios enquanto coxeio na direção das escadas, mas paro no último degrau e volto-me para olhar para as urnas — cheias com a minha escuridão e fogo das estrelas.

Não posso deixá-las ali.

Uma verdadeira guerreira nunca se salvaria, se com isso condenasse Ashkar.

Dou meia-volta, baixo os ombros e corro para as urnas. Embato na grande urna de obsidiana, mas ela nem sequer se mexe. Empurro e pontapeio com a máxima força todos os outros re-

cientes, mas é como se estivessem colados ao chão com cimento. Quando tento pôr uma mão lá dentro, os meus dedos chocam contra uma barreira invisível.

Grito e caio de joelhos, enterrando a cara nas mãos.

— Não é altura para estares a rezar, Enebish — admoesta uma voz familiar.

Sinto um arrepio no corpo e cerro os olhos. Já estou a ouvir coisas. A imaginar o impossível.

— Tenho de te levar daqui ao colo? Tenho força para isso, claro, mas seria mais rápido se tu...

Levanto-me a correr do chão e o choro irrompe dos meus lábios quando uma cara se materializa através do fumo: faces sardentas cobertas de fuligem, olhos cor de avelã comprimidos em quartos crescentes.

— Tiveste saudades minhas? — O Serik tenta esboçar um sorriso escarninho, que acaba por se transformar num sorriso sincero e compungido.

Sinto que levei um murro no estômago. Que estou em casa.

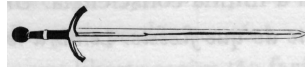
Demoro uma eternidade a encontrar a minha voz e, mesmo quando isso acontece, é tão sumida e trémula que nem pareço eu.

— Estás vivo.

Ele transpõe os degraus de um só salto e dá-me um abraço apertado.

— Estou vivo.

Capítulo 29



Enterro a minha cara no seu pescoço e inspiro o aroma familiar a pergaminho e tinta de resina. Enrodilho os punhos nas suas vestes vermelhas e derreto-me no calor do seu abraço, com a pele a escaldar em todos os pontos de contacto.

Ele é real.

Está vivo.

— *Como?* — balbucio. — A Ghoe disse que estavas morto. Vi as notícias...

O Serik exala um sopro indignado e revira os olhos, e a reação é tão típica dele que desato a rir por entre as lágrimas.

— Sinto-me ofendido por pensares que a Ghoe conseguiria matar-me tão facilmente. Eu sempre fui o primo mais forte ou, pelo menos, o primo mais ardiloso. Reconhece o meu mérito, por favor. — Os seus olhos brilham, cravados em mim como se eu fosse um jarro de água gelada num dia abrasador de verão.

— Mas ela tinha o teu capote! E se não estavas morto, onde te meteste este tempo todo? Como conseguiste abrir o portal?

— Por mais ansioso que esteja por te encantar com pormenores da minha intrépida fuga e deste engenhoso resgate, temos de nos despachar. Digamos que fiz o acampamento dos Shoniin ir pelos ares, e esse fogo não espera por ninguém. — Aponta para o clarão cerúleo que se aproxima cada vez mais.

— Foste *tu*? — digo, levando a mão à testa. — Claro que foste tu. Mas como? Seria necessária uma dúzia de canhões para criar uma explosão daquelas.

— *Isso...* é uma explicação para mais tarde. Temos muita conversa para pôr em dia. — Ele esboça o sorriso que mais lhe semicerra os olhos, pega na minha mão e encaminha-me pelos

degraus do templo. O ar à nossa volta queima como um forno, quase demasiado quente para respirar.

Quando alcançamos o sopé da colina, o Serik para e olha para trás.

— Onde está a *Orbai*?

— Ela não vem. — A minha voz falha e não consigo encará-lo. Indico-lhe que siga em frente, mas ele finca os calcanhares como uma mula teimosa.

— Porquê?

— Vamos!

Ele perscruta os meus olhos rasos de água durante um longo segundo e depois acena solenemente.

Gritos abafados sobrepõem-se ao troar das chamas quando corremos pelos campos em direção ao portal. Há sombras apressadas entretecidas no fumo, e juro que, a dada altura, sinto o roçar de dedos no meu corpo. Se os Shoniin estão a caçar-nos ou a correr para o portal é algo que prefiro não saber.

Quando chegamos ao cume, curvo-me sobre mim mesma a tossir. O fumo é tão opressivo que mal consigo ver o Serik e o seu rosto a um palmo do meu.

— Como vamos conseguir sair? Como é que *entraste*?

— Depois de me dares a pedra de portal, fiz um desvio pelo acampamento e arrebanhei mais algumas antes de fugir deste inferno. Não ia deixar-te para trás sem tomar algumas precauções.

— Abana o capote e um punhado de pedras azuis chocalha dentro do bolso. Tal como o dinheiro das esmolas que ele roubou do abade para comprar as nossas tartes de amora no Festival Qusbegi.

— És genial — digo, enquanto ele atira uma pedra ao ar.

— Tenta não parecer tão surpreendida. Os monges podem ser tão arrojados como os desertores. Talvez ainda mais.

Ouvimos gritos atrás de nós quando o portal se ilumina e ganha forma — um branco fulgurante contra o céu em chamas.

Mergulhamos pelo portal e eu faço uma oração à Senhora do Céu, implorando-Lhe que o feche antes que os Shoniin nos sigam.

Corremos pela Cabeça de Carneiro vazia e saímos para as ruas lamacentas de Sagaan. Devia estar um frio de rachar, mas o calor do Inferno seguiu-nos através dos reinos. A minha respiração é tão ofegante e estou a suar de tal maneira, que o mais certo é nunca mais ter frio.

Quando chegamos ao cruzamento mais próximo, descrevemos um círculo sem saber por onde ir. Os edifícios reais ficam à esquerda, e é lá que a Ghoa e o rei estarão a planear a minha captura e morte. As pastagens ficam à direita, e é por lá que os Zemyanos estão a avançar, espezinhando os nossos guerreiros privados de magia como globos-de-ouro mirrados. E atrás de nós a taberna, um casulo de maldade que rebenta pelas costuras. Dentro em breve, o Kartok e o Temujin vão irromper pela cidade e reivindicá-la em nome da imperatriz Danashti.

Lanço um olhar nervoso por cima do ombro.

— E agora?

O Serik encolhe os ombros.

— Tinha esperança de que contribuísse com algumas ideias. O meu plano acaba aqui.

— Só tu para avançares para a batalha com um plano feito em cima do joelho.

— Resultou ou não? O elemento surpresa tem muito que se lhe diga.

— Surpresas não te faltam — concordo, enquanto esquadrinho as ruas desertas. A cidade está tão sossegada que parece abandonada. Todas as persianas estão corridas, todas as portas trancadas. Os braseiros que ladeiam as ruas estão escuros e frios. Todos correram a esconder-se após os horrores que tiveram lugar durante a execução do Temujin. Não os recrimino. O Palácio Celeste ainda pulsa como brasas no escuro, com as madeiras carbonizadas a brilhar como pedaços de osso exposto.

Sinto um nó na garganta.

Escondem-se de mim. De Enebish, a *Destruidora*.

Não sou eu o inimigo! Quero gritar a verdade a plenos pulmões, para que a ouçam da tundra gelada de Chotgor até aos desertos de Verdenet: *O Temujin traiu-vos. O Rei Celeste abandonou-vos.*

Mas dizê-lo não os fará mudar de ideias. Tenho de o provar. Tenho de mostrar.

De alguma maneira, tenho de os *salvar*.

Sem saber o que fazer, encaminho o Serik por uma viela e fio a noite à nossa volta.

— Precisamos de um plano — digo, enquanto percorremos o espaço estreito. — O Temujin e o Kartok vão montar um cerco a Sagaan. Têm a minha escuridão e o meu fogo das estrelas. Temos de proteger as pessoas, tirá-las da cidade, mas elas nunca me seguirão depois do que eu fiz ao Palácio Celeste. Sobretudo se não tiver o Temujin ao meu lado. E se não encontrarmos abrigo esta noite, vamos morrer gelados. Apesar de ainda sentir que estou a arder por dentro...

— Respira fundo, En. — O Serik põe-se à minha frente e pousa as mãos nos meus ombros, o que só me faz ficar com mais calor.

— Não há tempo para respirar!

— Vamos concentrar-nos numa coisa de cada vez, naquilo que podemos controlar.

— O quê? — pergunto ríspidamente.

— Independentemente do sítio onde passarmos a noite, garanto-te que não morreremos de frio.

— Como assim? Também conseguiste furtar uma tenda e trazê-la através dos reinos, como por milagre? — Atiro as mãos ao ar e solto um gemido quando sinto uma pontada no braço mutilado.

— Lembras-te quando me perguntaste como consegui fazer explodir o acampamento dos Shoniin? Bem... — Levanta as duas mãos e agita os dedos. Uma bola de fogo ganha vida. O ar à sua volta agita-se como o ar que rodeia uma fogueira.

Fico a olhar boquiaberta e em silêncio e toco na ponta do seu dedo com o meu. Retiro-o imediatamente com um silvo.

— És um...

O sorriso que ilumina a cara do Serik é tão rasgado que, por um segundo, vejo-o não como é, mas como era antes: o rapaz amedrontado, mas determinado, que travou amizade comigo na propriedade dos pais da Ghoo. Desesperado por provar o seu valor. Desesperado por assumir uma nova identidade, autónomo do pai criminoso e da mãe doente. Desesperado por fazer a diferença.

— Sou um Fogueiro do Sol — confirma com orgulho.

— Como? Quando?

— Depois de deixar o reino do Azul Eterno, juntei-me a uma caravana para Visva, mas quanto mais seguíamos para oeste, maior se tornava o buraco que sentia no estômago. Tudo o que me contaste sobre a frente de batalha me parecia *errado*, por isso escapuli-me e fui averiguar os vestígios de Ivolga. O que descobri era ainda mais revoltante do que aquilo que me contaste. Os cadáveres cobriam os campos como a neve no pico do inverno, mas *apenas* de guerreiros do Império Unificado. Não vi um único zemyano. Os nossos canhões tinham sido virados contra os nossos próprios soldados. En, e não havia indícios de combate corpo a corpo, o que significava que os Zemyanos não tiveram de ultrapassar as nossas fileiras para alcançar a artilharia. Os tiros vieram das nossas próprias forças.

Apesar de saber que os Zemyanos estavam a matar os nossos guerreiros e a fazerem-se passar por recrutas, um novo assomo de indignação toma conta de mim quando penso no semblante solene do Temujin quando me narrou os acontecimentos em Ivolga. E como eu tinha sentido o medo da Inkar e a raiva do Chanar. Tinha sido tudo tão visceral e palpável.

Mentiras, nada mais.

O Serik abraça-me para me dar força.

— Quando percebi o que o Temujin estava a tramar e com quem estava aliado, tive a certeza de que estavas em apuros, por isso regressei rapidamente a Sagaan. Mas as viagens nesta altura do ano não são propriamente rápidas ou fáceis, sobretudo quando estamos sozinhos. Tive de procurar abrigo das nevascas durante

dias a fio em grutas ou valas à beira da estrada. Quando cheguei a Sagaan, a Ghoe já te tinha capturado.

Sem saber o que fazer, rezei à Senhora do Céu, pedindo que me ajudasse a salvar-te...

— Espera — interrompo. — *Rezaste?*

— Pois, quem diria — diz-me o Serik.

— Com convicção?

— Ao que parece, com convicção suficiente. Consegui entrar à socapa na praça, preparei-me para me lançar para a plataforma, disposto a salvar-te ou a morrer a teu lado, mas obviamente não foi necessário. Salvaste-te sozinha. — Olha para mim como se isso fosse bom, um motivo de orgulho.

— Posso ter-me salvado sozinha, mas magoei centenas de pessoas, talvez milhares — murmuro solenemente. — Viste o estado em que ficou o grande pátio.

— Fizeste o que achaste que tinhas de fazer com as informações de que dispunhas. Ninguém pode exigir mais de nós.

— Tinha acabado de descobrir que não era responsável pelo que se passou em Nariin, mas acabei por fazer algo igualmente condenável.

— Como assim, não foste responsável por Nariin? Se não foste tu, quem...? — A pergunta morre-lhe nos lábios e os seus olhos enchem-se de uma percepção soturna que se transforma rapidamente em raiva. — Vou matá-la.

Levanta-se de repente, como se tencionasse entrar no grande pátio e matar a Ghoe sem pestanejar.

Agarro nas suas vestes e puxo-o para mim.

— Esquece, Serik.

— Como posso esquecer? Ela incriminou-te! Deu cabo da tua vida. Não queres justiça?

— Não à custa de mais vidas inocentes — digo, calmamente, antes de voltar as atenções de novo para ele. — Não acredito que a Senhora do Céu abençoou um monge pagão com o Seu poder. —

Atiro-lhe um sorriso trocista, mas a verdade é que sei precisamente porque o fez. O teimoso, difícil e casmurro Serik não se deixou enganar pelo Temujin e pelos seus Shoniin. Recusou-se a parar de procurar respostas. Quando devia esconder-se para se proteger, preferiu dirigir-se à frente de batalha para descobrir a verdade. Estava disposto a morrer por mim. Coisas que só estão ao alcance de um verdadeiro guerreiro Kalima.

E ele rezou — esse foi o seu verdadeiro teste. No momento mais difícil, ergueu o rosto para o céu.

Não me surpreende minimamente que a Deusa o tenha escolhido para ser Fogueiro do Sol. Sempre foi o fogo por oposição ao gelo da Ghoa.

E o fogo produz calor.

Uma fonte de esperança ganha vida dentro de mim enquanto olho para a luz que brilha nas mãos do Serik. O seu dom da Senhora e do Pai é também um dom que me beneficia a mim. Um dom que beneficia os pastores que morrem gelados nas pastagens. É a nossa solução. O caminho a seguir. Vejo isso na minha mente com a mesma clareza como se tivesse sido escrito no meu Livro de Murmúrios.

— Temos de ir para as pastagens agora mesmo, antes que a cidade caia — digo, enquanto me encaminho apressadamente para fora da viela.

Pela primeira vez nas nossas vidas, o Serik esbugalha os olhos como se fosse eu a estouvada.

— É tarde demais, e não temos um plano.

Mas nós *temos* um plano.

— Vamos a Verdenet — anúncio. — E vamos levar os pastores connosco.

— Porque haveríamos de ir a Verdenet? Está pejado de soldados. O rei foi substituído por um governador imperial. E como tencionas chegar lá? Não há abrigos nas pastagens e os nevões...

Encosto um dedo aos seus lábios.

— *Tu* trata dos nevões, claro. E é precisamente por isso que temos de ir a Verdenet, para colocar o rei Minoak no poder e formar o nosso próprio exército.

— Como tencionas devolver o poder a um rei que está desaparecido? Ninguém o vê desde a tentativa de assassinato. Ele pode estar...

— Ele não está morto. O Exército Imperial não conseguiu encontrá-lo porque não está a procurar nos sítios certos. Estão a tentar desvendar um enigma de Verdenet utilizando a lógica de Ashkar, duas incompatibilidades. Não conseguem encontrar a resposta porque nunca fizeram um esforço para nos conhecer.

— Se encontrarmos o rei Minoak — o tom de voz do Serik denota claramente uma incredulidade em relação às nossas hipóteses —, acreditas verdadeiramente que um exército de artesãos de Verdenet e de pastores exaustos tem hipóteses de vencer o Exército Imperial e Zemya?

— Não. Mas é um começo. A irmã do rei Minoak é casada com o vice-chanceler de Namaag. Se lhes fizermos ver a verdade, podem estar dispostos a lutar ao nosso lado. E se o que o Temujin me contou sobre as condições em Chotgor for verdade, não têm motivos para não o fazer. Sem os protetorados, Ashkar é um reino pequeno. E fraco.

O Serik morde o interior da bochecha.

— Tens noção de que isto é uma insensatez? Já para não falar do perigo? — Cruzo os braços e endireito-me, reunindo todas as munições de que me lembro para refutar os seus argumentos, mas um sorriso matreiro assoma aos seus lábios e ele desata a bater palmas. — E é por isso mesmo que me agrada. Vamos formar *mais um* exército rebelde e procurar um rei desaparecido.

Contornamos o centro da cidade e descemos em direção ao rio. Os meus pés hesitam quando chegamos às estradas sulcadas das pastagens. Os pastores não vão gostar de me ver, e é quase certo que nunca aceitarão seguir-me — não sem o Temujin a meu lado.

— Queres que vá à frente? — O Serik agarra-me pelo cotovelo, mas eu abano a cabeça e dou um passo resolutivo em frente. Estou

farta de me esconder nas sombras. Estou farta de seguir atrás dos outros como um cão obediente. Doravante, vou pensar por mim, falar por mim.

Acreditar em mim.

Com um aceno de incentivo, o Serik posiciona-se a meu lado e avançamos pelo campo gelado. A cada passo que damos, permito que a noite se dissipe, caindo ao chão como folhas outonais, até ficarmos totalmente expostos no meio dos terrenos de pastagem.

Os pastores que estão reunidos à volta das fogueiras, a cozinhar, murmuram e apontam para nós. Quando a surpresa dá lugar a gritos, cada vez mais pessoas emergem das tendas. Apetece-me tapar o cabelo com o capuz, mas ergo o queixo e deixo-me ser vista. Permito que vejam o bom e o mau, o belo e o horrendo. Tudo.

Aquela que sou por inteiro.

— O que fazes aqui? — pergunta alguém.

— Vieste pegar fogo ao nosso acampamento como fizeste com o Palácio Celeste? — atira outro pastor.

O Serik atira-se para a frente, mas eu agarro-o pelo cotovelo e puxo-o para trás.

— Vim para vos guiar para um local seguro — digo, com mais convicção do que aquela que sinto verdadeiramente. — Os Zemyanos infiltraram-se na capital. Sagaan vai cair e vocês cairão com ela, a menos que venham connosco.

A maioria dos pastores olha para mim como se tivesse lesmas a escorrer-me da boca. Outros desatam a rir sem hesitar.

— Onde está o Temujin? — perguntam várias vozes. — Se o que dizes é verdade, não devia ser ele a guiar-nos?

— O Temujin aliou-se aos Zemyanos. A ajuda que vos deu não era tão abnegada ou nobre como aparentava.

Gritos de descrença e reprovação atingem-me como flechas. Uma boa parte da multidão vira costas. O meu fôlego vai com eles, sugado das minhas entranhas como se tivesse sido atingida pelo punho de um sabre. O vazio ardente que sinto arde ainda mais do que eu esperava.

— Serão os primeiros a morrer! — grito. — O Rei Celeste já demonstrou que não vos protegerá. E o Temujin só vos ajudará enquanto isso for benéfico para ele. Peço-vos que me deixem guiar-vos para um lugar seguro, em direção à liberdade e a um futuro melhor.

— E onde fica esse «futuro melhor»? — insiste uma voz sardónica.

A pergunta é claramente provocatória, mas eu respondo mesmo assim.

— Em Verdenet! Vamos devolver o poder ao rei Minoak. E preparar-nos para enfrentar Zemya.

A risada geral é tamanha que a sinto como uma bofetada na cara.

Um homem magro dá um passo em frente.

— Achas que estamos preparados para «enfrentar» um exército?

— Já para não falar que não vamos sobreviver à viagem! — acrescenta outra voz frágil.

— Por acaso até vão. — O Serik avança e ergue as mãos. Quando nada acontece, ele agita os braços e cerra os punhos. Os pastores começam a rir-se e as orelhas do Serik ficam rosadas. — Ainda estou a afinar processos — resmunga. Passado um minuto sem sucesso, a multidão vira costas.

— Malditos céus! — O Serik bate com as mãos de lado com um rugido e uma torrente de calor espalha-se pelas pastagens, ondulando até à altura dos olhos. Durante vários gloriosos segundos, parece que estamos em pleno verão.

Os pastores dão meia-volta. Uma multidão avança em direção ao Serik, agarrando nas suas mãos como se ele conseguisse distribuir calor como sacas de ração.

— Mesmo que Zemya não ataque, vocês não sobreviverão ao inverno aqui — digo. — Mas, connosco, pelo menos terão uma hipótese.

Os pastores trocam olhares furtivos. Os seus gracejos transformam-se em conversas abafadas.

— Não podemos avançar com uma caravana deste tamanho pelas pastagens até Verdenet — diz uma mulher. — Vamos ser apanhados a fugir. Ou os soldados de Verdenet vão matar-nos assim que nos virem.

— Vamos certificar-nos de que não nos veem — diz o Serik, olhando para mim.

Mordo os lábios e olho para as mãos. Há poucos meses, teria sido impossível. Eu tinha posto de parte o poder do céu. Tinha-me remetido a Ikh Zuree e abdicado de toda a esperança de voltar à minha antiga vida. De ressuscitar Enebish, a *Guerreira*.

Mas agora...

Estou preparada e bem treinada. Transporteí centenas de guerreiros através das planícies. Pode não ter sido com o objetivo que tinha em mente, mas foi com um objetivo.

Com o *Seu* objetivo.

Sinto a mão afável da Senhora do Céu pousada nas minhas faces. Sinto a Sua força calma a fluir por mim, a sarar a última ferida de dúvida. A elevar-me para ser a serva que Ela precisa que eu seja.

Foi por *isso* que Ela permitiu que eu fosse manipulada.

Foi por *isso* que tive de sofrer com as traições do Temujin e da Ghoha.

Nunca teria conseguido encontrar a coragem para acreditar em mim e acolher as trevas se não me tivesse aliado ao Temujin e aos seus Shoniin. Nunca teria descoberto a verdade sobre a Ghoha nem teria tido a coragem de a desafiar se não tivesse descoberto primeiro a sua crueldade. E nunca teria acreditado ser capaz de liderar estas pessoas — nunca teria sequer ficado a par do seu sofrimento e do sofrimento dos protetorados — se não tivesse sido enclausurada em Ikh Zuree e afastada da frente de batalha. De modo que os meus olhos pudessem ser abertos. De modo a poder tornar-me na guerreira Kalima de quem eles precisavam.

Tudo isso fez parte do Seu desígnio.

Tudo isso conduziu a este momento.

— Posso proteger-vos com a escuridão... se me seguirem.

Sustenho a respiração e rezo para que eles não vejam como tenho os punhos cerrados. Ou como tremem as minhas pernas. Tudo fica em silêncio por um minuto doloroso, depois dois. É como esperar pelo cair do machado do carrasco.

Quando estou prestes a recuar, o troar de pequenos pés irrompe do meio da multidão.

— Nós seguimos-te! — Sinto as lágrimas nos olhos quando as crianças que ajudei a Inkar a treinar se juntam à minha volta, agarrando as minhas mãos com as suas.

— Eu também. — O velho que roubou o meu bastão avança e ergue-o como se fosse um sabre.

Depois disso, as vozes dispersas que os secundaram tornaram-se uma aclamação em uníssono — um dilúvio que me encharcou. Que me purgou.

O Serik abraça-me pelos ombros e olha para mim com um sorriso enlevado.

— Eu também.

Enquanto os pastores desmontam as tendas e reúnem os pertences, eu e o Serik sentamo-nos debaixo de uma árvore para recuperarmos o fôlego. Toda a parte lateral do seu tronco está encostada à minha, e mesmo por cima das roupas, o assomo de calor é eletrizante, percorrendo todo o meu corpo. E não só porque ele é um Fogueiro do Sol.

— Foi com *isto* que sonhei, todos aqueles dias que passámos deitados debaixo dos pinheiros — murmura. — Nós os dois contra o mundo. — Os seus dedos sobem pelo meu braço e, quando viro a cabeça, percebo que ele já está a olhar para mim. Os meus olhos pousam inadvertidamente nos seus lábios, tão próximos que quase sinto o seu calor. O meu coração bate tão descompassado que ele deve conseguir ouvi-lo a ecoar no seu peito.

— Para de olhar para mim assim. — Enfio-lhe um cotovelo na zona lombar. — Estás a distrair-me e ainda temos assuntos importantes a discutir. Há planos a traçar.

O Serik finge um gemido.

— Custa muito descontraíres só um bocadinho?

— Continuo sem perceber como sobreviveste. A Ghoha tinha o teu capote, e tu nunca lho entregarias. Ela teria de o arrancar do teu cadáver.

— E foi quase isso que aconteceu. Um dos esbirros da Ghoha avistou-me enquanto viajava com a caravana para Visva. Fui perseguido por uma viela e ele agarrou a parte de trás do meu capote quando tentei saltar a cerca. Era o capote ou a minha vida. Pensei seriamente em escolher o capote.

Rio-me e ele mostra-me um sorriso matreiro.

— Assim que a Ghoha ficou em posse do capote, deve ter começado a usá-lo, ciente de que me procurarias pela cidade caso fôssemos separados. Era uma questão de tempo até caíres, tu e o Temujin, nas mãos dela.

Estremeço por ser um plano tão diabólico, tão ardiloso. Tão próprio da Ghoha, a aproveitar-se dos meus sentimentos. E tão próprio de mim, a cair direitinha na armadilha dela.

— Não fiques tão exasperada — murmura o Serik ao meu ouvido. — Fico encantado por saber que é do conhecimento geral que não vives sem mim.

— Mas eu vivo bem sem ti — resmungo, mas ele abana um dedo na minha cara.

— Na verdade, estarias deitada naquele templo, completamente esturricada.

— Nem acredito que voltaste por mim. Que estavas disposto a saltar para a escadaria do palácio para me salvar.

— Sabes que faço tudo por ti. — O Serik repete a declaração que fiz no barracão de provisões, e o meu estômago dá um nó. Só há uma palavra para descrever esse tipo de devoção. Um motivo para nos sacrificarmos por outra pessoa.

Um formigueiro lento começa a formar-se no meu peito e a espalhar-se como mel, até todo o meu corpo ficar coberto com um fogo líquido e doce. A minha pele vibra com uma energia ainda mais forte do que o meu poder Kalima.

Este é o sentimento por que esperei todas aquelas noites nos telhados de Ikh Zuree. Não me sinto apenas a voar, sinto que *sou* o próprio céu.

O Serik segura o meu rosto com as suas mãos e afaga suavemente as minhas cicatrizes. Resquícios da rapariga que fui dizem-me para desviar a cara, para me encolher e retrair. Tudo o que pareça tão perfeito só pode ser mentira. Mas já fui enganada por muitas mentiras nos últimos tempos para ser capaz de reconhecer uma verdade tão inequívoca.

Aonde quer que a batalha nos leve, enfrentá-la-emos lado a lado.

Pouso a minha mão sobre a do Serik e inclino-me para ele.
Cada vez mais.

Até que as nossas frentes se tocam.

As pestanas do Serik agitam-se e ele exala de forma audível.

— Por instantes, pensei que fosses beijar-me.

Levanto-me e toco-lhe no nariz.

— Não é altura para beijos. Temos de escapar aos Zemyanos, transportar os pastores e devolver o poder a um rei desaparecido. Se conseguirmos fazer isso tudo, talvez depois mereças um beijo. Entretanto... — Aponto para a longa fila de pastores, carregados com embrulhos, sacolas e carroças. Estão prontos, expectantes. A ver em nós a sua salvação.

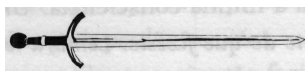
E talvez sejamos isso mesmo.

Pego na mão do Serik e seguimos em frente, em direção às planícies. Para longe das luzes de Sagaan e rumo a um futuro sombrio, carregado de incógnitas.

Mas uma coisa é certa: a Senhora do Céu guia-nos rumo à alvorada.

Com um sorriso confiante, entrelaço os dedos nos fios das trevas, cerrando os punhos até cobrir a nossa caravana com o manto da noite.

Agradecimentos



Em *Nossa Senhora de Paris*, Victor Hugo observa com argúcia que «... por norma, as mães têm um lugar especial no seu coração para os filhos que lhes causam mais dores».

Nunca ouvi palavras mais acertadas! Muitas, muitas lágrimas foram derramadas por causa deste livro. Houve alturas em que pensei que não seria capaz de fazer jus à história, que Enebish e Serik nunca seriam mais do que um documento sem título no meu portátil. Mas apesar de todos os altos e baixos, nada abalou a minha crença neste manuscrito. Sei que os escritores não podem ter preferências no que toca aos seus livros, mas *Guardiã da Noite* sempre foi o livro do meu coração, e estou extremamente grata à minha extraordinária equipa de editores, que conseguiu concretizar este sonho, e à minha família e críticos maravilhosos, que me incentivaram a seguir em frente, mesmo em tempos mais difíceis.

Um enorme agradecimento à minha fenomenal agente, Katelyn Detweiler. Obrigada por teres tirado este manuscrito da lama, pelas tuas anotações precisas e conselhos sábios, e por seres a leitora mais rápida do mundo. É uma sorte poder ter-te como agente e amiga. Estou ansiosa por poder almoçar com os nossos dois pequenitos na cidade! Vai ser uma loucuraaaa!

À minha fantástica editora, Ashley Hearn. Não consigo imaginar uma parceria editorial mais frutuosa! Acredito piamente que partilhamos o mesmo cérebro! É espantoso como parecemos estar sempre em sintonia e até que ponto te identificas com as minhas personagens e histórias. Obrigada por me ensinares a aumentar a tensão, a acelerar o ritmo e a concentrar-me nas motivações. É graças a ti que os meus livros alcançam a plenitude do seu potencial. #ParceriaEditorialPerfeita.

A toda a equipa da Page Street, com quem é sempre um enorme prazer trabalhar! Um agradecimento especial ao nosso líder

indómito, Will Kiester; às minhas relações-públicas, Lizzy Mason e Lauren Cepero, que tomam conta, literalmente, de tudo e ainda têm tempo para trocar dois dedos de conversa comigo; à minha revisora, Kaitlin Severini, por pôr este manuscrito em ordem e por salientar a minha obsessão com a palavra *silvar* (estou ansiosa por juntar os nossos pequenotes quando voltar a Nova Jérsia!); à assistente editorial Tamara Grasty, e às estagiárias Chelsea Hensley e Aimee Lim; à extraordinariamente talentosa Kylie Alexander, que desenha as capas mais bonitas que já vi; à fantástica equipa de vendas da Macmillan; e à minha equipa de direitos subsidiários da Jill Grinberg Literary Management: Sam, Denise e Sophia. Tenho a sorte de estar em excelentes mãos!

Sou uma felizarda por poder contar com o meu próprio contingente de guerreiros mágicos que desmembram os meus manuscritos com os seus implacáveis marcadores vermelhos. Um abraço enorme a J. C. Davis, Hannah Karena Jones, Jessi Cole Jackson, Nicole Lesperance, Erin Cashman, Maria Hebert-Leiter e Kristin Hale. Obrigada pelas vossas inúmeras chamadas e mensagens. Por gritarem e chorarem comigo. Por me apoiarem como ninguém e por me incentivarem a correr riscos. Vocês são o MÁXIMO!

Não me imagino a navegar por este mundo louco das publicações sem o apoio e amizade dos Novel19s. Tornei-me amiga de escritores maravilhosos, mas estou particularmente grata a Jodie Lynn Zdrok, Gita Trelease, Samantha Hastings, Heather Kassner, Kelly Coon, Gabrielle K. Byrne e Isabel Ibanez (uma '19 honorária!). E um agradecimento aos Utah '19s por me adotarem, apesar de não ser uma local neste momento.

As demonstrações de amor e entusiasmo por parte da minha família e amigos têm sido avassaladoras e uma verdadeira lição de humildade. Obrigada a todos os que leram o meu primeiro livro e que me ligaram a elogiá-lo. Obrigada pelas SMS, postais e mensagens amorosas quando estou soterrada por prazos. Um agradecimento especial à minha mãe, por ter comprado cerca de cem exemplares de *Poisons* para «provar» que é a minha maior fã; e obrigada à minha querida sogra, Marynel, que convenceu o seu

clube de leitura de não-ficção a ler o meu livro. Tenho a certeza de que ficaram estarecidos. Muitos de vocês recomendaram a minha obra a amigos ou pediram-na na vossa biblioteca local, e nem imaginam o que isso significa para mim. Ser escritora sempre foi um sonho, mas não teria a importância que tem se não contasse convosco para festejarem comigo.

Todo o meu amor e gratidão ao Sam, que suporta as minhas loucuras de escritora. Obrigada por teres tratado da roupa e da louça, por aguentares as minhas sessões de escrita pela noite fora, por ajudares de bom grado com a nossa filhota e por não te sentires demasiado constrangido com a minha coleção de t-shirts de lobos. A tua confiança em mim e na minha escrita nunca esmoreceu; tenho muita sorte por ter um companheiro que me apoia de forma tão incondicional.

Ao meu raio de luz, Kaia. És a minha melhor amiga pequenota e a minha estrelinha-do-mar mais fofinha. Estás proibida de crescer. E obrigada ao *Kato* por dançar comigo sempre que recebemos boas notícias da minha editora.

Nunca teria cumprido os prazos se não fosse pela Kids Academy at Life Time Athletic, que toma muito bem conta da minha filha enquanto escrevo. Sei que devia usar esse tempo para fazer exercício, mas felizmente eles não me levam a mal quando fico sentada de pijama a comer guloseimas enquanto os outros suam as estopinhas.

E, por último, mas não menos importante, obrigada à extraordinária comunidade de bibliotecários, professores, livreiros, *bloggers*, críticos e leitores. O vosso apoio e entusiasmo são muito importantes para mim. É graças a vocês que posso ter o meu emprego de sonho! Se pudesse, enviava uma tarte de amora a cada um.